



 Segredo

A Secretária do CEO

UM ROMANCE DE
AMANDA SAMPAIO

AMANDA SAMPAIO

A Secretária do CEO



Belo Horizonte | 2019

Copyright © 2019 Editora Portal

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa
Jéssica Macedo

Revisão
Gabriel Maquezini

1ª edição

Livro digital

Sampaio, Amanda
Editora portal
Selo Segredo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais fez parte do intuito de ambientar e dar veracidade a história.

Sumário

Sinopse

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 29](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)



Sinopse

Diana Williams é uma mulher bem resolvida, que batalhou muito para conseguir ser a secretária pessoal do CEO Fellipe Corppin. Tudo está prestes a mudar quando o Sr. Fellipe deixa a empresa e seu filho assume. Ele é um dos maiores magnatas, um homem lindo e extremamente sexy. Maycon Corppin também é orgulhoso e decidido no que quer, ele tem a mulher que deseja e quando algum problema surge, resolve com sexo.

Em meio à convivência, Diana e Maycon acabarão não resistindo um ao outro, cedendo ao mais profundo desejo. Porém, segredos guardados trarão à tona problemas, que parecem não ter solução...

Agradecimentos

Desejo agradecer a todos os meus leitores que me fizeram estar aqui hoje, ao apoio de um grande amigo e o da minha mãe. Sem vocês não conseguiria. Obrigada!



Capítulo 1

Estou em um parque lindo, o perfume das flores me embriaga, várias pessoas estão correndo e outras apenas passeando com seus cachorros, outros com seus pares fazendo piqueniques românticos. *E eu? Bom... eu estou sentada em um dos vários bancos que têm aqui, olhando a vida dos outros.* Observo um homem me encarar, os olhos dele me chamavam, era como se eles falassem por si só. Ele caminha até mim, e, de repente, me vejo em seus braços, beijando-o como se já nos conhecêssemos antes, era surreal... tinha a sensação de que eu já estive em seus braços algum dia. Ele se ajoelha e por um momento achei que ele iria me pedir em casamento, o que seria uma loucura, mas ele levanta minha saia e me beija lá.

Calma aí... lá?? Como assim? Sei que estamos em um local público, mas a sensação prazerosa me toma e não me importo. Todos nos olham torto,

até eu olharia. Alguns segundos depois, um outro homem aparece como em um passe de mágica e me pega por trás, devo admitir que era uma bela combinação. Quando estou prestes a gozar, sinto um estalo em minha cabeça e acordo aos berros com o despertador tocando, me avisando que é hora de ir trabalhar.

— Senhor... que sonho mais louco. — Levanto me abanando.

Vou para o banho, acabando com todo aquele calor, e lavo meus cabelos. Terminado, passo o meu óleo corporal. Agora tudo está em ordem. Visto um tubinho branco com alguns detalhes azuis, pego meu blazer do mesmo tom do vestido e um *scarpin* preto de salto fino. Penteio os cabelos para trás, passo um batom *nude* rosado para realçar os lábios, lápis nos olhos, coloco uns acessórios e estou pronta.

Trabalho em uma das maiores empresas de marketing de Chicago, como secretária do Sr. Fellipe. Ele é um homem velho muito gentil e detém a maior parte das ações da empresa, para ser exata, 89%, e o restante é dividido entre seus 3 sócios, fazendo-o CEO majoritário da empresa. Pego meu *SUV* prateado e vago pela cidade, o trânsito está razoável para às 8 horas. A *Marketing Corporation* não está muito longe de onde eu resido. Passo em uma cafeteria e compro dois cafés, o Sr. Fellipe é apaixonado por cafeína. Chego ao estacionamento, passo meu cartão de acesso e assim que estaciono meu veículo, vou de encontro ao elevador. Alguns senhores encontram-se conversando lá dentro, os cumprimento e subo para o último andar. Minha assistente já se encontra em sua mesa. *Okay*, nunca ouvi falar de que uma secretária tenha uma assistente, mas eu tenho uma, vai entender. Cheila me ajuda a elaborar algumas reuniões, dentro do que eu e o Sr. Corppin pedimos e também resolve outras pendências envolvendo o buffet. Ela também é responsável pelos telefonemas e agendamentos, tudo sob minha supervisão. Sr. Corppin ainda não chegou, geralmente ele chega às 9 horas — ainda faltam 20 minutos —, mas na sala de espera já há dois rapazes o aguardando, enquanto isso, faço alguns telefonemas, já que, no momento, não tenho muito a fazer. Isso foi tempo suficiente para que ele chegasse.

— Bom dia, Srta. Williams — ele me cumprimenta e faz um sinal com

a cabeça. — Srta. Vans. — Ele se dirige a Cheila.

— Bom dia Sr. Corppin — respondemos sorrindo.

— Daqui a 2 minutos, na minha sala. — ordenou fitando-me por alguns segundos.

— Ok.

Pego toda a papelada do dia e nossos cafés, logo em seguida, caminho até a sua sala. Deixo seu café na mesa enquanto ele digita algumas coisas em seu computador. Falo sobre a programação do dia: teríamos três reuniões pela manhã; um almoço com outros empresários, e uma reunião pela tarde com fornecedores, sócios e investidores.

— Nosso dia hoje será cheio. — Me levanto. Quando estou prestes a sair, ele me chama pelo nome, o que era um tanto raro.

— Diana?

— Oi? — respondo com medo.

— Sente-se, preciso te falar algo.

— Ok, estou ouvindo. — Sento-me em uma das poltronas.

— Amanhã será meu último dia aqui, na *Marketing Corporation*. Irei me aposentar, já passou da hora. Tenho que cuidar de mim e deixar os negócios de lado, estou velho demais.

— Mas... por quê? O senhor está ótimo e como ficará a empresa?

— Meu filho irá ficar no meu lugar, como é por direito dele. Quero que o ajude nessa jornada, que o situe. Ele estava em nossa filial em Milão, porém, prefiro que ele fique aqui em Chicago, cuidando dos negócios de perto.

— Entendi, é uma pena que não irei mais trabalhar com o senhor. Foi um prazer enorme estar contigo este tempo todo, aprendi tantas coisas. E eu ajudarei seu filho, com toda certeza. — Demonstro todo carinho e admiração que tenho por ele.

— Obrigado. — Sua voz estava rouca, como se ele quisesse chorar, não sei ao certo. — Vamos querida, volte ao trabalho.

— Claro. — Sorrio e saio da sala.



Nosso dia, como planejado, foi bem corrido, mas tudo saiu bem. Já estava saindo da empresa quando meu celular toca, era Jullia, minha amiga.

— Oi Di, não falou comigo hoje. — Percebo que está chateada.

— Oi, desculpa. Hoje o dia foi bem corrido, a agenda foi bem apertada, o que está fazendo?

— Estou no *Holles* tomando uma caipirinha, não gostaria de me fazer companhia? — diz manhosa.

— Estou indo aí. — Reviro os olhos mesmo sabendo que ela não me vê.



Chego no *Holles* e até que está cheio para uma quarta-feira. Jullia está sentada numa das banquetas do bar. Vou ao seu encontro, ela levanta sorrindo e me dá um abraço bem apertado.

— Um Dry Martini, por favor — peço ao garçom. — E então, já se resolveu com o Fernando? — Reviro os olhos.

— Me resolvi sim, terminei com ele. Foi o problema que eu encontrei mais rápido uma solução. — Mexe sua bebida com o canudo. Caio na gargalhada. Ela nunca teve sorte com homens, temos 8 anos de amizade e tudo o que ela encontra é só fiasco. É cada história que choro de rir apenas por lembrar.

— E você, como vai? Não tem ficado com ninguém? Precisamos badalar essa tua vida, só vive *pro* trabalho. Garota, você é nova com a alma de uma velhinha.

— Larga de drama, Jullia. E não, não estou ficando com ninguém e estou muito bem assim. A única coisa que me rende dinheiro é meu trabalho, então... só vivo para ele mesmo. Falando nisso, o Sr. Fellipe disse que vai sair da empresa.

— Nossa, mas por quê? E como vai ficar a empresa?

— O filho dele vai assumir a presidência, espero que não seja um pé no saco. — Reviro os olhos.

— Você já o conhece? — Ela levanta uma sobrancelha.

— Não e pouco me interessa!

Fico conversando com ela e tomando alguns drinks. Depois de um tempo, resolvo ir embora, me despeço e vou para casa.

Chego em casa e ponho uma lasanha para esquentar. Enquanto isso, vou tomar banho, amo meu banho no final do dia, ele me relaxa ao extremo. Depois de tomado, ponho um clássico para tocar, visto uma camiseta e calcinha, a melhor roupa para dormir. Pego minha lasanha e vou para sala assistir algo besta que passa na TV. Acordo assustada, me dando conta de que dormi no sofá toda torta. Olho as horas e vi que já era madrugada, desligo a TV e vou para cama.

Acordo com o sol batendo em meu rosto, levanto ainda sonolenta e tomo meu banho. Visto uma blusa bege rosada de botões, uma calça preta de giz e um *scarpin* preto de bico. Passo um batom rosado e arrumo o cabelo em coque alto, ficando pronta para mais um dia de trabalho



Capítulo 2

O dia não foi dos melhores, muito corrido, tínhamos muitas coisas para deixar em ordem, já que é o último dia do Sr. Corppin. Por volta das 15:00 horas, aparece um homem alto, muito bem vestido com um terno de grife, azul marinho. Tinha olhos da cor do céu, cabelos levemente ondulados e bem penteados, nenhum fio fora do lugar, num tom de castanho claro, quase loiro. Ele é lindo, tem a postura ereta, uma certa confiança que é indescritível. Já imaginava como seria ele sem toda aquela roupa. Me endireito sobre a cadeira enquanto meu rosto queima pela *trairagem* dos meus pensamentos.

— Boa tarde, Sou Maycon Corppin — ele diz, e a sua voz faz com que o meu corpo inteiro se arrepiasse.

— O filho do Sr. Corppin, certo? — Ele assente. — Vou avisá-lo de

que está aqui. — Ligo para sala do Sr. Corppin, que autoriza sua entrada.

— Pode entrar, ele já está te aguardando. — Ele sai sem ao menos olhar para mim ou dizer um “obrigado”. Já começamos bem!

Alguns minutos se passam quando sou chamada para entrar na sala. Caminho até lá, minhas mãos suam por causa do nervosismo, abro a porta e entro.

— Maycon, esta é...

— É a minha secretária, não é mesmo? — Antes que seu pai terminasse, ele responde. Abre um sorriso malicioso, o tom de desdém era perceptível em sua voz.

Ele está achando o que, hein?

— Sim, ela será sua secretária. O nome dela é Diana Williams. Ela irá te auxiliar em tudo aqui, vai ser seu braço direito. Qualquer dúvida, pergunte a ela. — Faço um breve aceno com a cabeça e saio da sala. Pelo visto, as coisas não vão ser tão boas como eu imaginei.

Recolho meus pertences para ir embora, meu expediente já havia acabado. Fiz uma pequena despedida para o Sr. Corppin e ele apresentou a todos o mais novo chefe. As mulheres da empresa ficaram loucas. Ele *nem é tudo isso*. Adrya foi a que mais se atirou nele e ele gostou. Eles não pararam um minuto sequer de trocarem olhares, e ela estava toda risonha. *Credo, dava até ânsia de vômito só de pensar*. Ela é uma moça muito bonita, diferente de mim, que tenho a pele pálida, ela é morena; tem os cabelos negros e olhos castanhos claros; suas curvas são perfeitas. Ela não é de se jogar fora.

Saio dos meus devaneios e chamo o elevador. Enquanto aguardo, ouço o barulho de sapatos no chão, viro para verificar quem é, e lá está ele, o deus grego/galinha. *Talvez ele seja um pouco bonito ou muito bonito*. Percebo quão elegante ele é, e charmoso. As portas do elevador se abrem, enquanto ele me dá um sorriso daqueles de tirar o fôlego. Era bonito, mas não cairia

nessa. Ele me aponta o elevador e eu apresso os passos para entrar, fico no canto do elevador quieta para que ele não falasse comigo. A temperatura estava quente, o calor era palpável. Será *que eu estou pegando fogo*? Começo a me abanar tentando amenizar o calor.

— É isso o que causo nas mulheres... — ele diz.

— Do que você está falando?

— Nada, querida. — Ele me dá uma piscadela.

As portas do elevador se abriram e eu, mais apressada do que entrei, saio, aceno para ele em despedida e vou em direção ao meu carro.

— Ei! — ouço ele me chamar.

— Oi? — respondo sem olhar para trás.

— Vou sair para comer, gostaria de ir comigo?

— Hum, não. Obrigada! Quem sabe da próxima? — *Corra do diabo como se corre da cruz*, meu subconsciente gritava para mim. Se o ditado era assim? Eu não sei, mas caiu muito bem. Ele me olha estranho, não o entendo muito e nem faço questão.

— Vamos lá, aproveitamos para conversar sobre a empresa e você me passa o que devo saber. Vamos? Meu pai disse que você me ajudaria. — Foi golpe baixo, usar isso para me convencer.

— Ok, eu vou. Mas é pelo seu pai e não posso demorar muito, tenho um compromisso.

— Isso aí garota, vamos lá.

— Onde iremos?

— Venha comigo, peço ao Claiton para deixar o seu carro em casa.

— Não acho que seja necessário, posso ir nele e nos encontramos lá.

— Você é sempre tão chata? Larga disso e vamos logo, "tenho compromisso" — zomba de mim. Não tem nem 5 minutos que estamos conversando e ele já me irrita tanto. Vou como uma criança birrenta batendo os pés, deixo minhas chaves e meu endereço na portaria com o seu "capacho". Entro em seu carro, um Porsche vermelho com bancos de couro, o aroma é bem agradável, tem o leve cheiro do seu perfume. O caminho foi longo e silencioso. O carro para em frente à um restaurante bem elegante, de fachada dourada e branca. O Hall de entrada tinha alguns sofás e uma mesinha com uma variedade de bebidas. Passamos por um largo corredor, chegando a um vasto salão com várias mesas e bom ambiente, deixando o local mais leve. Está bastante lotado com pessoas muito bem arrumadas. Não estou com roupas adequadas para este lugar. O restaurante tem um toque rústico que combina muito bem com os móveis, tem várias janelas de vidro que davam para ver a paisagem linda de Chicago. Maycon está na minha frente, indo em direção a uma mesa. Ele puxa a cadeira para que eu sente, faço um aceno com a cabeça em sinal de agradecimento, e ele se senta à minha frente. Me olha nos olhos e dá um sorriso de canto.

— Quanto tempo está na empresa? — pergunta ao se acomodar na cadeira, me fitando por alguns segundos.

— Creio que a uns 8 anos.

— É um bom tempo de experiência, me fale um pouco sobre você.

— Sobre mim? Não tenho muito o que falar. E afinal, eu estou numa entrevista?

— Sim, sobre você. Me fale o pouco que tem, e não, não estamos em uma entrevista. Apenas gostaria de conhecer um pouco da pessoa que vai passar tanto tempo ao meu lado. — Ele dá um sorriso sacana.

Os sorrisos dele me causam algo entre as pernas que não sei explicar, é muito estranho e excitante.

— Fiz faculdade de arquitetura, mas muita coisa aconteceu na minha vida e não pude exercer. Perdi meus pais bem nova, então tive que trabalhar cedo.

— Lamento muito por isso.

— Obrigada, mas não precisa.

O garçom chega a nossa mesa para anotar nosso pedido.

— Para mim, um camarão de saquê com molho de limão e uma garrafa de bourbon. Tudo bem para você o bourbon? — Maycon pergunta.

— Sim, gosto. — Olho o cardápio e faço o meu pedido. — Quero um linguine salteado com camarão e gengibre, por favor. — O garçom anota o pedido e sai.

— Tenho uma curiosidade — dispara.

— Pelo visto, você tem várias, pode dizer. — Me seguro para não revirar os olhos.

— Você não tem namorado? — Fico desconfortável com sua pergunta, tiro o pigarro da garganta e respondo.

— Não, não tenho, apenas uns casos por fora, nada demais.

Ele fica em silêncio, apenas me observando. Ficamos sustentando o olhar um do outro até que o garçom chega em nossa mesa, quebrando o clima. Endireito na cadeira, meu prato parece estar ótimo e de fato está. Saboreio cada pedacinho que está na minha boca. Pego-o me observando, sinto meu rosto esquentando de vergonha, não vejo a hora de ir embora. Comemos nossas refeições em silêncio, o clima está um pouco estranho,

então tento puxar conversa.

— Não vai falar nada sobre você também?

— O que quer saber?

— Algo relevante. — Espero uma resposta, mas seus olhos saem de mim para uma moça morena, alta, de peitos grandes e corpo curvilíneo. Ela joga os cabelos para o lado e para o outro. Se fosse uma “eu” da vida, estaria de torcicolo ou os cabelos estariam iguais a para-raios. Maycon olha para ela e lança um sorriso malicioso. *É sério que ele dá esse sorriso a todas? Não acredito que vou passar por isso.* Ela se aproxima da nossa mesa e ele olha fixo para seu decote.

— Oi senhorita, o que faz por aqui sozinha?

— Estou em busca de algo para comer, e pelo visto, já encontrei. — Ela me olha de lado e sorri.

— Com toda certeza, encontrou. — Ele se levanta e beija a mão da Srta. Peitões. Mexe em sua carteira, tira uma quantia e joga na mesa e põe outra em minha mão. — Aqui está o dinheiro para o táxi.

Fico estatelada olhando para ele, sem acreditar no que ele está fazendo. Uma raiva cresce em mim, pego o seu dinheiro e jogo na mesa.

— Muito obrigada, mas não quero. Se me der licença. — Saio em passos largos, fervendo de raiva.

Estendo a mão ao trânsito e um Táxi para, entro rápido e vou murmurando de lá até em casa. *Ele me devia ao menos respeito, falou que me levaria para casa e queria me deixar lá sozinha? Ele é um grande otário.* Chego em casa mais calma, tomo um banho bem demorado. Tinha marcado com Jullia de sairmos para as compras hoje, as 19:30. Eu ainda tenho tempo.



Capítulo 3

Estamos no shopping, contei o acontecido de mais cedo a Ju e ela o odiou assim como eu. O pior dessa história toda é que eu teria que aturá-lo por bastante tempo. Fui ao salão e fiz um corte no cabelo, combinou bastante comigo e com meus cabelos loiros; fiz as sobrancelhas, depilação por completo, unhas e minhas massagens para manter o corpo em dia. Estou me sentindo muito bem agora, compro algumas roupas novas e mais algumas coisas que estava precisando.

Deixo Jullia em casa e vou para minha. No caminho, meu telefone toca, olho e é o Diego, meu ficante de quase nunca. Ficamos quando ele está na cidade, o que é bem raro. Ele é moreno claro, alto, cabelos castanhos e olhos verdes, seu corpo definido era de enlouquecer qualquer uma.

— Oi.

— Oi Di, está em casa?

— Estou indo *pra* lá agora, por quê?

— Estou aqui na frente do seu prédio, vim a cidade de última hora. Algum problema se eu te esperar?

— Não, problema algum, estou a duas quadras daí.

— Ok.

Alguns minutos depois, chego no meu prédio e lá está ele; de terno cinza, com seus cabelos muito bem penteados, encostado em seu carro de pernas cruzadas. Diego é um grande empresário e nunca tem tempo para romances, a vida dele é muito corrida. Os portões se abrem, eu entro, e ele logo atrás em seu Audi Q7 cinza. Estaciono e ele faz o mesmo ao meu lado. Saio do carro me sentindo super bem, ele vem em minha direção e me analisa com seus olhos verdes claros.

— Uau, querida! O que eu perdi por aqui? Você está linda, amei seu novo corte de cabelo. — Ele passa a mãos nos fios.

— Só queria mudar um pouco, fui fazer algumas compras e aproveitei para ir ao salão.

— Abro o porta-malas e tiro as sacolas.

— Fez bem, minha garota. Trouxe um bom vinho para tomarmos e a comida que você ama, do *Wikis*.

— Que bom, estou faminta.

Ele me ajuda com as sacolas e leva para o elevador. Enquanto subíamos, conversávamos sobre o que tínhamos feito ultimamente, ele, como

sempre, comprando ações, fazendo contratos; e eu, estou na mesma o que não é novidade. Deixo as sacolas no quarto, e volto a cozinha, Diego está sentado em um dos bancos que tem na ilha central, já com duas taças prontamente cheias. Ele me entrega uma enquanto ligo o som, uma música calma e agradável. Pego talheres e pratos para podermos comer.

Batemos um bom papo, enquanto tomávamos uma garrafa de vinho quase toda. O clima começa a esquentar, ele acaricia as minhas costas, me fazendo arrepiar por inteira. Passo minhas unhas em seu peito ainda coberto pela blusa, vou desabotoando botão por botão enquanto ele me beija, um beijo quente e saboroso. Sinto o gosto de desejo nele, o que me deixa excitada.

Ele passa suas mãos em meu corpo, descendo para minha bunda e dá um bom aperto. Sobe para minha blusa passando os polegares em meu decote e depois desfaz os botões, fazendo meus peitos saltarem duros e pesados para fora. Ele beija o meu pescoço e desce para meus seios, que o recebem com alegria. Ele chupa gostoso, roçando sua língua no bico, enquanto com a outra mão massageia meu outro seio.

Eu já estava inteiramente pronta para ele. Sinto seu membro rígido em baixo de mim, deixando minhas pernas moles. Diego para o que está fazendo e me segura com força, para me levar ao quarto. Me joga na cama e tira seus sapatos, logo em seguida, sua calça, e já posso ver sua rigidez na cueca, pedindo por mim. Termino de tirar minha blusa, meu jeans e minha lingerie. fico completamente nua sob seu olhar.

Ele se aproxima de mim e dobra minhas pernas, para que possam ficar no alto. Lentamente, se aproxima do meu sexo enquanto me encara. Já posso sentir sua respiração próxima de mim e então, sinto sua língua percorrer meu sexo fazendo voltas em meu clitóris. Ele me penetra dois dedos enquanto movimenta sua língua. Meu corpo se perde em meio à tantas sensações, estremeço por inteira em volta de sua boca. Ele se arrasta para perto de mim, e antes que eu recuperasse meu fôlego, ele me penetra com força, arrancando de mim um gemido alto. Seus movimentos é constante, sem vacilar em momento algum. Ele aperta meus seios e geme.

— Estava com saudades de você, não tem mulher melhor. — Dá um beliscão de leve em meu seio, vibro de tesão. Ele me vira de costas e me põe de quatro, em seguida, me penetra com mais força ainda em um vai e vem ritmado. Sinto meu ventre se contrair e sinto vontade de que esta sensação se prolongue por mais tempo. Porém, ele faz com que eu goze ainda mais rápido e dessa vez, ele também. Caio na cama com ele ao meu lado, acariciando os meus cabelos.

— Você está maravilhosa, como sempre. — Me elogia com carinho.

— Você também. — Sorrio torto em forma de agradecimento.

— Vamos tomar um banho?

Aceno com a cabeça, levanto-me e vamos ao banheiro tomar uma ducha vaporosa.



Capítulo 4

Acordo com o despertador aos berros em meu ouvido. *Mas que coisa chata, em!?* Diego dormia tranquilamente ao meu lado, seu rosto sereno mostra o quão bonito ele é. Levanto ainda sonolenta e vou ao banheiro para meus cuidados matinais, visto um vestido justo ao corpo na cor vinho, com decote em 'V' sem manga, que desce até a altura do joelho, me dando um ar sexy. Coloco meu sapato alto preto de solado vermelho, faço uma maquiagem bem feita e, para completar, um batom vermelho fosco.

Me olho no espelho pela última vez e quase não me reconheço, aquela mulher era excepcionalmente linda e a muito tempo não me via assim, apesar de sempre me arrumar. *Creio que o corte de cabelo me caiu bem, muito bem.* Volto ao quarto e encontro Diego totalmente arrumado, seu cabelo impecavelmente no lugar com sua postura de homem importante.

— Bom dia meu bem, você está linda. — Ele sorri e me dá um selinho.

— Bom dia, obrigada. Dormiu bem?

— Melhor que nunca, e você?

— Muito bem, vou fazer algo para comermos. — Sorrio.

— Estou um pouco atrasado e eu queria levá-la ao trabalho. — Ele acaricia minhas costas.

— Então vou pegar minha bolsa, tomo café na empresa.

— Ok.

Pego minha bolsa e saímos do apartamento. Fizemos o percurso do meu trabalho conversando sobre diversas coisas. Ele para o carro na frente do meu trabalho e abre a porta para mim, me ajudando a sair, colando seu corpo no meu.

— Até logo.

— Até logo. — Sorrio. Ele me dá um beijo calmo e depois desgruda de mim. Caminha até seu carro e solta um beijo no ar.

Fico na calçada como uma adolescente apaixonada, esperando que ele sumisse do meu campo de visão. Não que eu estivesse apaixonada por ele, mas ele era fácil de se apegar, era um homem incrível.

Entro na empresa e vou para o elevador. Ao chegar lá todos que entravam me olhavam diferente, os homens principalmente, e ainda me lançam aqueles sorrisos sacanas. As portas se abrem na presidência e eu saio. Cheila já aguardava os meus comandos. Peço a ela para enviar a relação do dia para meu *iPod* e arrumar a sala de reunião para daqui a 2 horas. Ela prontamente segue o meu pedido. Maycon, ou melhor dizendo... Sr. Corppin já está em sua sala analisando os contratos. Bato de leve na porta e tento ser o

mais profissional possível para não transparecer a minha raiva.

— Bom dia, Sr. Corppin. — Dou um sorriso breve.

— Bom dia, Srta. Williams. — Lança um sorriso que acabou com todos os problemas mal resolvidos da noite anterior, me olhando dos pés a cabeça com desejo. Coro na hora, ele parece se divertir com meu desconforto.

— Está cor lhe cai muito bem — diz..

— Hum... Obrigada.

— E então? O que faz eu ter sua presença ilustre na minha sala? — *Já tinha até esquecido do que eu iria fazer ali.*

— Vim saber se quer que eu passe sua agenda por e-mail ou posso falar o que está marcado para hoje?

— Pode sentar, estou ouvindo... — Ele apoia sua cabeça entre as mãos, com os cotovelos apoiados na mesa.

— Ok. Agora pela manhã, teremos uma reunião com os desenvolvedores de projetos digitais. Pela tarde, faremos uma visita a uma das filiais de um prestador de serviço da *Marketing Corporation*, e depois, mais uma reunião.

— Quanta coisa em, vamos ao trabalho — diz, nada animado.

— Se o senhor quiser, posso enviar toda a agenda do mês para o seu e-mail só para ficar a par dos compromissos agendados. E, a cada dia, lhe repasso a agenda para se lembrar. Vai ser mais prático, eu acho...

— Por mim, tudo bem, é uma ótima ideia.

— Certo, vou fazer isso imediatamente, com licença. — Lhe dou as costas para voltar a minha mesa.

— Srta. Williams?

— Sim?

— Desculpe por ontem, não foi minha intenção lhe aborrecer. Fui um tremendo irresponsável ao querer deixá-la sozinha no restaurante. Tentei alcançá-la assim que saiu, mas não consegui.

— Está tudo bem. Não se desculpe, não tenho nada a ver com sua vida pessoal.

Antes que pudesse ouvir sua resposta, saio da sala e sento em meu lugar, soltando a lufada de ar que eu prendia sem perceber. Não sei o que estava acontecendo comigo. Olhei para a porta de sua sala e, para minha surpresa ele estava lá, em pé com as mãos dentro do bolso, encostado em sua porta com os braços cruzados. Seu rosto já me dizia que eu estava muito encrencada, seus olhos frios sobre minha pele me causam arrepios. Abaixo os meus olhos quando ele começa a caminhar em minha direção. Percebi que a tensão, que antes demonstrava, agora esvaiu-se. Ele dá um longo suspiro e sua feição logo muda para a de uma pessoa mais calma e tranquila. *Com certeza ele é bipolar.*

— Srta. Williams, lhe pedi desculpas e não aceito não como resposta, e acho bom você aceitar enquanto a tempo, pois, caso contrário, retiro o meu pedido e vai ser muito pior para você... mais do que imagina. — Ele sorri com sarcasmo e continua. — Você gostaria de almoçar comigo hoje? Prometo que lhe mostrarei o bom cavalheiro que sou.

E lá estava aquele sorriso malicioso novamente.

Fiquei indecisa sobre o que responder, parte de mim já me dizia, *vai garota, aceita logo e para de cu doce*, e a outra pequena porcentagem de mim me dizia que estava entrando em uma furada.

— Não, obrigada.

— Ok, esteja pronta. Assim que eu terminar meus afazeres iremos almoçar... juntos. — E me dá as costas.

— Ei, você me ouviu dizer não? — Falo um pouco alto demais, porém, ele pouco se importa, apenas entra na sala, fechando a porta atrás de si.

Mas que descarado, Argh... galinha do cacete.



Capítulo 5

Nossa manhã saiu como previsto. Na reunião, foram feitos grandes avanços em nossos serviços. O Sr. Corppin está muito feliz com isso, está mais leve, mais relaxado. Estou analisando novamente um contrato que acabei de digitar para fazer a entrega a ele. Caminho até a sua sala pensando em não puxar assunto nem dar muita bola. As folhas caem de minhas mãos e me viro para pegar uma por uma. Término

de recolher as folhas e me endireito, voltando a andar em direção à sala do Sr. Corppin, mas tomo um susto com ele me observando parado na porta. *Será que ele não tem trabalho? Só então percebo, que ele estava olhando para o meu bumbum...* Fico mais vermelha que meu vestido, minhas mãos ficam trêmulas de repente, não entendo o porquê. Caminho em sua direção e lhe entrego os contratos.

— Saio em 5 minutos, pegue suas coisas e me aguarde. — Aquela voz tem um impacto tão grande em meu corpo, que tudo em mim estremece.

— Ok, Sr. Corppin. — Tentei ser o mais profissional possível, mas minha voz fracassou miseravelmente.

Vou até a mesa pego minhas chaves, meu celular, algumas planilhas que tenho que revisar e a bolsa. Então vou ao banheiro e retoco minha maquiagem. Hoje eu estava bastante apresentável, não que eu me vista mau, até porque gasto quase todo meu pobre salário em roupas apresentáveis para trabalhar.

Não posso vir de qualquer jeito, sou a secretária do CEO majoritário! Meu SUV... É uma longa história, mas resumindo ganhei do Diego. Eu não queria de jeito algum, mas ele me convenceu usando alguns métodos que é melhor não comentar. Diego é incrível, numa época, até comecei a criar uma paixãozinha por ele, e quem não criaria? Ele é lindo, atencioso e manda super bem na cama, mas depois passou. Ele vinha poucas vezes a cidade e o encanto acabou, nunca daríamos certo. Saio do banheiro e ele já estava me esperando, impaciente! Ando firme até o elevador, tentando não tropeçar em meus próprios pés, ele vem logo atrás, as portas do elevador se abrem e entramos.

— Tem preferência de lugar ou comida para almoçar? — Maycon pergunta.

— Tanto faz. — Dou de ombros.

— Ok, tenho o lugar perfeito para irmos.

— SÉRIO? Que lugar? Um hospício talvez fosse bastante propício agora — digo revirando os olhos.

— Você está pior que uma velha, só resmunga. Já desconfiava que era louca.

— Louca é a tua mãe, e só para lhe deixar avisado irei no meu carro. — Tento pôr um fim naquela conversa ridícula.

— Ah, mas não vai não. Depois de lá, voltaremos para a empresa, não há necessidade.

— De novo essa palhaçada? Vou em meu carro e acabou. — *Mas que merda... eu não vim de carro.*

Antes que eu percebesse, estava encurralada na parede fria do elevador. Seus braços ao lado da minha cabeça e eu presa ao meio dele. Sua respiração está descompassada, mas o sorriso em seu rosto é um tanto provocante. Seu terno cinza maculado o deixava ainda mais bonito de perto; seus cabelos bem penteados me davam uma vontade enorme de bagunçar; o aroma de seu perfume me deixa louca. Nunca senti tanto desejo por uma pessoa tão canalha, mas não admitiria isso jamais em voz alta. Meu coração está acelerado e meu rosto ganha uma coloração avermelhada, pela traição dos meus pensamentos. *Porque isso estava ocorrendo tantas vezes?*

— Você vai em meu carro, estou lhe dando uma ordem — ele mantém sua voz firme.

— Ordem? Estou em horário de almoço, agora você não é o meu chefe.

— Ah, eu sou sim! Ainda faltam 40 minutos para seu horário de almoço, então ainda sou seu chefe. Mas, se não quiser, posso te convencer...

— Ele chega bem próximo a meus lábios, sinto sua respiração quente e instintivamente fecho meus olhos. — Fechou os olhos por quê? — Ouço seu sussurro em meu ouvido.

Abro os olhos e ele já está em seu lugar, logo em seguida, as portas do elevador se abrem... Eu queria que ele me beijasse, mas seria uma loucura me entregar a todo esse jogo. *Seria uma grande burrada.* Me recomponho e caminho quieta até seu carro. Todo o trajeto até o restaurante foi silencioso. De vez em quando o olhava de soslaio, mas ele não esbanjava nenhuma emoção.. Chegamos a um restaurante de fachada vermelha muito elegante e o manobrista abre minha porta. O Sr. Corppin deixa a chave do carro com ele e vem para o meu lado, segurando minha mão me ajudando a sair do carro. Seu rosto esboçava uma emoção diferente, a qual eu não sabia decifrar, talvez estava com bom humor novamente. Isso só me dá mais certeza de que ele era completamente bipolar. Caminhamos para o Hall de entrada e uma mulher de cabelos escuros nos recebeu com um sorriso largo, mas logo desfaz quando me vê.

— Boa tarde Sr. e Sra. Corppin. Como estão? Queiram me acompanhar, tenho uma ótima mesa para vocês dois num lugar mais reservado. — *Sra. Corppin? Como assim?* Percebo que estamos de mãos dadas ainda, tiro minha mão da sua e coro no mesmo instante. Já ia esclarecer que não era Sra. Corppin quando ele fala:

— A Sra. Corppin e eu estamos muito bem, obrigado —fala dando ênfase ao Sra. Corppin.

Seria bem interessante se eu cogitasse a ideia, mais está aí uma coisa que nunca aconteceria, não mesmo. A única coisa que pude fazer foi olhar para a mulher e sorrir. Caminhamos até nossa mesa, era uma cabine muito bonita e bem decorada. Era realmente um local reservado. *Aposto que isso aqui é restaurante para amantes, assim os outros não ficam olhando ou prestando atenção em suas conversas.* Ele, cavalheiro como sempre — *até parece.* — puxa a cadeira para que eu sente; A moça cujo nome no crachá diz ser Débora nos entrega o cardápio e se retira.

— Porque mentiu? — finjo certa irritação. *Esse cara só faz merda.*

— Apenas gostei da ideia, Sra. Corppin. E também queria te irritar.

— Não me chame assim... Ei, você é casado?

— E se eu fosse? Qual seria o problema? Não estamos fazendo nada de errado, estamos? — Ele arqueia sua sobrancelha.

— Problema algum, seria ótimo se você fosse casado, pelo menos teria a quem te entregar. Você me irrita tanto... — Respiro fundo. — Você ainda não me respondeu, é casado? Foi por isso que ela me chamou de Sra. Corppin?

— Te irrita? Pelo menos isso. E não, não sou casado. Nem sei de onde ela tirou isso, provavelmente porque estávamos de mãos dadas. — Relaxei visivelmente com sua resposta.

— Hum... Entendi. — Ele apenas sorriu para mim com um ar de graça. Bufo com o olhar dele.

— Você fica muito bonita quando está irritada e com ciúmes.

— E quem disse que estou com ciúmes? E de quem eu estaria? — Me faço de desentendida e olho para os lados, como se estivesse procurando por alguém. Ele dá uma linda risada, jogando a cabeça para trás. — Nem te conheço direito, porque teria ciúmes?

— E ainda tem um ótimo senso de humor.

— Ah, fala sério. — Reviro os olhos.

Seu semblante mudou na mesma hora. *O que foi agora?*

— Não faça isso. — Sua voz soa calma e fria.

— Isso o que? — Pergunto sem entender do que ele se referia.

— Nada, esquece.

— Porque todas as vezes que te pergunto algo, me manda esquecer?

— Porque não tem importância, apenas esqueça. — Ele já estava irritado.

E lá estava a tensão entre nós de novo. Pego o cardápio sobre a mesa e corro os olhos por ele. Agora me vejo sem fome, mas era necessário comer, não tomei café pela manhã. Pedi um Yakisoba com frango, rolinho primavera e sushi; ele pede o mesmo e um vinho para acompanhar.

— E então, você morava em Milão, não é?

— Sim. — Ele responde curto e grosso.

— Me conta um pouco sobre lá.

— Você nunca foi?

— Não, nunca tive a oportunidade, nem tempo — minto, eu não tinha era dinheiro mesmo.

— Entendo, é uma província linda, a mais populosa de toda a Itália, e seus pontos turísticos são lindos. Há muita coisa para se ver e que não tive como ir por causa das ocupações que eu tinha na filial de lá — fala com certa admiração.

— E quem ficou à frente da outra?

— Um dos sócios de meu pai, de nossa confiança.

— Entendo, não sente saudades de lá?

— Na verdade não, encontrei coisas melhores por aqui. — Ele me fixa.

— Ah... — Baixo os olhos, envergonhada.

— Vermelho cai muito bem em você. — Ele sorri.

— É, você já disse, obrigada. — Tento acabar com a conversa.

— Hum... já? Não me lembro. Mas só confirma que o que eu digo é verdade.

— Ou não.

— Então, me diga... de onde você é?

— Orlando. Morei lá até meus 16 anos.

— E porque saiu de lá? — Ele apoia seus cotovelos sobre a mesa.

— Meus pais morreram num acidente de carro e tive que ir para Atlanta, morar com minha tia.

— E como veio parar em Chicago?

— As coisas com minha tia estavam difíceis, minha criação era diferente e simplesmente não nos dávamos bem. Estava recém-formada em arquitetura e queria novas conquistas, foi aí que resolvi vir para cá. Fui morar com uma amiga e comecei a trabalhar na empresa do seu pai.

— E por que não ingressou na sua carreira de arquitetura? — *Para que tanta curiosidade?*

— Porque não achei nada na minha área. Quem iria querer contratar uma arquiteta recém-formada sem nenhuma experiência? Eu precisava de dinheiro e a empresa de seu pai uma funcionária. Vi grandes oportunidades e achei melhor agarrá-las do que ficar em algo que seria talvez incerto. A vaga na época era bem acirrada, tive que passar por 5 etapas e no final consegui. Mas eu ainda quero ter a oportunidade de ser uma arquiteta reconhecida. — Sorrio ao imaginar.

— Aposto que será uma ótima arquiteta.

— Obrigada. — Sorrio de lado.

Nossos pratos já haviam chegado e eu não tinha percebido. Começo a comer em silêncio. Ele me olha atento, parecia que a qualquer momento eu me partiria ao meio. A comida estava uma delícia, e o vinho dava um toque a mais, bem suave e saboroso.

Termino de comer e peço licença para ir ao banheiro. Passo no caixa e pago o nosso almoço, era claro que não deixaria ele pagar o que eu comi, prefiro pagar o meu e o dele. Vou ao banheiro, olho minha maquiagem e retoco o batom, que já não existia mais, saindo do banheiro logo em seguida. Debora estava ao lado de Maycon, conversando enquanto um garçom retirava os pratos. *Essa mulher não desiste mesmo, hein?*

— Vamos querido? Ainda temos muito o que fazer hoje. — Coloco a mão no ombro de Maycon e lhe dou uma piscada o mais sexy e sacana que pude. Ele pareceu não entender muito, mas logo entrou no jogo.

— Sim amor, só vou pedir a conta. — Tento agir normalmente depois de ouvi-lo me chamar de amor.

— Eu já paguei, vamos. — O sorriso dele fica engraçado.

— Sim, vamos. — Segura em minha mão e dá um aceno breve para Débora, que fica toda sem graça com nossa ceninha. Saímos e logo ele gargalha.

— Mas o que foi aquilo?

— Eu tinha uma reputação a zelar lá dentro, ela estava dando em cima de você e eu, como Sra. Corppin, não podia deixar barato, não é mesmo?

— Tem toda razão. — Ele ainda ria muito. — E que história é esse de que você pagou a conta? — E parou de rir, ficando completamente sério. *Credo, tenho que me acostumar com essas mudanças súbitas de humor dele.*

— Achei melhor... não gosto de ninguém pagando nada meu.

— Então sofremos do mesmo problema, não repita mais. Eu tenho dinheiro e posso pagar, você não precisa gastar o seu dinheiro comigo.

— Tá bom, “rico”.

— Você e suas piadinhas ainda vão se dar mal comigo.

— Vou? Não perco por esperar.

— Você está me desafiando?

— Estou sim e, afinal, seus 40 minutos de chefe já acabaram. Tchau.

Um táxi estava parado mais na frente, corro até ele e entro. Vejo ele na calçada me encarando de cara fechada enquanto o táxi parte. Dou uma volta pelo parque, tomo sorvete e vejo algumas crianças brincando. Quando dá meu horário, pego um táxi e volto para a empresa. Entro no elevador lembrando do acontecimento de mais cedo e, como se fosse pouco, o cara que perturba os meus pensamentos passa pelas portas. Me mantive centrada em tudo o que iríamos fazer pela tarde, repassando na mente.

— Você está mordendo os lábios, posso saber por quê?

— Oi? Ah, eu... tenho mania de morder os lábios enquanto penso. Por que, te incomoda? — Levanto uma das sobrancelhas.

— Não, só me dá vontade de fazer isso...

Ele segura meus braços com força no alto da minha cabeça, sinto seus lábios nos meus. Sua boca é quente, seu gosto é embriagante. Sua língua adentra em minha boca procurando pela minha, fico meio relutante, mesmo querendo beijá-lo. Perco a razão e o nosso beijo fica ávido, desesperado, como se nós dois precisássemos disso para viver, estávamos cheios de desejo.

Com uma mão, segura as minhas, e a outra, acaricia os meus cabelos, depois, meu pescoço. Ele deixa meus lábios e beija meu pescoço, suspirando para sentir o cheiro do meu perfume. Dá um último beijo em meus lábios e então se afasta. Eu ainda tentava recuperar meu fôlego, não sabia o que dizer, mas mesmo que eu quisesse, não daria tempo, as portas do elevador se abriram. Ele estende o braço para a frente para que eu passe primeiro, mas nem sei se conseguiria andar. Minhas pernas estão trêmulas, mas, para minha surpresa, consegui caminhar tranquilamente. Falo com Cheila, que já aguardava por mim, para começarmos a trabalhar e me sentei em meu lugar.

— Senhoritas, tenham um bom trabalho. Sairemos em 30 minutos, tenho algumas coisas para resolver e depois iremos a filial. E Srta. Williams... seu batom está todo borrado. — Ele vai para sua sala. *Mas que filho da puta!* Não sei onde enfiar minha cara. Vou no banheiro correndo e arrumo meu batom. Volto para minha mesa e o telefone toca.

— *Marketing Corporation*, diretoria — digo no telefone.

— Já limpou seu batom borrado? — Ele dá risada.

— Por que você fez isso? — Tento manter a calma.

— Para você nunca mais fugir de mim, boneca.

— Boneca? Boneca é o *escambau*. Vai procurar algum trabalho, que você está cheio e eu não tenho dúvidas. — Irritada, bato o telefone em sua cara. *Não estou nem aí que ele é meu chefe.*

Nossa tarde, digamos que foi... tranquila, conhecemos todos da empresa filial e fizemos reuniões de lucros e prestações de serviços. Sr. Corppin não falou nada comigo em momento algum, e o que precisava, ele mesmo fazia. Me senti meio excluída das coisas.

Um jovem muito bonito que é sócio, estava todo saliente para o meu lado. Até que é bonito, super educado e um verdadeiro cavalheiro. Sr. Guilbert beijava minha mão, sempre me dava atenção e pedia minha opinião

sobre algo. Não sei ao certo, mais o Sr. Corppin não gostou muito, porém, não dei importância.

Fiz questão de mostrar o quanto entendia sobre o assunto e dei minha opinião, deixando bem claro o quanto era inteligente. Olhei para ele de relance e ele aparentava estar me admirando, prestando atenção a cada palavra minha. Logo após, tivemos uma reunião fora da filial com todos os sócios, para deixar claro algumas coisas da nova presidência e para ele conhecer a todos. E então, voltamos a empresa. Deixo algumas tarefas prontas e, como já estava no meu horário, pego minhas coisas e sigo para o elevador. Novamente, lá está ele, indo na mesma direção que eu. *Será que ele fica me esperando para irmos embora juntos? Não é possível.* Entro no elevador e ele também.

— Parece que alguém gostou muito de suas opiniões. — Olha seu relógio de pulso.

— Parece que sim. Já que meu chefe não se interessa, alguém se interessou, não é mesmo?

— Me interesse com a opinião de meus funcionários. — Ele olha fixo para mim.

— Só se for para saber se é bom de cama.

— Pare com isso, é claro que me interesse!

— Ah, passou a tarde inteira me ignorando, sem nem deixar fazer o meu trabalho, porque você mesmo estava fazendo. Nem me dirigiu a palavra, estava me sentindo inútil nas reuniões. Pelo menos alguém viu algo diferente do que você viu em mim.

Estou super irritada com ele. *Me beijou sem minha permissão, depois faz de conta que nada aconteceu e ainda vem com essa?*

— Cuidado com o que fala, mocinha.

— Cuidado? Você vai fazer o que? — *Aí merda, que arrependimento, tinha que ser boca solta e falar tudo o que vem na cabeça?*

— Não me provoque, Srta. Williams. Faria você se arrepender de ter essa boca sem freio.

Resta me calar, já falei besteira demais. As portas se abriram, saio e fico esperando o meu táxi chegar.

— Diana?

— Não temos tanta intimidade assim, vamos manter as formalidades, Sr. Corppin. — Me viro e ele está logo atrás, dá breves passos até mim com um olhar faminto. Vou recuando até bater com a bunda na lataria gelada de um carro que tinha no estacionamento. Não tenho como correr, ele já está próximo demais.

— Posso te beijar? — sussurra em meu ouvido e desce para meu pescoço, beijando-o. Ele cola o seu corpo no meu e sinto sua rigidez na calça.

Ele sobe lentamente para meus lábios e novamente nos beijamos, algo em meu ventre reage, nunca senti tanto tesão em apenas um beijo. Sua mão percorria do meu cabelo até as costas parando na minha bunda. Ele a aperta com força e me espreme ainda mais no carro com seu pau encostado em mim. Eu transaria com ele ali mesmo, mas não podíamos. Me afasto dele e largo uma bofetada em seu rosto.

— Eu não te dei permissão! — Digo com uma certa irritação e caindo na real de que eu não podia fazer isso.

— Você é louca? Estava me beijando agora. — Ele passa a mão no rosto.

— Eu não vou cair nessas suas investidas baratas. E nunca mais me beije, está me ouvindo? — Ouço o bip no meu celular me avisando que o meu táxi havia chegado, dou as costas a ele e vou embora.

Por que ele mexe tanto comigo? Me irrita tanto sem nem fazer esforço?
Só de pensar nele já fico com raiva.



Capítulo 6

Hoje acordei muito disposta, coloquei uma música para relaxar e limpei toda a casa, deixei tudo muito bem arrumado e meu guarda roupa também, que estava com a famosa bagunça organizada. Coloquei as roupas sujas para lavar na lavanderia e aproveitei para ir ao salão com Jullia, para fazer as unhas. Agora, estamos no café.

— E então Di, me conte mais sobre seu chefinho.

— Não sei o que dizer... não gosto dele, ele me irrita demais.

— Não vai me dizer que está apaixonada, né? — pergunta com um sorriso nos lábios.

— Mas é claro que não, só conheço ele a menos de uma semana e eu acabei de dizer que não gosto dele.

— Sei, o Fernando e eu voltamos — confessa.

— Sério? Que bom, e como estão as coisas entre vocês?

— Estão indo bem, estamos morando juntos agora. Me mudei a três dias para a casa dele, achamos melhor assim. E também, a casa que eu estava não dava para eu manter sozinha. Você sabe... meus pais não me ajudam em nada desde que decidimos morar aqui.

— Sim, entendo e sei bem como é.

— Pois é, achei melhor. Estava pesquisando sobre o seu chefe e, pelo visto, ele gosta bastante de se divertir, hein? O cara namorou quase a cidade inteira de Milão.

— Não sei porque, mas isso não me parece uma novidade — digo e ela dá risada.

— Mana, tenho que ir, fiquei de fazer o jantar hoje. Vida de mulher casada, sabe como é, né? — Nós entreolhamos e não conseguimos aguentar o riso. Ela era demais e suas piadas, terríveis.

— Tá certo, cuidado para não matar o coitado queimado ou por intoxicação alimentar.

— Pode deixar, beijos. — Ela me dá um abraço e vai embora. Continuo sentada tomando meu café, vendo o movimento do entrar e sair das pessoas no estabelecimento quando o vejo. Ele parecia estar perdido em seus pensamentos, vestindo uma calça jeans, tênis e blusa de manga curta. Está bastante charmoso. É interessante vê-lo sem estar de terno, a visão é incrível. Seus cabelos estão bem penteados, como sempre. Já podia sentir o seu cheiro de onde eu estava, talvez fosse apenas meu subconsciente me lembrando o quanto ele cheira bem. Seu olhar encontra o meu e um sorriso encantador

brota em seus lábios enquanto caminha em minha direção.

— Ora, ora mocinha. O que faz por aqui... sozinha?

— Oi Sr. Corppin, estava com uma pessoa, mas ela já foi. — Tento fingir que nada aconteceu da última vez que nos vimos, assim como ele está fazendo. *Que dissimulado.*

— Ah, sim.

— E o senhor, o que faz aqui?

— Gosto de vir aqui nos dias frios, o café expresso é muito bom.

— Hum, é sim. Tenho que ir, até segunda.

— Ei, espera. Fica e toma um café comigo

— Não dá, tenho que passar na lavanderia para pegar minhas roupas. E já passou da hora, ainda mais que estou sem carro.

— O que aconteceu com ele?

— Com o carro? Nada, vim com Jullia.

— Ah sim, eu te levo na lavanderia e depois te deixo em casa, só vou pedir um café.

— Não precisa, pego um táxi.

— Não vou fazer nada por enquanto, posso te levar. — Fico olhando para ele por uns instantes e, por fim, aceito.

Fiquei esperando o café dele sair e, enquanto isso, conversamos sobre a empresa e alguns assuntos aleatórios, depois fomos a lavanderia. Não me lembrava de ter levado tanta roupa assim para lavar, Maycon teve que me ajudar a pôr tudo dentro do carro. Por incrível que pareça, ele sabia

exatamente onde eu morava, talvez porque o capanga dele tenha falado. Tiramos todas as coisas de dentro do carro, uma das caixas se abriu e caíram algumas peças. Ele me ajuda a apanhá-las do chão e quando o olho, ele estava admirando uma calcinha minha que tinha caído. Ela era branca de renda, estilo fio dental. Coro no mesmo instante, tomo a calcinha de sua mão e a coloco dentro da caixa. Ele parece achar graça da minha situação vergonhosa.

— Linda calcinha, deve ficar mais linda ainda você vestida nela. — Sorri maliciosamente.

— É uma pena que nunca me verá nela. — Ousei ao falar, desdenhando dele.

— E nem quero, prefiro te ver sem. — Me deu uma piscadela. Fico totalmente sem graça.

— Pode deixar as caixas aqui, eu me viro.

— Deixe que eu ao menos as ponha dentro de seu apartamento. — Ele pega as caixas restantes e caminha até o elevador. Digito o código do meu andar, deixando com que ele suba, e as portas se abrem. Meu apartamento não é dos melhores, mas é bem aconchegante, bem decorado e harmônico. Tudo estava muito bem arrumado, graças a minha faxina de mais cedo.

— Belo apartamento, Srta. Williams.

— Obrigada.

— Onde posso deixar essas caixas?

— Ah, desculpe, venha. — Caminho até o quarto. — Pode deixar aqui no chão.

— Ok, então já posso ir. Até segunda.

— Até, Obrigada.

Ele põe as mãos no bolso e caminha até a porta.

Não posso ser tão fria assim e deixá-lo ir embora depois de ter sido tão legal comigo.

— Sr. Corppin? — Grito e ando até a sala. Ele já estava passando pela porta. Ele vira o pescoço e me olha.

— Sim?

— Você não quer ficar? Digo... Posso fazer algo pra gente comer, se estiver com fome. Tenho vinho, também, ou se preferir, posso fazer um café.

— Aceito o vinho, pode esquentar mais que o café — Ele sorri.

— Tenho alguns vinhos na geladeira, fique à vontade para escolher.

Graças a Deus Diego sempre trazia vinhos para mim como presente. Sou apaixonada por vinho, porém, como fico sem tempo e chego em casa cansada, acabo nunca tomando. Geralmente tomo quando ele está aqui ou quando ele traz algum novo.

— Você tem um ótimo gosto para vinhos. — Ele se escora na porta da geladeira, me dando uma bela visão de sua bunda.

— Gosto muito de apreciar os melhores.

— Percebi, mas acredito que o melhor de todos você nunca provou. — Não sei se ele queria falar do vinho ou dele. Parecia aquelas frases malucas de duplo sentido.

— E qual é o melhor?

— Depois saberá.

— Está com fome? — desconverso. — Vou fazer macarrão ao molho branco com filé de frango empanado.

— Parece ótimo.

— Minha mãe fazia muito quando ainda estava viva, era o prato que eu mais amava.

— Também gostava das comidas de minha mãe.

— Me conta um pouco sobre você, sua família. O Sr. Fellipe é uma ótima pessoa, admito que fiquei bem chateada quando ele disse que iria sair da empresa.

— É, chegou a hora dele se aposentar, meu pai já está muito velho para essas coisas. Minha mãe nos abandonou quando eu tinha 8 anos. Falou que ia a uma viagem de negócios e então, desapareceu. Não sei o que aconteceu, mas também, já foi o tempo. Meu pai e eu ficamos sem chão, mas demos a volta por cima. Ele se casou de novo, teve outro filho. A Kelly é uma ótima pessoa, cuidou de mim como se fosse um filho e eu a aceitei como mãe.

— Que difícil, desculpe por perguntar.

— Não se desculpe.

Conversamos tanto que nem tinha percebido que estava tudo quase pronto. Fui ao som e coloquei um clássico bem baixinho, só para tirar o silêncio que estava ao redor de nós dois. Já havíamos bebido quase o vinho todo, a coragem já estava me tomando por completo, pedi licença e fui ao meu quarto. Tive uma ideia.

Tomo um banho rápido, passo a melhor loção e perfume que eu tinha. Fui a gaveta de lingerie e escolho um conjunto preto de renda, meias 7/8 e coloquei meu *scarpin* favorito, o preto do solado vermelho. Pego meu hobby de seda francesa meio transparente, também preto, que tinha algumas flores e renda nas mangas e no V do decote. Deixo um ombro a mostra, me dando um

ar sexy. Penteio os cabelos e quando estou mais decidida, passo pela porta do quarto.

— Nossa você de... — seus olhos passam pelo meu corpo. — ...morou

— Estava apenas tomando um banho, desculpe a demora. — Tento soar o mais inocente possível, e consegui.

— Pelo visto, o banho lhe caiu muito bem.

— Pode pegar minha taça por favor? — Pego em seu braço.

— Claro. — Ele pega e me entrega.

Vou até a geladeira e pego mais uma garrafa de vinho, fico um tempo parada olhando para ele e ele para mim, nos avaliando com os olhos. Me sirvo de mais vinho e o bebo quase todo. Minha cabeça girava um pouco, mas nada do que eu não pudesse dar conta. Seus olhos admiravam o meu corpo, que já estava em chamas.

Caminho até ele e passo minhas mãos lentamente sobre seus ombros, fazendo um caminho pelo seu braço, parando em seu membro. Ousadamente, passo as pontas dos dedos na cabeça rígida de seu pênis, ouvindo-o arfar. Seus lábios estavam entreabertos, seus olhos fixos em mim, me analisando, era tão lindo. Aqueles olhos claros pareciam ver minha alma e o quanto eu não era nem um pouco inocente. Fico com uma certa vergonha, mas me mantenho firme. Ando até o outro lado da ilha e tomo mais um gole do meu vinho.

— Está com fome, Sr. Corppin? A comida já está pronta.

— Estou sim, mas com fome de você. Eu te quero agora, do meu jeito e sem mais jogos. — Sua voz soa calma e fria, ele caminha até mim e me mantém presa entre ele e a parede. — Só por esta noite, seja minha? — o tom de sua voz muda e uma pontada de desejo surge em mim. — Quando quiser que eu pare, é só falar.

Ele afunda seu rosto em meu pescoço, sua barba por fazer me deixa arrepiada. Ele o beija e eu amoleço em seus braços. Ele morde devagar o lóbulo da minha orelha, arrancando de mim um gemido baixo. O tesão e a vontade de saber onde tudo aquilo daria não me deixaram correr dele, por mais que meu subconsciente gritasse para que eu fizesse isso, eu não conseguia. Eu queria continuar com meu plano de manter distância dele, mas quem eu quero enganar? Eu o quero também e, nem que seja só por esta noite, irei aproveitar.

Ele coloca suas mãos em minha bunda e me levanta, colocando-me em cima do balcão. Tira o meu hobby, não deixando de fazer um caminho com seus dedos sob minha pele e sutilmente abaixa o meu sutiã. Seus olhos pousam em meus seios que estavam rígidos, queria ele o mais rápido possível, eu sei que me arrependeria disso mais tarde. Ele abocanha um dos meus seios e chupa bem devagar, dando mordiscadas e lambidas. Meu interior gritava por mais, sua outra mão está em meu outro seio, acariciando e apertando o bico. Ele para e sai distribuindo beijos pelo meu corpo, passando pela barriga, depois chega bem perto da minha vagina e para, olhando firme para mim, pedindo a minha permissão. O sorriso nos lábios dele era muito encantador e diferente dos outros que já tinha visto do seu repertório.

— Por favor... — peço, manhosa.

Ele não espera nenhum segundo, apenas põe minha calcinha para o lado e sua boca brinca com meu clitóris. Sua língua desce até a minha entrada, me penetrando. Gemo com força quando ele chupa meu clitóris, trazendo tremores ao meu corpo.

— Está tão molhada, Williams... Eu quero ver você gozar em meus dedos. Sua buceta é tão apertada, deve deixar qualquer um que queira louco, não é mesmo? Só que, depois dessa, você vai ver que não é bem assim. — Não sei o que ele queria dizer com isso, mas não me importo muito, eu só quero brincar com ele e usá-lo para o meu prazer.

Ele põe seus lábios no meu clitóris, sugando e depois passa a ponta da língua, fazendo movimentos circulares, me excitando ainda mais. Quando

não consigo mais segurar, gozo em seus dedos, que ele insistia em estocar em mim, rápido e ritmado.

— Isso, anjo, goze para mim — sussurra.

Ele tira seu dedo de mim e o coloca na boca, lambendo todo o meu gozo.

— Tão doce quanto o mel — diz, se deliciando. Aquela cena só me deixa com mais tesão pelo meu chefe. *Chefe...* Saio de cima do balcão, pego a blusa dele em cima da banqueta, seu celular e carteira que estava do lado e entrego a ele.

— Já acabamos nossa brincadeira, pode ir embora — digo com as mãos na cintura

— Mas... não está falando sério, está? — Ele me olha, estático.

— Mas é claro que estou, não tem mais nada o que fazer aqui e isso foi um tremendo de um erro, desculpa. — Vou até a porta, abrindo-a para que ele saia. Ele olha para mim, irritado, e sai sem falar mais nada.

Mas o que eu fiz? Nada disso era para acontecer, que burrada. Pego meu hobby e o visto novamente, jogo a garrafa de vinho fora e guardo as coisas que estavam em cima da mesa. Vou para a cama perdida em pensamentos e logo adormeço.



Acordo com a luz do sol em meu rosto, fico alguns minutos

assimilando sobre o que aconteceu ontem, percebendo a merda que fiz. *Nada daquilo era para ter acontecido, não quero que o clima fique estranho entre a gente, afinal, trabalhamos juntos, como será agora?* Depois de comer, tomei um bom banho, já se passava das 9 horas. Ponho uma calça jeans clara e uma blusinha preta com um salto, também preto. Havia combinado de passar o dia no shopping com a Jullia e depois, ir no cinema.



Depois de olhar algumas coisas com Jullia e fazer algumas compras básicas, fomos almoçar.

Paro na praça de alimentação e escolho uma mesa perto de onde uma banda tocava música ao vivo.

— Você está estranha, o que está acontecendo Di? — ela pergunta, confusa.

— Hum... não é nada.

— Como não? Lhe conheço muito bem, desembucha.

— Eu...e... mayconquasetransamos — falo tudo de uma vez só.

— O que? Respira e fala devagar. — Ela arregala os olhos, tentando saber se o que ouviu realmente era verdade.

— Maycon e eu quase transamos. — Solto um longo suspiro segurando

o choro.

— Meu Deus, Diana, como assim, me conta tudo, sua safada. — ela diz, com um sorriso engraçado nos lábios.

— Foi tudo culpa minha, daquela garrafa de vinho e do tesão. Expulsei ele lá de casa, com toda certeza, acabaríamos transando se ele continuasse lá. — Lamento.

Conto tudo o que eu havia feito e o que aconteceu na noite anterior, ela ficou de boca aberta com tudo...

— E então como está com o Fernando? — Pergunto.

— Estamos bem, brigamos esses dias, mas a reconciliação foi ótima. Só de lembrar me arrepia.

— Eu em, nem quero saber o que rolou.

— Hum... Então tá, né. — Ela dá de ombros.

Pedimos lasanha, suco de laranja e, de sobremesa, torta de limão. Estava uma delícia, por sinal. Assim que terminamos, fomos para a sala de cinema, escolhemos um filme que não me recordo o nome, mas que foi muito bom. A mulher descobre que é traída pelo marido, mata ele e depois, tritura seus ossos no liquidificador, e ainda por cima o liquidificador falava com ela. Era um filme louco, mas demos boas risadas. Quando saímos, já era noite eu precisava ir para casa descansar. Me despeço da Ju e vou embora.

Acordo bem-disposta, tomo um bom banho e ponho uma calça jeans com alguns rasgos, blusinha branca e jaqueta preta de couro, ponho alguns acessórios e nos pés, um salto de camurça na cor bege. Chego na empresa, e vou na copa, faço o café do Sr. Corppin e depois de pronto, deixo em sua mesa. Ele já deve estar chegando, ocupo minha mesa e checo os e-mails, olho todos e um em especial me chama atenção. *Como eu pude esquecer da festa dos 46 anos da Marketing Corporation? Faltam poucos dias e eu ainda não*

organizei nada.

Faço uma pequena lista do que vou precisar, Cheila chega e peço a sua ajuda para fazer algumas ligações. Ligo para um fornecedor, consigo um local e ornamentação. Cheila discute com alguém no telefone sobre o buffet e eu ligo para a gráfica, para preparar os convites, com pedido de urgência, eles só estavam esperando uma resposta sobre qual seria o tema da festa. Sr. Corppin passa pelas portas do elevador, vestido em um terno preto, camisa branca e gravata vermelha. O seu cheiro exala por todo o local, me sufocando com sua presença.

— Bom dia, Senhoritas — diz sem olhar para nós e entra em sua sala, pelo visto, ele está irritado.

Ligo para todo o restante e resolvo quase tudo. Eu precisava ver algumas coisas que estavam pendentes pessoalmente e ainda teria que falar com a fera. Vou até a porta de sua sala e bato, uns segundos depois, ouço um “entre”.

— Sr. Corppin, bom dia.

— O que quer? — Ele está lendo alguns papéis em sua mesa.

— O senhor deve saber que, todo ano, fazemos uma confraternização, para festejar mais um ano da empresa. E precisamos de um tema, a festa vai ser na sexta. — Pego meu celular para anotar o que ele vai dizer.

— Sei sim, só não sabia que já seria na sexta. Não sei bem qual tema, mas eu gosto muito da ideia de um baile de máscaras. — Olha para mim.

— Seria bem legal. Então, vou avisar a gráfica. Vou precisar resolver algumas coisas na rua em relação a festa. O senhor precisa de algo aqui?

— Não, pode ir. — Ele fala em tom rude.

— Ok, levarei comigo Cheila. O seu terno, já posso providenciar? Tem

preferência de cor? Marca?

— Você faz isso também? — Ele dá risada, debochado.

— Para falar a verdade, não, mas eu sempre fazia para o Sr. Fellipe.

— Quero um Smoking preto de lapela cinza, de preferência, que seja Armani.

— Ok, já estou indo.

— Chame Claiton, ele vai estar à sua disposição. E já deixa avisado que não estou para ninguém. — Ele começa a assinar alguns papéis. Saio da sala sem olhar para trás, não precisava me tratar tão frio assim, mas era melhor.

— Cheila? Vou precisar de você comigo para ver os vestidos das meninas que vão recepcionar o evento, os nossos e o smoking do Sr. Corppin — digo pegando minhas coisas.

— Certo. — Ela pega suas coisas. O elevador apita, tirando nossa atenção do que fazíamos, quando Adrya passa pelas portas, vestida em um tubinho preto e salto alto vermelho.

— Quero falar com o Sr. Corppin. — Masca seu chiclete.

— Ele não quer atender ninguém no momento, está ocupado.

— Mas quem me chamou aqui foi ele. — Ela sorri e pisca o olho.

Logo em seguida, ele aparece na porta de sua sala.

— Olá Srta. Zacche. — Ele caminha até ela, pega sua mão e deixa um beijo casto entre seus dedos. — Venha, estava te esperando. — Ele passa a mão na cintura dela e a leva para dentro de sua sala. Fico estática olhando para os dois entrando na sala, um certo incômodo me atinge, mas, se era assim que ele queria lidar com as coisas, tudo bem. Para mim, estava ótimo.

Vamos para a garagem e o mesmo homem que eu entreguei a chave do meu carro nos aguarda.

— Senhoritas. — Ele nos cumprimenta e abre nossa porta. Sento-me atrás, junto com Cheila.

— Iremos no carro do chefe? — cochicha para mim.

— Pelo visto, ele tem algum problema em me ver dirigindo. — Fico me lembrando das idiotices dele. — Claiton, você poderia nos levar ao ateliê da Margareth? Por favor. — Ele assente e da partida no carro.



Capítulo 7

Depois de passarmos o dia inteiro na rua, vendo o local da festa, toda a decoração e estrutura, buffet, roupas, o tal terno da Armani, garçons e diversas outras coisas necessárias, voltamos para a empresa. Cheila e eu vamos batendo papo e dando risada de coisas fúteis. Deixo minhas coisas na mesa e vou até a sala do Sr. Corppin, bato na porta, mas não ouço nada. *Será que ele já foi embora?* Meu subconsciente me questiona. Abro a porta e entendo o motivo da sala estar silenciosa, ele e Adrya estão se beijando. Ele está encostado em sua mesa com a mão na bunda dela e ela entre suas pernas. Olho aquela cena e o ódio cresce em mim, limpo a garganta, causando um som forçado até demais, ela se afasta dele em um sobressalto, tomando um susto. Já ele, apenas passa os dedos ao redor da boca, como se estivesse limpando-a e fazendo uma cara que eu

particularmente achei sexy. *Muito sexy.*

— É... vou indo — diz, sem graça, pronta para sair da sala.

— Ah, não precisa, podem continuar, desculpa ter entrado na sala desse jeito, mais é que eu bati na porta e ninguém falou nada, então achei que não tivesse ninguém. Mas entendo o porquê de não ter recebido uma resposta — digo com certa ironia. Posso ver que ele não está gostando nada disso.

— Já estou de saída. — Adrya diz e sai correndo da sala. Assim que ela sai, viro as costas para sair também.

— Sim... você conseguiu o que queria. Agora, pode me dizer o que veio fazer em minha sala? — Ele cruza os braços.

— Eu só queria avisar sobre o que já foi resolvido em relação ao evento, mas posso fazer isso depois.

— Não. Quem diz se vai ser depois ou não aqui, sou eu, e não você. Creio que meu pai te deu muita liberdade, garota. Mas eu não sou ele, então as coisas vão funcionar do meu jeito, não do seu. Pode começar a falar, querida — diz com sarcasmo, cruzando os braços se encostando novamente em sua mesa.

— Ok, chefe. Encomendei seu terno, agora só preciso das suas medidas, uma moça vai vir aqui, em breve, tirar. Conseguimos um cardápio variado sobre o buffet e queria que o senhor avaliasse, a decoração também e toda a parte financeira.

— Deixo essa questão de escolhas contigo, confio no seu gosto e espero não me arrepender. Me mande todos os valores para que eu possa ver e avaliar.

— Obrigada. — E saio da sala. *Maldita a hora em que esse idiota entrou na empresa, meus dias aqui serão um inferno!* Já estava na hora de ir embora, me despeço de Cheila e desço para a garagem, entro no carro e

ponho minhas coisas atrás. Tento ligar o carro e ele não funciona. Tento novamente e de novo faz o mesmo barulho irritante. *Mas que merda.*

— Quer ajuda? — Claiton pergunta.

— Ah, oi. Quero sim, não estou conseguindo ligar meu carro.

— Deixe-me dar uma olhada, esses carros são bem difíceis para quebrar e o seu está relativamente novo. — Ele entra no meu carro, bate a chave e realmente não pega.

— É a bateria. — Abre o capô. — Pelo visto, alguma coisa aqui puxou toda a energia da bateria, vai ter que levar guinchado para o mecânico. Talvez tenha deixado os faróis ligados ou o som.

— Que merda...

— Deixa que eu a levo, você fica e resolve isso, por favor. — O intrometido do Sr. Corppin resolve aparecer, ele sabe ser educado.

— Sim, senhor. — Claiton pega seu celular para fazer algumas ligações.

— Podemos ir? — Sr. Corppin pergunta.

— Sim, vamos. — Tento soar tranquila com tudo aquilo. Claro que não iria recusar uma carona depois do meu dia exaustivo.

Entro no carro e vamos em silêncio todo o percurso, fico observando pela janela a movimentação da cidade. Confesso que amo minha Chicago. Vejo uma moça discutindo com um homem na calçada jogando as rosas na cara dele. *O que será que ele fez para ela?*

Quando o carro para na porta de casa, não sei ao certo o que lhe dizer.

— Obrigada — digo e saio do carro.

— Ei, na sexta posso te pegar?

— Não, obrigada.

— Por que não? — Ele sai do carro e vem até mim.

— Porque eu não quero, Sr. Corppin. E eu tenho meu carro, posso dirigi-lo. Busque Adrya, com toda certeza, ela não irá recusar — digo já irritada, não quero fazer parte do joguinho dele. Ele me olha por um tempo, vira as costas e vai embora. *Idiota*.

Entro no meu apartamento e vou direto para o banheiro, tomo um bom banho e visto uma camisola qualquer, peço uma pizza e fico assistindo TV enquanto espero. Meu celular toca e eu decido atender, afinal, era o Diego.

— Oi, meu anjo.

— Oi, Diego. — Sorrio pelo modo como me chamou.

— Desculpa não ter te ligado mais cedo, já estava dormindo?

— Não tem problema, já estou acostumada. Não, estou esperando uma pizza que eu pedi chegar.

— Nossa, assim você me faz sentir a pior pessoa. — Ele dá risada. — Como se eu não te ligasse sempre.

— Mas é justamente isso o que você faz — digo revirando os olhos, mesmo sabendo que ele não via.

— Que calúnia, dona Diana. — Ele ainda ria.

— Dona é? Me senti com 80 anos.

— Uma senhora de 80 anos bem gostosa — sua voz sai bem rouca.

— Pare de fantasiar coisas, Sr. Salvatore — digo e ele dá uma

gargalhada estrondosa. — Na sexta vai ter um evento na empresa, não estaria interessado em me acompanhar?

— Está me chamando para um encontro?

— Ei, não. Só estou te chamando para me acompanhar, não queria ir sozinha.

— Eu tenho alguns assuntos pendentes com a empresa aqui, mas prometo que tentarei ir.

— Cobrarei.

— Deve, terei que desligar, anjo, nos falamos até lá — ele diz.

— Boa noite.

— Boa noite, meu anjo, bons sonhos.

Ele desliga logo em seguida.



Capítulo 8

4 dias depois...

Depois de ter passado por todas as implicâncias do Sr. Corppin, de encontrá-lo nos corredores com Adrya, de brigas e problemas, declarei a mim mesma que não deixaria me levar por ele. Eu estava sendo ridícula ao ficar brigando e sentindo ciúmes de uma pessoa que não é minha. *Sim, eu estava sentindo ciúmes e não me perguntem o porquê, pois eu não sabia.*

Hoje, enfim, era o grande dia, o dia do baile de máscaras, Diego não me ligou desde a segunda me avisando se viria ou não e eu também não me

preocupei em procurar saber. Eu já havia checado 300 milhões de vezes tudo no salão em que aconteceria a festa, não queria nada fora do lugar ou mal feito. Depois de organizar as últimas coisas, vejo que já está na hora de ir para casa me arrumar. Chego em casa e tomo um banho rápido; passo um hidratante no corpo; parto o cabelo no meio e faço um rabo de cavalo baixo, nas pontas faço alguns cachos e na frente deixo alguns fios soltos; faço uma maquiagem leve nos olhos e um batom vinho nos lábios. Precisava ser rápida, pois tinha que chegar lá antes dos convidados.

Ponho uma calcinha branca e visto o meu vestido, preto e longo, com um decote que vai até a metade da barriga, deixando um pouco dos meus seios à mostra. A saia do vestido tem várias camadas de tule, dando um leve volume e uma fenda do lado direito que vai da coxa até os pés. Ponho um colar curto no pescoço, no tom dourado, e sandálias de tiras nos pés. Ponho um bracelete no pulso, também dourado, combinando com o colar, e, para finalizar, minha máscara preta com algumas pedrinhas ao redor dela. Me olho no espelho e vejo o quão sexy estou.

Passo meu perfume, pego minhas chaves, minha bolsa de mão e saio.



Sigo para onde aconteceria a festa, parando na porta, entrego minha chave para o manobrista. A frente do lugar estava todo iluminado por holofotes, vários fotógrafos da imprensa já estavam lá, paro para cumprimentar todos e eles tiram algumas fotos minhas. Em seguida, entro e vejo se tudo está como planejado. Aviso às garotas que estão na recepção que qualquer problema poderiam falar comigo e eu tentaria resolver; os seguranças já estavam postos em seus lugares, e algumas pessoas já estavam

começando a chegar. Recepciono todos em nome do Sr. Corppin, os funcionários, acionistas, sócios, empresários, amigos que viram a empresa crescer e prestadores de serviço.

O baile começa a lotar, os garçons passam servindo bebidas e comida. Olhava as pessoas, algumas eu nem reconheci, por causa das máscaras. Vejo Sr. Corppin chegar e eu só sei que é ele por causa de seu terno. Fico-o observando conversar, seu jeito de andar e o modo como cumprimentava, parecia até um verdadeiro cavalheiro. Ele tira sua máscara por um breve momento e termina de falar com as pessoas. Vejo o Sr. Fellipe e meu sorriso aumenta ainda mais, caminho até ele.

— Oi Sr. Fellipe, que saudades.

— Olá querida, também não está sendo fácil para me acostumar com essa vida de quem não faz nada. — Ele dá risada.

— Ah, claro, deve ser bastante difícil — digo brincando.

— A festa está linda, como sempre, meus parabéns — elogia olhando o local.

— Obrigada, uma pena esse ano não ter escolhido seu terno, mas o senhor acertou em cheio nesse, está muito elegante. — Avalio seu terno de linho.

— Não tanto quanto eu ficaria se você escolhesse, admito que era mais fácil com você. — Ele dá risada. — Como está indo a empresa? Maycon está se saindo bem? Estão tendo algum problema?

— A empresa está ótima, e o Sr. Corppin está se saindo muito bem. Ele é bem atencioso em relação aos funcionários, gosta sempre de servir a todos. — *Estava mentindo? Não mesmo, ele sempre é bastante atencioso, principalmente com suas funcionárias. Cafajeste, isso que ele é.*

— Fico feliz que estejam se entendendo, agora vá. Ele irá precisar de

você. — Ele aponta para Maycon, que estava conversando com um dos acionistas.

— Foi ótimo revê-lo. — Saio logo em seguida.

Caminho por entre as pessoas e chego ao lado de Maycon, que, me olhando dos pés à cabeça, aposto que não me reconheceu.

— Senhores — cumprimento os dois.

— Diana? — o Sr. Puentes pergunta.

— Olá, como o senhor está? — Aperto sua mão.

— Muito bem, obrigado. Está linda, como sempre. — Ele beija minha mão.

— Obrigada. — Coro, mas agradeço pela máscara tapar o meu rosto. — Sr. Corppin, daqui a pouco terá o seu discurso, te aconselho a cumprimentar as pessoas logo, porque depois, não vão te deixar em paz.

— *Okay.*

— Diana? — Ouço alguém me chamar e eu já sei de quem é a voz.

— Oi, você veio! — Dou um abraço apertado em Diego.

— Claro que viria, meu anjo. — Ele beija minha testa. — Você está um espetáculo nesse vestido.

— Obrigada, amei a cor do terno. Está lindo! — digo avaliando seu terno na cor vinho.

— São os seus olhos. Venha, quero te apresentar à uma pessoa. — Ele segura em minha mão. Ouço Maycon atrás de mim pigarrear alto, olho para ele, que não estava gostando nada disso.

— No momento, ela ainda está a trabalho e agora, eu preciso dela — ele diz com sua postura de CEO maculado.

— E quem é você? — Diego pergunta, arqueando a sobrancelha.

— Sou o chefe dela. — Ele estende a mão para Diego, mas sua cara não estava nada legal. Que *climão*.

— Este é Diego, meu namorado. — Apresento a Maycon e eles dois me olham com uma grande interrogação na cara. Diego estende a mão para ele e eu torço para que não me desminta na frente de Maycon, mas ele não o faz.

— Ok, amor, então espero quando você terminar. — Ele me dá um selinho rápido e sai. Sorrio amarelo e olho para Maycon.

— Namorado, é?

— Isso mesmo.

— Ok... venha, preciso pegar meu discurso no escritório.

Ele caminha por entre as pessoas e eu o sigo, entro em um corredor com ele me guiando na frente. Ele se vira e me prensa na parede.

— Você namora mesmo aquele merdinha?

— Sim — digo com convicção.

— E porque não me disse nada sobre isso?

— É recente — minto.

— Você não gosta dele, vejo como me olha, como me deseja e só você não percebe que está caidinha por mim. — Ele dá um sorriso de molhar calcinhas.

— Engano seu.

— Engano? Eu nunca me engano sobre essas coisas, sei quando uma mulher gosta de mim.

— Você é muito mal-acostumado, tem sempre mulheres aos seus pés e só porque não me tem, está com o ego ferido. — O encaro, mostrando que não tinha nem um pouco de medo.

Ele me olha por instantes e então me beija. Bato nele e tento sair, mas não consigo. Aos poucos, deixo me envolver, arranho sua nuca e puxo o seu cabelo. Ele geme baixo e sinto o quanto ele está excitado, e aperta minha bunda, me deixando louca. Ouço passos no corredor e empurro ele para uma porta ao lado, fechando-a em seguida.

— Não podemos fazer isso — digo, recuperando o fôlego.

— Claro que podemos. Me diz agora que não gosta de mim... — Ele me fita e eu fico sem fala.

— Precisamos sair daqui, o discurso — tento mudar de assunto.

Abro a porta devagar e não tem ninguém, saio e caminho para onde seria o suposto escritório. Ele abre uma porta e vai até a mesa, pegando um papel que estava lá e sai novamente. O clima está tenso e estranho. Voltamos para o salão agitado e o anunciante está dando suas devidas declarações, falando sobre a empresa e o seu crescimento. Ele chama algumas pessoas, que parabenizam ao Sr. Fellipe e a Maycon pela administração. Alguns minutos depois, ele é chamado ao palco.

— Hoje... eu gostaria de agradecer a todos aqui presente que colaboraram com o avanço de nossa empresa. — As pessoas batem palmas. — A *Marketing Corporation* não existiria se não tivéssemos pessoas tão competentes trabalhando conosco, e parceiros tão prestativos. E acima de tudo, ao meu pai, que começou com tudo, desde o chão à este grande império, que é mundialmente conhecido. Então, hoje vamos comemorar a isso, a nós. — Ele levanta sua taça e todos fazem o mesmo. — Obrigado.

Ele desce do palco e todos ovacionam ao seu redor. Agora, de fato, a festa estava aberta, a música começa a tocar e alguns vão para a pista de dança. Saio à procura de Diego e o encontro com um grupo de homens, conversando sobre negócios.

— Eu compro empresas que estão com problemas financeiros por um preço baixo, levanto suas ações novamente e depois, vendo-as em partes, assim tenho mais lucro. — ele explica e os homens dão opiniões, era uma ideia genial. Fico apenas observando eles conversarem. Diego era muito inteligente e fazia gosto em mostrar isso as pessoas. Ele me nota e se despede deles vindo até mim.

— O que está fazendo aí, parada?

— Estava te olhando falar sobre negócios, você fica ainda mais atraente desse jeito. — Sorrio de lado.

— É mesmo? — Ele põe suas mãos na minha cintura e aperta levemente. — Queria fugir com você daqui.

— Meu trabalho já encerrou... — digo, sugestiva.

— Opa, então podemos ir? Quero te mostrar algo.

— Podemos sim. — Ele sorri.

Ando pelo salão de mãos dadas com ele e sinto o peso do olhar de alguém em mim, procuro com os olhos e vejo Maycon me olhar de uma maneira diferente, como se não acreditasse realmente no que estava vendo. Pouco me importa. Diego busca o carro e sai para abrir a porta para mim, ele, sim, era um verdadeiro cavalheiro, não Maycon. Ele sabia como tratar uma mulher e valorizar.

— Para onde estamos indo? — Pergunto curiosa.

— Uma surpresa, apenas relaxe meu anjo. — Ele sorri.

Ligo o som, e começa uma música envolvente, as batidas eram legais e preenchiam o silêncio que fazia no carro. Fico observando a paisagem pela janela enquanto pegava a estrada, alguns minutos depois, Diego para o carro na frente de uma grande propriedade, por fora, já dava para ver a quão bonita era.

— Uau, que lindo!

— Gostou? Estava precisando de uma casa aqui, já chega de ficar em hotéis. Queria uma opinião feminina e de uma arquiteta sobre ela. — Ele lança um sorriso encantador.

— Será um prazer...

— Disso eu não tenho dúvidas. — Ele dá uma piscadela e sorri.

— Safado.

A casa tinha todo um conceito natural, de vidro e madeira, havia verde por todo lugar. Ao redor da parte da frente da casa tem uma piscina de tamanho consideravelmente grande, e muito moderna. Havia uma cascata de água saindo da madeira do primeiro andar. Maravilhada, entro na casa e não era diferente, o piso é de madeira e a maioria das coisas ali dentro também eram; a decoração, impecável com móveis também madeira envernizados, bem agradável.

— Amei. — Olho alguns quadros que estão na minha frente.

— Sabia que iria gostar. — Ele se aproxima de mim, colando nossos corpos.

Sua ereção roça em minha bunda, me deixando excitada. Ele tira os meus cabelos dos ombros e beija cada parte dele até chegar em meu pescoço, beijando-o também. Gemo por antecipação e prazer, ele morde o lóbulo da minha orelha, me vira de frente e me beija... Depois de muitas carícias e beijos, ele me leva para o sofá e ali transamos.



Capítulo 9

Acordo com meu celular tocando e percebo que já estava de manhã, pego e atendo.

A

— Alô.

— Preciso de você, agora. —

Aquela voz que eu tanto conhecia fala.

— Oi, Sr. Corppin, bom dia. Tudo bem? — falo com ironia. — Não sei se o senhor sabe, mas hoje é sábado.

— Sei sim, e preciso de você agora, teremos uma viagem de última hora para fazer a Miami.

— Mas o que? Não dá. — Fico desesperada.

— Se prepare, passarei em sua casa daqui a 30 minutos. — Ele desliga.

— Filho da mãe! — grito para o celular.

— Ei, o que houve? — Diego levanta, passando a mão nos olhos.

— Desculpa, te assustei, preciso ir para casa agora. Tenho uma viagem a trabalho.

— Sei como é, se ajeite, irei te levar.

— Ok, obrigada. — Dou um abraço nele e corro para o banheiro. Tomo uma ducha bem rápida e quando saio, me recordo de que não tenho roupa alguma para voltar a não ser o meu vestido de festa. Vou no closet e, por sorte, tem algumas peças de roupa do Diego. pego uma calça moletom dele e uma blusa de malha, que é bem provável que ele use para dormir ou para malhar, não sei ao certo. Aperto as cordas da calça, ajustando em meu corpo, estava parecendo um saco de batatas, mas daria para chegar em casa.

— Peguei essa roupa sua para vestir — falo para Diego, que está sentado na cama já de banho tomado. Ele olha para mim e cai na risada.

— Você está muito engraçada com minhas roupas. Vamos ou irá se atrasar. — Ele beija minha testa e descemos as escadas, indo direto para o carro.

Alguns minutos depois, chego na entrada do meu prédio.

— Obrigada, até te convidaria para entrar, mas agora eu só tenho exatos 15 minutos para arrumar minha mala e me ajeitar.

— Tudo bem, anjo, vai lá, estarei voltando hoje para Toronto, então não sei quando nos veremos.

— Ok, mas me ligue. — Dou um selinho rápido nele e saio do carro. — Ah, e depois devolvo suas roupas, valeu! — grito entrando no prédio.

O elevador parecia lento até demais ou eu que estava com bastante pressa. Estava com raiva daquele idiota, eu socaria sua cara com prazer. Corro para dentro do apartamento e ponho algumas roupas leves e outras de frio, não sei quantos dias passaríamos lá, pois ele me fez o favor de não dizer. Pego minhas coisas de higiene pessoal e ponho tudo na mala. Troco de roupa, correndo para um terninho cinza e penteio os cabelos para trás, fazendo um coque; meu celular começa a tocar, avisando que ele já estava lá em baixo. Pego meus sapatos e saio de casa, colocando-os dentro do elevador. Vejo Maycon parado do outro lado da rua, me aguardando, ele vem ao meu encontro e pega minha mala.

— Bom dia, Srta. Williams — fala com a voz autoritária e fria.

— Bom dia, senhor. — é tudo o que digo. Fomos o trajeto inteiro em silêncio, fico observando a paisagem pela janela, não demora muita para chegarmos ao aeroporto e o jatinho da empresa já estava à nossa espera. Eu nunca tinha entrado em um, apesar de estar trabalhando com o Sr. Fellipe a muito tempo. Porém, nessas viagens ele nunca me levava, ia sempre com sua esposa. Achava legal, pois assim eles aproveitavam o tempo juntos.

Entro no jatinho e percebo que é muito maior do que eu imaginava. Havia um sofá embutido na parede do lado esquerdo e uma pequena mesa de centro na frente. Na parede do lado direito tinha uma TV média e mais na frente, havia uma espécie de sala de reuniões. Percebo que as poltronas eram móveis, então, quando acabasse alguma reunião, poderiam ser trocadas de lugar. Uma comissária de bordo muito bonita nos aguardava, tinha cabelos loiros e olhos castanhos claros, além de peitos enormes que marcavam na blusa. *Isso deveria ser proibido, não?* Ela nos cumprimenta e mostra nossos assentos. Me acomodo em uma das poltronas e ponho o cinto, Maycon senta à minha frente, fazendo o mesmo.

Srta. Peitos Grandes toda hora vinha perguntar algo para o Sr. Corppin, e ele estava amando toda essa atenção recebida. Eles conversam um pouco e então ela se retira. *Ótimo, posso respirar melhor agora, o perfume dela estava me matando.* Em nossos devidos lugares, o jatinho já podia decolar. Sempre fico apreensiva com a subida, mas até que foi tranquilo, depois que

estávamos estabilizados no ar, ele tira seu cinto e vai em direção ao corredor. Em seguida, passa Srta. Peitos Grandes empurrando o carrinho. Não sei quanto tempo ela ficou lá com ele, mas logo saiu, consertando suas roupas e parecia envergonhada. *Eu não acredito que... ele teve a coragem de pegar a comissária dentro do avião, que mundo perdido, homem escroto.* Minha raiva por ele só aumenta, declino mais o banco e me aconchego nele, caindo no sono. Quando acordo, estou coberta por uma mantinha. *Não me lembro de ter me coberto com isso.* Olho para o lado e Maycon está sentado em seu lugar, trabalhando em seu notebook. Me mexo um pouco para me aconchegar mais no assento.

— Acordou, dorminhoca? — Ele sorri.

— Não, ainda estou dormindo — digo de mal humor.

— E como está falando agora, Srta. Williams? — Ele retruca com uma sobrelanceira levantada.

— Secretária eletrônica. — Ele dá uma bela gargalhada.

— Você fala cada coisa. — Sorriu ainda mais. — Não está com fome?

— E você faz cada coisa... — Me recordo da comissária saindo toda sem jeito da sala. — Estou.

— Vou pedir a Flávia para que traga sua comida. — Apenas assenti. *Então esse é o nome dela, Flávia, a vagabunda com quem ele estava pegando...*

Alguns minutos depois, ela aparece com minha comida. Salmão grelhado, macarrão, purê e salada. Como tudo e ouço o anúncio no alto falante:

— Senhores peço que estejam em seus devidos lugares e com o cinto de segurança, iremos pousar em dois minutos.

Ponho meu cinto e sento-me direito na cadeira, algum tempo depois, estávamos no chão.

Um carro nos espera do lado de fora para nos levar ao nosso hotel, o motorista põe nossas malas no porta-malas e seguimos pela estrada. Alguns minutos depois, chegamos ao hotel, era lindo demais, na entrada têm alguns chafarizes, a água dançava dentro do lago. E a sua arquitetura é linda, tem um tom dourado bonito. Dentro do hotel o chão é de porcelanato, o hall de entrada é grande e logo fomos recebidos por um rapaz.

— Olá, senhor, o que deseja?

— Tenho duas reservas no nome de Maycon Corppin.

— Só um momento. — Ele mexe no computador e olha estranho. — Senhor, sinto lhe informar que só há uma reserva em seu nome.

— COMO É QUE É? VOU TER QUE FICAR NO MESMO QUARTO QUE ELE? VAMOS EMBORA!

— Calma Diana. — Maycon está irritado. — Como assim só tem uma reserva em meu nome? Eu mesmo liguei e reservei DOIS apartamentos.

— Senhor, deve ter tido algum engano. Eu posso chamar a pessoa responsável pelas reservas que são feitas pelo telefone e ver o que aconteceu.

— Acho isso uma ótima ideia, antes que eu chame o diretor dessa merda de hotel, você sabe quem eu sou? Sou Maycon Corppin, dono da *Marketing Corporation* e tenho dinheiro de sobra para comprar este hotel, então acho melhor mexer os pauzinhos e arranjar um outro apartamento.

— Senhor, infelizmente, isso não será possível, o hotel está lotado.

— Filho da puta! — Maycon esbraveja. Acabo me conformando com a situação, respiro fundo, já tomando minha decisão.

— Tudo bem, Sr. Corppin, ficamos aqui hoje. Amanhã, mudamos de hotel.

— Não, vamos ficar aqui e eu exijo outro apartamento.

— Maycon... Por favor, estou cansada da viagem, por mim, não tem problema. Amanhã, vamos para outro hotel.

— Tudo bem, tudo bem, mas isso não vai ficar assim! — Ele aponta o dedo na cara do rapaz, que fica assustado.

Um outro homem nos ajuda com as malas e então entramos no elevador. Chego em nosso apartamento e quando entro, quase caio dura no chão. O lugar é lindo, a sala é grande, os sofás são brancos em formato de L, a TV é enorme, no meio dos assentos há um centrinho de madeira e um tapete de pelos branco e marrom. Mais na frente, uma varanda para entrada do hotel e ao longe, a praia, uma bela paisagem. Do lado esquerdo da sala uma cozinha americana com plano aberto, os eletrodomésticos são todos inox, tudo muito elegante e atualizado; no canto do lado direito, uma piscina, está tudo muito bem harmônico com o espaço, a água parece estar ótima. Entro num corredor e vejo 4 portas. A primeira é um banheiro; a segunda um escritório, é todo rústico e combina com o restante do apartamento; a terceira porta é uma biblioteca, que por sinal é aconchegante, já sei onde passaria boa parte do meu tempo; e a última porta é o quarto, a cama é enorme e redonda. As janelas são enormes, de vidro, e dá para ver as luzes da cidade, há móveis de cabeceira marrom-claro de cada lado da cama, uma TV e um closet, o banheiro... o banheiro é incrível. Tem uma banheira enorme e uma bancada de mármore, fico encantada com tudo. O rapaz deixa nossas coisas no quarto e vai embora.

— Aqui é muito lindo. — Sorrio.

— Tenho que concordar. Vou tomar um banho, estou exausto.

— Tudo bem.

Pego minha mala e desfaço, colocando algumas peças no closet. *Odeio deixar roupas em mala, fica tudo amassado.* Arrumo as minhas e faço o mesmo com as do Sr. Corppin. *Não sei se ele iria gostar de saber que mexi em suas coisas, mas fiz.* Dei mais uma volta na suíte e a piscina estava bem convidativa. *Porque não dá um mergulho?* Fui ao quarto e coloquei um biquíni preto, a parte de cima era mais fechadinho, com alguns detalhes na frente, e a calcinha tem algumas tirinhas que vão na cintura.

Chego na piscina e testo a temperatura com as pontas dos pés, como esperado, está ótima. Dou aquele mergulho de cena de novela, era tudo tão rico que fiquei me achando aquelas atrizes mexicanas — não mesmo — Levanto e me encosto na beira da piscina e dou de cara com Maycon. Ele está com uma toalha amarrada na cintura, seu corpo definido é de cair o queixo. Os pingos d'água caindo dos seus cabelos e passando por seu corpo eram uma grande tentação.

— Ah, oi, você me assustou. — Meio sem graça, tento manter meus olhos nos seus.

— Desculpe, estava te procurando para agradecer por ter arrumado minha roupa no closet.

— Não foi nada.

— Posso te acompanhar? — Olha para a piscina.

— Hum... pode.

Ele tira sua toalha, ficando completamente nu em minha frente. Dou um grito e tapo os olhos com as mãos.

— Meu Deus, Maycon!

— O que foi? — Ele ri.

Abro os olhos devagar e ele já está dentro da água, tento ao máximo

não olhar para baixo e ver o que eu não queria ou melhor, desejava ver.

Ele se aproxima de mim lentamente e eu não tenho para onde correr.

— Seu corpo é lindo — ele diz dando mais um passo em minha direção.

— Não é para tanto, Sr. Corppin — respondo envergonhada.

— Como não? E o biquíni ficou muito bom em você. — Ele dá mais um passo, agora ficando cara a cara comigo. Minha vontade era beijá-lo e transar com ele ali mesmo, mas não me esqueci dele e da Flávia no avião. Ele aproxima os lábios dos meus para me beijar e eu o empurro, com raiva.

— Porra, Diana. O que foi agora?

— O que foi? Agora você se faz de santo? Vou comprar óleo de peroba para passar na sua cara de pau!

— Pode me dizer o que está acontecendo?

— Você me ignorou desde o dia em que ficamos lá em casa, não falou comigo direito, no avião teve a coragem de ficar com aquela vadia da Flávia na maior cara dura e ainda vem querer me beijar? — Me seguro para não o estapear.

— MAS O QUE?! — Ele ficou abismado. — Eu não fiquei com ninguém, tá maluca? De onde você tirou isso? — Ele muda seu tom de voz.

— Ainda se faz de retardado, é mole uma coisa dessas? Vocês dois ficaram um bom tempo dentro de sei lá onde e quando ela volta, volta toda envergonhada arrumando a roupa.

— É por isso? — Ele começa a rir.

— Dá para parar? Olham não tenho nada a ver com sua vida só para de

ser cara de pau.

— Eu não fiquei com ela, boba, ficamos conversando sobre o plano de voo e como seria a volta para ela passar ao piloto. Quando ela ia saindo, tomou um tombo e ficou totalmente sem graça, saiu na mesma da hora, talvez isso te explique algo... — *Será que eu deveria acreditar nisso? Com toda certeza sou uma burra, por acreditar nessa história ou por ser verdade e eu estar dando chique sem necessidade.*

— Hum... mas, mesmo assim, não me interessa — tento argumentar.

— Está com ciúmes, Srta. Williams?

— Eu? Jamais. Ainda mais por você.

Ele põe sua mão em minha nuca e me puxa *pra* ele, nossos lábios se tocam e é como se eu estivesse com a boca em chamas. Seu gosto era tão bom que eu passaria horas ali, apenas lhe beijando. Nosso beijo foi ficando rápido e era como se precisássemos disso para viver, quando não temos mais fôlego, paramos.

— Não podemos. — Digo em um fio de voz.

— Quero entender por que sempre me diz isso, é por causa daquele merdinha? —fala relacionado ao Diego e recordo da minha mentira.

— Não fale assim dele, e por mais que não estivéssemos juntos, eu não poderia ficar com você, é errado. Nossa vida profissional não pode ser abalada por isso, temos compromissos.

— Esqueceu que o chefe sou eu?

— É justamente por isso, não é bom para sua imagem estar pegando a secretária e eu não quero ser rotulada como a puta do patrão. — Em partes, era verdade, mas eu queria também guardar o meu coração, ele podia ter todas as mulheres que quisesse, é rico e bonito, não se contentaria apenas

comigo...

Apoio meus braços na borda da piscina e levanto, saindo da água. Vou para o quarto e tomo uma ducha vaporosa, lavo os cabelos, saio do banheiro e avisto Maycon sentado na cama.

— Sabe, eu quero tentar algo contigo, não sei, nunca fiquei doido por uma mulher como estou por você, não consigo ficar longe, e eu espero que você entenda. Não sei o que está acontecendo comigo e isso está me deixando apavorado, porque eu não tenho mais poderes sobre mim mesmo, você sabe o que é isso? Passei a minha vida toda tentando não me apegar a ninguém, Diana, e você apareceu. Não nos conhecemos a muito tempo e você já mexe tanto comigo. — Ele respira fundo.

— Sabe o que é isso? Seu ego masculino ferido, mas eu entendo, sim.

— Fala sério, estou aqui falando contigo, me abrindo e você fala que é meu ego? Ok. — Ele ficou irritado. — Se arrume, sairemos em 10 minutos. — E sai do quarto.

Eu não vou cair nessa, já me machuquei muito na vida para acreditar em tudo o que me dizem. Ponho uma calça *boyfriend* de lavagem clara, com alguns rasgos; uma blusa de manga num tom laranja, mais fechada; ponho um cinto na calça, dando um charme; *scarpin* branco e bolsa combinando. Arrumo os cabelos, pego meus óculos e passo meu perfume para finalizar.

Vou para sala e ele não está, quando sento no sofá, ele sai do escritório.

— Quero que imprima os documentos de contrato do Sr. Jonas.

— Ok.

Pego meu notebook e abro o e-mail da diretoria, imprimindo duas vias do contrato. Imprimo os outros documentos necessários, ponho tudo em minha pasta e fico aguardando ele sair do quarto. Um tempo depois, ele sai, estava vestido em uma calça jeans, uma blusa social de linho e sapatos

sociais. O seu perfume exala por toda a sala, me deixando ainda mais hipnotizada com aquele homem a minha frente.

— Tudo certo? — ele pergunta e eu balanço a cabeça em confirmação.
— Vamos.



Capítulo 10

Depois da nossa reunião exaustiva Maycon não trocou uma palavra comigo. Uma moça havia me entregue um folheto na saída da reunião sobre um festival que acontecia na cidade, então peço a ele para me levar, *não ficarei presa em um apartamento, eu estou em Miami*. Chegando lá abro a porta do carro e saio sem lhe dizer nada, mas, para minha surpresa, ele também desce e me segue. Tudo o que eu quero é um sorvete e me sentar em qualquer banco dali e relaxar, e é o que faço. Peço um sorvete de menta com pedaços de chocolate e vou para um banco logo à frente, Maycon senta ao meu lado e seu silêncio começa a me incomodar.

— Vai ficar me seguindo mesmo ou o que? — Ergo uma de minhas

sobrancelhas.

— Estou apenas lhe acompanhando ou não posso? Eu sou um tolo em achar que poderíamos ao menos nos dar bem. — Ele se levanta do banco para ir embora.

— Ei, não é para tanto, senta aqui, vai. — Percebo que eu estava sendo grossa demais e eu não sou desse jeito. *Mas o que eu posso fazer se ele mexe tanto comigo?*

Ele fica um tempo parado ainda de costas para mim, depois volta e senta de novo.

— Acho que começamos de um jeito errado, só sabemos o básico sobre nós dois e o que nos limita a saber dentro da empresa. Você é o chefe e eu, sua secretária. Não ultrapassamos essa barreira para uma simples amizade. Não sei se está me entendendo. Mas a gente deu um pulo enorme para algo que nem devia ter acontecido.

— É o que você acha? Que não devia ter acontecido? Eu não quero só uma amizade com você, não suporto te ver perto daquele cara lá, mas se é assim que você quer... que sejamos amigos, por mim tudo bem. — Ele respira fundo e me fita com aqueles lindos olhos azuis. Para falar a verdade, eu não queria só uma amizade, queria muito mais que isso, porém eu não queria ser só mais uma na vida dele. Eu estou criando um sentimento por ele que, sinceramente, não sei decifrar o que é. E não estou disposta a saber, não agora.

Vejo um senhor alugando bicicletas e uma ideia me surge.

— Vamos andar de bicicleta — digo como se aquilo fosse genial.

— É sério? — Ele revira os olhos.

— Você acabou de revirar os olhos? É isso mesmo? Nasci só para ver esse momento — digo chocada e ele dá um sorriso leve. — Aí meu Deus,

ainda está envergonhado, Sr. Corppin. — Coloco as mãos sobre a boca, não acreditando.

— Não estou envergonhado e pare de me chamar assim, não estamos na empresa e muito menos em horário de trabalho.

— Então... podemos andar de bicicleta?

— *Tá, vamos.* — Ele se levanta, indo pegá-las. Vejo-o andar com maestria até o senhor, as mulheres que estavam no parque ficam olhando para ele. *Tudo um bando de sem-ter-o-que-fazer.* Maycon fala com o homem e traz nossas bicicletas.

— Pronto, satisfeita? Agora, só tenho uma dúvida, como vai pedalar de saltos? — Ele olha para os meus pés.

— Está duvidando que eu consigo pedalar de saltos? — Finjo estar magoada.

— Jamais, só não quero que se machuque.

— Que nada, eu consigo. — Sorrio.

Pego a minha bicicleta e ele encosta a sua no banco, arregaça as mangas de sua camisa até a altura do cotovelo e monta. Monto na minha e começo a pedalar, com ele logo atrás de mim, a brisa bate em meu rosto e a sensação de liberdade me atinge. Eu amava pedalar quando criança, apesar de ter demorado mais do que o normal para conseguir aprender, mas meus pais tiveram bastante paciência comigo. Eles eram um amor de pessoa, minha mãe sempre fazia cookies com leite quente nas noites frias e meu pai adorava cantar para mim quando eu tinha pesadelos.

— No que tanto está pensando? — pergunta já ao meu lado.

— Nada, apenas no quanto gosto de andar de bicicleta. — Sorrio.

— Também gosto, uma pena que não faço mais com tanta frequência.

— Então quer dizer que o tão sonhado Sr. Corppin gosta de andar de bicicleta? Será que ele é tão rápido também? — Começo a pedalar o mais rápido que consigo, passando pelas pessoas feito uma bala. Olho para trás e o vejo sorrindo, tentando me acompanhar. Estávamos parecendo duas crianças brincando de pega-pega, e eu estava amando.

— Você sabe que estou te deixando ganhar não é? — Ele grita atrás de mim.

— Duvido muito que você perderia se ganhasse algo de mim. — Sorrio não percebendo no que falei.

— É, eu vou ganhar algo em troca? — Ele grita de volta.

— É... sei lá, pode ser. — Dou de ombros.

— O que eu quiser?

— Sim, mas eu vou ganhar, então, você vai me dever. — Rindo, volto a pedalar o mais rápido que eu conseguia. — Quem chegar primeiro no banco onde estávamos sentados, ganha.

— Vou chegar primeiro.

— Veremos. — Saio em disparada, passando pelas árvores e pulando uma pequena lombada, alguns fiscais pedem para que eu pare, mas eu não ia parar mesmo. Continuo pedalando rápido, olho para trás e não consigo achar Maycon. *Chupa otário, ficou para trás.* Me viro para frente e encontro Maycon cortando caminho, passando em minha frente.

— Ei! Isso não vale!

— Quem disse que não vale?

— Eu estou dizendo.

— Já está chorando antes da hora, Srta. Williams? — Ele dá risada e some em minha frente, eu ainda precisava pedalar um pouco para chegar onde era o nosso banco, meus pés já estão doendo e talvez não tenha sido uma boa ideia ter pedalado de saltos. Desço da bicicleta e vou andando mesmo, avisto de longe Maycon sentado no banco dando risada da minha cara, quando chego perto ele para.

— Isso não valeu, seu canalha.

— Aah, mas valeu sim, e agora, eu posso te pedir qualquer coisa. — Ele me dá uma piscadela.

— Ninguém merece, viu. O que quer?

— Agora? Nada. Mas pensarei bem no que vou lhe pedir.

— Fala sério. — Reviro os olhos. Vejo um folheto em sua mão e pego. Era de um parque de diversões que estava na cidade.

— Podíamos ir... — Balanço o folheto no ar.

— Só pare de me olhar desse jeito.

— De que jeito?

— Com esses olhos pidões.

— Então vamos? — pergunto eufórica.

— Fazer o que, se você é uma criança.

— Ei, não ofende. — Bato de leve em seu braço.

— Precisamos almoçar, mocinha. Já passou da hora, vamos. — Ele entrega as bicicletas e paga pelo tempo que ficamos com elas, depois vamos

para um restaurante próximo. Pedimos bife tártaro com um arroz branco, molho e chips. Eu, particularmente, amei, apesar da carne ser crua. Depois que terminamos nossas refeições, fomos para o hotel, descansar um pouco.



Acordo e já é noite, devia ser umas 19:30, por aí, me levanto sonolenta e vou procurar por Maycon. O encontro no escritório, assinando alguns papéis.

— Você é sempre tão dedicado assim ao trabalho? Tipo, você só vive para o trabalho? Não te vejo descansar quase nunca ou com algum amigo — falo olhando para ele.

— Oi, dorminhoca. — Ele olha para mim, parando o que está fazendo e sorri, eu não conseguia me acostumar com seus sorrisos. — Preciso trabalhar, as coisas só vão acontecer se eu fizer algo, então... E eu não tenho amigos, o último me decepcionou até demais.

— Hum, entendi. — Minha curiosidade queria falar alto, mas deixo para lá, parece ser um assunto que ele não gosta de tocar.

— Está pronta para ir ao parque? — me olha com uma sobrancelha arqueada.

— Vamos mesmo!? — Quase dou um pulo.

— Sim, vá se arrumar. — Ele sorri.

— Obrigada. — Solto um beijinho para ele no ar e saio do escritório

indo para o quarto. Tomo banho e arrumo meus cabelos dentro do banheiro mesmo, faço uma maquiagem bem levinha e um batom rosa-claro. Saio e vou para o closet escolher minha roupa. Pego uma blusa branca de manga que ia até a altura do cotovelo, tinha um decote que ia até abaixo do seio com um cordão para amarrar; pego um short jeans claro e um cinto, visto tudo. Ficou simples, mas arrumado. Pego um sapatênis e ponho nos pés, que estavam superdoloridos. *Quem mandou, né?* Fico com raiva só de lembrar.

Saio do quarto e agora era a vez de Maycon se arrumar, fico na sala sentada, assistindo coisas aleatórias que passam na TV. Um programa de comédia começa e dou boas risadas com as besteiras que passavam.

— Sério que está rindo disso? — Sou pega por Maycon.

— O que? Tenho culpa se você tem mau humor? — Dou de ombros.

— *Tá*, essa você ganhou.

— Eu ganho quase sempre tudo, se você não fizesse tanta trapaça, não existiria o “quase” nessa frase.

— Você ainda está choramingando por causa disso? Supera. — Ele balança a cabeça, rindo de mim. — Você está linda — ele fala me analisando, não sei porque, mas fico com vergonha.

— Obrigada. — Sorrio amarelo, olho para suas roupas e vejo que ele também não ficava para trás. Usava uma calça jeans com um rasgo acima do joelho direito, um suéter cinza de mangas e uma blusa branca por baixo, dava para ver a barra da blusa, e, para completar, tênis branco.

— Quem diria que você era tão estiloso. Também está muito bonito.

— Obrigado, mas eu já nasci lindo. — Ele dá uma piscadela.

— Lindo e convencido. Anda logo, quero ir ao parque. — Levanto do sofá e sigo para fora, entrando no elevador. Chegando lá em baixo, Maycon

pega o carro e vamos o caminho inteiro ouvindo músicas eletrônicas. Está legal esse clima entre nós dois, sem ninguém por perto, só ele e eu. Apesar de tudo, dava para ver que ele era uma ótima pessoa e pode até ser divertido, quando quer. Um tempinho depois, chegamos ao parque, meus olhos brilham por estar naquele lugar que me fazia ter lembranças distantes. Maycon vai até a cabine de passe e enche o cartão.

— Em qual quer ir primeiro? — Ele pergunta.

— Montanha-russa.

— Vai vomitar em mim, não né?

— Não prometo nada — digo, rindo. Vamos para a fila e eu já estava ansiosa para sentir a adrenalina de que todos falam. Nossa vez chega e sentamos lado a lado no carrinho. Depois que as pessoas se acomodaram o brinquedo começa a andar nos trilhos, ele sobe e quando chega no alto despenca com velocidade. Grito junto com as outras pessoas e agarro o braço de Maycon, que está rindo feito uma criança. A pior parte chega, o loop, depois de descer, o carro passa com tudo por ele, nos deixando de cabeça para baixo, nos fazendo gritar ainda mais e, em alguns segundos, o brinquedo para. Era bastante rápido, porém divertido.

— Que loucura!

— Com toda certeza. Qual o próximo? — pergunta. — Que tal irmos naquele? — Ele aponta para um mal-assombrado.

— Morro de medo. — Começo a roer minha unha.

— Então é nele que vamos — diz, malicioso, me puxando para a fila.

Esperamos nossa vez e sentamos nos nossos lugares, lado a lado. O brinquedo começa a entrar naquela escuridão e o medo me consome, me aperto nele com receio dos sustos que eu iria tomar. Uma criatura vestida de palhaço aparece em nossa frente e eu grito de medo, isso não estava nada

legal. Logo em seguida, aparece o Jason, segurando sua serra elétrica, me levando a loucura. Depois de tantos sustos e aperto em Maycon, acaba, e saio dali praticamente correndo.

— Nunca mais eu quero entrar ali!

— Nem dá tanto medo assim — ele tira sarro da minha cara.

Fomos na xícara maluca e me arrependo por ter ido, fiquei mais tonta que barata quando sai de lá. Fomos a casa dos espelhos e achei bastante bizarro e engraçado me ver de diversas formas, Maycon e eu demos bastante risada. Fomos em um de realidade virtual, boliche, carrinho de bate-bate e, por fim, estávamos indo no tiro ao alvo. Maycon não erra um tiro, acumulando vários pontos. O homem teve que intervir e dizer que precisava fechar a barraca mais cedo, senão, ele teria levado tudo dali. Sua pontuação foi muito alta, mas ele achou que apenas um objeto já seria o suficiente.

— Toma, para você. — Ele põe em meus braços um grande urso de pelúcia.

— Para mim? Que lindo. — Digo apertando-o, sentindo a maciez do urso. Ele era quase do meu tamanho, de tão grande.

— Será para quando você estiver irritada comigo, olhar para esse urso e lembrar desse dia maravilhoso que estamos tendo juntos. — Ele dá um sorriso singelo.

— Obrigada. — Sorrio de volta. — Que tal, para finalizar, irmos na roda gigante?

— Por mim, tudo bem. — Ele pega meu urso e segura.

Não tinha ninguém na fila, o que facilitava a nossa entrada. Sento-me em uma cabine e Maycon a minha frente, aos poucos a roda começa a girar, nos deixando parados no alto. Dava para ver boa parte da cidade e uma grande vista da praia.

— Aqui é tão lindo, é ótimo sentir essa paz. — Respiro fundo olhando as luzes que enfeitavam a cidade.

— Nunca me diverti tanto como hoje. — Ele olha para mim e sorri.

— Sabe que nem eu? Hoje é a segunda vez que venho ao parque em toda minha vida, a primeira vez foi antes dos meus pais morrerem — digo me lembrando daquele dia incrível em que brincamos muito.

— Porque não me disse antes? — Ele me fita.

— Não achei necessário. — Dou de ombros. Ele apenas fica em silêncio, olhando para mim. — O que foi? — Fico envergonhada.

— Nada, estava apenas observando o quanto você é linda.

— É... obrigada. — Sorrio sem graça.

— Eu quero te mostrar que eu não sou essa pessoa arrogante e pegadora que você criou na sua cabeça. Isso é só uma forma que eu tenho de me afastar de pessoas como você.

— Como eu? — Cruzo os braços, fitando-o.

— Sim, iguais a você. Doce, encantadora, sexy e além de tudo, amável. Sabe... você às vezes pode ser bem chata, mas temos que admitir que eu colaboro bastante para que isso aconteça. — Ele dá risada e eu também.

— Você ama me irritar, já percebi. — Reviro os olhos.

— Jamais. — Ele pisca o olho para mim. Ele apoia seus cotovelos no joelho e pega em minhas mãos e, com um toque suave, acaricia-a. — Eu quero muito te beijar agora... — Ele me olha. Era difícil dizer o que eu sentia naquele momento com aqueles olhos azuis em cima de mim. Às vezes eu descreditava que um homem tão...lindo e charmoso como ele estava me dando tanta bola... não que Diego não fosse tudo isso, mas era diferente. Eu

tinha uma atração sexual com ele incrível mesmo sem nunca termos nada, basta um toque ou uma palavra e eu já estava ardendo em fogo.

— E por que não beija? — sussurro. *Quem eu quero enganar? Queria aquilo a muito tempo. E quem nunca sonhou em ser beijada numa roda gigante?*

Ele passa seus longos dedos por meu rosto, acariciando, põe uma mecha de meu cabelo para trás da orelha e se aproxima de mim... Era como se nos beijássemos pela primeira vez, mas agora, parecia mais certo o que estávamos fazendo. Seus lábios tocam os meus em um beijo calmo e envolvente, sua língua pede passagem em minha boca e eu dou. Ele dá uma mordida leve em meus lábios, me fazendo gemer baixinho. Nossos lábios se mexem em total sincronia, chupo seu lábio inferior e mordo. Sinto sua carícia em meus cabelos, me prendendo ainda mais a ele. Quando precisamos de ar, paramos o beijo, sua testa encostada na minha e a nossas respirações descompassadas denunciava o que havíamos acabado de fazer, mas, naquele momento, eu não me importava nem um pouco. A roda gigante volta a rodar, nos fazendo estalar com a realidade. Me afasto dele sem saber o que falar ou fazer, o brinquedo para no chão e saímos sem dizer nada. Vejo uma cartomante sentada em uma mesa e uma certa curiosidade me atinge.

— Vamos? — Aponto para a mulher sentada.

— Não acredito nessas coisas.

— Eu também não, mas vamos lá. — Puxo ele pelo braço até chegarmos perto.

— Olá, boa noite. — Ela sorri simpática. — O que deseja? Quer que eu leia a sua mão? Tudo bem, sente-se. Qual o seu nome?

— Diana.

— Tudo bem, Diana, deixe-me ver sua mão direita. — Ponho minha mão na dela e ela a toca olhando em meus olhos, depois analisa minha mão.

— A linha do coração diz muita coisa, você vai amar muito uma pessoa e por mais que sua boca negue, seu coração vai falar ainda mais alto. Não vai adiantar você correr, o destino já está traçado — ela fala com uma convicção incrível, fico um pouco assustada.

— Na sua linha do destino eu vejo coisas boas e coisas ruins, ambas por conta desse amor, mas, no final, sua recompensa será grande, menina. O destino de vocês é ficar juntos, vocês dois são almas passadas que se reencontraram nesta vida. Por isso, será inexplicável o quão rápido se apaixonará.

— É... já chega. Obrigada. — Puxo minha mão da dela, apavorada. — Quanto que foi?

— Eu não cobro nada. — Ela sorri. — Tome cuidado com suas decisões. — diz enquanto arrasto Maycon dali.

— Que velha doida — digo já bem longe dela.

— Eu te disse, não acredito nessas coisas.

— É...

— Vamos comer, você escolhe.



Chego no apartamento exausta e com os pés doendo, pego meu urso e vou para o quarto, deixando-o em uma poltrona. Tomo um banho demorado e relaxante, volto ao quarto e ponho um baby-doll de seda com renda rosa-

claro. Faço um coque no cabelo e me sento na cama. Meu pé realmente está me matando, vejo que está um pouco vermelho, ponho sobre minha outra perna e aperto devagar.

— Está doendo? — ele pergunta chegando ao quarto.

— Sim, acho que não foi uma boa ideia pedalar de salto.

— Você admitindo que está errada? Está aí uma ótima revolução.

— Não estou dizendo que estou errada, apenas que não foi uma boa ideia.

— Ok, então, venha, me dê seus pés. — Por alguns instantes, fico receosa, mas me acomodo na cama e ponho meus pés em seu colo. Ele pega meu pé e dá leves pressionadas nos lugares certos, me fazendo relaxar.

— No que você não é bom, hein? — pergunto de olhos fechados.

— Está aí uma coisa que não sei responder. — Ele aperta mais meu pé, estalando. Se ele não fosse bom no ramo de marketing, com toda certeza iria ganhar bastante dinheiro sendo massagista, ia ter fila de mulheres.

— Pronto, mocinha, vou tomar um banho. — Ele põe meus pés na cama e se levanta, indo para o banheiro.

— Obrigada. — Sorrio.

Quando estou perto de pegar no sono, Maycon sai do banheiro vestido em apenas uma calça moletom, sua barriga estava exposta, me dando uma grande visão. O caminho para o lugar tão desejado era bem marcado, me deixando com uma certa vontade de ver o que aquela calça tanto escondia. Ele sai do quarto e, alguns segundos depois, volta, apaga o abajur do seu criado e se deita ao meu lado. *Achei que ele dormiria no sofá, ou no chão...* Ele se estica por cima de mim para desligar meu abajur e percebe que eu ainda estou acordada e desiste.

— Ainda acordada? — Ele sorri.

— Sim. — Sorrio amarelo.

— Se incomoda se eu dormir aqui, com você? É que não quero dormir no sofá.

— Tudo bem.

— Eu posso usar o meu pedido agora? — Ele me fita na penumbra.

— Achei que já tivesse feito na roda gigante. — Fico com medo do que ele me pediria.

— Não, apenas pedi permissão, já que dá outra vez, levei um tapa na cara. — Ele sorri e eu dou risada.

— Entendi, ok. Diga...

— Faça amor comigo. — Eu quase me engasgo.

— Por quê? — pergunto com medo de sua resposta.

— Porque essa é a minha maior vontade no momento, te sentir. — Sua voz sai mais rouca que o normal. — Só diz que sim, e o restante deixa comigo. — Ele tem os olhos suplicantes. Fico em silêncio por um tempo, apenas fitando seus olhos claros.

— Sim... — digo num sussurro. Ele me dá um sorriso lindo e se aproxima de mim. Sua mão aperta minha cintura de leve, me puxando para perto de si. Ele acaricia minhas costas, descendo e subindo sua mão pela lateral do meu corpo. Beija meu pescoço e faz uma trilha até o lóbulo da minha orelha, onde morde, fazendo todo o meu corpo se arrepiar. Ele chega em meus lábios e me beija, nosso beijo foi calmo, nossas línguas dançavam dentro da boca, hora ou outra dava uma mordida de leve em seu lábio inferior e depois chupava bem devagar. Eu já estava inteiramente molhada, não podia

negar. Maycon desce suas mãos para dentro de minha calcinha e começa a movimentar o meu clitóris, me contorço um pouco e gemo baixinho em seus lábios.

— Você já está tão pronta... — diz com a voz ainda rouca.

Ele me penetra com um dedo, fazendo-me arquear as costas. Com sua outra mão ele tira minha blusa e eu o ajudo. Meus seios agora estão livres aos seus olhos, ele abocanha um e chupa com maestria enquanto movimenta seu dedo em mim, dá uma leve mordiscada em meu seio e depois chupa, puxando algumas vezes.

A todo momento nossos olhos estavam conectados, eu sentia o desejo que ele tem por mim e, no fundo, algo a mais que eu não conseguia decifrar. *Poderia ser amor, mas acho que essa não é a praia dele, ou será que eu é quem estava apaixonada?*

Ele volta e me beija com o ritmo ainda calmo, e depois aumenta, me deita de barriga para cima e então se posiciona no meio de minhas pernas. Faz uma trilha de beijos em meu pescoço, passa pelos meus seios e barriga, descendo mais um pouco e beija minhas coxas, bem próximo de onde eu queria sua boca.

Ele se livra do meu short, agora me deixando completamente nua. Me olha maliciosamente e sorri. Sinto sua respiração quente próxima da minha feminilidade e gemo por antecipação. Ele passa sua língua em mim e dá uma mordiscada de leve em meu clitóris, fazendo todo o meu corpo tremer. Desce e me penetra com sua língua, meu gemido sai mais alto que o normal, seguro em seus cabelos, apertando-os, e sua língua para e começa a fazer círculos sobre ele.

Já estou prestes a gozar, suas mãos sobem para meus seios e os acariciam, massageando e depois apertando. Sua língua fazia um vai e vem firme e delicioso, me deixando louca de prazer. Ele é tão intenso, o que fazíamos é intenso... era palpável o nosso tesão. Foi o meu fim, quando ele massageou o meu clitóris, gozo em sua boca e a sensação é ótima, pois ele

ainda continuava a me chupar, até que os meus espasmos acabassem. Ele saboreia meu líquido e sorri como um menino travesso.

Maycon se livra de suas calças, me dando uma bela vista de todo o seu corpo. Ele era grande e tinha os músculos certos, nada muito exagerado. Seu membro está rígido dentro de sua boxer, o que me deixava ainda mais ansiosa. Ele tira sua cueca, deixando livre seu membro, era de dar água na boca, supera todas as minhas expectativas. Estava me sentindo como se eu fosse perder a minha virgindade mais uma vez, ele deixa o seu corpo sobre o meu e acaricia meus cabelos, se posiciona em minha entrada e me penetra fechando os olhos e mordendo os lábios bem devagar.

— Tão quente e apertada, do jeito que eu imaginei — sussurra em meu ouvido.

Ele começa a se movimentar, não era rápido, nem devagar, estava em um ritmo torturante e gostoso. Ele me preenchia por completo. Se inclina e me dá um longo beijo, depois chupa meu pescoço.

— Você é linda, gostosa.... Vai ser minha perdição, Diana. Eu não quero transar com você só hoje, quero transar com você sempre. Seja minha? Inteiramente minha? — Não consigo processar as coisas muito bem e nem muito menos saber o que realmente ele estava falando, mas simplesmente concordei.

Enquanto ele me penetra, faz movimentos circulares em meu clitóris, aumentando mais o ritmo. Chego ao meu ápice, gozando novamente, Maycon sai de dentro de mim rapidamente e goza. Ele descansa seu corpo no meu enquanto nossas respirações voltam ao normal, então se levanta e vai ao banheiro. Depois de um tempinho volta, me pega no colo e carrega até banheiro, vejo a banheira cheia, ele se aproxima dela e me coloca cuidadosamente. O aroma está incrível, ele senta-se atrás de mim e começa a me dar banho. Passa a mão em meus ombros, me lavando com cuidado, lava meus seios, barriga e minhas partes. Estou um pouco dolorida, mas ele parece saber disso, pois passa a mão bem devagar e, por fim, lava os meus cabelos cuidadosamente. Não conhecia esse lado de Maycon Corppin!

Em seguida, se levanta e apanha duas toalhas, põe uma em meus cabelos e com outra me enrola, me dá um beijo na testa e me tira da banheira, me colocando no chão. Dou um sorriso de canto e caminho até o quarto. Ponho uma camisola de seda preta com renda, uma calcinha e me deito, pegando no sono.



Acordo e Maycon está todo enroscado em mim. Me desvencilho dele e percebo que seu membro está bem duro, passo as mãos devagar sobre o lençol e então tiro, ele está nu, o que facilita ainda mais. Desço e o ponho na boca, dando suaves chupadas. Lambo a cabeça e chupo a glândula, passo a língua na ponta formando círculos e então, ponho todo na boca novamente. Olho para Maycon, que já está totalmente acordado me olhando, seus olhos estão queimando em fogo, seus lábios estão entreabertos, sua língua passa suavemente nos lábios deixando-o ainda mais sexy. Sinto suas mãos na minha cabeça, segurando meus cabelos, continuo descendo e subindo minha boca em seu pau e o ouço gemer baixinho. Ele está com a boca aberta e com a cabeça jogada para trás, chupo seu pau com força e ele já está perto de gozar. Afundo ainda mais o membro dele em minha boca, subo e passo a língua por toda a extremidade, o envolvo novamente, mas agora com minha mão, fazendo movimentos de vai e vem enquanto chupo e ele goza. Engulo toda a porra, vitoriosa por ter feito ele gozar.

— Se você continuar desse jeito, vou me acostumar mal e vou querer todos os dias de manhã um oral seu. — Ele sorri, me jogando na cama. — Agora chegou a minha vez, Srta. Williams.

Ele levanta minha camisola, olhando atento minha calcinha, tira-a

lentamente, fazendo questão de roçar seus dedos em minha pele, meu corpo inteiro se arrepia. Ele deixa minha calcinha de lado e beija minha feminilidade, passa a língua por toda a minha extensão, depois para no meu clitóris fazendo movimentos de cima para baixo. Sua língua me penetra e então sobe de volta para o clitóris. Foi assim por alguns segundos, até me penetrar com um dedo, e mais outro. Já estava perto de gozar quando ele me penetra com seu pênis. Arfo, jogando a cabeça para trás, éramos uma junção perfeita. Ele aperta os meus seios e logo em seguida os chupa, não aguento a pressão e gozo, não demora muito e ele também me acompanha, saindo de dentro de mim jogando seu líquido quente sobre minha barriga.

— Você toma algum anticoncepcional? — Fala com a respiração descompassada.

— Uso sim. — Sorrio de lado.

— Porra Diana, e por que não me falou antes?

— Porque você não me perguntou. — Rio ainda mais.

— Tudo bem, tudo bem. Mas deveria ao menos ter me avisado, mocinha. — Ele me dá um beijo rápido. — Vamos tomar um banho? Daqui a pouco, teremos uma reunião.



Capítulo 11

Tivemos uma reunião longa e chata, Sr. Jarbas era bastante exigente e isso requereu horas de nosso dia, sem falar das visitas que tivemos que fazer nas filiais.

— Para onde vamos agora? — pergunto.

— No hotel, trocar de roupa e depois vamos comer.

— Certo.

Fomos para o hotel, chegando lá fizemos como dito, troquei para uma roupa menos formal, coloquei um biquíni e um vestidinho solto, azul-marinho com estampa de folhagem. O tempo estava maravilhoso. Descemos

para o restaurante do hotel, era deslumbrante, tudo muito bem decorado e bonito. Eu amava observar os mínimos detalhes, o tom dourado que tinha na maioria das coisas naquele hotel era incrível. Me esbarro em alguém e caio de bunda no chão.

— Ei! Não olha por onde anda não, é? — Ouço a voz de um homem, mas eu conheço aquela voz.

— Diego? — Viro para olhar e era ele.

— Meu Deus, Diana, desastrada como sempre, hein!? — Ele me ajuda a levantar.

— Me desculpe — digo sorrindo. Olho para os lados e não encontro Maycon, devo ter me perdido dele, o restaurante está super cheio. — O que faz aqui?

— Vim a trabalho, precisei vir a uma conferência de última hora.

— Está hospedado aqui? — pergunto.

— Não, a conferência foi no salão daqui. Não está a trabalho? — Ele olha para minhas roupas.

— É... sim. Mas agora vou dar uma saidinha.

— Já era de se imaginar, você está linda como sempre. — Ele acaricia o meu rosto e se aproxima de mim para me beijar, mas me desvencilho dele.

— Atrapalho? — Ouço a voz de Maycon logo atrás de mim, o olhar e ele parecia estar irritado.

— Oh, não. — Fico sem jeito.

Diego estende a mão a Maycon, que demora um pouco para aceitá-la.

— Iaê, cara, cuidando bem da minha garota? — Diego pergunta passando a mão em meu ombro.

— Claro, bem até demais. — Ele olha para mim e sorri.

— Hum, vou me juntar aos meus acionistas, nos vemos depois. — Ele me dá um beijo rápido e acena para Maycon, que está furioso.

— Eu não vou suportar ficar te vendo com ele! Eu quero você só para mim, Diana, gosto de exclusividade.

— E o que eu ganho sendo exclusivamente sua? — Arqueio uma sobrancelha.

— Minha atenção, meu carinho. Não basta?

— Não adianta ter tudo isso e não ter sua fidelidade — digo, ficando brava. Só que eu também não estava bem nessa situação, pois eu tinha um suposto namoro com Diego, o que já estava passando dos limites.

— Então largue aquele merda e fique comigo!

— Não é assim tão fácil. — Engulo em seco.

— Não? A única pessoa em que nascemos presos é a nossa figura materna, e nem por isso ficamos juntos a ela a vida inteira. O que te impede?

— Não sei se devo confiar em você — digo, sendo sincera.

— Tudo o que te mostrei até agora foram minhas piores partes, você ainda não viu meu melhor lado e as tantas qualidades que tenho.

— É exatamente por isso e só para não deixar passar, você é bastante convencido. — No fim, ele dá risada.

Vamos para uma mesa e me sento, nosso almoço foi extremamente

estranho. O clima estava diferente entre nós dois.

— Vamos, quero te levar em um lugar. — Ele sorri, essas mudanças de humor dele eram terríveis, mas relevei. Entrei no carro que Maycon havia alugado e pegamos a estrada. Após alguns minutos, chegamos a um porto. Ele estaciona e desce, vem ao meu lado e abre a porta. O lugar é cheio de barcos, e iates, todos maravilhosos, ele vai até um senhor que parecia estar nos esperando.

— Prazer, Maycon Corppin. — Ele estende a mão.

— Olá, Sr. Corppin, Elton Diniz. — Ele pega em sua mão — Aqui estão as chaves, bom passeio.

— Obrigado, tenha um bom dia. — Ele se mostrou muito simpático.

Vamos em direção a um dos iates, Maycon me ajuda a subir, pois era um pouco alto. Entro nele e era ainda melhor que lá de fora, tinha uma sala com bancos de couro do lado direito, e do lado esquerdo, uma mesa de madeira acoplada; mais na frente, uma cozinha. Descendo a pequena escada tem um quarto com uma enorme cama, banheiro e mais outros dois dormitórios, e a sala de controle, que era na parte de cima do iate. Volto ao deck e Maycon já está lá, ligando e mexendo em alguns botões e na chave de comando, dando a partida. O iate corta as águas com uma rapidez incrível. Tiro meu vestido e me sento na frente, estava com um maiô bem sexy, cor vinho, cheio de cordinhas em volta do corpo.

Olho para trás e Maycon estava babando vindo em minha direção.

— Você está linda. Posso te confessar algo?

— Deve...

— Me dá vontade de te foder inteira sem parar. — Fico totalmente vermelha com seu comentário. Ele me faz girar para ver a parte de trás do maiô. Sinto sua mão estralar na minha bunda.

— Aí, Maycon!

— Você está deliciosa. — Ele me puxa para um beijo quente e rápido, paramos para buscar ar e logo voltamos a nos pegar. Ele apalpa os meus seios, apertando levemente.

— Maycon, não podemos fazer isso aqui...

— Podemos sim, não tem ninguém olhando e nem por perto.

O iate seguia seu rumo no modo automático, não havia ninguém por perto, mas meu medo era maior, e a excitação ainda mais, por talvez sermos pegos por alguém. *Mas seria uma ótima aventura a se fazer.* Nosso beijo foi ficando cada vez mais intenso, Maycon desce sua mão para minha feminilidade, acariciando meu clitóris, ele sabia onde me dar prazer. Movimentava meu clitóris de um lado para o outro e, sem avisos prévios, me enterrou um dedo. Eu já estava pronta para ele a muito tempo.

— Humm, assim que gosto. — Ele geme em meu ouvido, me deita no sofá e faz o mesmo ao meu lado, ficando de conchinha. Levanta uma das minhas pernas e afasta um pouco para o lado a calcinha do maiô, e me penetra com força, fazendo-me arquear para trás. Ele começa a dar suas investidas em mim, eu rebolo em seu pau e o ouço gemer em meu ouvido, o ar quente de sua boca me fazia tremer de tesão. Lembro-me de algo que a Ju me falou e decido pôr em prática. Respiro fundo e aperto o pau dele com minha vagina o mais forte que consigo.

— Oh, Deus, Diana, você é uma mulher maravilhosa, rebola para mim, porra! — fala entre dentes. Rebolo no pau dele ainda apertando-o. Já estava no meu ápice quando ele me investe com força, me causando fortes espasmos. Gozo intensamente, levando-o comigo. Ficamos alguns segundos tentando nos recompor, e depois nos levantamos. Vou ao banheiro fazer minha higiene e voltei.

— Já estamos chegando. — Ele avisa.

— Para onde estamos indo?

— Surpresa.

Depois de uns 20 minutos, chegamos a uma pequena ilha com uma bela casa de praia.

Ele desce e me ajuda, vou caminhando deslumbrada com o lugar. Já era finalzinho de tarde e o sol já estava se pondo, o que deixa o local ainda mais bonito. Maycon se aproxima de mim com uma venda de pano em mãos.

— Ah, não, odeio ser vendada!

— Por que não? Garanto que te faço mudar de ideia. — Ele me olha com malícia.

Depois de muita relutância, o deixo me vendar. Ele me ajuda a andar, subo alguns degraus e então ele me para.

— Está pronta?

— Humrum.

— Está mesmo?

— Maycooon, tira logo!

Ele tira a venda do meu rosto e tento me ajustar com a claridade novamente. Já com a visão recuperada, ficando deslumbrada com o que vejo, olho para ele e seu sorriso é todo bobo.

— Vai. — Ele estende sua mão para frente, me apoiando a continuar andando.

No chão havia várias pétalas vermelhas e brancas, além de velas nas laterais, formando um caminho. Sigo as pétalas, vendo ao longe o que mais

me emocionou, tinha uma tenda toda arrumada para um jantar romântico. Um barulho no alto chama a minha atenção, olho para o céu e passa um pequeno avião, com uma faixa enorme escrito " *Diana, quer ser meu sol?* ". Me viro para Maycon, que já está ajoelhado com uma pequena caixinha na mão, aberta, dentro havia um anel lindo, de pedra única.

— Diana Williams, seja minha? Namora comigo? — pede e eu não sei o que dizer. *Com toda certeza, ele é doido, não tem o menor fundamento estarmos juntos.*

— Eu sei que mal nos conhecemos, que nem é tão a fundo assim, só que eu sinto como se estivéssemos juntos a tanto tempo, que te conheço tão bem, até mais que a mim. Não consigo comer, dormir, nem trabalhar direito quando estou longe de você. Te desejei desde o primeiro dia em que te vi, seu sorriso me encantou, tirou meu chão, você não sabe o quanto a quero. Eu só quero uma chance, eu quero entender o que está se passando dentro de mim. — Eu posso ver paixão em seus olhos enquanto falava, meus olhos começam a marejar. *Será que ele era a pessoa de quem a cartomante estava falando?* Não que eu acreditasse, mas muita coisa faria sentido agora.

— Eu não sei se esse é o momento, Maycon. — Suspiro, confusa.

— Só diga sim, faremos dar certo — ele sussurra como se fosse uma súplica, mas continuo calada. — Ok, iremos jantar e fazer toda a programação como eu havia preparado para este momento, e no final, você me dá uma resposta, entenderei se for não. — Ele sorri de lado e se levanta.

— Obrigada — sussurro de volta.

Caminhamos até a tenda, e ao longe vejo um rapaz cantando uma música que eu conhecia muito bem: *Brian McKnight, Back at one.*

— Dança comigo? — Ele me estende sua mão, fico um pouco relutante, mas, por fim, aceito. Ele junta nossos corpos e aos poucos começamos a nos balançar, de um lado para o outro. Ponho minha cabeça sobre o seu peito e me embalo no ritmo da música. Ele levanta minha cabeça

e canta baixinho para mim.

— *É inegável que nós devemos ficar juntos, é inacreditável como eu dizia que jamais me apaixonaria* — ele canta olhando em meus olhos e sorri timidamente. Encosto minha cabeça em seu peito novamente e continuamos dançando.

— *Um: você é como um sonho verdadeiro*

Dois: só quero estar com você

Três: pois é evidente que você é a única para mim

Quatro: repita os passos de um a três

Cinco: e você se apaixonará por mim,

Se eu achar que meu trabalho acabou, voltarei para o primeiro passo. — Ele canta em meu ouvido, acariciando os meus cabelos. Poderíamos ficar assim para sempre que não me incomodaria, ele se afasta de mim e me rodopia, trazendo-me de volta a si.

— *Você chegou e trouxe uma vida nova para este coração solitário, você me salvou bem na hora exata.* — ele cantarola mais um pouquinho pra mim. — Di? — Ele me olha.

— Oi?

— Sabe... mesmo que você diga não, eu não vou desistir, tentarei de todas as formas até eu ter um sim seu, eu não desistirei tão fácil.

Meu coração se aperta com suas palavras, nunca imaginei que, debaixo daquela arrogância e frieza toda, tinha um homem de coração bom e romântico. A música acaba e voltamos para a mesa, ele puxa a cadeira para eu sentar e vai para seu lado. Um garçom vem e nos serve vinho.

— Está com fome?

— Um pouco — digo, envergonhada.

Ele faz um aceno para o garçom que entra e desaparece por uma porta lateral da casa. Ficamos ali, olhando o sol terminar de se pôr, até que as nossas comidas chegam, o cheiro está delicioso. Era *bife bourguignon* com *tagliatelle*, e de sobremesa, *petit gâteau*. Tudo estava perfeito, terminamos de comer e conversamos muito sobre tudo.

— Venha, quero te mostrar algo. — Ele pega em minhas mãos e me puxa, saindo do lugar onde estávamos. Subimos uma escadaria que tinha por entre algumas árvores, não demorou muito para que estivéssemos no topo dela. Andamos mais um pouco e consigo ouvir barulho de água caindo, quando chego mais perto, tenho o vislumbre de uma cachoeira incrível, de cair o queixo. As águas eram de um azul-claro, parecia um espelho, pois refletia todo o céu nele.

— Que lindo. — Olho tudo com os olhos brilhando.

— Eu amo vir aqui quando estou na cidade.

— Entendo o porquê. — Sorrio.

— Melhor ainda é a paisagem que se tem do outro lado. — Ele se senta à beira da cachoeira.

— E qual é a vista? — Curiosa, me sento ao seu lado.

— Dá para ver boa parte do mar daqui de cima. — Ele sorri e eu o acompanho. — Quer ver?

— Claro, achei que não fosse me convidar. — Reviro os olhos.

— É para já, senhorita. — Ele me dá uma piscadela. Ele levanta e me ajuda a levantar, caminho com ele por uma pequena trilha até chegar ao lugar

do qual ele falava.

— Uau. Eu só precisaria de uma casa bem aqui. — Aponto para o chão.
— Ver essa vista todos os dias deve ser incrível e renovador.

— Aqui é onde encontro e já encontrei bastante paz. Gosto bastante da natureza. Quando eu estou aqui — ele aponta para as coisas ao nosso redor — é como se eu pudesse voltar a minha origem. Me vejo um menino amado pela mãe e pelo pai, sendo feliz, sem problemas, sem preocupações, sem toda essa merda da vida adulta. — Ele respira fundo.

— É por isso que você precisa relaxar mais, deixar o trabalho de lado as vezes, e permitir que as coisas fluam. Você exige demais de si mesmo.

— A minha vida é desse jeito, o que posso fazer? — Ele dá de ombros.

— Você pode mudar isso. — Sorrio.

— É, quem sabe. Venha, vamos tomar um banho na cachoeira. — Ele me estende sua mão e eu a seguro. Era estranho, mas interessante a nossa aproximação e eu gostava disso. Gostava da sensação que ele me causava.

Ele caminha à minha frente, tira a sua camisa e logo depois sua bermuda, ficando em minha frente de sunga boxer branca. Analiso tudo descaradamente, vendo o seu corpo definido, seus cabelos loiros e os olhos azuis tinham um grande destaque. Ele era realmente lindo e ele usava e abusava por saber disso.

— Não vem? — Ele arqueia uma sobrancelha, sorrindo de lado.

— Ah, claro. — Acordo do meu devaneio e tiro o meu vestido, deixando junto às roupas dele no chão. Ele dá a mão para me ajudar a descer, a água estava gelada e me fez soltar um gemido baixo. Entramos na água até ela bater em nossas cinturas, Maycon dá um mergulho e eu fiquei ali, parada, sem saber muito o que fazer, mas decidi nadar um pouco também. Mergulho na água gelada sem me importar tanto. Quando emergo, Maycon está me

observando, passando as mãos nos cabelos arrumando-os para trás.

— O que foi? — pergunto corando.

— Nada, estou apenas observando o quanto você é linda — diz meio desconsertado.

— Obrigada, eu acho...

— Hey, tem uma coisa em sua cabeça.

— O que? — Começo a mexer nos meus cabelos ficando apavorada.

— Calma, deixa eu tirar. Não é nada demais. — Ele se aproxima e tira dos meus cabelos uma pequena flor. — É apenas isso. — Ele sorri e abre minha mão, colocando-a em minha palma.

Ele tira uma mecha do meu cabelo que estava no rosto e põe atrás da minha orelha, acariciando minha bochecha com seu polegar.

— Se eu te disser que gosto de você, sabe... de verdade, você acredita em mim? Porque, sinceramente... eu gosto. — Ele dá uma pausa e respira fundo. — Tem algo em você que me atrai de um jeito impressionante. E eu preciso entender os meus sentimentos, Diana, preciso que você me ajude com isso — fala em uma súplica.

Seguro sua mão que estava em meu rosto, sentindo ele se aproximar de mim, colando sua testa na minha. Ouço seu suspiro alto e ele fecha seus olhos. Inclino meu queixo para frente em um ato repentino, tocando os meus lábios nos seus. Todas as vezes em que fazíamos isso era como se fosse a primeira, seus lábios macios se movem junto com os meus em uma sincronia perfeita. Meu coração estava acelerado e algo em meu ventre se revira, era como se tivesse borboletas. Suspiro baixo, aproveitando o momento enquanto sua língua brincava com a minha. Quando o ar falta, nos separamos, ele acaricia meus cabelos e beija a minha testa. Neste exato momento eu estava conhecendo um Maycon diferente, carinhoso, atencioso. Caía a máscara que

sempre colocava quando estávamos na empresa.

— Tem algo para nós ali. — Ele apontou para uma árvore e vejo perto dela uma cesta. Concordo com um menear de cabeça e saímos com cuidado da cachoeira. Ele abre a cesta, tirando uma toalha para forrar a grama verde. Ele tira uma garrafa de vinho e duas taças. Me acomodo sobre o forro e pego a taça que ele me oferecia, já cheia. Ele senta-se ao meu lado e sorri.

— Você pensou em tudo, não é? — Me sentia um pouco culpada por não ter lhe dando uma resposta ainda.

— É o que parece. — Ele dá de ombros, não admitindo.

— Marrento. — Reviro os olhos. — Por que não deixa as pessoas conhecerem esse seu lado... amoroso? Você é bem melhor assim.

— Porque já confiei muito nas pessoas e tudo o que ganhei foram mentiras, falsidades, pessoas que se diziam serem meus amigos e foram os primeiros a me trair. Fui apunhalado pelas costas por mostrar o meu lado bom, então prefiro que eles pensem que eu não presto ou que sou um cafajeste. — Vejo seus olhos azuis perdidos enquanto falava, não deve ter sido fácil.

— Entendo. — Bebo um gole do meu vinho.

Maycon se acomoda, deitando, deixando sua taça de lado e apoiando os braços debaixo da cabeça, apenas olhando para o céu. Faço o mesmo ao seu lado, olhando para a árvore com as pequenas flores, como a que Maycon achou no meu cabelo. Depois, olhei para o céu, que lembrava tanto os olhos dele.

— Azul, com toda certeza, é minha cor preferida — digo sem pensar muito.

— Por quê ? — Ele me olha de relance.

— É a cor dos seus olhos, gosto deles. — Dou um pequeno sorriso e volto a olhar para o céu.

— Seus olhos também são lindos. — Ele me olha com certa intensidade. Sorrio de lado. *Ele parecia estar sendo sincero.* Volto minha atenção ao céu cheio de nuvens e me perco nele.

— Você vê? — Aponto para uma nuvem.

— Um cachorro saltando — falamos em uníssono.

— Pensei que eu estava louca, mas pelo visto, não estou só. — Caio na gargalhada. Ele me olha por um tempo e depois ri.

— Deita aqui. — Ele estica seu braço, me aproximo e deito no seu ombro, inalando seu perfume, que ainda era tão presente. Eu não reclamaria se tivesse que passar todos os dias da minha vida com ele, seria proveitoso e bastante interessante. Também quero descobrir o que está acontecendo comigo, apesar de ser um sentimento repentino, creio que ambos estamos sofrendo deste mal. Suspiro baixo, começando a pegar no sono, quando estou prestes a dormir apenas sussurro:

— Sim... — E então apago.

Acordo um pouco assustada e tentando assimilar onde eu estava. Olho atenta o lugar, estava em um quarto de paredes cor creme, com um pequeno sofá ao lado, uma TV a minha frente, na parede. A cama era um tanto grande demais. Olho o relógio no móvel de cabeceira e marcavam 19:24, um buquê de rosas estava ao lado, o que me fez sorrir. Pego-as e cheiro, e coloco-as de volta no lugar. Me levanto e procuro Maycon pelo cômodo, mas não o encontro. Olho a imensa janela de vidro e vejo o mar lá embaixo. Sorrio vendo o quão lindo era.

— Já acordou? — A voz grave e rouca que eu tanto conhecia pergunta. Me viro encontrando-o sorrindo para mim, já estava de banho tomado, com um short moletom e camiseta.

— É o que parece — digo, dando risada. — Por que não me acordou?

— Queria que descansasse, vamos passar a noite aqui mesmo. Pedi para que comprassem roupas para você. — Ele aponta para umas sacolas que estavam no canto do quarto.

— Obrigada, vou tomar um banho.

— Tudo bem, vou pedir para colocarem a mesa. — Ele enfia as mãos nos bolsos e sai logo em seguida do quarto.

Abro a sacola encontrando algumas peças de roupa, opto por um vestido amarelo-claro de alça fina, justo até a cintura, com um bordado bonito na saia. Pego uma calcinha de renda branca, corando por alguém ter comprado isso para mim. Vou para o banheiro e tomo um banho rápido. Visto minha roupa e saio do quarto, passando por um vasto corredor que dava ao topo da escada. Desço, encontrando com Maycon sentado na sala com seu notebook. A casa era bem rústica, boa parte das coisas eram de madeira, o que dava um ar de sofisticada a ela.

— Você não para mesmo, né? — pergunto me aproximando dele e tomando o notebook de suas mãos.

— Não posso parar. — Ele suspira, cansado.

— Pelo jeito, ainda é cabeça dura. — Reviro os olhos.

— Ok, vamos comer. — Ele pega em minha mão e me leva a sala de jantar, que já estava arrumada para nós dois. Ele puxa a cadeira para mim e agradeço por isso. Ele senta à minha frente e sorri de lado, logo duas moças saem da cozinha com a comida.

Nosso jantar foi cheio de risadas e brincadeiras, assim que terminamos, ficamos sentados do lado de fora, sentindo a brisa que vinha do mar e conversando sobre coisas aleatórias.

— Você realmente... aceitou? — pergunta de repente. Me lembro do “sim” que lhe dei, e meu coração fica acelerado.

— Sim — falo tão baixo que nem sei se ele conseguiu ouvir. Ele me olha por alguns segundos e logo um sorriso largo aparece em seu rosto.

— Obrigado. — Ele se aproxima devagar, colando nossos lábios em um beijo calmo. O ritmo vai aumentando, um calor insano me atinge, eu estava quente. Subo em seu colo ficando com uma perna de cada lado das suas. Sua mão passa pelas minhas coxas, parando em minha bunda e dando um aperto, arrancando um gemido contido de meus lábios. Sinto seu membro rígido dentro do short e rebolo devagar em seu colo, deixando-o ainda mais louco. Ele se levanta, me segurando em seu colo, sem pararmos a pegação, ele sobe as escadas indo para o quarto, me deita sobre a cama e fica por cima de mim. Puxa minhas mãos para cima e sinto algo gelado em meus pulsos, quando dou por mim, estou presa a cama

— Mas o que é isso? — digo olhando as algemas em meus pulsos.

— Só relaxa, você vai ter a melhor noite que poderia imaginar.

Ele está com uma venda nas mãos, a mesma de mais cedo.

— Agora você vai ver como é ótimo ser vendada.

— Maycon, o que está fazendo? — pergunto enquanto ele me venda.

— Apenas curta o momento e fique calada, se não quiser ser amordaçada — diz e reprimo minha vontade de rir.

Ouçõ os passos dele se distanciarem. Fico ali deitada, sem entender nada. Alguns segundos depois, ouço-o chegar perto, sinto suas mãos em meu corpo, tirando meu vestido e minha calcinha, me deixando completamente nua aos seus olhos.

Maycon se aproxima e beija meu pescoço devagar, desce sua mão para

meu seio e o acaricia. Sinto seu hálito quente em meus lábios, ele me beija dando mordidas leves em meu lábio superior. Ele se afasta de mim e logo volta, seus lábios agora estavam em meu peito, sua boca está gelada e logo depois sinto algo gelado em meu bico, percebo que era gelo. Me contorço inteira debaixo dele, era uma sensação ótima e prazerosa. Ele desce o gelo e põe em cima do meu clitóris, girando e girando, tento conter meus gemidos, em vão. Ele para, volta para perto de minhas pernas, deixando um rastro de beijos da minha barriga até a coxa. Ele abre minhas pernas devagar e se aproxima de minha feminilidade, abocanhando meu clitóris.

Sua boca agora está quente, causando um grande choque com meu clitóris gelado. Começo a gemer alto enquanto sua língua brinca comigo. Ele desce mais um pouco e me penetra com sua língua, em um ritmo sufocante e torturador. Movimento meu quadril em direção a seu rosto, queria que ele me possuísse o mais rápido possível. Ele enterra ainda mais sua língua, me arrancando mais gemidos. Sinto ele sorrir em minha feminilidade, com toda certeza, ele estava amando isso tudo, assim como eu. Ele para e o ouço pegar algo.

— Gosta de apanhar, Srta. Williams?

— Não!

— Talvez você mude de ideia. Qualquer coisa, peça que eu irei parar.
— Ele passa umas tiras pelo meu corpo e percebo o que é, um chicote.

— Maycon, isso vai doer, não quero apanhar.

— Apenas experimente, você não sentirá dor, confie em mim. — Antes que eu perceba, recebo a primeira chicoteada entre as pernas, sinto uma dor leve, mas ao invés de gemer de dor, eu gemo de excitação.

Eu estava nua, algemada e vendada numa cama, sendo observada por um homem de dar água na boca, isso era mais do que gasolina no fogo. Não sei qual era o mistério, mas isso tudo estava me deixando cheia de tesão. Ele dá mais uma no mesmo lugar e me contorço, eu já estava ficando molhada

com tantos pensamentos maliciosos. Ele dá várias chicotadas nas pernas, barriga, me põe de lado e me acerta na bunda, duas vezes. Não doía e nem ele me batia para que eu sentisse dor. Gemo alto de prazer. Ele me vira novamente e me acerta bem na vagina, foi meu fim.

Sinto Maycon entre minhas pernas e, sem avisos prévios, se enterra em mim, sem nem me dar tempo para respirar ou que meus espasmos cessassem. Suas estocadas são rápidas enquanto manipula meu clitóris, fazendo com que algo crescesse em meu ventre. Gozo sentindo minhas pernas tremerem, era inexplicável, nunca ninguém havia conseguido me proporcionar prazer de um modo tão diferente.

Ele não para, agarra minha nuca e me dá um beijo profundo, sua língua explora minha boca e eu a aceito de bom grado. Ele desce para meu pescoço, me dando chupões de leve me fazendo arrepiar enquanto ainda estoca em mim, forte e grosso. Sinto minhas pernas bambas, já sentindo meu pré gozo novamente, ele aperta o bico do meu seio de leve e depois o chupa dando leves mordiscadas.

A facilidade com que eu tinha em gozar com ele é inexplicável, pela segunda vez consigo e ele também, gemendo baixinho. Ficamos ali, recuperando o fôlego, estava me sentindo esgotada. Após um tempinho, Maycon tira minhas algemas e a venda, sorrio envergonhada por ter gostado de tudo aquilo.

Ele se aproxima e beija os meus cabelos, me coloca em seus braços e me leva ao banheiro para tomar banho.

— Você é linda. — Ele me faz corar no mesmo instante. — Ainda mais quando cora, fica mais linda. Nem acredito que te tenho só *pra* mim. Assim que voltarmos para Chicago, quero que ligue para aquele lá e termine tudo, você agora é minha.

— Seja modesto, você é lindo, atraente, sedutor, qualquer uma gostaria de estar com você, ao seu lado. Eu que estou ganhando aqui... — Tento descontrair. — Tudo bem.

— Mas você não é qualquer uma, é minha. — Ele sorri e acaricia os meus cabelos. Terminamos de tomar banho e fomos nos trocar. Ponho uma camisola vermelha de renda e Maycon uma calça moletom, sem camisa. Deito com a cabeça apoiada no peito dele.

— Boa noite, meu anjo. — Ele beija minha testa.

— Boa noite. — Acaricio seu braço, que estava na minha cintura. Não demorou muito e já estávamos dormindo.



Capítulo 12

Acordo com o celular tocando, olho para os lados e Maycon não está. Atendo o telefone, era outra reunião marcada para mais tarde. Quando desligo, vejo ele entrando no quarto todo arrumado com seu terno impecável, os cabelos no lugar, e sinto o cheiro de seu perfume. *E que perfume.*

— Acordou? — Ele se senta ao meu lado me olhando com aqueles olhos azuis tão vibrantes.

— Bom dia, por que não me acordou antes? — pergunto esfregando os olhos.

— Deixei você dormir um pouco mais. — Ele me dá um selinho.

— Vou tomar um banho e me cuidar para sairmos. — Levanto indo até o banheiro. Faço minhas higienes, tomo um bom banho e me arrumo. Olho o que eu poderia usar das coisas que tinham na sacola e me surpreendo a variedade de roupas que havia ali. Ponho uma blusa branca de alça; uma calça boyfriend cintura alta, curta, batia na metade da minha panturrilha; ponho um cinto; visto um colete branco combinando com a blusa; pego o *scarpin* branco que tinha em uma das sacolas e uma bolsa, também branca. *Tenho que admitir que a pessoa que comprou essas roupas tem um ótimo gosto.* Faço uma maquiagem suave e estava pronta. Desço as escadas e Maycon já me aguardava para comer enquanto lia o jornal. A mesa estava linda, tinha de tudo um pouco.

— Uau, para que tudo isso?

— Tem que se alimentar bem. Vamos, sente-se para comer.

Tomo um suco de laranja com torrada e depois como uma maçã. Infelizmente, não teria tempo e nem barriga para provar de tudo o que tinha ali.

— Acho que isso lhe pertence. — Ele abre a caixinha de veludo, revelando um anel. Sorrio de lado lembrando que agora estávamos namorando.

Sorrio, ele beija meus lábios rapidamente e põe o anel em meu dedo, beijando onde estava.

Depois que comemos, nos ajeitamos para ir embora. Olho a casa e os mínimos detalhes dela, não quero esquecer dali o lado de fora onde tudo aconteceu me causa um grande sorriso. Olho para Maycon, que já estava sorrindo para mim.

— Quero agradecer... por tudo. — Ele sorri de lado e acaricia os meus cabelos.

Caminhamos até a iate e voltamos para a cidade. O carro já nos

aguardava para irmos à reunião.

12:45

Todas as reuniões já tinham sido feitas, conseguimos faturar 1 bilhão com planos de Marketing. Maycon estava super feliz. Saímos para almoçar com os acionistas, que conversavam animadamente na mesa do restaurante.

— Vou ao banheiro — sussurro no ouvido de Maycon.

— Certo. — Ele me dá uma piscadela. Percorro o caminho para o banheiro quando um homem vira, batendo em mim e derramando seu vinho em minha roupa. Não estava acreditando.

— Fala sério, você sujou toda a minha roupa de vinho, isso aqui não vai sair tão cedo. — Irritada, olho minha blusa branca manchada.

— Me perdoe, não te vi, gatinha — fala com ironia e um sorriso nos lábios maliciosos.

— Poderia ao menos ter olhado para trás, otário! — Olho para ele, e meu queixo quase caí. Seus olhos são acinzentados, cabelos pretos, e muito bem arrumado com seu terno. Ele é bem bonito! Fico sem fala, mas logo me recomponho. *Agora você é comprometida*, meu subconsciente faz o favor de me lembrar.

— Quem é você para me chamar de otário? Já pedi desculpas, mas, pelo visto, você é meio difícil. Mas sabe que eu amo as que se fazem de difícil? O sexo é o melhor. — Ele segura em meu pulso e começa a me puxar para algum lugar.

— Está louco? Não vou a lugar nenhum com você! — Estava a ponto de dar um soco em sua cara. — Me larga, seu idiota! — Tento sair de seus braços, mas era em vão. Ele aperta mais o meu pulso, me fazendo

choramingar de dor.

— Está me machucando! — *Que cara mais estúpido.* Ele respira fundo.

— Você é até bonitinha, mas fala demais, vem cá. — Ele sorri malicioso e me puxa para perto dele, beijando-me. Começo a me debater em seus braços, querendo sair dali, mas não conseguia. Não tem ninguém perto do banheiro para poder me ajudar. Mordo seu lábio com força e ele me solta, sinto gosto do seu sangue em minha boca.

— SUA VADIA DO CARALHO! — grita contra meu rosto. Me sobe um ódio e largo uma bofetada em sua cara.

— Vadia é sua mãe! — Saio rápido, voltando para a mesa e fecho meu blazer.

— Vamos? — falo nervosa com Maycon.

— O que houve?

— Um idiota derramou vinho em minha roupa e ainda foi um estúpido. — Quando termino de falar, vejo o maluco que me agarrou a força vindo em minha direção com a boca roxa pela mordida.

— Sua piranha venha cá. Quem você acha que é para me dar um tapa na cara? Acha que eu vou deixar barato? — grita no meio do restaurante, isso não podia estar acontecendo comigo.

— Mas que palhaçada é essa? — Maycon fala alto, se levantando da mesa. — Mas só podia ser você, né, Juan? — Maycon o conhecia e sua cara não era das melhores.

— Sai fora, Maycon, meu problema no momento não é contigo. — Juan o olha, desafiando.

— Pode me explicar o que está acontecendo? — Ele olha para mim.

— Ele derramou vinho em mim, e foi super grosso. Depois me beijou à força, por isso dei um tapa na cara dele e mordi sua boca — falo tudo de uma vez só, sentindo o ódio crescente em mim.

Maycon não pensa duas vezes e acerta um soco em cheio na cara dele.

— Isso é para você largar de ser otário e aprender a tratar uma mulher bem. — Furioso, ele larga outro soco no rosto de Juan, que cambaleia e cai para trás.

— E esse é para você nunca mais querer o que é meu. Não perde os velhos hábitos, não é mesmo? Sempre querendo o que tenho. Vamos, Diana. — Ele pega em minha mão e saímos.

— Não precisava daquele escândalo todo... — digo, mas ele não me responde. Entramos no carro e fomos para o hotel em total silêncio, não estava entendendo o porquê disso. Fomos para o quarto, que mais parecia um apartamento. Tomo um longo banho, molho os cabelos e fico ali, relaxando na água, pensando nas coisas que haviam acontecido. Sinto mãos em minha cintura me virando, dando de cara com Maycon. *A lua está perdendo para ele, tenho que me acostumar com suas súbitas mudanças de humor.*

— Posso tomar banho com você? — pergunta com a voz serena.

Faço um manear de cabeça, apenas concordando.

Ele passa a mão em meus cabelos fazendo carinho, põe a mão em minha nuca, trazendo-me para perto dele. No começo o beijo foi calmo, mas depois entramos em uma intensidade incrível. O fogo já dominava os nossos corpos. Ele me prensou na parede e puxou o meu pescoço para me beijar. Suas mãos já estão em meus seios, acariciando-os. Sinto um leve formigamento nas minhas partes. Sua mão percorre até lá em baixo e brinca com meu clitóris, já estava extremamente molhada quando ele enterra dois dedos em mim, fazendo minha cabeça tombar para trás.

— Sempre tão pronta para mim. — Ele tira seu dedo de dentro e põe na

boca.

Sua boca vai para meu seio e suga com força. Gemo baixinho sentindo sua respiração pesada. Já posso sentir sua ereção batendo na minha entrada. Ele segura minhas mãos no alto e passo minhas pernas em sua cintura, ficando presa entre a parede e seu corpo. Ele me penetra com força e seus movimentos são rápidos, posso sentir a raiva que ele sente, socando em mim com força. Ele geme de prazer, chamando meu nome.

— Você... é... minha... — Ele fala em cada estocada. — Diga que é minha... — Ele me dá um beijo nos cabelos.

— Eu sou sua... — digo, gemendo. Ele solta minhas mãos e pega minha nuca, me beijando com força enquanto ainda socava em mim. Desce seus lábios para meu pescoço, beijando e chupando. Minha vagina pulsava de prazer em seu pau, avisando que iria gozar.

— Goza para mim... — geme. Suas palavras pareciam a chave de comando em mim. Gozo intensamente, apertando o seu pau, e ele também. Ficamos ali por um momento, apenas sentindo um ao outro. Queria saber quem era aquele homem e porquê Maycon ficou tão irritado.

— Desculpa por mais cedo — diz, meio perdido.

— Está tudo bem. — Acaricio seus cabelos molhados. Ele sorri e me dá um beijo breve. Terminamos nosso banho e então vou para o closet pegar uma roupa. Ponho um short jeans e um *cropped* cinza com flores vermelhas. Maycon veste novamente uma calça moletom, sem camisa. Ele realmente é lindo e sabe como abusar. Me sento na cama e fico o admirando. Ele sorri e se aproxima, sentando ao meu lado.

— Posso te fazer uma pergunta? — Saio dos meus devaneios.

— Se eu puder responder...

— Quem era aquele homem lá no restaurante? — Ele fica tenso, fecha

os olhos e respira fundo.

— Juan Possidôni, ele era um amigo meu, éramos muito próximos. Na época, estava noivo, com data de casamento marcado. Um dia saí para a empresa, mas esqueci uma pasta com os documentos da reunião, então voltei. — Ele respira fundo e continua. — Cheguei em casa e o carro dele estava na porta. Quando entrei vi as roupas dele junto com as dela na porta, fui ao quarto e eles estavam transando, em cima da nossa cama. Descobri que por dois anos ela vinha me traindo, e eu, cego, não percebi.

— Vocês já estavam juntos a muito tempo?

— Três anos. Ele nunca foi meu amigo, só fingia para estar próximo a ela, aquela vadia. — Ele fecha os olhos, tentando manter o controle. — Nos dávamos bem, ela não tinha motivos para me trair, mas então, aconteceu. Me afundei no álcool, e em mulheres, gastava em uma noite o máximo que conseguia e tinha todas que eu quisesse. Levei a empresa para o buraco e tive que suar muito para subir de novo, sem precisar da ajuda do meu pai.

— Entendo! — digo sem saber ao certo o que falar.

— Está com fome? — ele muda de assunto. — Venha, vou pedir nosso almoço. Já que não conseguimos fazer isso no restaurante. — Ele pega em minha mão, me levando para a sala.



Capítulo 13

Maycon e eu decidimos ficar no hotel mesmo, assistindo filme no sofá da sala, não sei ao certo o nome do filme, mas era muito bom, de ação. Já era de noite quando decidimos pedir algo para comer. Não estávamos no espírito de sair hoje, estávamos quebrados da reunião.

— Que tal eu fazer nosso jantar? — ele diz.

— E você sabe cozinhar, por acaso?

— Mas é claro, e muito bem, por sinal. Vou pedir que tragam algumas coisas do mercado e comemos aqui, tudo bem?

— Pode ser, já estou com fome.

— Mas é claro que está, parece que tem um buraco negro nessa barriginha aí. — Ele começa a rir.

— Ei, nada a ver. — Bato em seu ombro de leve.

— Sabe, eu sou louco para ser pai. — Ele me pega de surpresa. — E você daria uma ótima mãe para meus filhos. — Ele se aproxima e passa o polegar na lateral da minha barriga.

— É... quem sabe, mas vamos com calma. Vamos aproveitar nossos momentos juntos e tentar fazer o máximo de lembranças juntos.

— Você está certa. — Ele me dá um selinho e pega seu celular. Percebo que seleciona suas compras por um aplicativo, e a estimativa de chegada é daqui a 15 minutos.

— Enquanto você faz a comida, vou tomar um banho. — Caminho para o quarto.

— Ok.

Subo e vou para o banheiro, encho a banheira e ponho alguns sais e perfumes na água. Faço um coque alto no cabelo e ponho uma música no celular, para relaxar. Testo a temperatura e então entro na água, deixando ela me relaxar. Fecho os olhos e fico ali, quieta, apenas sentindo a sensação da água em minha pele. Estava tão bom que acabo adormecendo.

Acordo com uma leve carícia em meu rosto e um beijo suave em meus lábios. Abro os olhos e Maycon está sentado na beira da banheira, me olhando atento. Seu sorriso é tão lindo, eu não me cansaria de olhá-lo nunca.

— Você sumiu, vim te procurar.

— Desculpa, acabei dormindo. — Sorrio sem graça.

— Você é tão linda dormindo. — Ele acaricia meus cabelos.

— São seus olhos.

— Venha, vamos comer, você já deve estar bastante enrugada.

— Minha fome triplicou, e os dedos estão mesmo. — Olho para os meus pés. Saio da água e me seco, ponho uma camisola longa, de renda na parte dos seios e o restante de seda na cor preta, e desço. O cheiro estava divino. Macarrão com molho bolonhesa, legumes grelhado e camarão salteado no alho e óleo com um vinho tinto suave. Tudo estava perfeito e muito gostoso.

— Realmente, tenho que admitir, você cozinha bem.

— Se isso foi um elogio, obrigado. Para você ver que não tenho só um rostinho bonito.

— Alguém nessa relação tinha que saber cozinhar, não é mesmo? — digo rindo.

Eu fiquei com as louças e Maycon as guardou. Quando terminamos, decidimos tomar mais um pouco de vinho perto da lareira, à noite estava um pouco fria. Ficamos sentados agarradinhos ouvindo Sam Smith, *Too Good At Goodbyes*, uma música linda com melodia encantadora. Ficamos olhando a lua através da grande janela de vidro da sala.

— Tenho medo de me decepcionar com você, de me apegar e você simplesmente perceber que o que sente não é algo real... — sussurro.

— Eu não vou decepcioná-la, eu prometo. A muito tempo não tenho um momento desses, de parar para relaxar, ouvir uma música, fazer algo que não seja trabalho. E você me trouxe isso. O que estamos vivendo é tudo novo para mim, apesar de ter tentado uma vez... você sabe. — Assenti, não dando seguimento aquela conversa.

— Quero muito confiar em você... — murmuro e ele me dá um beijo nos cabelos.

— Apenas confie. — Ele sorri.

Ficamos boa parte da noite ali, em algum momento apaguei sem perceber.

Acordo meio sonolenta, estou no quarto, olho no despertador e já são 9:00 horas... *Estou atrasada para a reunião e cadê o Maycon?* Levanto desesperada. Tomo um banho correndo e me maquio às pressas. Maycon para na porta do banheiro ainda todo desarrumado. *Será que ele enlouqueceu?*

— Você não vai se arrumar? Estamos atrasados!

— Atrasados para que? — pergunta, rindo.

— Para reunião, né? Deixa eu passar, tenho que pegar uma roupa e você, já para banho! — Passo correndo por ele. Quando dou por mim, estou em seus braços, sendo jogada na cama. Dou um gritinho de surpresa e ele está rindo feito louco.

— Maycon, vamos nos atrasar e para de rir, não estou entendendo.

— Não temos reunião hoje, minha maluquinha. Ligaram hoje de manhã para cancelar, porque eles teriam uma viagem em cima da hora.

— E você pretendia me avisar isso que horas? — Bato de leve nele.

— Talvez quando você acordasse calma e sem pressa, parecendo uma louca correndo pelo quarto. — Ele ria.

— O que vamos fazer hoje, então? — Reviro os olhos.

— Mocinha, mocinha. Não revire os olhos pra mim que posso te dar uma boa lição — fala um pouco sério demais, não entendo o porquê, afinal,

eu sempre fazia isso.

— Ah, é mesmo? Só se você me pegar. — Empurro ele e saio correndo. Me escondo na biblioteca entre uma prateleira e outra. Ouço Maycon gritar, dizendo que iria me achar, e quando me achasse, eu seria uma *Srta. Williams mortinha*. Me segurei para não rir. Saio do meu lugar e vou devagar para sala. Maycon estava passando perto da piscina, saio correndo e derrubo ele lá, mas também sou levada junto.

— Te peguei! — Ele diz, rindo.

— Porque eu deixei — desdenho.

— Eu sei que você queria ter uma boa lição. Agora vou te dar o que merece por ser uma menina malcriada.

Tento fugir dele, mas em vão. Ele me põe sobre seus ombros e afaga minha bunda, dando logo em seguida um bom tapa. Ele sai da piscina deixando um rastro de água pelo chão.

— Vamos molhar tudo — reclamo.

.— Não tem problema.

Ele vai para o quarto, tira minha roupa molhada e me entrega uma toalha para que eu me enxugue. Quando termino, ele me puxa para seu colo e me deita nas suas pernas, deixando meu bumbum todo à mostra.

— Agora, vou lhe dar umas boas palmadas, até seu traseiro ficar vermelho. Já disse que vermelho combina contigo? — diz com a voz rouca. Eu deveria correr dele, ou me debater para sair dali, mas eu estava me excitando com tudo aquilo.

— Pronta? No três, eu lhe dou umas palmadas.

— Não estou pronta... — Ele acaricia minha bunda.

— Vamos lá, conte até três — ele ordena.

— Um. — E antes que eu esperasse, recebo o primeiro tapa na bunda, me fazendo pular em seu colo.

— Você não disse que era para contar? — Choramingo pela ardência na pele. Não era porque ele havia batido forte, mas sim por minha pele estar molhada e sensível.

— É mais gostoso quando a gente não espera. — Ele larga mais outro. Começo a me sentir úmida, estava me excitando com aquilo. Ele me bate mais uma vez e prendo o gemido. Não queria dar esse gostinho a ele. Bate mais uma vez e minha vagina começa a formigar. Os tapas doíam, mas o prazer que eu sentia era bem maior, era loucura. Ele bate várias vezes e não aguento, solto um gemido.

— Sabia que você ia gostar, safada. — Sua voz estava extremamente rouca, era uma delícia de se ouvir. Ele acerta mais outro tapa e sinto minha vagina pulsar. Ele penetra um dedo em mim e, com a outra mão, larga mais um tapa, minhas pernas tremem com o último.

Maycon me joga na cama e antes que eu perceba, ele já está dentro de mim. Gemo com a sua invasão, suas estocadas são rápidas e fortes. Me viro, trocando a posição, ficando por cima. Cavalgo com vontade em cima dele, enquanto seguro os seios, apertando-os. Seus olhos estão em puro fogo e aposto que os meus também estavam cheios de tesão. Queria extravasar, então aperto minha vagina em seu pau, fazendo-o gemer também. Saio de cima dele e levo minha boca para seu membro, desço a boca por toda a extremidade e depois subo, passo minha língua na cabeça e o engulo novamente.

— Já chega dessa pirraça, vem aqui. — Ele me puxa para a cama e me põe de quatro. Enrola os meus cabelos em sua mão e me penetra. Ele dá um tapa em minha bunda fazendo-me estremecer, rebolo em seu pau enquanto seu quadril choca contra minha bunda. Não consigo mais aguentar e gozo, logo depois, ele também. Caio sobre a cama e minha vontade era de ficar ali.

Maycon está sobre meu corpo e ainda está dentro de mim, beija meu pescoço e afaga os meus cabelos.

— Vamos tomar um banho? — pergunto ainda ofegante

— E quem disse que eu acabei com você? — Ele começa a se movimentar novamente, ficando completamente duro dentro de mim.



Depois de mais uma rodada de sexo, fomos tomar banho. Decidimos comer fora e dar um passeio.

— Leve roupa e biquíni.

— O que você está aprontando?

— Nada de mais, apenas vamos nos divertir hoje, sem compromissos.

Me arrumo, ponho um short jeans, uma blusa azul-clara, um colar e tênis, pego minha bolsa com o necessário e saímos. Desço para a garagem junto com Maycon, ele abre a porta para mim. Em minutos, já estávamos na estrada. A mão de Maycon descansa em minha perna, e vez ou outra ele olha para mim e sorri. No rádio toca *Fifth Harmony Work*, o ritmo é bem gostoso de ouvir, dá até vontade de dançar. Paramos num restaurante para almoçar, o lugar não esbanjava riqueza e eu agradecia por isso, era bem aconchegante.

Uma moça ruiva vem nos atender. O olhar dela em cima dele me causava uma certa raiva.

— Bom dia, em que posso ajudar? — Ela não tira os olhos dele. *Quando vamos sair sem que uma mulher fique de gracejos com ele?*

— Bom dia, quero dois Dry Martini e dois especiais da casa.

— Só isso, senhor? — Ela põe a mão em seu ombro e dá um leve aperto. Maycon me olha, e eu olho de seu rosto para a mão da moça em seu ombro.

— Amor, você quer mais alguma coisa? — Ele dá ênfase ao *amor*, e eu não podia deixar de notar de como era bom ser chamada desse jeito.

— Apenas que ela tire a mão do seu ombro. — Dou um sorriso largo e debochado.

A garçonete olha para mim sem-graça, mas não tira a mão do ombro dele.

— Você não ouviu minha esposa falar? — diz, com a voz firme. *Minha esposa? Ok.*

— Ah, senhor, desculpe, não foi minha intenção.

— Não deve desculpas a mim, e sim a ela.

— Desculpas, senhora. — E ela se retira.

— Satisfeita? — Ele abre um meio sorriso.

— Agora sim, da próxima, espero não ter que falar nada. Você já é grandinho, não é mesmo? E sabe se defender das piranhas em ação. — Maycon começa a rir.

— Piranhas em ação foi ótimo, daria um bom filme.

— Com toda certeza, e eu acabando com todas. — Rio.

Nossa comida foi entregue e o Dry Martini também, desta vez, veio um rapaz nos entregar o pedido. A comida estava uma delícia.

Assim que pagamos a conta, voltamos para a estrada, uns 30 minutos depois, chegamos... Não sei bem dizer onde, mas pelo visto, íamos descer de tirolesa. O local era lindo, a natureza era bem presente, podia ouvir os pássaros cantando, e o perfume das flores é ótimo.

— E aí, vamos?

— Sempre tive vontade, mas coragem sempre me faltou. — Digo olhando para a tirolesa. Fomos caminhando em direção a um dos mirantes, um rapaz nos recebeu e explicou tudo o que precisávamos saber. Logo, já estávamos prontos para descer. Meu coração estava a mil, meu medo de cair era muito grande. Maycon segura em minha mão e sorri, uns segundos depois, eu já estava descendo. A sensação era ótima, a água lá embaixo era tão clarinha, podia ver toda a natureza do alto. Já estava chegando no fim, meus pés batem na água e logo chego ao outro lado. Maycon chega pouco depois.

— Gostou?

— Gostei sim, iria mais vezes!

— Venha, tenho algo para nós.

Caminhamos por uma pequena trilha e chegamos a um belo jardim onde havia várias pessoas sentadas no chão, fazendo piqueniques. Passamos por elas e chegamos a uma grande árvore perto de um lago. Tinha uma grande toalha no chão e comida por cima dela. *Iríamos fazer um piquenique?*

— Quando é que você tem tempo para preparar essas coisas, hein?

— Pedi a uma pessoa que fizesse. — Ele deu de ombros.

— Me esqueci que era rico — digo sarcástica.

— Ser rico tem suas vantagens.

— Não tenho dúvidas.

Nos sentamos e tivemos uma tarde maravilhosa, regada a muita comida, risadas e brincadeiras. Depois de comer, pegamos a estrada novamente e paramos em uma praia, maravilhosa. Sua água era azul clara, me lembra os olhos de Maycon.

Tiro minha roupa e me deito em uma das espreguiçadeiras, enquanto Maycon avisa que daria um mergulho. Fico tomando sol enquanto lia um livro e olhando ele de longe... até uma mulher se aproximar dele, analisando-o de cima a baixo, babando nele.

Quem não babaria numa coisa linda daquela de sunga, com seu volume marcado e sem nenhuma mulher do lado? Fico apenas observando, ele fica meio sem jeito, passando a mão em seus cabelos. Ele fazia não com a cabeça, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo. Ela passa sua mão em seu rosto, percebo que estava indo longe demais. Perco totalmente a compostura, me levanto e caminho até ele.

— Algum problema aqui, amor?

— Não, nenhum — diz, meio sem graça. A mulher me olha de cima a baixo, com certo desprezo.

— Essa é Lis, e essa é minha esposa. — Ele nos apresenta, sorrio mentalmente com o *esposa*. Ela estende a mão para mim e a pego dando o melhor sorriso que consigo.

— Sou prima do Maycon — ela diz com aquela cara de azeda. — Não sabia que agora ele tinha esposa, que pena, nos divertíamos tanto quando era solteiro... — Ela olha para ele e pisca. *Será que todas as mulheres vão realmente dar em cima dele? Ainda na minha cara?*

— É uma pena mesmo para você, mas acho que não precisa de mais

uma, tem tantas. — Olho para ela e pisco do mesmo jeito que tinha acabado de fazer. Ela fica sem entender.

— Além de loira, é burra. Vamos, amor? — Ofereço minha mão a ele, que pega na mesma hora, dou um breve aceno para ela e saio.

— Você a chamou de galinha na cara dura e ela nem se deu conta. — Olho para ele, séria. — O que foi? Não fiz nada. — Ele levanta as mãos.

— Exatamente, foi isso o que você fez, nada. Elas ficam dando em cima de você e você não faz absolutamente nada. Deixa elas te tocarem, fiquem se jogando para cima de você e você apenas aceita.

— Calma anjo, não é por mal, esquentadinha.

— Esquentadinha? Agora imagina um homem jogando charminho para mim, me tocando, cheio de papinho para o meu lado? — Seu sorriso se desfaz na hora.

— Ok, você está certa. Nada de homens tocando em você e de papinho, e nem mulheres com graça para meu lado.

— Acho bom.

— Você fica mais linda ainda com ciúmes.

— Não estou com ciúmes, só não gosto. Não sou bonita como elas, e nem tenho dinheiro.

— Você não é o que!? Bonita? Com toda certeza, não, você é bem mais que isso. É linda, gata, maravilhosa, tem um corpo que me enlouquece, só de te olhar fico excitado, essa tua bunda.... Você não sabe as coisas que tenho vontade de fazer com ela. — Ele fecha os olhos e respira fundo. Olho para seu membro e estava ficando duro. Ainda bem que não tinha gente muito perto, parecia estar se acalmado. Começo a rir com aquela situação.

— Vai rindo que eu te pego aqui mesmo.

— Ah, é? Essa eu quero ver.

— Pois vai ficar querendo. Gosto de ver seu prazer e ouvir seus gemidos sozinho, sem plateia. — Ele me agarra e me beija.



Capítulo 14

Depois de um tempinho, fomos para o hotel, voltaríamos agora a noite para Chicago. Deixamos tudo arrumado e fizemos nosso sexo de despedida a Miami. Este lugar vai ficar marcado para sempre em minha vida, foi a melhor viagem que eu poderia ter. Fomos para o aeroporto e logo estávamos decolando. Desta vez, não teve aquela comissária no avião, era uma senhora, muito educada por sinal, e bondosa, pois enjoiei um pouco na viagem com a subida e ela me ajudou. A chegada foi bem tranquila. Claiton, o motorista de Maycon, já estava nos esperando. Ele abre a porta para mim e em seguida Maycon também entra, e pegamos estrada. Fico ali, deitada, encostada com a cabeça no colo de Maycon enquanto ele acariciava os meus cabelos. Estava exausta da viagem, meu corpo só pedia cama.

Chegamos na frente do meu prédio, Maycon me ajuda a levar as malas,

cumprimento o porteiro e logo subimos pelo elevador. Chego na porta do meu apartamento e vejo algo estranho, tinha água no chão da entrada. Corro e abro a porta, vendo tudo cheio de água, já tinha até mofo em uma das paredes. Havia uma infiltração, o cheiro estava horrível. Minhas coisas, a maioria, estavam estragadas há dias. Olho o teto do banheiro e achei onde estava o erro. Ligo para a portaria e logo o porteiro sobe para tentar resolver.

— Senhorita, não dá para dormir aqui, esse mofo pode te causar grandes problemas, sem falar que terá que fazer uma reforma nele, pois os móveis estão estragados e o mofo tomou conta de tudo. — Fico puta com isso.

— E quem vai pagar a reforma? — Pergunto cruzando os braços.

— Como o vazamento foi no apartamento de cima, o dono vai ter que arcar com todas as despesas — explica.

Converso com ele para acertar alguns pontos, depois ele vai embora.

— Você pode ficar lá em casa até resolver isso tudo, será um prazer.

— Não, eu vou para outro lugar, não quero te incomodar.

— E você vai ficar onde? — Ele diz irritado.

— Vou para casa da J... — Antes que eu termine, me recordo de que ela agora está morando com o Fernando, não posso ir para lá. — Tá, tudo bem, mas só até resolver as coisas aqui.

— Essa é minha garota. — Ele sorri. Pego algumas roupas secas que consigo achar e levo comigo.



Estamos a caminho da casa de Maycon. Não sei quanto tempo terei que ficar lá, mas espero que não muito, não quero ser incômodo para ele. Claiton entra em uma garagem subterrânea de um grande prédio e estaciona, logo ele está ao lado de minha porta abrindo-a, desço e Maycon faz o mesmo. Claiton pega nossas coisas e vamos para o elevador. Maycon digita um código no painel do elevador enquanto subimos, marcava que tinha 22 andares, mas fomos para o 23, como se fosse um andar “secreto”.

As portas se abrem e meu queixo cai com tudo o que vejo, o apartamento é gigante, pura elegância. A sala é enorme, com um sofá cinza em L, muito bonito. Havia uma lareira que deixava a sala com um ar mais aconchegante, quadros com lindas pinturas estão na parede.

— Lindo, né?! — Ele ri vendo minha expressão.

— Muito bonito — digo, ainda admirando. Maycon me leva para conhecer a casa, me mostrando canto por canto. Eu com toda certeza me perderia ali.

— Fique à vontade, a casa é sua — diz enquanto caminhamos para o quarto.

— Vou tomar um banho, estou exausta da viagem.

— Imagino, vou providenciar algo para comermos. — Da um beijo casto em meus lábios retirando o celular do bolso de seu terno e sai do quarto. Vou para o banheiro e tomo um banho longo de água morna. Ali, pude relaxar totalmente. Visto uma camisa social de linho azul claro de Maycon, ponho uma calcinha, faço um coque frouxo e desço.

Ele está atendendo a porta e logo aparece com umas sacolas em mãos.

— Combinou mais com você do que comigo. — Ele aponta para a blusa.

— Prefiro-as em você, fica charmoso e sexy. — Dou um riso safado. Ele se aproxima de mim e me beija, dando leves mordidas em meus lábios.

— Agora, vamos comer, antes que eu te coma. — Passo por ele rindo e sou pega de surpresa por um tapa estalando em minha bunda. Dou um pulo pelo susto, e ele gargalha. Fomos comer, estava tudo uma delícia. Ficamos batendo papo até tarde e depois, dormimos de conchinha.



Acordo pela manhã com Maycon todo enroscado em mim, fico observando ele dormir, sua expressão é serena. *É tão lindo dormindo.* Acaricio os seus cabelos e em seguida, dou um beijo em seu rosto. Ele começa a se mexer na cama, aos poucos abre os olhos e recebo seu sorriso.

— Bom dia, boneca.

— Bom dia. — Sorrio.

— É tão bom ser acordado desse jeito. — Ele dá um sorriso manhoso.

— Estava te observando dormir, parece até um anjo.

— Mas eu sou um anjo, meu amor.

— Se você diz... vou tomar banho. — Beijo ele e me levanto.

— Ei, tá achando que é assim? Vem cá. — Ele me puxa para um beijo e ali fizemos um bom sexo matinal.

Minha manhã começou ótima. Tomo meu banho e me visto, ponho uma blusa vermelha com um grande decote, uma saia cintura alta bege, com uma fenda na perna, um cintinho, bolsa preta e saltos bege com pedras na frente. Desço e Maycon não está na cozinha. Faço nosso café rapidinho, preparo panquecas, ovos, bacon, torradas e suco de laranja. Sinto aquele perfume familiar, olho para a escada e Maycon logo aparece, vestindo um terno azul-marinho, blusa branca e gravata da mesma cor que o terno, com seus cabelos bem penteados, como sempre.

— Hum, o cheiro está ótimo — diz, puxando o ar para si.

— Venha, vamos comer.

Ele senta à mesa e logo estamos comendo. Depois, pegamos o elevador e fomos para a garagem. Claiton já nos aguardava, entramos no carro e fomos a caminho da empresa.

— Maycon?

— Sim.

— Não quero que as pessoas saibam que estamos juntos.

— E porque não? Eu quero que todos saibam que você é minha.

— Não por agora, não quero ser alvo de críticas de ninguém. Vamos esperar mais um pouquinho.

— Se você prefere assim, tudo bem.

— Obrigada. — Pulo em seu colo e o beijo. O carro vai parando aos

poucos em frente ao grande prédio, desço de seu colo e arrumo minha roupa.

Claiton abre a porta e descemos. Passamos pelo hall de entrada e todas estavam nos olhando. *O que é? Nunca viram uma Secretária com seu chefe não?* Apesar que, de manhã cedo não, ainda mais chegando juntos, mas não me importo. Cumprimento as meninas da recepção e pegamos o elevador, indo para o último andar.

— Acho ridícula essa ideia de fingir que não temos nada. — Ele não desvia o olhar da porta do elevador.

— É só por enquanto. Você sabe como as pessoas são, não quero que isso prejudique nossa relação e trabalho.

— Mas só por enquanto, ok?

— Só por enquanto — prometo.

Chegamos no nosso andar e logo nos apossamos dos nossos lugares. Cheila me passou todas as coisas importantes que ocorreram esses quatro dias, me entrega as cartas e convites. Minutos depois, entro na sala de Maycon.

— Bom dia, Sr. Corppin — digo achando graça.

— Bom dia, Srta. Williams. — Ele ri e dá uma piscadela.

— Vim te passar os ocorridos dos quatro maravilhosos dias em que estivemos em Miami.

— Estou ouvindo. — Ele sorri.

— Uma empresa quer marcar uma reunião com o senhor sobre um plano de marketing, se tivermos sorte, fechamos um grande contrato; haverá um baile beneficente amanhã à noite, para crianças carentes. Já deram baixa nos contratos que mandei para a contabilidade, vou mandar para o e-mail do

senhor.

— Confirme nossa presença no baile. Vou aguardar os e-mails, e agora, quero uma coisa — diz, sério.

— O que?

— Um beijo.

Caminho até ele devagar e beijo o canto dos seus lábios. Vou me afastando, mas ele me agarra e me beija com vontade. Ouvimos uma batidinha na porta e logo nos ajeitamos. Arrumo a roupa e os cabelos, e Maycon está como se nada tivesse acontecido. *Safado.*

— Entre.

Cheila logo aparece na porta.

— Licença, Srta. Williams, ocorreu um problema com o último contrato. Preciso que veja para eu encaminhar novamente ao financeiro, só depende disso para ser liberado o pagamento dos prestadores.

— Ok, irei resolver isso agora, obrigada Cheila. Sr. Corppin, irei mandar os e-mails daqui a alguns minutos, precisa de mais alguma coisa?

— Não, pode se retirar — diz, frio. *Uau, modo CEO: On.*

Saio da sala para resolver o contrato que voltou e passar os e-mails. A manhã passa rápido, quando vejo, já era hora do almoço. O telefone toca, é da sala de Maycon.

— Vamos almoçar? Já está na hora, pega suas coisas e vamos. — *Ele já se respondeu, vai entender...*

— Certo.

Pego minha bolsa e arrumo minhas coisas. Maycon sai de sua sala e fomos para o elevador. Ele falava ao telefone e parecia estar muito irritado, mas não quis me meter nisso. Descemos e Claiton já estava na frente do prédio nos aguardando. Nosso almoço foi supertranquilo, Maycon e eu conversamos bastante, e logo tivemos que voltar para a empresa. Tivemos três reuniões pela tarde, longas e cansativas. Estávamos exaustos quando fomos para casa. Entro no apartamento e era como se fosse minha salvação, tiro meus sapatos e caminho até o quarto, tomo um banho reforçado com Maycon esfregando minhas costas. Quando ele termina faço o mesmo nas suas. Saio do banheiro e me seco, ponho um baby-doll de renda preta com laços vermelhos, penteio os cabelos para trás. Desço para a cozinha e tomo um grande susto com uma senhora que estava lá.

— Me perdoe senhorita, não quis assustá-la.

— Não me deve desculpas, só não sabia que tinha mais gente na casa além de mim e Maycon. Sou Diana. — Estendo a mão para ela, que aperta.

— Me chamo Mariah, sou a governanta da casa. Está com fome?

— Estou sim e muita — admito.

— Vou preparar um lanche para você. — Sento na cadeira e fico observando ela trabalhar.

— Anjo? — Maycon grita.

— Estou na cozinha — respondo. Mariah olha para mim e sorri, um sorriso sincero.

— Meu menino nunca chama nenhuma mulher de anjo ou esses apelidos carinhosos, depois daquela outra lá. — Ela faz uma careta. — Ele sofreu muito depois que descobriu que ela tinha traído ele. Ele a amava muito, foi como uma facada no peito. Dava dó dele, só vivia jogado — diz com pesar. Um silêncio se instala e Maycon aparece.

— Oi, pelo visto, já conheceu Mariah. — Ele me abraça por trás.

— Já, sim, é uma ótima pessoa. — Sorrio.

— Meu menino, vai querer comer agora?

— Vou sim, Mari.

Comemos um sanduíche natural e suco de morango. Depois nos deitamos no sofá da sala de TV e ficamos ali, assistindo e namorando como se fôssemos adolescentes. Quando o filme acabou, fomos para o quarto.

— Está sendo ótimo ter você aqui comigo — diz, se deitando ao meu lado.

— Também estou gostando. — Ele me beija com calma e alisa meu corpo. Seus lábios vão para meu pescoço, fazendo uma trilha de beijos. Suas mãos descem e tiram meu short, depois minha blusa, me deixando apenas de calcinha. Ele beija entre os meus seios e desce pela barriga, dando um último beijo em minha feminilidade por cima da calcinha.

— Assim não vale. — Gemo baixinho.

Ele sobe e põe seus lábios em meus seios, chupando sem pressa. Com uma mão, acaricia o meu outro seio, roçando o polegar no bico. Começo a gemer baixinho; com a outra, ele movimenta meu clitóris sem muita urgência, o que me deixa mais louca ainda por ele. Depois, introduz um dedo em mim e movimenta devagar. Arqueio meu quadril contra seu dedo, ele tira de mim, me deixando vazia. Sinto sua ereção na minha entrada, me invadindo aos poucos.

Suas mãos alisam o meu corpo, e então começa a se movimentar, devagar, sem pressa, nos proporcionando puro prazer. Ele beija o meu pescoço e alisa os meus cabelos. Seu olhar é de ternura e paixão. Abraça o meu corpo e me estoca com vontade, pausadamente. Entrava forte e saía lentamente de mim. Já podia sentir o formigamento entre as minhas pernas.

Passo minhas mãos ao longo de suas costas e aperto sua bunda fazendo ele se afundar mais em mim. Mais algumas estocadas e eu gozo chamando por seu nome, logo depois, Maycon também. Ficamos ali deitados, trocando carícias até dormir.

Hoje acordei bem-disposta, já estou de banho tomado e arrumada mais cedo que o previsto. Ajudo Mariah a preparar o café, corto algumas frutas enquanto ela faz o melado para as panquecas, quando sinto meu perfume favorito no ar: o cheiro de Maycon. Me viro para olhar e ele está sentado nos observando.

— Bom dia, mulheres da minha vida. — Ele caminha até nós. Beija a testa de Mariah e me dá um beijo breve nos lábios.

— Bom dia, meu menino — diz Mariah.

— Bom dia. — Sorrindo.

Nos sentamos para comer, as panquecas estavam muito boas. Minutos depois, já estávamos na empresa, e de novo todos estranharam e ficaram olhando. Fiquei vermelha, ainda mais com o comentário de um acionista sem graça: *“Está comendo sua secretária agora Maycon?”*.

Ele ficou furioso e quase bateu nele, mas pedi para que tivesse calma e ele apenas o ignorou. Já estava quase na hora de ir embora, o dia passou muito rápido. Estava passando alguns e-mails que faltavam quando um rapaz aparece.

— Entrega para Diana Williams.

— Sou eu. — Ele me entrega um papel e eu assino, em seguida, me entrega uma caixa preta com fita vermelha. Antes que eu dissesse obrigada, ele já tinha ido embora. Abro a caixa e tem um lindo vestido preto com uns brilhos prata e fenda lateral. Havia um bilhete, com a caligrafia do Maycon.

Um vestido especial,

Para uma pessoa especial.

Seu Maycon Corppin

Sorrio com seu bilhete e volto aos meus afazeres. Alguns minutos depois, ouço o elevador apitar, o mesmo rapaz chega com mais uma caixa. Assino o papel e ele me entrega, abro e está um lindo sapato preto com pedras na frente.

Para acompanhar o vestido...

Ficará lindo nos seus pés.

Seu Maycon Corppin

Guardo as caixas e volto ao trabalho. Só falta um e-mail, quando recebo uma mensagem de Maycon dizendo que já saiu da reunião e para me encontrar com ele no hall de entrada daqui a uns 5 minutos. Terminado de passar o e-mail, pego minhas coisas e vou para o elevador. As portas se abrem e o mesmo rapaz aparece de novo. Ele dá risada e eu também, assino e ele me entrega a caixa. Essa é menor que as outras, deixo-as no balcão e abro a menor. Havia um belo colar de brilhantes verde-claro, me arriscaria a dizer que é jade e um brinco de pedra única.

Verdes como os olhos

de quem tanto gosto.

Seu Maycon Corppin

Pego tudo e desço, Maycon já estava me aguardando falando ao celular. Ele me vê e logo sorri, desliga o telefone, e me ajuda com as caixas. Não aguento e o abraço, fico ali com a cabeça em seu peito e os braços ao seu redor, ele envolve seus braços em minha cintura e me aperta contra seu corpo. Sussurro um “obrigada” e ele beija o topo da minha cabeça. Percebo os olhares em nós, todos tentam entender o que estava acontecendo, mas não me importo. Percebo que estava com saudades dele. *E olha que não estávamos muito tempo um longe do outro.* Me separo dele com um sorriso largo, ele pega em minha mão e saímos para o lado de fora.

— Senti saudades de você — digo meio envergonhada. Ele tinha passado o dia todo fora, não tinha o visto, nem almoçado juntos.

— Também senti sua falta hoje. — Ele me dá um beijo e acaricia os meus cabelos. Caminhamos até o carro, olho para trás e todos na empresa estava próximo a porta, olhando. Começo a rir. Maycon olha na mesma direção e todos voltam aos seus afazeres, ele entra no carro e desfaz a carranca dando risada. Fomos para casa, graças a Deus amanhã já era sábado, teríamos um tempo livre só para nós dois. Chegamos ao apartamento de Maycon, subo, tomo um banho e me arrumo para o baile. Me olho no espelho e estou ótima no vestido que ele me deu. Ficou justo, acentuando bastante minhas curvas.

Faço uma maquiagem caprichada e passo um batom vermelho. Deixo meus cabelos soltos e faço cachos na ponta, calço o sapato e o colar com o brinco. Estou bem diferente, mas elegante e bonita.

Desço as escadas devagar para não tropeçar no vestido. Encontro Maycon sentado no sofá, com um copo de whisky na mão. vestia um terno preto e gravata borboleta, mas seu semblante mostrava que estava preocupado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada amor, você está linda. — Ele se levanta e me beija.

— Obrigada, você também não está nada mal. Tem certeza que não está acontecendo nada?

— Tenho sim. Só problemas com a empresa, nada que tenha que se preocupar. Vamos?

Passo o braço no seu e caminhamos para o elevador, descemos e entramos no carro.



Chegando na frente do evento, havia vários paparazzis. Respirei fundo e fui obrigada a sair quando Claiton abriu a porta para mim. Maycon já estava do lado de fora, me aguardando. Paramos e tiramos fotos como um caszinho, o que éramos, na verdade. Ele pôs a mão em minha cintura e me aproximou mais de seu corpo, sorriu e os flashes começam a aparecer.

— Agora todos saberão que você é minha — sussurra no meu ouvido enquanto os flashes rolam, .se aproxima de meus lábios e me dá um beijo breve sem minha permissão. Fico envergonhada e irritada por agora eles

saberem que temos algo. Passamos pelo tapete enquanto eles fazem inúmeras perguntas: perguntando se já estamos casados; se eu era a primeira secretária dele a ter um caso com o chefe; até se eu estava grávida. *Mas que povo louco.* Entramos e suspiro em sinal de alívio. Uma moça na recepção nos atende e entregam pulseiras iguais na cor branca. Todos nos olhavam, mas não pra Maycon, e sim, para mim.

— O que há de errado em mim?

— Nada, meu amor, você está linda. Eles só estão achando estranho eu estar com alguém, nunca vou a eventos acompanhado.

— Entendi.

Fomos seguindo a moça que estava na recepção até nossa mesa, nossos nomes estavam em uma placa indicando a reserva. Nos sentamos e logo o garçom veio nos atender. Pedi um coquetel de frutas e Maycon champanhe francês. Ficamos ali, olhando o movimento e conversando. Resolvemos dar uma volta na festa, ele sempre parava para falar com alguém, até que o evento começou e voltamos para nossos lugares. Parece que haveria dança para arrecadar dinheiro. A luz começou a vagar pelas mesas escolhendo as moças, três já haviam sido escolhidas, quando a luz para na minha mesa. Todos começam a aplaudir, inclusive Maycon.

— Ei, me ajuda, não quero ir... — sussurro.

— Vai lá, é por uma boa causa. — Reviro os olhos discretamente.

Ok.

Me levanto enquanto todos ainda estão me aplaudindo e caminho até o palco para me juntar às outras meninas. O leilão de dança começa, a primeira já tinha arrecadado 90 mil, uma fortuna para uma dança; a segunda, 100 mil, mais outra fortuna. Todas elas são modelos e, pelo visto, bem conhecidas. *Eu não sou nada em relação a elas, se eu conseguir mil é muito.* Começo a ficar nervosa, pois minha vez já se aproximava. A terceira consegue 60 mil e, por

fim, era minha vez. Sorri para as pessoas, tentando mostrar que sou boa moça.

— Agora a dança com a Srta. Williams. Quem vai dar a primeira proposta para esta mulher linda?

— Cinco dólares. — Uma mulher ao fundo grita, e todos riem.

— Eu dou vinte mil; — Um senhor fala.

— Vinte e cinco mil. — Um jovem fala.

—Cinquenta mil. — Um homem no fundo, com a voz familiar, fala.
Mas de quem é essa voz?

— Sessenta mil. — Maycon fala, porém, o mesmo homem de antes grita do fundo.

— Oitenta mil. — Eu sei de quem é essa voz, é de Juan Possidôni.

— Cem mil. — Maycon fala em alto e bom som.

— Duzentos mil. — Juan mais uma vez fala.

— Um milhão. — Maycon grita, o pessoal olha para ele espantado pelo valor alto. *Um milhão? Eu não valia tudo aquilo.*

— Mais nenhuma oferta? — A mulher pergunta. Ela conta de um até três, e diz: — Dança concedida a Maycon Corppin. Parece que nossa dama aqui vale mais do que pensávamos, não é mesmo? Uma salva de palmas para Srta. Williams e Maycon Corppin.

Todos começam a aplaudir, uma música suave começa a tocar e Maycon caminha em minha direção. Olho para ele de cara feia que apenas sorri.

— Você não devia ter falado aquele valor absurdo de alto, por causa de uma dança.

— Daria todo meu império só para ter uma dança contigo. Não deixaria você nas mãos daquele otário. — Me olha com um sorriso nos lábios, fazendo meu coração amolecer.

— Não faça mais isso. — Reviro os olhos, era inevitável não sorrir.

— O dinheiro vai para um bom lugar, para pessoas que necessitam mais. — Ele me beija e depois, nos embalamos ao ritmo da música. Ficamos agarradinhos na pista, sem nos importar com os olhares tortos das pessoas.

— Não sabia que uma mulherzinha dessas arrecadaria tanto dinheiro e ainda levaria o coração do grande chefão. — Uma mulher me olhava de cima a baixo com ódio nos olhos.

— Mulherzinha? Pelo amor de Deus, cai fora daqui! — Maycon quase grita, sendo extremamente grosso.

— Calma amorzinho, não vai me apresentar sua nova amiga? — *Ela tem uma voz irritante. Amorzinho?*

— Amiga? Ela é minha namorada. Porque não vai atrás de seu brinquedinho? Ele deve estar te esperando para a diversão. — Ele tinha certo ódio na voz.

— Minha diversão sempre foi você, sempre te amei, o que eu fiz foi burrada. — Ela passa a mão no rosto dele, parecia que eu nem existia ali. Ele pega as mãos dela com rispidez e tira de seu rosto.

— Nunca mais me procure ou fale comigo, pensasse nisso antes! — Ele me puxa pelo braço e sai me arrastando.

— Maycon? Está me machucando — digo, mais ele continua andando sem falar nada.

— MAYCON!? — grito e ele para.

— O que foi!? — diz irritado.

— É ela, né?

— Sim é ela. Agora vamos. — Volta a andar, me puxando novamente.

— Dá para parar de me puxar? Que saco. — Puxo meu braço e saio andando em outra direção.

— Onde você vai?

— VOU AO BANHEIRO! — grito e saio o mais rápido que consigo. Pergunto ao garçom onde fica e vou em direção a ele. Molho as mãos, passando-as na nuca e na testa. *Mas que palhaçada foi essa? Aquela cobra acabou com minha noite.* Ouço saltos ecoarem no piso, olho para o espelho e não podia ser outra pessoa.

— Nem nos apresentamos, né?! Prazer, Natacha. — Ela estende a mão e eu apenas observo, não vou entrar no jogo dela. — Você é tão sem sal, Diana. É esse seu nome? Não sei o que ele viu em você. Mas só vou lhe dizer uma coisa, saia da vida dele, ou eu vou acabar contigo.

— OLHA AQUI SUA VADIA, EU NÃO VOU ME AFASTAR DE NINGUÉM! Você não me conhece, então não venha com ameaças. Se você se acha ruim, eu sou pior ainda. Agora, saia da minha frente, que eu tenho mais o que fazer.

— Olha só, ela fala. — Dá risada.

— Falo, falo sim. E faço também... melhor ainda. — Pisco para ela e saio. Ela pega em meu braço com força, me puxando para trás. Bato minha cintura na pia com tudo, tento conter minha raiva mais é tarde demais, dou um tapa estralando em seu rosto. No mesmo instante, Maycon aparece.

— Você está louca? Me bateu. Está vendo, Maycon? É esse tipo de pessoa que você quer que esteja ao seu lado? Gente baixa e grosseira? — Ela se encolhe nos braços de Maycon e chora.

— Vamos Diana. — Ele diz com a voz fria, me estendendo a mão e a afastando dele. Ele não dirigiu uma palavra sequer a Natacha, nem um olhar.

Sáímos em silêncio, meu braço estava marcado pelas mãos dela, tento esconder as marcas e caminho até o carro. A volta foi um silêncio terrível, não quis falar com ele. O deixei em seus pensamentos enquanto eu me perdia nos meus. Entro no apartamento e vou direto para o banheiro, tomo um bom banho, visto uma camisola qualquer e desço para a cozinha. Estava com fome, abro a geladeira, pego leite e no armário, uma caixa de cereais, como rapidinho e depois que termino, subo para o quarto, me deitando na cama. Maycon devia estar trancado em seu escritório. Fico ali deitada, rolando de um lado para o outro, até que durmo.

Acordo pela manhã, olho para meu lado e Maycon não está. Levanto, faço minha higiene, volto ao quarto e percebo um pequeno bilhete no móvel de cabeceira ao lado da cama.

Tive que sair cedo para uma viagem rápida a negócios,

no final do dia estarei de volta.

Maycon Corppin

Pelo visto, estamos na mesma, nada de “Seu Maycon Corppin”. Ponho um biquíni e vou para a área de fora do apartamento, dou um mergulho e me deito na espreguiçadeira, aproveitando um pouco daquele sol. Ouço passos e

aos poucos faz sombra. *Será que é Maycon?* Abro os olhos esperançosa, mas é Mariah.

— Olá Srta. Williams, bom dia — diz docemente.

— Oi Mariah, por favor, apenas Diana.

— Como desejar, Diana. — Ela sorri.

— Obrigada.

— Gostaria de comer algo?

— Estou sem fome, mas obrigada por perguntar.

— Nada disso, vai comer sim. Vou preparar algo. — Ela entra sem me deixar protestar.

Aproveito o sol o máximo que posso, quero tirar essa cor amarela. Mariah chegou com minha comida, estava tudo uma delícia. Meu celular toca, me deixando esperançosa de que fosse ele, mas é a Ju.

— Isso, esquece mais de mim que estou amando. — Faz drama.

— Não estou esquecendo, apenas muito trabalho e pouco tempo. — Não era mentira.

— Entendo, como foi a viagem? Não nos falamos mais. Vamos ao shopping agora pela tarde? Te pego em sua casa.

— Não estou em casa, desde o dia que cheguei de viagem. Teve um vazamento no banheiro do apartamento de cima que molhou o meu todo. Estava tudo acabado no mofo, não tinha condições de ficar lá, então estou na casa de Maycon.

— Como assim, vadia!? — Ela praticamente berra e sou obrigada a

afastar o celular do meu ouvido. — Você não me contou nada, precisamos conversar!

— Certo, eu te encontro no shopping.

— Beijos, gata. — Cantarola, me fazendo sorrir.

Subo para o quarto e tomo um banho. Ponho um vestido azul-marinho rodado e um salto preto arrumo meus cabelos e estou pronta. Desço e pego meu carro na garagem.

— Srta. Williams.

— Oi, Claiton, apenas Diana.

— Certo, Sr. Corppin me deixou a sua disposição. Disse que, onde a senhorita quisesse, eu poderia levar, nada de dirigir.

— Vou no meu carro mesmo, pode ficar tranquilo — afirmo.

— Mas senhorita, ele disse que era... — corto ele.

— Não importa o que o seu chefe falou, agradeço pela boa vontade. Ah, dá um recado a ele para mim?

— Sim.

— Diga para ele ir a merda. — Vejo um sorriso brotar em seu rosto. Ele apenas assente.

— Tchau, Claiton.

— Tchau, Diana. — Arrasto o carro e saio.

Chego ao shopping em minutos, encontrando Jullia. Fomos fazer compras enquanto conversávamos. Conteí sobre tudo o que estava acontecendo e ela ficou muito feliz, mas também irritada com a situação da

tal Natacha. Aproveitei a tarde para cuidar de mim, fiz cabelo, unhas, sobrancelha, massagem.... Já era noite, e Maycon não tinha me dado uma ligação sequer. Me despeço de Jullia e volto para o apartamento. Chego e nem sinal dele, ligo para o telefone dele, mas ele não atende. Deito-me no sofá e ligo a TV, fico assistindo um programa de comédia para passar o tempo. Tento ligar novamente, mas nada. Já são 21 horas e nem uma notícia, subo para o quarto e me aconchoo na cama tentando dormir, mas não consigo. Sinto uma coisa estranha no peito, mas prefiro não especular nada. Com muita luta, consigo pegar no sono.

Acordo com o cheiro daquele perfume, levanto num sobressalto. Faço um coque nos cabelos e vou à procura dele, olho em toda a casa e não o encontro, apenas Mariah.

— Bom dia, Mari, Cadê Maycon?

— Bom dia, menina, ele saiu para malhar.

— Sabe que horas ele chegou?

— Chegou hoje pela manhã e seu humor não estava dos melhores. — Já fico em alerta.

— Ok, obrigada. — Subo, encho a banheira e fico ali dentro, pensando.

Ele está me fazendo de idiota. Não me ligou em momento algum ontem, e só chegou hoje pela manhã. Já era de se imaginar que as coisas seriam assim, estava bom demais para ser verdade, conseguiu o que queria de mim e agora, já não sirvo mais. Não chego nem aos pés das mulheres com quem ele já esteve.

Levanto e me seco indo para o quarto, no exato momento, ele entra, trajava uma calça moletom cinza e uma blusa preta colada ao corpo. Estava suado, exalando testosterona. Era uma visão linda da qual eu não podia me perder e nem me deixar cair em tentação. Concentro-me em procurar uma roupa, ponho um short de pano azul e uma blusa regata branca.

Percebo seu olhar em mim, mas não dou importância, termino de me arrumar, passo por ele e saio do quarto sem dizer uma palavra. Vou à biblioteca, escolho um livro e vou para a área externa do apartamento. Me deito em uma espreguiçadeira e fico perdida lendo. Levanto os olhos e Maycon está parado perto da porta me observando. Volto a ler, ele caminha até onde estou e se senta ao meu lado. Não tiro meus olhos do livro.

— Desculpa — diz quase num sussurro, mas continuo quieta, lendo. — Não sei o que aconteceu ontem, não consegui ligar para você, fiquei preso nas reuniões e, quando foi a tarde, os conselheiros me chamaram para irmos no bar comemorar. A princípio, eu não queria ir, mas fui. Quando cheguei lá, tomei três doses de Whisky e na quarta dose, eu já não sei mais o que aconteceu, me senti completamente bêbado, minhas vistas ficaram escuras e, a partir daí eu não lembro de nada. Acordei hoje pela manhã bem cedo, sem me lembrar de nada, estava sem roupa em um hotel que não conhecia. Fui num laboratório lá mesmo para saber se estava tudo bem comigo, esperei o resultado e tinha droga no meu sangue.

— Sinto muito, mas se não tivesse ido, não teria passado por isso — digo ainda irritada com ele. Sei o quanto tudo isso é perigoso, mas também não vou dar o braço a torcer.

— Eu sei, e não queria ter ido, mas eles pediram demais. Eu só queria vir para casa, te encontrar e me desculpar pelo modo como agi na festa, mas é que ela me deixa virado de raiva. Me perdoa. — Ele acaricia meu rosto e eu fecho meu olhos sentindo a sensação de seu toque. Eu estava com saudades dele e era inegável. Mesmo estando pouco tempo longe um do outro, era como se estivéssemos há dias. Sinto seus lábios nos meus e não resisto, beijo ele com vontade, mostrando toda a falta que sentia. Ficamos assim por alguns segundos, até o ar faltar.

— Senti a sua falta, meu coração gelou quando você não falou comigo hoje. Ontem foi um dia terrível. Eu não posso mais ficar sem você ao meu lado, me apeguei demais. Porque não mora aqui comigo? Você vende ou aluga, sei lá, seu apartamento, e fica aqui comigo? — Passa as mãos pelo cabelo, mostrando estar nervoso.

— É cedo demais, Maycon. — Olho para minhas mãos.

— Por favor, diz que vai pensar, pelo menos.

— Ok, pensarei, mas não é nada certo, estamos indo rápido demais.

— Melhor que nada. — Sorri. — Acho que estamos indo muito bem.
— Ele me beija mais uma vez, me põe em seu colo e começa a acariciar minhas pernas. Depois, sobe para a minha feminilidade.

— Ei, aqui não! — digo olhando para a porta.

— Mariah não está mais aqui, dispensei ela. — Ele volta a me beijar. Tiro sua blusa e ela vai parar em algum canto dali, tinha urgência em tê-lo em mim. Ele tira minha blusa e começa a sugar meus seios enquanto massageia o outro. Maycon está entre minhas pernas, aproveito que estou em cima dele e movimento o quadril, chocando minhas partes contra seu membro duro. Ele beija o meu pescoço ao mesmo tempo em que trato de me livrar do meu short e desço a calça dele, sentando rapidamente em seu pênis. Cavalgo com força, rebolo e depois ponho ele todo dentro de mim, fazendo meu corpo inteiro estremecer. Saio devagar enquanto ele ainda saboreava o meu seio, o tesão emanava pelo local. Ele inverte a posição, me colocando de quatro na espreguiçadeira se encaixando novamente dentro de mim.

— Eu quero você duro e forte — digo ofegante.

— Ah Diana, você um dia ainda vai me matar... — geme em meu ouvido.

Ele começa a estocar em mim com força, do jeito que pedi. Meu corpo se desfaz com todo o prazer. Uma mão está no meu cabelo me puxando para trás, a outra brincando com meu ponto sensível. Eu estava quase lá, ele investe mais em mim, e não aguento, gozo chamando seu nome, logo depois, ele também. Ficamos ali, deitados e abraçados na espreguiçadeira. Ele acariciava meus cabelos e hora ou outra beijava meu pescoço.

— Você não sabe a saudade que senti de você, do seu cheiro, dos seus olhos em mim, da sua boca, das suas birras, dos roncos... — diz.

— Eiii, eu não ronco, *tá* legal? Mentiroso.

— Como você sabe que não ronca, se está dormindo?

— Porque ninguém nunca reclamou de nada. — Dou uma piscadela.

— Ninguém, é? Claro que não iriam reclamar, gostavam da noite e não queriam ser botados para fora. Já eu, sou ousado e ganhei seu coração, então sinto a necessidade de te falar a verdade, não é mesmo? — Ele sorri.

— Você é otário, isso sim — digo rindo.



Capítulo 15

3 semanas depois...

Maycon e eu, nessas últimas semanas, estávamos nos dando super bem trabalhamos muito e fechamos grandes negócios para a empresa, tínhamos batido o recorde de planos fechados. Aceitei morar com ele por hora, e foi a melhor coisa que fiz. Além do mais, meu apartamento ainda não terminou de ser reformado, e nem sei quando estará tudo pronto para alugar. Hoje, iremos almoçar juntos para comemorar mais um grande trabalho feito. O telefone toca, é da sala de Maycon.

— Preciso de sua ajuda, vem cá na minha sala.

— Certo, estou indo. — Desligo. Reparo nas portas do elevador se abrirem e a víbora sair dele. *Mas o que ela está fazendo aqui?*

— Olá Diana, que bom revê-la — diz com aquele sorriso cínico nos lábios.

— Oi Natacha, não posso dizer o mesmo — digo o mais seco possível.

— Enfim, sem mais delongas, cadê seu chefinho? Quero falar com ele, está aí dentro? — Ela aponta para sala indo em direção a porta. Me levanto rápido e vou atrás dela em passos largos, para impedi-la, mas já era tarde, ela abre a porta e entra na sala.

— Amor você viu aquele contrato, que fechamos ontem do Sr. Milan?
— Ele procura dentro das gavetas sem levantar o olhar.

— Eu não sei onde está, mais posso te ajudar. — A víbora ri. Maycon levanta seus olhos rapidamente.

— Desculpa, ela entrou e não consegui detê-la. — Olho para minhas mãos.

— O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta, sua voz sai tão fria que até meu corpo estremece.

— Não fale assim comigo, chefe. — *Ela tem uma voz enjoada.*

— Já te disse, me deixe em paz, e pare de me chamar assim.

— Vai me dizer que não gosta que te chame assim? Antes você amava... nas nossas loucas transas, quando te chamava de chefe, você ia nas alturas.

— Ainda bem que você sabe, antes.... Hoje, eu só sinto nojo e desprezo por você.

— Aí, assim você me magoa, chefe. — Ela faz drama. Eu queria grudar nos cabelos dela. — Preciso falar com você a sós. — Ela me olha com certo nojo.

— O que tiver para falar, pode dizer na frente de Diana.

— Eu acho que não seria uma boa ideia ela ouvir o que tenho para falar.

— Pode dizer — fala grosso.

— Se é assim que você quer.... Então, vim te avisar que estou grávida.
— Ela põe a mão na barriga.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Nossa como você é bobinho. O filho é seu, não é óbvio? — Ela sorri e acaricia a barriga. *Como assim, é dele?* Fico sem reação, não consigo falar, nem me mover.

— MEU?! VOCÊ SÓ PODE ESTAR LOUCA! NÃO TEMOS NADA A MUITO TEMPO! — Ele grita, já irritado.

— Não se exalte, irei te explicar, é uma pena que você não se lembre da nossa noite maravilhosa, na sua última viagem a negócios. Foi uma pena não poder ter ficado te esperando acordar para contar o que houve... — explica. *Então quer dizer que ele dormiu com ela?* Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Então foi você que me dopou!? Sua cretina, eu vou te matar! — Ele joga tudo o que está sobre a mesa no chão. — Mas mesmo que tenha me dopado, não teria como eu ter transado com você. — Para fitando-a, passando as mãos no cabelo nervosamente.

— Eu te dopei? Você só pode estar louco, me ligou naquela noite, disse que queria conversar comigo. Eu ainda estava na reunião, arrumando os

papéis. — *Ela também foi para a tal viagem?* Meu desespero só aumentava. — Você disse que queria falar sobre “negócios”, mas o sexo foi ótimo, tirando a parte em que você me chamou de Diana. — Ela faz uma careta.

— Não posso acreditar nisso, isso tudo é uma mentira. Você me dopou, não chegaria tão baixo. — Ele ri sarcasticamente.

— Tenho como provar o que fizemos. Tão baixo? Eu não fiz nada, e só transei com você por amor. — Ela saca seu celular da bolsa, mexe e depois entrega para Maycon. Ele olha o que tem e depois soca a mesa.

— Sua cretina, como você pôde? Eu não posso acreditar em você, sua manipuladora!

— Aah, já ia me esquecendo. — Ela tira um papel da bolsa e entrega a ele. Depois de alguns minutos olhando, ele apenas diz:

— Quero o DNA. — Seus olhos estavam cheios de ódio e raiva.

— Tudo bem, quer olhar, florzinha? — Ela fala se direcionando a mim. Me entrega o celular e os papéis, leio, e um “**Positivo**” em negrito grita no exame. Pego o celular e dou play no vídeo.

Vejo Maycon deitado na cama enquanto ela cavalga em cima dele, depois sai de cima e chupa o membro dele, que está completamente duro. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, não podia acreditar que aquilo estava acontecendo comigo. Jogo o celular com toda força no chão e amasso o teste, jogando na cara dela.

— Que maravilha hein!? — Saio da sala e vejo Maycon vir atrás de mim.

— Diana por favor, a culpa não foi minha, você viu o vídeo, sabe que eu não fiz nada. — Ele tenta me alcançar.

— Sei? Porque eu não tenho certeza de nada? A culpa não foi sua? Se

tivesse voltado para casa antes, como havia dito... mas não, você preferiu ficar lá e ainda transar com ela. A CULPA É TODA SUA! — Já chorando, agradeço mentalmente por estarmos sozinhos no andar da presidência.

Pego minha bolsa e saio de lá, entro no elevador e vejo ele correndo em minha direção, mas já é tarde demais, as portas se fecham e meu choro aumenta. Vou para meu carro e saio cantando pneus. Não sei para onde irei, fico rodando sem rumo, tentando arrumar meus pensamentos. Meu celular toca mais não atendo, sei que é ele, desligo o celular e resolvo parar em uma praça. Sento-me num banco afastado de todos e desabo em choro. Não podia acreditar que ela teria um filho dele, do meu Maycon, não posso suportar isso.

Nessas últimas semanas, estávamos nos dando tão bem, mas agora, sinto como se tivesse sido apunhalada pelas costas, enganada. Choro ainda mais, ponho tudo para fora. Esta criança não pode nascer sem um pai por perto, sei que ele vai está distante dessa criança por minha culpa. Fico ali por um bom tempo, não percebo que já é quase noite. Preciso tomar um banho e dormir, mas não tenho lugar para ficar. Pego meu carro e vou rumo à casa de Maycon.

Entro no apartamento e vejo ele se levantar do sofá vindo em minha direção. Ele está com os cabelos bagunçados e sua roupa está toda amarrotada, sua feição muda para algo como alívio quando me vê. Continuo andando em direção ao quarto, desvio o corpo quando ele tenta pegar em meu braço.

— Diana, por favor, me escuta. Eu não tive culpa, talvez por ter ido, mas não pelo o que aconteceu. Me entenda por favor? Não desejei isso e sinto nojo de mim mesmo. Se esse filho for meu, irei assumir, darei todo meu amor e apoio, mas não significa que terei que ficar com ela. É com você que eu quero ficar.

— Eu não quero ser o motivo para você ficar longe dessa criança. Não quero interferir em nada na criação dela, você deveria mesmo ficar com ela. Não será o mesmo entre nós dois.

— Pelo amor de Deus, para de ser cabeça dura. Não quero nada com ela, e eu cuidarei da criança se for minha, o que tudo indica que não é. Nada vai mudar entre nós dois. — Ele segura em meus braços. Desabo em choro, não estava suportando saber que não era eu a estar grávida dele, e sim ela. Maycon me abraça forte e me pede desculpas. Apenas fico calada, tentando entender tudo o que estava acontecendo. Ficamos naquela posição por um tempo, coloquei toda a minha angústia para fora através de lágrimas.

— Vai ficar tudo bem meu amor, eu te prometo. Vamos tomar um banho, você deve estar exausta. — Ele acaricia os meus cabelos. Caminhamos até o quarto, ele tirar as minhas roupas e me dar banho não parecia ser com má intenção. Ele passa a bucha com sabão em meus ombros e lava os meus cabelos. Depois de ter secado os cabelos na toalha, visto um baby-doll e me deito na cama. Ele sai do quarto e fico ali deitada, encolhida na cama. Estava ficando com dor de cabeça por ter chorado tanto. Fico olhando pela grande parede de vidro as luzes de uma parte de Chicago ao longe. Maycon aparece com um copo de água e um comprimido, parecia que tinha lido meus pensamentos.

— Imagino que esteja com dor de cabeça por ter chorado, tome. — Ele me estende a água e o remédio. Tomo e me deito novamente, ele se junta a mim na cama e acaricia os meus cabelos, até que pego no sono.

Acordo e olho o relógio ao lado da cama, já são 09:00 da manhã. Estou extremamente atrasada, procuro por Maycon e o encontro no escritório, de calça moletom e sem camisa, sentado em sua cadeira e mexendo no notebook.

— Não vai trabalhar hoje? — pergunto baixo.

— Vamos ficar em casa, achei melhor trabalhar aqui. — Ele sorri de lado. — Não temos nada agora pela manhã, só tenho uma reunião pela tarde com os sócios, mas não é necessária sua presença. Fique e descanse. Está melhor? — Ele pergunta vindo em minha direção.

— Estou sim. — Ele se aproxima e tenta me beijar, mas viro o rosto.

Ainda estava muito chateada. Eu precisava entender que a culpa não era dele e sim daquela vadia.

— O que eu vou ter que fazer para você me perdoar? Não aguento essa indiferença comigo, com a gente. — Ele segura minha cabeça, forçando a olhá-lo.

— Apenas faça amor comigo, quero te sentir, saber que você é meu, como eu também sou sua — digo quase em um sussurro.

— Ah, minha pequena, vou te mostrar o quanto sou seu. — Acaricia meu queixo.— Venha, quero te amar. — Vamos em direção ao quarto. Ele se aproxima de mim e acaricia meu rosto, dá leves beijos nos meus lábios e desce para meu pescoço, fazendo uma trilha de pequenos beijos. Sinto meu corpo se aquecer com o seu calor. Ele volta para os meus lábios e beija com calma, um beijo envolvente, cheio de leves mordidas.

Me leva até a cama, deitando-me com cuidado. Passa a mão pelo meu corpo e para nos meus seios, liberando-os de dentro da blusa. Ele toma posse com sua boca, sugando e morde suavemente, me deixando completamente excitada. Passo minhas mãos em suas costas, arranhando-o. Ouço o seu gemido baixinho, o que me enche de vontade dele. Maycon se livra de nossas roupas, nos deixando completamente nus. Eu nunca vou cansar de olhar para o corpo dele e o desejar, era a visão de um completo paraíso. Beija todo o meu corpo e para nos meus seios, dando atenção novamente a eles, chupando, dando mordiscadas; sobe e beija meu pescoço, depois voltar para meu ouvido e sussurra:

— Eu te amo, meu amor... É com você que eu quero construir uma família, ter meus filhos, você é minha, e eu sou completamente seu. — Meus olhos se enchem de lágrimas. *Ele me ama!*

— Eu também te amo, muito...— digo, percebendo o quanto o amava em tão pouco tempo.

— Hoje, eu quero realizar o meu sonho, ser pai.

— Se o filho dela realmente for seu, você já é. — Sorrio fraco.

— Quero ter um filho, contigo. Ser pai de um filho seu — fala calmamente em meu ouvido.

— Maycon, não é assi... — Ele me corta com um beijo.

— Teremos um filho, nosso. Quero te mostrar o quanto te amo e essa vai ser minha maior declaração de amor para você, um fruto nosso. — Meus olhos se enchem de lágrimas. Ele me envolve em seus braços me beijando novamente, fazendo as coisas esquentarem. Seu beijo é cheio de amor e sentimentos, era palpável. Ele desce traçando uma trilha de beijos pelo meu corpo, parando perto da minha feminilidade.

Beija minhas pernas e minhas coxas, indo para o meu clitóris, tirando toda a minha possibilidade de pensar. Ele introduz sua língua em mim, fazendo um vai e vem delicioso. Seguro em seus cabelos, incentivando-o a continuar. Ele continua a passar a língua em meu clitóris, fazendo movimentos circulares, e então coloca um dedo dentro de mim. Arfo de prazer enquanto ele estoca o dedo, estremeço em seus dedos, um aviso de que já estava para gozar, mas eles me deixam.

Maycon se posiciona entre minhas pernas, passando a cabeça de seu membro pela minha feminilidade, depois me penetra devagar, me preenchendo pouco a pouco. Jogo minha cabeça para trás quando sou preenchida por completo. Seus movimentos são lentos e inebriantes. Seus olhos diziam o quanto me amava, ele deixa escapar um sorriso lindo, de homem apaixonado. Eu sempre seria dele, mesmo que não quisesse. Ele se move numa calma torturante, se aproxima de mim e me beija com ternura.

— Eu te amo tanto, minha pequena, eu não posso ficar longe de você. Você é tudo o que eu tenho. Acho que nada do que eu te diga vai expressar o imenso amor que sinto por você, só posso te provar de um jeito... — Ele suspira baixo enquanto ainda se movimenta dentro de mim. — Amor...? Casa comigo? — ele sussurra em meu ouvido. Olho para ele não acreditando no que acabo de ouvir. Fico sem voz e as lágrimas que caem dos meus olhos são

inevitáveis.

— Sempre ouvi dizer que o beijo é uma declaração de amor em silêncio, então... — Puxo ele para mais perto de mim e o beijo com vontade, pondo todo o amor que eu sentia naquele beijo. Quando meu fôlego acabou, dou selinhos nele, entre um beijo e outro, sussurrei:

— Sim. — Eu sei que era loucura, mal tínhamos começado a namorar, mas agora, na minha cabeça fazia sentido sobre o que a mulher no parque havia me dito. *Almas gêmeas de vidas passadas.*

Sinto seu sorriso nos meus lábios, seu vai e vem se intensifica, chegando ao meu extremo, porém, ele não para, continua a estocar em mim. Ele beija o meu pescoço, dando algumas chupadas e mordidas leves, me vira de costas e me penetra novamente, em um ritmo torturante. Massageia o meu clitóris fazendo com que eu sinta novamente o formigamento que eu tanto conhecia.

Com sua outra mão, ele aperta o meu seio, me fazendo entrar em combustão. Minhas pernas tremem e temo não conseguir ficar nessa posição por muito tempo. Maycon senta sobre seus pés e me puxa, sentando-me em seu colo. Começo a me mover sentando nele, suas mãos apertam os meus seios e dão leves beliscadas. Sinto o meu gozo chegar e meu corpo ter espasmos, sinto o seu gozo quente em mim, me levando junto. Com ele, as transas sempre eram envolventes e diferentes, e, com toda certeza, essa ficará gravada em minha mente eternamente.

— Te amo — digo olhando-o por cima dos meus ombros.

— Eu também, minha princesa. — Ele beija meus lábios.

Ficamos deitados na cama até nossas respirações se regularizarem. Depois, levantamos e fomos tomar banho, Maycon encheu a banheira e ficamos lá dentro relaxando. Ele estava a minha frente, segurando meus pés, fazendo massagem, seus olhos estavam atentos em mim.

— Você não falou brincando quando me pediu em casamento, né? — Minha ficha ainda não caiu. *Só pode ser brincadeira, as coisas estão indo tão rápido.*

— Claro que não. — Ele sorri.

— Não foi por causa do calor do momento?

— Eu já estava pensando nisso a algum tempo, achei que agora foi a melhor hora de te pedir. Eu te amo e não tenho dúvidas. O que eu mais quero é me casar com você e construirmos uma família juntos. Você não vai mais tomar o anticoncepcional, me encarregarei de pedir a Mariah para se livrar de todos eles, vamos, sim, ter um filho.

— Maycon, ainda está muito cedo. Não vamos curtir nosso casamento como queremos, não que eu não queira ter filhos, mas eu acho que não é o momento certo, ainda mais que tem aquela lá grávida. — Acabo ficando irritada.

— Não sabemos se é meu. Quem sabe ela não desista dessa ideia ridícula? Esquece isso por hora, por favor! Vamos fazer esse momento só nosso e já está decidido, vamos ter um filho sim, nem que eu tente diversas vezes. Não tome mais o anticoncepcional, pode já haver uma vida aí dentro.

— Você não existe, Maycon, acabamos de transar, como já tem uma vida aqui? — Reviro os olhos e rio em seguida.

— Ei, não ria, deixei em você vários filhos, um deles ao menos tem que ficar, não é mesmo? — Sorri de lado.

Depois que tomamos banho, Maycon foi para o escritório trabalhar. Ajudei ele com os contratos, digitando e mandando para o RH, já que era minha função. Estava terminando de mandar os e-mails para os fornecedores e acionistas deitada no quarto.

— Senhorita, o almoço já está pronto. Quer que eu traga sua comida

agora? — A voz de Mariah ecoa pelo quarto.

— Não, irei comer na cozinha mesmo, obrigada. Já chamou Maycon?

— Já, sim, mas ele disse que não irá comer, está sem fome — explica balançando a cabeça negativamente.

— Faça um favor para mim, diga que eu estou mandando ele ir comer. E não aceito não como resposta. Já estou descendo, só vou terminar de enviar um e-mail. — Pisco para ela.

— Ok, senhorita. — Ela sai, rindo.

Envio tudo e, minutos depois, desço para a cozinha. Maycon estava sentado, me aguardando com os cotovelos apoiados na ilha e com as mãos entre o rosto, conversando com Mariah. Ele me olha descendo as escadas e sorri.

— Acabou de virar Sra. Corppin e já está mandando em mim, é? — diz sério, mas vejo que ele está se divertindo com tudo isso.

— Mas é claro, não é isso que as esposas fazem? Apenas estou cuidando de meu marido — desdenho, dando de ombros.

— Deus, meu menino vai casar? — Mariah, surpresa, colocou as mãos no rosto.

— Vamos sim, a pedi em casamento agora de manhã. — Maycon me olha contente.

— Não poderia ter ouvido notícia melhor que essa! Meus parabéns, meu menino, você merece ser feliz. — Ela olha para ele com ternura. — Obrigada, Diana, por cuidar tão bem dele.

— Não há o que agradecer. — Sorrio, me sentindo feliz.

— Kelly vai amar essa notícia, vai contar a eles no jantar hoje à noite?
— ela pergunta alegre.

— Que jantar? — pergunto.

— Não estava pretendendo ir, mas tenho novidades a contar a eles e, afinal, tenho que te apresentar a família. — Ele me olha.

— Você não me falou sobre isso. — Começo a ficar nervosa em conhecer a família dele. *O que o senhor Fellipe iria achar?*

— Eu não iria, e também, só soube ontem à noite.

— Não estava me referindo a isso, e sim sobre conhecer a sua família.

— Fique tranquila, aposto que meu pai será o primeiro a amar. — Ele sorri.

— Tudo bem. — Respiro fundo, resolvendo deixar para pensar nisso depois. — Vamos comer?

Sentamos na mesa para comer, Mariah tem mãos de fadas, tudo o que faz fica realmente bom. Quando terminamos, Maycon foi para o quarto se arrumar para a reunião e eu fiquei deitada na sala de TV assistindo filme.

— Amor? Já estou indo, mais tarde estarei de volta. Tem um presente meu em cima da nossa cama para usar no jantar. — Ele deposita um beijo em meus lábios e se afasta. — Te amo. — Meu coração se aquece.

— Presente, é? — Seguro o riso. — Também te amo. — Parecia algo tão nosso quando dizíamos essas duas palavras. Meu coração se enche de amor apenas por ouvi-las.

Ele me dá mais outro beijo e sai. Saio correndo pela casa indo em direção ao quarto, pareço uma criança quando ganha um brinquedo novo. Chego ao quarto e encontro duas caixas vermelhas. *De onde ele tira essas*

coisas? Sorrio. Em uma caixa está um vestido de guipir branco, as alças são finas, tem uma leve transparência na parte da cintura e na barra do vestido. Ele cobre até um pouco abaixo do joelho, dando um ar de elegância. Na outra, menor, um *scarpin* de bico fino vermelho, muito bonito. Fico sorrindo feito besta. *Só podia ser Maycon.*

Desço, me acomodo no sofá novamente e volto a assistir TV. Em algum momento adormeço.

Acordo com um toque suave em meu rosto, abro os olhos devagar e vejo o melhor sorriso que poderia receber.

— Vou ficar mal-acostumada, quero ser acordada assim todo dia agora.
— Me espreguiço.

— Terei o prazer em te acordar todos os dias assim, será uma honra. — Ele me dá um beijo breve e se afasta. — O Jantar será daqui a pouco. Creio que se você queira ir, acho melhor começar a se arrumar... se não quiser ficar trancada em casa, mocinha. — Ele tenta soar sério.

— Ah, mas é claro, Sr. Corppin.

— Hoje, quero anunciar a todos sobre o nosso casamento. Quero você mais bonita do que já é. — Ele me beija com calma, sua língua invade minha boca, brincando comigo, e termina com uma leve mordida em meus lábios.

— Vamos tomar banho? — Ele me olha malicioso.



Capítulo 16

Eu já estou devidamente arrumada, o vestido ficou exatamente como imaginei, perfeito no corpo. Fiz uma maquiagem bem leve, não deixando de lado meu batom vermelho. Maycon já estava lá embaixo, me esperando. Desço as escadas com cuidado para não cair por causa do salto, chegando lá embaixo encontro ele sentado no sofá tomando whisky. Seus olhos, quando bateram em mim, mostram algo que eu não sabia explicar. Admiração, talvez.

— Eu sou um sortudo. — Ele sorri.

— E eu sou a mulher mais sortuda por ter você. O homem tão cobiçado de Chicago.

— Não sabia que eu era cobiçado por Chicago.

— Aaaah, para. — Não contenho o riso.

— Vamos, amor? — Ele me estende a mão, pego-a e caminhamos para o elevador.

Claiton já estava à nossa espera, cumprimentamos ele e entramos no carro. Alguns minutos depois, já estávamos na estrada em direção a casa do Sr. Fellipe. Fico nervosa novamente. *Será que ele vai gostar dessa ideia? De ter sua ex secretária como mulher de seu filho?* Minhas mãos começam a suar e bato os pés no chão repetidamente, sinto as mãos de Maycon no meu ombro, acariciando-o.

— Relaxa, ninguém vai te morder lá.

— Quem me garante? — digo e ele dá uma leve gargalhada.

— Eu te garanto, o único cachorro que vai ter lá sou eu, e eu não mordo. — Ele me dá uma piscadela. Não aguento e começo a rir.

— Só você mesmo para me fazer rir numa hora dessas.

— Chegamos. — Ele olha para o lado de fora do carro. A casa é linda, passa uma tranquilidade, eu moraria ali a minha vida inteira sem reclamar. Os portões são abertos e logo entramos na mansão. Claiton estaciona o carro e sai para abrir a porta, saio do carro e só conseguia reparar nas coisas ao meu redor. Tinha uma piscina logo na frente. A arquitetura da casa era em plano baixo e muito moderna, a minha preferida, para falar a verdade, a minha necessidade de arquiteta falou mais alto para observar os meros detalhes de tudo. O chão da entrada é de madeira, tudo muito rústico e bonito.

— Não vai falar nada? — Maycon da risada. — É lindo, não é?

— Muito bonito, e a arquitetura da casa é maravilhosa.

— Achei que iria gostar. Vamos?

Ele estende o braço para mim e entramos. Está bem cheio para um jantar, tinha no mínimo umas 50 pessoas, todos muito bem vestidos e conversando em seus mundos. Maycon se dirige a uma mulher que, logo que o vê, abre um largo sorriso. Ela é alta, pele clara, ruiva, olhos castanho-claro, e está muito elegante em um vestido preto e saltos.

— Olá, Mãe. — Maycon dá um abraço nela.

— Oi, meu filho, como você está? Nunca mais tratou de ligar para sua mãe, simplesmente me abandonou. O seu pai não está nada contente com isso. — Ela faz biquinho e logo depois sorri.

— Muito trabalho.... Quero te apresentar a Diana — ele fala olhando para mim.

— Olá, meu amor, prazer, Kelly. — Me abraça e beija meus dois lados do rosto. — Presumo que você seja bem importante para ele, nunca traz ninguém aqui — diz a última parte num sussurro, e começo a rir.

— Kelly, dá para parar? — Maycon revira os olhos.

— É um prazer, Sra. Kelly. — Sorrio.

— Que nada, menina, só Kelly mesmo, venham, vou levar vocês até Fellipe. — Agora chegou a tão temida hora. Qual seria a reação dele ao me ver com Maycon aqui? Não dava mais tempo de pensar, ele estava logo à minha frente. Mais alguns passos e estaríamos perto um do outro. Meu coração começou a acelerar e as mãos a suar. Maycon dá um leve aperto em minhas mãos na tentativa de me acalmar, o que não adiantou muito. Quando chegamos perto, seu olhar surpreso em mim foi perceptível.

— Menina, que prazer ter você aqui. Quanto tempo que não te vejo.

— Oi, Sr. Corppin. — Abro meu melhor sorriso.

— Sem formalidades, aqui, eu sou apenas Fellipe. Estava com saudades

de você, menina, te considero como uma filha. — Ele me abraça.

— Obrigada, Sr. Fellipe, o senhor faz muita falta na empresa.

— E você, Maycon? Como está? Semana que vem teremos uma reunião. Preciso saber como está indo a empresa.

— Oi, Pai, estou bem. Certo. Veremos um dia melhor e marcamos a reunião — Maycon fala meio desinteressado.

— Ah, rapazes, vamos parando de falar de negócios, Dono Fellipe. Você está proibido — Kelly fala e o Sr. Fellipe revira os olhos.

— Tudo bem, tudo bem, e vocês estão se dando bem? — Ele pergunta. Maycon e eu nos entreolhamos, meio que pedindo a permissão um do outro para falar sobre nós dois, e eu assinto para que ele fale.

— Diana e eu estamos... — Somos interrompidos, pois quando Maycon iria terminar de falar, um rapaz muito semelhante à Maycon, porém mais novo, agarra ele e abraça.

— Meu irmão, quanto tempo! Nunca mais nos falamos ou trocamos ideia. Como estão indo os negócios...? E esta bela dama? — Ele dispara as perguntas e olha para mim, pegando minha mão e depositando um beijo. — Prazer, Bernardo Corppin. — Sorrio meio sem graça.

— Diana Williams — respondo antes dele ser tirado de perto de mim por Maycon.

— Que garoto abusado, hein?! — Maycon fala e Bernardo cai na gargalhada.

— Só estou sendo educado, maninho, tenha calma que não vou pegar sua acompanhante para mim, o que seria uma boa ideia. Mas hoje estou em paz. — Ele levanta dois dedos e balança no ar em sinal de paz. Começo a dar risada dele. Bernardo não era de se jogar fora, ele é alto, tem olhos azul-

escuros, cabelo loiro, a barba bem desenhada em seu rosto dava um toque a mais. Bernardo e Maycon tinham características bem fortes do Sr. Fellipe.

— Gostou, né? Seja minha acompanhante e irá gostar ainda mais. Ele nem deve ser engraçado, só fica nessa armadura de “sou o sério, não dou risada e sou um idiota”. — Tento prender ao máximo a risada.

— Cai fora, moleque. — Maycon bufa.

— Também te amo, maninho. — Ele riu.

— Já chega, Bernardo, vamos deixá-los em paz. Bora, passa aqui. — Kelly puxa ele.

— Até mais. — Ele solta um beijo para mim e sai rindo. *Que menino mais doido é esse, super gostei dele.*

— Bernardo e suas palhaçadas. — Ele dá uma risada forçada. — Quero te mostrar a casa — sussurra em meu ouvido. — Pai, vou mostrar a casa a Diana, daqui a pouco volto para falar com o senhor.

— Ok, menino. — Ele sorri.

Maycon me leva para ver o restante da casa. É tudo muito bonito, os móveis, em sua maioria, são de madeira rústica. A decoração deixa a casa ainda mais bela. Ele me leva para o lado de fora e fico encantada, sem palavras... com toda certeza, era a minha parte preferida daquele lugar. Olho atenta aquela vista, ver toda a cidade lá embaixo é incrível, echo os olhos, sentindo a brisa gostosa no meu corpo. A sintonia do lugar exalava paz, calma, alegria, e era desse jeito que eu estava neste exato momento. Viro-me para trás e Maycon está de joelhos com algumas rosas na mão esquerda, e na direita uma caixinha de veludo vermelha com um anel brilhante.

— Amor, eu sei que já te perguntei isso hoje, mas não custa nada oficializar, não é mesmo? — Ele dá de ombros e eu começo a sorrir, toda boba. — A um tempo atrás, se alguém dissesse que hoje eu iria pedir alguém

em casamento, diria que estava louco, mas hoje percebo que o que eu mais quero é estar com você, ao seu lado, tendo nossos filhos, ficar com você a minha vida inteira até ficarmos velhinhos. É desse jeito que me vejo e quero estar com você. Eu te amo como nunca amei ninguém, não tenho sombra de dúvidas do que o que eu mais quero nessa vida é me casar com você. Diana Williams, aceita casar comigo?

— Mas é claro que sim, seu bobo — digo me ajoelhando perto dele, beijando-o com vontade. Nos separamos quando já estávamos sem fôlego. Levanto minha mão e ele pega com cuidado, tirando o anel da caixinha e depositando em meu dedo. O anel era em ouro rosé com algumas pedrinhas cravejadas, a pedra rosada era o destaque no anel, se eu não me engano, era um *poudreteite*. Depois de termos ficado lá fora sentados, conversando sobre tudo, voltamos para a casa. O jantar já seria servido quando vejo quem eu menos esperava lá. *Porque diabos ela estava aqui?* Olho para Maycon e seus olhos transbordavam ódio. Natacha estava do lado de um homem, poderia dizer que é pai dela por causa de algumas semelhanças entre os dois. Eles vêm caminhando em nossa direção, Maycon segura minha cintura e me junta mais a ele.

— Olá, meu amor — ela fala com Maycon como se eu não estivesse ali. Ela está muito bonita, tenho que admitir, com um vestido azul-marinho justo no corpo, com uma fenda na perna direita.

— Oi, Natacha. — Ele dá um sorriso forçado. — Tchau, Natacha. — Ele dá as costas e me puxa, mas o senhor que estava ao lado dela intervém.

— Rapaz, preciso falar com você. — Ele se direciona a Maycon, que para no mesmo instante, respira fundo e se vira para o homem.

— Creio que não temos nada a tratar, Sr. Dantas.

— Ah, claro que temos, engravida a minha filha e acha que isso vai ficar assim? Precisamos conversar, e agora — fala curto e grosso.

— Olha, eu não sei se esse filho é meu e já falei a ela que quero DNA.

Sua filha me dopou e vai ser questão de tempo para que eu prove isso. Transou comigo sem meu consentimento enquanto estava sob efeito do remédio que colocaram em minha bebida. Não vou aturar as palhaçadas e os chiques de vocês dois! — Maycon acaba se exaltando. — Se esse filho for meu, irei assumi-lo sim, não sou um monstro como muitos pensam, se quer conversar comigo, estou à disposição.

— Vamos ao escritório — é a única coisa que o pai dela fala.

— Amor, fique com Kelly. Peça a um dos funcionários que ponha as flores na água para você. Em alguns minutos estarei de volta — sussurra em meu ouvido, dá um beijo demorado em minha testa e se afasta. A princípio, fiquei com o rosto ruborizado, mas percebo que todos estão perdidos em suas conversas. Natacha foi em direção contrária a deles, procuro Kelly, mas não a encontro. Deve estar ocupada com seus convidados. Vou para o lado de fora buscar ar, fico sentada onde Maycon a poucos minutos me pediu em casamento. Rodo o anel em meu dedo lembrando do nosso momento naquele lugar. Tinha acontecido tudo tão rápido, mas eu estava feliz. *Muito feliz.*

— A vista é linda, não é? — Me assusto com a voz de Bernardo.

— É sim, de tirar o fôlego. — Suspiro.

— O que faz aqui sozinha? Cadê Maycon?

— Ah, ele foi resolver algo com o Sr. Dantas, eu acho que é esse o nome dele.

— Hum, conheço a peça e não é flor que se cheire como a filha.

— Pelo visto, não é mesmo. — Dou risada.

— E então? O que você tem com meu irmão? — pergunta, curioso.

— É meio complicado, estamos juntos a um tempo e... ele acabou de me pedir em casamento, aqui — digo meio emocionada e mostro minha mão

com o anel no dedo.

— Como assim?! Nunca pensei que Maycon estaria noivo de novo. Na verdade, nunca pensei que Maycon amaria alguém de novo. Agora, me diz como que ele te pede em casamento e te larga assim? Sozinha?

— Ele precisou conversar com o tal do Sr. Dantas, não vejo problema. Ele precisou resolver algumas coisas pendentes.

— Tudo bem então, mas que bom que você é minha cunhada. Não gostava nem um pouco da Natacha, ela pisou muito nele, e quando ela o traiu com o melhor amigo dele, ele ficou destruído. Não queria saber de amor ou se apegar a alguém, por isso ele foi embora pra Miami. Ficou lá 1 ano e meio, e agora, te encontrou. A muito tempo ele não vem aqui. Ele nunca gostou de ficar perto da família, era frio e distante. Mas com você, ele parece bem melhor — fala e, antes que eu possa responder, alguém me chama.

— Diana? — Era Maycon.

— Oi.

— Vamos embora, agora — diz irritado.

— Mas, mano, o jantar nem foi servido ainda.

— Não vamos esperar — Maycon estava mais irritado que antes.

Pego no ombro de Bernardo e dou um leve aperto.

— Foi um prazer te conhecer, Bernardo. Ah, não conte a ninguém sobre o que te falei. — Dou uma piscada para ele e saio andando. Maycon segura minha mão e me leva para fora.

— Posso saber o que está havendo? — pergunto.

— Agora não, por favor. — Ele tenta se acalmar.

Claiton já estava esperando a gente, entro no carro e vamos para casa de Maycon em completo silêncio. Subo para o quarto e tomo um longo banho, saio, ponho uma camisola de seda azul-bebê e desço atrás de Maycon. Encontro-o em seu escritório, tudo estava revirado, papéis pelo chão, mesa virada e vasos esvaquiados no chão. Uma garrafa de vodka já quase no fim está em sua mão, e percebo que ela também está machucada.

— Maycon, o que está acontecendo? Porque quebrou seu escritório inteiro? — Ele me olha, parece que havia chorado.

— Amor, por favor, não me deixa — fala com a voz meio embargada.

— Quem disse que eu irei lhe deixar? Venha, vou te dar um banho.

— Você não disse... mas... eu sei que vai... eu tenho medo disso... — fala tudo embolado.

— Para de coisa e venha. — Pego ele pelo braço e deixo que ele se apoie em mim. Subo as escadas com ele numa dificuldade inexplicável. Chegando lá em cima, jogo ele no chuveiro com roupa e tudo, e tento dar um banho nele, mas ele me puxa para um beijo e acabo me molhando também. Ele me beija com vontade e desliza suas mãos pelo meu corpo e seios. Começo a rir.

— Você, mesmo bêbado, é um pervertido — digo enquanto ele beija meu pescoço.

— Quero transar com você... — sussurra em meu ouvido. Sinto um arrepio no corpo, minha respiração fica pesada. Tomo seus lábios nos meus, o gosto forte de vodka só me deixa com mais vontade. Ele apalpa minha feminilidade por cima da roupa e movimenta meu clitóris. Até assim ele quer comandar. Tiro sua roupa molhada e ele me observa, seus olhos estão em chamas. Voltamos a nos beijar com mais vontade ainda, ele tira minha camisola e chupa os meus seios, me enchendo de tesão.

— Quero te comer duro, com força e agora.

— Sou toda sua... — sussurro.

Ele tira minha calcinha, me vira de costas e me penetra com força. Eu já estava pronta para ele há muito tempo. Ele começa a estocar com força em mim, me fazendo arfar. Gemo seu nome enquanto rebolo em seu pau, ele aperta os meus seios e continua com suas investidas violentas e prazerosas. Já estava no meu limite, não por ser fraca, mas porque nosso sexo envolvia muita coisa. Rebolo ainda mais em seu membro enquanto ele estoca mais vezes, até que me desmancho nele e ele em mim. que era para ser apenas um banho foi uma transa louca. Olho para ele com um sorriso sem graça, e ele devolve igualmente.

— Aproveitadora de bêbados nus e indefesos — ele diz e eu paro para pensar no que ele havia passado. Confesso que eu havia sido infantil e egoísta demais, pensando apenas no meu lado. Dou um banho rápido nele e depois tomo o meu. O visto com uma cueca boxer branca e o jogo na cama. Em questão de segundos, já está dormindo. Me aconchego ao seu lado e não demoro muito para que eu consiga dormir também.



Capítulo 17

Maycon Corppin

Depois de ter pedido Diana em casamento, eu só queria apresentá-la a minha família como minha futura esposa, num futuro que estava bem próximo. Queria me casar o quanto antes com ela. Entramos para a casa novamente, percorro os olhos pela sala a procura de Kelly e meu pai, mas a pessoa que eu encontro me tira do sério: Natacha, e o otário do seu pai. Depois de todo aquele papo, subi para o escritório com o Sr. Dantas.

— E então, o que tem para falar comigo? Seja breve, pois tenho assuntos a tratar lá em baixo antes do jantar. — Falo o mais frio que consigo.

— Ah, claro, serei bem rápido e objetivo. Natacha está grávida, e tem um futuro promissor. Filha minha não fica grávida e solteira. Ela é uma Green e exijo que vocês se casem.

— COMO QUE É?! — Gargalho o mais alto que posso, não sei se é por nervoso, por medo ou porque estou realmente achando graça. — Não irei me casar com ela, já estou noivo de Diana e irei anunciar a todos esta noite. Já disse, se este filho for meu, irei assumir. Não tem porque eu me casar com sua filha, ainda mais por algo que foi culpa dela. Ela me dopou, será que você não está me ouvindo? Ela transou comigo sem que eu soubesse e não vou me casar com ela só porque está grávida. Estamos em pleno século XXI.

— Olha, se este filho for seu, você irá se casar por bem ou por mal. Posso por seu império a baixo com os roubos que você fez na empresa, desvios de dinheiro para empresas fantasmas. O que acha de ser preso? Deixar milhares de pessoas desempregadas? Seu império vai desmoronar e ainda deixará sua amada de coração partido, por ela perceber o homem mal caráter que você é. Sem falar na decepção que seu pai teria.

— Você não seria capaz disso, me ameaçar para casar com sua filha. Você é um tremendo de um filho da puta. — Dou um murro na parede.

— Olha a boca, rapaz, você não sabe do que eu seria capaz de fazer para não sujar o nome e a reputação da minha família. Daqui a três meses faremos o teste de DNA. — Ele me dá as costas e vai embora. *Esse velho desgraçado, me paga.* Desço as escadas e vou em busca de Diana, encontro-a conversando com Bernardo do lado de fora.

— Diana?

— Oi. — Ela se vira.

— Vamos embora agora — falo irritado, sei que ela não tem culpa.

— Mas mano, o jantar nem foi servido ainda — Bernardo retruca.

— Não vamos esperar.

— Foi um prazer te conhecer, Bernardo. Ah, não conte a ninguém sobre o que te falei — ela fala com Bernardo e vem até mim. Seguro sua mão e a levo para fora dali.

— Posso saber o que está havendo? — Ela pergunta desconfiada.

— Agora não, por favor — é a única coisa que digo a ela antes de me afundar em meus pensamentos.

Claiton já estava esperando por nós, entro no carro e vamos para casa. Chego lá, vou direto para o escritório, preciso de uma bebida, urgente. Pego minha garrafa de vodca e começo a beber. Ela desce rasgando, mas não é nada comparado a dor que sinto em mim. *Terei que me casar com aquela puta mal-amada, farei os dias dela os piores. Como falarei isso a Diana?* Começo a arremessar as coisas que estão à minha frente, soco a parede com toda minha força diversas vezes e bebo mais da minha bebida. Sento na minha poltrona e me viro para a grande janela de vidro, desabando em choro. Choro como se fosse uma criança. Se esse bebê for meu, terei que me casar com ela, terei que abrir mão da pessoa que recém descobri amar. Passarei esses três meses com ela como se fossem os últimos. Se só minha vida estivesse em jogo, não pensaria nem duas vezes e ficaria em paz com Diana, mais dezenas de pessoas dependem desse trabalho, preciso arranjar provas da minha inocência...

3 meses e meio depois...

Estou com uma puta dor de cabeça, olho para o lado e Diana ainda dorme, seus cabelos loiros são a coisa mais linda. Tomo um remédio e desço,

meu subconsciente já sabia o que viria hoje pela frente.

— Mariah, bom dia. Quero um café bem preto com pouco açúcar, por favor.

— Bom dia, meu menino, só um momento que vou pegar.

— Obrigado. — Mariah me entrega o café e tomo como se aquilo fosse me salvar de todos os meus problemas. Ouço barulho nas escadas, olho e vejo Diana descendo. Seus cabelos estavam meio bagunçados, mas ela ainda continuava linda. Sorrio para ela, que faz o mesmo quando me vê.

— Bom dia, meu pervertido favorito — sussurra em meu ouvido.

— Bom dia. — Sorrio sacana. Beijo seus lábios e puxo a cadeira para que ela se sente ao meu lado. Esses três meses foram, únicos! Diana e eu, havíamos nos entendido sem muitas brigas. Saímos, nos divertimos, nos amamos e acima de tudo fomos felizes. Mas confesso que, não tive a coragem de contar para ela sobre a conversa com o pai de Natacha. Não foi por falta de tentativas, eu tentei, mas nunca conseguia terminar. Sei que sou um covarde e egoísta por não dizer a ela a verdade, mas ainda tenho fé de que esse exame dê negativo e me asseguro a isso com todas as minhas forças.

Natacha havia me deixado em paz nesse período, até ontem... quando me mandou mensagem avisando que o exame seria hoje às 10:00 horas.

Depois que comemos, Diana sobe para se arrumar. Vou ao escritório e resolvo algumas coisas pendentes da empresa, e subo para me arrumar. Tomo um longo banho, ponho uma cueca boxer preta, uma camisa branca de linho, terno azul-marinho e a gravata da mesma cor. Olho para os sapatos e decido pegar um da mesma cor que o terno, penteio os cabelos para trás e passo um pouco de gel, borrifio um pouco do meu perfume e estou pronto. Diana ainda está em frente ao espelho arrumando os cabelos. Ela é uma mulher espetacular.

— Amor, terei que resolver algumas coisas antes de ir para a empresa,

desmarca os compromissos de agora pela manhã. Quero os contratos que estão lá todos enviados para contabilidade e para o RH, pois já está em cima do prazo.

— Certo, irei com Claiton, já vou descendo então. — Ela me dá um beijo e sai rebolando sua bunda enquanto anda. Ela está vestida numa calça jeans branca, uma blusa rosa-clara e um Louboutin da mesma cor, com os cabelos presos num coque meio bagunçado, está linda. Um tempo depois, ouço a campainha tocar, vou até ela para atender, já que estou sozinho. Abro a porta e Natacha está lá, reviro os olhos. *Ah, faça-me o favor!*

— O que quer? — pergunto irritado.

— Olá para você também. Vim porque tenho um compromisso mais tarde e teremos que fazer o teste mais cedo, posso entrar? — Ela já foi entrando.

— Para falar a verdade, não, mas já que entrou... — Ela tira sua jaqueta, põe na beirada do sofá e senta. Consigo ver uma leve protuberância em sua barriga.

— Cadê Diana? — pergunta com um sorriso diabólico nos lábios.

— Já foi para a empresa, aceita um chá? Café? Água? — Tento desconversar, Natacha começa a rir.

— Ela não sabe, não é? — Posso ver a malícia em seus olhos por saber disso.

— Não e você também não tem nada a ver com isso. Vamos que minha paciência já acabou. — Pego minhas coisas e vou para a porta, ela se levanta e passa por mim. Desço, entro no meu carro e vou até o local marcado para fazer o exame. Fico meio ansioso e decido ligar para Diana e contar a ela antes que Natacha lhe conte. No segundo toque, ela atendeu.

— Oi, amor — e fala com a voz suave.

— Oi, anjo, preciso te falar uma coisa...

— Pode falar.

— Não sei se você vai gostar muito... Estou aqui na Clínica Cromos, para fazer o teste de DNA com a Natacha. Não queria te falar nada, só quando tivesse o resultado. — Respiro fundo. — Mas me senti mal por estar escondendo isso de você.

— Sem problemas, não me importo com isso.

— Sério? — Fico meio espantado.

— Sim, sério. Só quero que isso acabe logo. — Ela dá um longo suspiro, ouço alguém chamar meu nome.

— Tudo bem, tenho que ir, estão me chamando. Daqui a pouco estarei aí. Te amo.

— Também te amo. — Desligo.

Diana Williams

Depois que Maycon me liga avisando que foi fazer o teste de DNA com aquela lá, fico com o coração aflito. A hora de saber se essa criança era dele ou não, estava próxima. Termino de arrumar os contratos e fazer alguns telefonemas quando meu celular vibra, olho e é uma mensagem de um número desconhecido.

Chefinho, acho que esqueci minha jaqueta em sua casa, leva de tarde para a empresa que pego com você.

Natacha

Que porra ela estava fazendo lá na casa dele? E como conseguiu meu número? Eu não vou entrar no seu jogo sujo. Ela sabe muito bem o número dele e não mandaria uma mensagem dessas para mim por engano, mas não deixarei passar batido, vou perguntar a ele. Peço para que Cheila encaminhe os contratos para seus devidos lugares, faço algumas ligações, peço a ajuda dela para algumas digitações e, com meu planner, organizo as agendas de reuniões e compromissos de Maycon. O tempo voou, vejo ele entrando.

— Bom dia, Senhoritas. Williams, na minha sala — fala todo sério, me levanto e vou para sua sala.

— Bom dia, Sr. Corppin. — Vou entrando em sua sala, ele olha para mim e dá risada. Caminha em minha direção e descansa suas mãos em minha cintura.

— Como é possível sentir sua falta se te vi pela manhã, hein? — Ele me dá um beijo.

— Preciso lhe perguntar algo — digo sem rodeios.

— Pode falar.

— O que Natacha estava fazendo na sua casa? — Ele me olha espantado.

— Como você sabe? — Ele respira fundo e passa as mãos pelos cabelos. — Já até imagino.... Assim que você saiu, ela foi lá para avisar que ia fazer o teste de DNA mais cedo. Ela soube que eu não tinha dito nada a você sobre isso. Preferi contar logo, para que ela não fizesse o joguinho dela

conosco.

— Uma pena que ela não conseguiu. Pede ao Claiton para ir lá na sua casa buscar a jaqueta, tenho algo em mente para quando ela vir buscar.

— Minha casa? Não entendi muita coisa..., mas tudo bem.

— Ela me mandou uma mensagem, que no caso era para “você”, dizendo que ela tinha esquecido a jaqueta dela na sua casa e pediu que trouxesse agora pela tarde, que ela pegaria.

— Essa mulher não perde uma, e não é minha casa, é nossa, Sra. Corppin. Vou pedir para Claiton buscar a jaqueta dela e trazer.

— Ok, como foi lá na clínica?

— Daqui a oito dias sai o resultado.

— Certo, daqui a oito dias saberemos a verdade.

— Exatamente, agora, podemos esquecer isso por um momento? Quero usufruir da minha noiva. — Ele caminha até mim e vou me afastando, até me encostar na parede.

— Correndo de mim, amor? — pergunta com a voz rouca.

— Aqui não é o melhor lugar para fazer isso, Maycon. — Mordo os lábios, por antecipação.

— Todo lugar é um bom lugar para te querer, Diana. — Ele põe sua perna entre as minhas, forçando-me a abri-las; ele roça seu nariz em meu pescoço e sobe para minha orelha, mordendo o lóbulo; suas mãos percorrem da minha coxa para a bunda, dando um aperto forte. Arfo de desejo jogando a cabeça para trás. Ele morde meu queixo de leve e sobe para meus lábios, mordendo devagar. Começamos a nos beijar de um jeito envolvente enquanto sua mão corria pelo meu corpo. Agora dando atenção aos meus seios,

apertando e massageando, passo minhas mãos por suas costas, arranhando-a, esfrego o meu corpo no dele. Seu membro já está completamente duro, ele desce sua mão para minha perdição e me apalpa por cima da calça, fazendo movimento circulares no meu ponto de prazer. Rebolo em seus dedos enquanto sua outra mão percorre minha pele por debaixo da blusa, alcançando meu peito. Ele aperta o bico, me dando uma mistura de dor e prazer, gemo alto demais e tampo minha boca, envergonhada.

— Pode gemer o quanto você quiser, a sala tem isolamento acústico. — Ele dá um sorriso malicioso de tirar o fôlego. Ele continua sua tortura em mim, até que já não suporto mais e gozo. Ele me vira de costas e abaixa minha calça, dando um forte tapa em minha bunda, arrancando de mim um grito de surpresa.

— Eu vou te foder bem duro, e quero ouvir você gemendo bem alto para mim, certo, minha vadia? — Se me contassem algum dia que alguém iria me chamar assim e eu ia gostar, eu chamaria de maluco, mas agora é real e eu estou mais excitada que nunca.

Ele enfia um dedo em mim, me pegando de surpresa, começa a estocar, e coloca o segundo dedo. Aperto-os em mim e ele geme baixinho em meu ouvido. Ele estoca um pouco e coloca o terceiro dedo, gemo alto e rebolo ainda mais.

— Está gostando, fala para mim, safada... — geme em meu ouvido.

— Está ótimo, mais ainda prefiro seu pau em mim. — Recebo um tapa na bunda. Ele movimentava meu clitóris ainda mais e eu me desdobro em seus braços, minhas pernas já não eram as mesmas. Ele passa a cabeça de seu membro em minha entrada, mas não entra, apenas me provoca. Passa por toda minha extensão, faz que vai me penetrar, mas não faz de fato. Gemo baixinho e rebolo, indo de encontro a seu membro.

— Assim que você gosta? — pergunta ainda me provocando.

— Por favor, Maycon...

— Diga, anjo, o que você quer? — Sua voz rouca e baixa acaricia meu ouvido.

— Eu quero você.

— O que você quer?

— Que me coma, agora.

— Seu pedido é uma ordem.

Sem mais avisos prévios, ele me penetra por completo. Jogo minha cabeça para trás enquanto ele estoca em mim, empino mais a bunda para recebê-lo todo. Aperto seu pau dentro de mim e o ouço gemer alto, era assim que eu gostava.

— Gostosa do caralho, tão apertada e só minha — ele fala e larga mais um tapa em minha bunda. Suas mãos vão para os meus seios e os apertam com força. Ele me come duro e com força, minhas pernas já estão iguais a gelatina. Ele me vira de frente, me levanta e eu enrolo minhas pernas em sua cintura, fico presa entre ele e a parede. Ele continua a me penetrar com força, sem parar a nenhum momento.

Caminha até sua mesa e me põe sentada sobre ela, põe minhas pernas abertas em cada lado, agora ele tinha uma boa visão de mim. Ele fica me contemplando por um tempo, mas logo vem me atacar, se abaixa e passa sua língua em minha vagina, pegando minha entrada, os lábios e meu clitóris ao mesmo tempo. A sensação é incrível, ele me penetra com sua língua o mais fundo que pode. Já consigo sentir os espasmos, ele estoca um pouco mais e logo me segue, sinto seu gozo dentro de mim, e era a melhor sensação. Depois que os espasmos passam, vamos para o banheiro e nos limpamos. Olho para ele, que está com um sorriso bobo no rosto.

— O que foi?

— Não é nada.

— Nada? Fala. Esse sorriso besta no rosto não é nada.

— Se tudo estiver certo, teremos um filho. — Ele abre um sorriso ainda maior. Tinha me esquecido dessa ideia louca de Maycon, talvez, eu já esteja grávida...

— Vamos adiantar? Temos muito trabalho! — Desconverso.

— Sim.

A manhã percorre supertranquila, Claiton trouxe a jaqueta da vadia, era preta de manga comprida e eu pretendia fazer algo bem legal em relação a isso. Liguei para a recepção do Hall de entrada e pedi para que me avisassem quando Natacha chegasse. Vou a copa do lado da minha sala, aqui eu posso fazer o que eu pretendo. Coloco a jaqueta de Natacha sobre a mesa e faço cortes na parte de cima da manga e começo a rir. *Ela vai amar, ficou até melhor que antes, isso aqui deve custar uma mini fortuna. Mas não estou nem aí, vai combinar bem com minha roupa.* Pedi em segredo para Cheila comprar umas coisas para mim, começo a colocar pedrinhas para enfeitar a jaqueta e colo tudo bem rapidinho. *Sinceramente, se eu fosse numa loja e eu visse, com toda certeza compraria, ficou bem melhor, estava sem graça do outro jeito.* Deixo lá secando e volto para meu lugar, Maycon marcou de irmos almoçar juntos e, meia hora depois, ele e eu saímos, de mãos dadas pela empresa. As pessoas ainda pareciam meio surpresas, não se acostumaram, creio eu.

Claiton já nos aguardava, fomos para um restaurante italiano, a comida estava muito deliciosa...

— Sabe o que me deu vontade de comer?

— O quê?

— Croissant de chocolate. — Meu sorriso vai nas alturas.

— Esse sorriso todo é porque você quer comer um croissant?

— Hum-rum. — Balanço a cabeça freneticamente.

— E onde que vamos achar isso?

— Na padaria, sério que você nunca comeu?

— Acho que não. Vamos fazer assim, compramos quando sairmos da empresa e fazemos uma sessão de cinema em casa — ele sugere. Meu sorriso morre na hora, meus olhos até enchem de lágrimas. Será que eu iria chorar mesmo por causa de um Croissant de chocolate não comido?

— Tá, pelo amor de Deus, não faz essa cara! — Ele levanta as mãos em desespero. — Vamos comprar agora, criança. — Começo a gargalhar. — Mas que desespero, Diana. Não sabia que gostava tanto disso.

— Nem eu — digo dando de ombros. Vou andando para o carro parecendo uma criança saltitante que vai à loja de brinquedos. Eu só vou ganhar um Croissant.

— Está bem feliz, hein?! — Ele ri. Vamos para a padaria, mas lá não tem, vamos em outra e, por incrível que pareça, também não. Resumindo fomos em umas cinco e nada.

— Deixa para lá, não vou morrer por causa de um Croissant. — Dou um sorriso fraco, queria muito comer.

— Não, vamos continuar procurando, não custa nada.

— Maycon, vamos ter uma reunião daqui a 15 minutos e precisamos estar lá. Depois vemos isso.

— Tudo bem. — Ele dá um suspiro, cansado e fomos para a empresa. Ao decorrer do caminho não falei muito, não sei porque, mas fiquei triste por não ter comido, isso é o pensamento de uma pessoa que gosta muito de comer, e é frustrada por não conseguir.

Chego na empresa e já corro para a sala de reunião, para checar se estava tudo em ordem. Cheila já havia arrumado tudo, inclusive os aperitivos. Ponho a pauta sobre a mesa e, alguns segundos depois, o pessoal vai chegando. Recepciono todos e logo a reunião começa.

Depois de muita conversa, acaba, graças a Deus. Vou para meu lugar e reviso alguns contratos que Cheila digitou, quando o telefone da minha mesa toca.

— Andar presidencial, Diana Williams.

— Diana? Sou eu, Elena. Natacha já está subindo. — A moça que trabalha na recepção avisa.

— Ok, obrigada, te devo uma! — Desligo o telefone e vou na copa, pego a jaqueta e a visto. Vou na sala de Maycon e queixo dele cai na hora.

— Diana, o que você fez? — ele fala sem acreditar. Olha mas uma vez e não aguenta, começa a rir. Ri tanto que os olhos começam a lacrimejar.

— Maycon! — sussurrando, corro em direção a ele. — Para de rir que ela está subindo.

— Mas que merda, Diana, o circo vai pegar fogo. — Ai que ele começa a rir ainda mais. — Você é louca. — Pego um copo com água e entrego a ele.

— Vai, toma, para de rir e me ajuda. — Dou um tapa de leve em seu braço.

— Você é a melhor pessoa, nunca ri tanto em minha vida. — Ouvimos batidas na porta. Maycon olha da porta e para jaqueta, e vice-versa, não aguenta e começa a rir de novo. *Meu Deus, será que vai ser tão engraçado assim?* Ele respira fundo, arruma seu terno e toma sua postura de CEO, ou ao menos tenta. Vou até a porta e abro, seu sorriso convencido cai na hora.

— Não me diga que... essa é a minha jaqueta?

— Boa tarde, Srta. Green, que bom revê-la. Pode entrar. — Dou passagem a ela.

— Eu não acredito que você fez isso na minha jaqueta! Giovanni é o melhor estilista da Itália e a fez exclusivamente para mim! Foi muito cara, e você corta?! Tá louca, garota?

— Você pediu que eu a trouxesse por mensagem para a empresa, não se lembra? Só não pediu como. Quis dar um toque meu para que você se lembrasse sempre de mim.

— E você, vai ficar calado? Vendo essa vagabunda fazer essas coisas? É esse o tipinho de gente que agora você se mistura?

— Vamos parando de drama, Natacha. Admite, ficou bem melhor assim. Seu estilista não está com nada, comparado ao que Diana fez. Acho até que ela deveria investir na carreira. — Natacha está fervendo em raiva. Tento prender o riso.

— Poxa, fiz com tanto carinho e você não gostou? É uma pena que não tem como voltar atrás. — Finjo estar arrependida.

— Olha, isso não vai ficar assim, sua puta de esquina, você vai se arrepender! — Ela me olha com um ódio mortal.

— Amor? — Maycon interrompe. — Temos algo agora á tarde, quero ir para nossa casa, vamos? — Ele me pergunta.

— Só alguns contratos para revisar, mas creio que dá para fazer em casa. — Digo sorrindo.

— Então pega suas coisas e vamos.

— Ok. — Tiro a Jaqueta de Natacha, jogo na cara dela e saio. E antes de fechar a porta, não podia deixar de olhar a sua cara e a de Maycon. ela segurava a jaqueta com raiva e ele estava vermelho de tanto rir.

Chego na minha mesa e arrumo as minhas coisas.

— Diana, tem algo para você lá na copa. — Cheila avisa.

— Obrigada, Cher.

Vou para a copa e encontro na mesa dois Croissant, uma tigela de morango, um pote de Nutella e um buquê de rosas vermelhas em uma bandeja de madeira. Maycon sempre me surpreendia. *Como não amar este homem?* Como alguns morangos com a Nutella.

— Imaginei que já haviam chegado — diz, surgindo logo atrás de mim.

— Obrigada, amor! Vem, senta aqui e come comigo. — Ele se senta ao meu lado, pega um Croissant e morde fazendo caras e bocas.

— Muito bom, entendi porque só faltou chorar por não comer, sua carinha de decepção foi terrível. — Ele me dá um selinho.

— Ah, só estava com vontade, acho que estou na *tpm*. — Ele coça a cabeça, me olha torto e depois ri. — Ei, sou um amor de pessoa na *tpm*... quase sempre.

— Se for como o mês passado... — Fala com desdém e ri.

— Tem algo na ponta de seu nariz...

— O que? — Ele tenta limpar, mas eu vou e passo o dedo sujo de chocolate no local.

— Isso. — Caio na gargalhada.

— Aah, Diana, você não perde por esperar. — Ele mela sua mão no chocolate, segura meus braços com a outra, e suja meu rosto. Certeza que fiquei igual Wilson, a bola que tem no filme *O Náufrago* com a marca de uma mão.

Ele não perde por esperar. Sujo o rosto dele todinho. Quando olhamos para o lado, Cheila estava estática nos olhando. Corrigimos nossas posturas, mas quando olhamos um para a cara do outro foi impossível segurar o riso. Estávamos ridículos cheios de chocolate. Cheila ria tanto que teve que pôr a mão na barriga de tanta dor. Me levanto e vou limpar toda a bagunça, Maycon faz o mesmo.

— Me desculpem rir de vocês, mas eu só queria avisar que chegou um contrato para você olhar, Diana, já passei para o seu e-mail.

— Fez bem, pois Maycon, quer dizer, Sr. Corppin e eu vamos para casa. É... ele vai para dele, eu vou pra minha. Você entendeu, né?! — Dou um sorriso torto, eu estava completamente envergonhada. As pessoas já deviam suspeitar que tínhamos algo, pois chegamos todos os dias juntos, mas nunca confirmamos nada, ou demonstramos afeto na frente dos outros funcionários e prefiro que seja assim!

— Sim, entendi. Então, até amanhã. — Sorri.

— Sr. Corppin? Cheila pode tirar o restante do dia de folga?

— A assistente é sua. Então, a chefe é você. — Ele dá uma piscada de olho que me desconcerta inteira. Me viro para Cheila e percebo que não foi só comigo.

— Então vai lá, divirta-se.

— Obrigada, Diana, obrigada, Sr. Corppin. — Ela sai da sala.

Ajeitamos nossas coisas e fomos para casa.



Capítulo 18

inda de pé nossa sessão cinema? — pergunto enquanto seco meus cabelos.

— **A** — Sim, pedi para Mariah providenciar seus Croissants e mais algumas coisas para gente comer. — Faço careta.

— O que foi?

— Não quero comer mais Croissant, estou um pouco enjoada. Acho que já comi chocolate demais por hoje, e ainda o carro balançando, sabe?

— Entendi. — Ele me olha meio desconfiado. — Mas tem outras coisas lá embaixo que talvez você queira comer. — Sorrio em concordância.

Coloco um baby-doll rosa, penteio os cabelos para trás e desço para a

sala de TV. Maycon já estava lá, colocando as coisas no lugar junto com Mariah. Tinha muita coisa gostosa para comer, tinha o famoso sanduíche natural que ela sabia fazer e que é uma delícia; tem bastante salgadinho; chocolate, até fondue; lembrei das minhas tardes com a Ju. *Preciso sair mais vezes com ela.*

Nos acomodamos no sofá e logo estávamos assistindo, Sr. e Sra. Smith, o filme é bem bom. Hora ou outra pegava Maycon me olhando, boa parte das vezes corava, não sei o que ele estava pensando, mas foi bem agradável nossa tarde. Depois que assistimos o filme, fomos jantar. Mariah fez um peixe grelhado com legumes, um purê de alho-poró que eu nunca tinha comido e uma farofa muito bem temperada. Gostávamos de comida assim, levinha, ainda mais pela noite.

Terminando de comer, eu ajudei Mariah a organizar a cozinha com muito custo, pois ela não queria. Depois, fui trabalhar um pouco e Maycon também, sentamos um do lado do outro na sala de estar e começamos a trabalhar. Às vezes falávamos, perguntávamos algo sobre planilhas, lançamentos dos contratos ou algum encaminhamento para o Rh ou contabilidade que eu deveria fazer. Depois que repassei todos os contratos e que fiz as planilhas de balanceamento, já estava morta de cansaço, assim como Maycon.

Meu estômago está doendo, sinto algo embrulhar nele, a boca enche de saliva, que estava estupidamente salgada. *Eu acho que vou...* Só levanto do sofá e corro para o banheiro perto da outra sala. Não chegando tão a tempo no sanitário, vomito no chão, abro a tampa e termino dentro dele. Odiava quando isso acontecia comigo. Fico ali por algum tempo, só depois percebo que Maycon está atrás de mim, segurando meus cabelos e massageando minhas costas. Sinto o cheiro do purê de alho-poró e só faço mais vômito. Era isso o que estava me enojando.

— Vem, levanta daqui, — Maycon fala.

— Saí daqui, me deixa sozinha. Você não é obrigado a ficar me vendo nesse estado.

— Para de ser teimosa e anda logo.

— Vou limpar isso aqui. — Começo a me levantar.

— Deixa que eu peço a Mariah para limpar.

— Maycon por favor, eu quero limpar. — A vontade vem novamente eu, mais uma vez, vomito.

— Você não vai desistir, né?! — Pergunta, balanço a cabeça em negativa. — Ok, eu te ajudo. — Fico em silêncio.

Ele dá descarga no sanitário, eu jogo uma água no chão junto com desinfetante, e depois no vaso. Depois que limpo tudo, vou em direção a sala e me sento, pegando o notebook.

— Ei, mocinha, nada de trabalho. Vamos deitar, e amanhã, iremos no médico. — Ele pega o notebook da minha mão e o fecha.

— Não foi nada demais, acho que o purê não me fez bem. Nunca tinha comido antes. — Só de pensar no purê, meu corpo inteiro se arrepia. *Com toda certeza, foi ele.*

— Mas se você passar mal de novo, iremos no médico.

— Não exagera, não é nada demais, vamos dormir. — Dou a mão e caminhamos para o quarto. Vou no banheiro e escovo os dentes, tirando o gosto ruim da minha boca. Volto ao quarto e vejo Maycon puxando a cobertura da cama e o lençol, arruma os travesseiros e me ajuda a deitar, me cobrindo logo em seguida. Ele deita ao meu lado na cama e fico sobre seu peito, sentindo suas mãos fazendo um cafuné gostoso em minha cabeça. De repente, na minha cabeça começa a rodar coisas maliciosas, das quais eu poderia fazer ali, na cama, com meu futuro marido. Levanto a cabeça e olho para ele.

— O que foi? — Ele pergunta.

Me levanto rápido e monto nele, agora, sim, estou com uma vontade louca de transar. Começo a beijar o pescoço dele e subo para sua orelha, dando uma atenção devida a ela. Dou um pequeno chupão em seu pescoço e ele se contorce.

— Ei, ei, o que aconteceu com minha mulher? Ela estava passando mal agorinha.

— Estava, não está mais. Agora, eu só quero passar mal de tanto te dar.
— Dou uma piscadela, passo minha língua em seus lábios e rebolo em cima de seu membro. Ele aperta os meus seios e massageia o bico, por cima do baby-doll. Passo minhas mãos em seu peitoral, alisando e arranhando seu peito nu. Ele era tão lindo e sensual. Deixo vários beijos em seu abdome e vou subindo para seu pescoço, amava o seu cheiro. Ele dá um tapa em minha bunda, fazendo minha estrutura estremecer, desço novamente para seu abdome, beijando. Chego no cóis da sua calça e passo a língua. Olho para ele com a maior cara de cachorra, porque era isso que eu era para ele em nossa intimidade, no nosso momento.

Ele geme baixinho e o tesão em mim aumenta, estava excitada, mais do que qualquer outra vez. Ele sempre me deixa assim. Tiro sua calça junto com a cueca, seu pau salta para fora e não perco tempo, abocanho ele e começo a chupar com vontade. Tento por ele todo em minha boca, mas é muito grande, então volto para a cabeça e lambo como se estivesse chupando um picolé.

Passo a língua, depois envolvo o que consigo do seu membro em minha boca engolindo-o novamente. Faço um vai e vem gostoso nele. Suas mãos estão agarradas no lençol, seus olhos estão atentos em mim, continuo meu trabalho e começo a masturba-lo enquanto chupo apenas a cabeça. Com a outra mão começo a me tocar, precisava urgentemente me aliviar, eu estava dolorida de tão excitada. Gemo em seu pau, quanto mais prazer eu sentia, com mais vontade eu chupava ele, que estava amando.

— Diana, não faz isso comigo... Diana ... aaaaah sua vadia! — Ele me segura pelos braços e me joga na cama. — Gostou de brincar comigo? Agora deixa eu brincar com você, deixa, amor? Vou chupar essa sua bucinha

molhada até você gozar na minha boca, sua safada do caralho. Depois vou te foder até você não aguentar mais. — Sua voz sai extremamente rouca. Ele tira minha roupa numa rapidez inexplicável, logo já estava nua em sua frente, ele abre mais minhas pernas e se aproxima da minha feminilidade, lambe todinha depois chupa meu clitóris com vontade.

O desejo é intenso, jogo minha cabeça para trás, me permitindo sentir todo o prazer que ele estava me proporcionando. Ele desce e me penetra com sua língua o mais fundo que pode. Seus dedos ágeis estão em meu clitóris, brincando com ele, me dando o maior prazer. Sua outra mão vai para, até agora, meu desconhecido ponto de prazer, seu polegar roça em meu ânus, me dando uma prazer ainda maior.

— Você gosta, não é mesmo?!

Ele intensifica um pouco mais a roçada, o formigamento familiar aparece entre as pernas, e eu gozo, mas sinto algo além disso. Maycon tinha penetrado seu dedo em meu ânus e eu estava gostado. Rebolo e ele entende o recado, recomeça seu processo em minha buceta, me deixando ainda mais molhada. Movimenta meu clitóris e depois suga com força, Maycon coloca mais um dedo dentro de mim, confesso que doeu um pouco, mas eu estava bastante excitada, o que logo passou despercebido. Mais algumas investidas em mim e o terceiro dedo foi colocado, gemi um pouco.

— Tudo bem... Só relaxa — diz.

— Está ótimo. — Sorrio maliciosa.

— Se doer demais, me fala que eu paro, ok? — Concordo com a cabeça.

Ele continua suas investidas em mim, penetra minha vagina com sua língua e movimenta meu clitóris. Ele tira seus dedos de mim, se posiciona entre minhas pernas e me penetra, mas não ainda no tão esperado lugar. Eu queria realmente saber qual era a sensação do sexo anal, mas sempre tive medo, porém, com ele, não sentia pavor, confiava nele. Ele estoca com força

em mim, sem parar, minhas pernas estão moles.

Ele me beija com vontade, quando não temos mais fôlego nos afastamos, ele beija meu pescoço, e desce dando uma atenção para os meus seios e deixa um chupão entre eles. *Que maravilha de homem é esse!* Meu corpo todo estremece, ele pega do lado da cama uma camisinha, rasga o envelope e põe em seu membro. Então, se aproxima de meu ouvido e sussurra:

— Relaxa, meu amor, se doer, é só me avisar que eu paro, não quero te machucar. — Ele mexe na gaveta e tira algo de lá, um óleo, e passa, me deixando bastante lubrificada. E o fogo começa novamente. Ele movimenta meu clitóris, e meu corpo estremece em resposta. Ele me beija de um jeito bastante envolvente, sua língua explora minha boca, seu gosto é inebriante, sinto ele na entrada do meu lugar até então proibido.

Ele força um pouco, gemo em sua boca, e ele para por uns instantes. Por fim, sua cabeça entra, me fazendo sentir uma dor fina, mas nada que eu não pudesse suportar. Os lábios de Maycon estavam me confortando até demais, e ele intensifica o movimento em meu clitóris. Ele começa a entrar em mim aos pouquinhos e para pra que eu me acostume com seu tamanho. Ele enfia seu dedo em minha vagina enquanto movimenta meu ponto de prazer. Minha vontade de rebolar é grande, eu já não sentia dor, e sim, prazer, muito prazer. Depois que me acostumo com o membro dentro, começo a rebolar aos poucos, ele avança mais um pouco e já não sinto dor. Agora, o que me restava era tesão. Vou de encontro a ele, fazendo com que seu pau termine de ser enterrar em mim, gemo baixinho e ele também.

— Como sempre, me surpreendendo. — Ele morde o lóbulo de minha orelha.

— Me faça sua por inteira, por favor — peço enquanto acaricio os meus seios.

Ele começa a se movimentar aos poucos, minha buceta fica úmida, a dor não existe mais, essa é a melhor parte. Começo a gemer coisas

incoerentes, estava uma delícia. Enquanto Maycon comia meu mais novo lugar de prazer, ele socava minha vagina com seu dedo, me deixando ainda mais louca.

— Que maravilha, eu vou te comer à noite toda hoje — geme em meu ouvido.

— É tudo o que eu mais quero...

Meu corpo já estava de aviso prévio ao meu gozo, e não demorou muito para que eu gozasse, porém, Maycon ainda socava em mim. Alguns minutos depois, ele gozou, tirou a camisinha e penetrou minha vagina.

03:47

Saio de cima de Maycon e me jogo na cama ao lado dele, estou morta de cansaço. Tínhamos transado diversas vezes, mais do que eu podia contar.

— Meu Deus, mulher, o que te deu hoje? Está parecendo um furacão — ele diz rindo.

— Ainda quero transar... — Sorrio maliciosamente.

— Dá um descanso para mim, por favor. Nunca fui de pedir menos para uma mulher na vida, mas você hoje está demais.

— Tudo bem — digo debochada. — Vou tomar um banho vem?

— Vou sim, vou jogar essas camisinhas fora, tirar esse lençol e por outro, estão molhados de suor — ele diz.

— Ok, te espero no banheiro.

Caminho até lá, me olho no espelho e minha aparência está terrível. Meus cabelos estão todo desgrenhados, faço um coque no alto do cabelo; olho para baixo e vejo a marca do chupão entre meus seios, que Maycon havia deixado na nossa noite louca de sexo.

Caminho para o box do banheiro e sinto um respingo cair no meu peito. Passo a mão e olho... sangue. *Porque tem sangue em meu peito?!* Sinto escorrer pelo meu nariz, corro para frente do espelho novamente e vejo o sangue descendo do nariz. Pego um papel rapidamente e tento estancar o sangramento que, com muita relutância, para. Jogo o papel dentro do sanitário e dou descarga, para que Maycon não veja na lixeira. Limpo meu nariz na pia e olho no espelho, para ver se não há vestígio algum de sangue, e corro para o banho. Logo em seguida, ele aparece e me abraça por trás. Dá um beijo em meu ombro, pega em uma prateleira uma bucha de banho e sabonete líquido, coloca um pouco na esponja e começa a passar nas minhas costas, me dando banho.

— Sabe que horas são? — Ele pergunta.

— Não, porque?

— Já são 04:10, nós deitamos bem cedo para dormir, porém, não fizemos nada parecido com isso. — Ele dá uma gargalhada bem gostosa. Dou uma risada fraca e ele percebe.

— O que foi? Houve alguma coisa? Eu te machuquei? Me perdoe não foi min... — Me viro para ele e ponho os dedos em seus lábios.

— Claro que não, eu amei nossa noite e estou bem surpresa pelo horário. Só que estou bem cansada. Pareço um zumbi. — Dou risada, parece que convenci ele, mas estou bem preocupada.

— Tudo bem, vamos adiantar isso. Como amanhã é sábado, poderemos acordar mais tarde, graças a Deus.

Tomamos nossos banhos e visto uma camisa de Maycon, era minha roupa preferida para dormir, ponho uma calcinha e me deito.

— Elas combinam bem mais com você do que comigo. — Ele sorri. — Não vou me cansar de dizer isso.

— Prefiro em você, tem mais emoção. Ou melhor, músculos. — Dou risada.

— Ok mocinha, hora de dormir. Durma bem, meu amor, e sonhe com os anjos. — Ele beija meus cabelos e se acomoda ao meu lado.

— Você será um ótimo pai, um dia...

— Eu espero que sim, mas porque está dizendo isso?

— É porque falou comigo como se eu fosse sua filha. — Ele começa a rir.

— Ok, então. — Ele coça a cabeça.

— Boa noite, amor. — Dou um selinho nele.

— Boa noite, boneca.



Capítulo 19

Acordo pela manhã com o corpo todo dolorido, a noite foi bem intensa. Maycon está todo enrolado em mim, ainda dorme ao meu lado. *Tadinho, deve estar cansado.* Olho para o relógio no criado-mudo e já são 09:52. *Dormimos bem.* Tiro a perna dele de cima da minha, com cuidado para que eu não o acorde, mas, pelo visto, nem se a casa estivesse desabando ele acordaria. Tomo um banho rápido, coloco um short de pano mole florido azul e uma blusa preta, prendo o cabelo num rabo de cavalo, desço as escadas e vou a cozinha.

— Bom dia, Mariah.

— Bom dia, menina, como está? — Ela me dá um lindo sorriso.

— Estou bem, obrigada e você?

— Muito bem. Vai querer comer agora? — Ela pergunta com um sorriso largo no rosto.

— Vou sim, estou com muita fome.

Ela põe a mesa rapidinho e me sento para comer. Como panquecas com mel, bacon com ovos mexidos, e suco de laranja. Me sinto saciada, agradeço a Mariah e vou ao banheiro escovar os dentes. Maycon ainda estava dormindo, eram poucas as vezes que eu podia apreciá-lo dormir. Vejo a curvatura de seu rosto, sua barba que estava bem-feita. Me aproximo, passo a mão em seus cabelos, ele se mexe um pouco, mas não acorda. Deposito um beijo em seus lábios, me afasto e seus olhos estão se abrindo. Ele me fita com aqueles olhos estupidamente azuis e sorri para mim.

— Bom dia, amor — fala com a voz rouca.

— Bom dia, dorminhoco. — Acaricio os seus cabelos.

— Você me deu uma canseira ontem. — Ele sorri.

— Dei, foi? — Mordo os lábios com delicadeza.

— Não faz isso, Di, assim você me enche de tesão e eu creio que você esteja dolorida.

— E estou mesmo, vai tomar banho. Vou lá em baixo rapidinho e já volto. — Dou um selinho nele e saio.

Vou na cozinha e peço a ajuda de Mariah para fazer o café da manhã de Maycon. Depois de pronto, ponho na bandeja e levo para o quarto. Ele ainda estava no banho, então coloco em cima da cama e vou para a porta do banheiro. Giro a maçaneta devagar, a porta está aberta.

Maycon está de costas, o que me dá uma boa visão de suas costas bem

malhadas. Ele lava os cabelos e depois ensaboa o corpo, vira de frente para mim, mas está de olhos fechados, ele passa as mãos em seu pau, lavando-o. Aquilo era bem torturante ele começa a manejar seu membro para frente e para trás. *Ele estava se masturbando?* Ele morde os lábios devagar e depois passa a língua no lábio inferior.

— Vai ficar aí, só olhando? — Dou um pulo quando sua voz ecoou pelo banheiro.

— Você sabia que eu estava aqui?

— Eu sinto seu cheiro de longe. — Ele abre os olhos, me fitando.

— Ah fala sério. — Reviro os olhos e sorrio.

— Te vi pelo reflexo do vidro. — Ele sorri. — Vem cá, vem. — Ele abre a porta do box e caminha até mim, tento correr, mas em vão. Ele me agarra, me molhando inteira.

— Correndo de mim, Srta. Williams?

— Eu? Jamais, Sr. Corppin. — Me faço de desentendida.

— Não foi o que eu estava vendo.

Ele agarra minha bunda, me levantando. Enlaço minhas pernas em volta de sua cintura. Ele beija meu pescoço e desce para o colo do meu peito. Seu membro roça em minha bunda, me eriçando mais. Ele me põe em cima da pia, tira meu short junto com a calcinha e me penetra sem dó nem piedade.

— Sempre pronta para mim, não é mesmo? Tão molhada e apertada — sussurra em meu ouvido, me causando arrepios.

Agarro os braços dele enquanto ele ainda soca com força em mim, aproveito o momento para beijar seu pescoço e sentir mais o seu cheiro. Ele me põe no chão novamente, virando-me para o espelho. Eu empino minha

bunda para ele, posso ter uma visão ampla de tudo pelo reflexo, o que me dá mais tesão ainda para continuar no jogo.

Seus olhos azuis me fitam, deixando o ar ainda mais quente. Ele me penetra duro e forte, socando em mim com vontade, sem piedade alguma e eu estava amando isso. Ele dá um tapa em minha bunda, depois massageia o local. Vejo sua cara de safado e o quanto está gostando disso tudo. Ele leva o seu dedo a minha boca e eu chupo com vontade, num vai e vem delicioso, olhando em seus olhos. Ele retira o seu dedo de minha boca e volta para minha bunda, agora na entrada do meu novo ponto de prazer, e me penetra com seu dedo.

— Aah... Filho da puta.

— Está gostoso, safada?

— Está. — Mordo meus lábios.

— Está o que? — Ele dá um tapa com a mão livre. Dou um gritinho.

— Muito gostoso. — Começo a rebolar ao mesmo tempo em que ele se movimenta em mim junto com o seu dedo. Meu corpo todo treme em resposta para nossa travessura. Gozo intensamente, me perdendo naquele universo de prazer. Não demora muito e Maycon me acompanha. Ficamos um pouco ali, recuperando o fôlego, e depois tomamos outro banho.

— Põe uma roupa legal, vamos sair, e leva outras roupas também — diz enrolando a toalha na cintura.

— Vamos onde? — pergunto empolgada.

— Vai rolar uma festa do Bernardo na casa de praia da família, e ele insistiu que eu fosse e te levasse. Como se eu fosse sem você. — Ele revira os olhos. — Quero aproveitar e passar o final de semana, tem um bom tempo que não vou lá.

— Legal, gostei bastante de sua família.

— É, e pelo visto, eles também gostaram muito de você, e como não gostar? Você é encantadora, linda, inteligente, atrevida, gostosa e minha.

— Sua, é? — Sorrio

— Ai de você que não seja! — Ele me puxa e me beija. Lembrei da comida dele em cima da cama.

— Ah, deixei algo para você em cima da cama, mas com nossa demora aqui no banheiro, eu acabei me esquecendo. — Ele passa por mim e vai ver o que é, alguns segundos depois, volta com um copo de suco na mão.

— Obrigado, anjo. Não vai comer?

— Já comi, vou me arrumar.

— Certo, e eu vou comer. Minha noiva trouxe comida na cama para mim... — sussurra a última parte e eu caio na gargalhada. *Palhaço*.

Passo meu hidratante no corpo e coloco uma lingerie azul, olho meu corpo no espelho por uns instantes e depois volto a me arrumar. Pego um short jeans branco e uma blusinha cor pastel de amarrar, com estampa floral, e visto; calço um tênis branco da Nike; faço uma maquiagem leve com um batom rosado, arrumo os cabelos, passo perfume e ponho alguns acessórios e em tempo recorde estou arrumada. Maycon está de bermuda cinza, sem camisa, arrumando o cabelo. Meu celular apita e eu pego para olhar a mensagem:

Sua vaca miserável, esqueça de mim que te mato de tanto fazer cócegas.

Ju

Começo a dar risada e digito uma mensagem para ela:

Acho que nem precisa já dei uma crise de riso aqui com essa sua mensagem, e eu não te esqueci.

Diana

— Posso saber com quem você tanto conversa? Com quem está aí, dando risada para o celular? — Maycon me encara.

— Está com ciúmes, meu amor?

— Estou sim. — Ele revira os olhos.

— É a Jullia. — Mostro a mensagem e ele dá risada.

— Ela parece ser engraçada, porque não chama ela para ir com a gente? Pelo visto, você gosta muito dela e eu não vejo vocês andando muito juntas ultimamente. — Ele dá de ombros, talvez sabendo que a culpa é dele.

— Sério!? — quase gritando.

— Sim, a gente passa na casa dela e a pega. — Ele fala e me dá uma piscadela.

— Obrigada. — Dou um monte de beijinhos nele, outra mensagem de Jullia chega.

Pois parece, não fala mais comigo, INGRATA..

Ju

Talvez eu não seja tão ingrata agora, Maycon e eu vamos em uma festa na casa de praia da família dele, Vamos? POOOR FAVOOOR, precisamos por os papos em dia.

Diana

Espero um pouco e logo ela responde:

FESTA? Me pega em casa agoraaa.

Tem tempos que não vou em uma festa,

E, só pra constar, Fernando e eu não
estamos mais.

Ju ”

Ficamos conversando e ela me passa seu novo endereço. Arrumo nossas coisas para o final de semana, assim que Maycon se arrumou, saímos de casa. Estamos em seu Audi R8, seguindo para a casa de Jullia. Mando uma mensagem rápida para ela quando chegamos em frente ao seu prédio. Ela desce toda saltitante. Minha amiga era linda, ela estava em um vestido floral,

o cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Maycon sai do carro e abre a porta para ela, deixando-a toda envergonhada. Olho para trás e ela está vermelha. Jullia e sua mente pervertida.

— Oi, Ju. — Sorrio.

— Oi, vad... — Ela tampa a boca e começa a rir. — Oi, Di, que saudade de você. — Elame abraça meio de lado por conta do banco.

— Também estava com saudade, muitas saudades. Ju, esse é Maycon, Maycon essa é a Jullia

— Olá, Jullia — Ele olha para ela e pisca. *Mas que audácia!* Ela sorri sem graça e cumprimento com um aceno. *Jullia tímida, essa é nova.*

Seguimos pela estrada e, em pouco tempo, chegamos em um porto, havia diversos barcos, lanchas e iates.

— Vamos de iate?! — Ju grita animada me abraçando.

— Vamos sim. — Maycon responde mais na frente.

— Que homem é esse, amiga — sussurra.

— Nós estamos noivos. — Eu mostro meu dedo e ela começa a gritar descontroladamente.

— DIANA WILLIAMS CARTER!! Como você não me falou que estava noiva? NOIVA?! E você, dono Maycon, nem bem chegou, já está sentando na janela? Como assim? Meu Deus. Eu-Não-Estou-Acreditandoooo!! — Caímos na gargalhada. *Só Jullia mesmo.*

Um rapaz nos aguardava ao lado de um grande iate.

— Ótimo dia para um passeio no mar, Sr. Corppin. — Eles se cumprimentam com um aperto de mão. — Senhoritas. — Ele sorri e nos

ajuda a subir. Fico boquiaberta com o iate, é muito grande e bonito.

— Uau... — Jullia fala.

— É seu? — Pergunto a Maycon.

— Sim, nossa.

— Não sei porque ainda pergunto essas coisas — digo ainda admirando o local. Jullia e eu, como somos muito curiosas, fomos olhar canto por canto daquele lugar. Havia uma sala ampla com sofás na cor verde-sumo; tinham bastante janelas que davam para ver o mar; havia três quartos imensos, mas o que me chamou mais atenção foi o principal. Uma cama enorme no centro do quarto, com um espelho em frente, do lado direito, embaixo de uma janela, tem um sofá com algumas almofadas, e mais duas portas, que levavam a um closet e a um banheiro. *Que, sinceramente? É de tirar o fôlego.* O banheiro é todo de granito, muito bem elaborado e espaçoso. Era de cair o queixo o iate, tudo o que podia imaginar que se tem em uma casa, ali também tinha.

Nossas coisas já estão a bordo e o carro de Maycon ficou para que Claiton viesse buscar. Maycon vai para a cabine de comando e logo já estamos percorrendo as águas. O balanço me deixa um pouco enjoada, sinto vontade de fazer vômito, esses balanços sempre acabam comigo. Corro para o banheiro e vomito, quando não a mais sinal de nada, dou descarga e passo uma água na boca e no rosto. *Por que não trouxe um remédio para enjoo?* Volto para fora e Jullia chega toda empolgada.

— Vamos tomar sol? Preciso pegar uma corzinha.

— Sim, também estou precisando. — Dou um sorriso amarelo. — Vamos no quarto tirar essas roupas.

Vamos para o quarto, ponho um biquíni azul simples mesmo, já que vou tomar sol. Jullia se deita numa das espreguiçadeiras e eu vou a cabine de comando ver Maycon.

— Oi.

— Oi, boneca, está gostando? — diz e me abraça.

— Sim, aqui é muito lindo. Vou tomar sol, vamos?

— Bem tentador, mas não sou muito fã de tomar sol, vai lá se divertir com sua amiga. — Ele beija os meus cabelos. Sorrio para ele e volto para onde a Ju está. Ficamos conversando diversas coisas, a atualizei sobre tudo o que aconteceu comigo e ela fez o mesmo. Fernando e ela terminaram tinha duas semanas, ele havia traído ela com uma colega de trabalho. Queria poder socar a cara dele. Ficamos batendo papo e tomando sol. Em algum momento, sem perceber, cai no sono.



Acordo meio assustada e com o pensamento de estar inteiramente vermelha por ter dormido tanto tempo no sol. Abro os olhos devagar e estou em um quarto, coberta por um fino lençol. Levanto e estou sem meu biquíni, apenas com uma camisa de Maycon. Sorrio com o cuidado dele comigo. A porta se abre devagar e lá está ele.

— Acordou, bela adormecida? — Ele sorri.

— Acabei de acordar, obrigada por me trazer para cama. Cadê a Jullia?

— Não queria minha mulher parecendo um pão queimado. — Ele gargalha. E eu apenas reviro os olhos. — Ela está no outro quarto, foi assim que te trouxe para cá.

— Fez bem em me trazer. — Ele sorriu.

— Vim te avisar que estamos chegando, se ajeite.

— Certo, vou tomar um banho. — Ele pisca para mim e sai do quarto.

Tomo um banho rápido, ponho um vestido longo verde-água e óculos de sol, penteio os cabelos e estou pronta.

Saio de dentro do quarto e vou no de Jullia, bato na porta.

— Ju? Já estamos chegando. *Tá* pronta?

— Estou sim. Entra aí.

— Foi mal, acabei dormindo e nem tomei sol direito.

— Que nada, também estava cansada. — Ela sorri de lado.

— O que foi? Porque essa carinha?

— Aí, amiga, é tão lindo o jeito que ele te trata, quando ele te viu dormindo no sol... Sabe, eu tinha achado o maior exagero ele ter te pegando no colo e levado ao quarto. Quando ele me explicou, só me fez gostar ainda mais dele. — Ela dá risada. — Dá para ver o quanto ele gosta de você, o quanto te ama e te valoriza, queria tanto que o Fernando fosse assim comigo. Agarra esse homem e não deixa nada, nem ninguém, separar vocês, nem mesmo essa tal de Natacha. — Ela faz careta ao pronunciar o nome dela.

— Não vou deixar, eu o amo demais para abrir mão dele assim tão fácil. Vamos, já estamos chegando, bora subir.

Ela termina de passar seu gloss e subimos. Maycon servia em taças o vinho, sorri para nós e nos entrega. Vimos se aproximar uma casa luxuosa, ela ganha o espaço em nossos olhos. Olho para Jullia, que olha do mesmo jeito para mim, sem acreditar. A casa era estupidamente bela, não sei como

descrever. Olho para Maycon abismada.

— Sabia que iria gostar de vir para cá, é louca por essas coisas de arquitetura — fala como se estivesse ansioso por esse momento. Meus olhos brilham ao olhar a casa novamente, quero explorar cada canto daquele lugar.

— É muito bonito, não sei nem o que dizer... — digo batendo palmas. Maycon está com um sorriso bobo no rosto olhando para a casa. Jullia ainda está estática. Me sinto um pouco tonta e meu sorriso morre na hora, me seguro no balcão que estava ao lado. Respiro fundo diversas vezes, saio correndo, me debatendo pelo corredor em busca de um banheiro. Chego a tempo de poder fazer vomito, sinto um par de olhos em mim, levanto o olhar e ela estava lá, me investigando com os olhos.

— VOCÊ ESTÁ GRÁVIDA!? — dá um berro.

— O que? Não, quer dizer, não sei. — Dou de ombros. — Mas eu acho que não, e pelo amor de Deus, fala baixo.

— E porque você acha que não? Ninguém vomita por nada.

— É, eu sei. Mas tem poucos dias que não tomo meu remédio e não é possível eu estar grávida assim, tão rápido, e tendo desejos. Jullia, eu quase chorei por não comer um croissant! — explico desesperada.

— Claro que é possível, minha prima só descobriu que estava grávida porque estava tendo desejos, só que esquisitos. E ela só tinha uma semana, cada mulher varia.

— A princípio, eu achei que estava porque Maycon jogou todas as minhas cartelas de anticoncepcional fora, para que eu engravidasse, e meu anticoncepcional é bem fraco, tipo daqueles que quando a mulher está amamentando toma, só para regularizar minha menstruação.

— Ei, isso é golpe da barriga, não, pera, golpe do pau? Aah, não sei, continua... — fala ainda pensativa.

— Mas só que depois que eu comecei a ficar assim, fazendo vômito. Um dia, meu nariz sangrou, e isso não é normal.

— Porque você não me falou sobre isso? — Ela me olha com pesar.

— Porque não queria te preocupar com isso, acho que estou morrendo. — Começo a chorar.

— Para de drama, Diana, pelo amor de Deus, isso pode até nem ser nada. — Ela dá de ombros, mas vejo a tristeza em seu olhar. — E para de chorar, se não, seu amado vai perceber. Você fica horrorosa chorando, credo. Parece aquelas crianças catarrentas — ela continua, faço cara de nojo e caio na gargalhada, dando um abraço apertado nela.

— E se eu estiver doente?

— Aff, você fez algum exame para saber se está doente? Não. Então pronto. Na casa deve ter algum teste de gravidez. Podemos ver no banheiro, as vezes pode ter no kit de primeiros socorros. — Balanço a cabeça. Nos desfazemos do abraço, limpo meu rosto, passo uma água na boca, dou descarga no sanitário e voltamos para onde estávamos. Já tínhamos parado no atracadouro, ele conversava com um rapaz. A casa estava cheia de gente e a música já estava alta. O rapaz que ele estava conversando entra no iate e recolhe nossas coisas.

— Vamos, meninas? — Maycon chama.

— Vamos — respondemos em uníssono.

Ele nos ajuda a descer do iate e nos segurando para passar na ponte, caminhamos pelo caminho de pedra até a casa. A piscina estava cheia de mulheres com seus minúsculos biquínis. Uma delas me olha de cima a baixo e vira o rosto. *Me poupe.*

— Iae, Maycon. — Um cara cumprimenta ele.

— Fala, Paulo. — Ele pega em sua mão.

— Nunca mais te vi, anda sumido, e essas duas lindas moças? Não perde o costume, né? Guloso. Compartilha aí, irmão. — Ele olha para gente e sorri malicioso.

— Está é Diana, minha noiva, e está é Jullia, a amiga dela. Mas creio que não seja para seu bico, então, nos dê licença. — Jullia dá uma crise de riso.

— Você é ótimo, Maycon, já gosto mais de você. Curto e grosso.

— Mal sabe que de curto ele não tem é nada, é grande e grosso mesmo. — *Merda, pensei alto.* Olho para Jullia e Maycon, que estão vermelhos. *Maycon com vergonha, essa é totalmente nova.* Ele sorri de lado e continua andando.

Entramos na casa e olho atentamente a tudo, o espaço é lindo. A sala tem uma vista incrível para o lado de fora. Toda a parede era de vidro, dava para ver o mar bem pertinho da gente.

— Que coisa linda — Jullia fala.

— Bonito mesmo. — Olho a vista que tenho da sala. *Poderia morar aqui.*

— Tô falando daquele cara ali, louca, e não da paisagem. — Ela aponta para uma pessoa que está agora de costas, porém, eu conheço.

— É o irmão de Maycon, Bernardo. — Dou risada.

— Humm, já quero entrar para a família.

— Safada, mas quem sabe. Pelo que percebi, ele é uma ótima pessoa e creio que está solteiro. — Assim que termino de falar, ele nos avista e caminha até nós sorridente.

— Meu Deus, que homem gato! — sussurra e arruma o cabelo.

— Fala, mano. — Eles dão um abraço apertado.

— Iae, Irmão — Maycon diz.

— Di, que bom que veio. Fiquei com medo que não viesse, ele, tanto faz, mas você, eu faço questão. — Ele pisca para mim e beija minha mão, Maycon dá um tapa nele. Começo a dar risada da cara dos dois.

— Respeita aí, Bernardo. — Ele começa a rir.

— Essa é minha amiga, Jullia. — A apresento, que faz cara de paisagem.

— É uma satisfação, senhorita. Bernardo Corppin, solteiro e disposto a dar prazer. — Jullia fica vermelha, Maycon e eu não conseguimos aguentar o riso e caímos na gargalhada.

— Tá precisando aprender a ganhar uma mulher, viu. — Maycon bate nas costas do irmão.

— Prazer, Jullia. — É a única coisa que ela fala. Ele pega a mão dela e deposita um beijo demorado entre seus dedos, olhando em seus olhos.

— Suas coisas já estão no quarto. André está à disposição de vocês para qualquer coisa que precisarem. Tem uma cidadezinha aqui perto, o que quiserem, é só pedir a ele.

— Certo.

— Divirtam-se — ele fala antes de sair e dá uma piscadela para Jullia.

— Amor, vou falar com uns amigos e já volto. — Ele me beija e sai. Jullia sai andando para o lado de fora, um garçom passa com algumas caipirinhas na bandeja, vou pra pegar uma e Jullia bate em minha mão.

— Aí, o que foi isso? — digo enquanto aliso minha mão.

— *Tá maluca, você pode estar grávida!* — fala um pouco alto demais.

— Não quer um megafone, lindinha? — Fico com vontade de socar a cara dela.

— Ah desculpe, é que você me irrita. Vem, vamos procurar os testes de gravidez, se não tiver, vamos ter que pedir ao tal do André para comprar.

— A gente não sabe onde fica nada nessa casa. Como vamos encontrar?

— Perguntando, lesada. — *Como se fosse óbvio.*

— Nós vamos sair perguntando por aí onde tem teste de gravidez, Jullia?

— Pelo amor de Deus, assiste e aprende. — Ela saiu rebolando aquela bunda perfeita na minha frente, e reviro os olhos. Meu celular começa a tocar, pego já atendendo.

— Alô? — Assisto Jullia parar um garçom e pergunta algo, vejo ele gesticulando e ela volta toda saltitante.

— Meu anjo? — ouço a voz de Diego.

— Ah, oi.

— Desculpe ter sumido e não ter ligado mais, é que estava muito ocupado. Agora estou na Espanha, ficarei aqui por um tempinho até resolver as questões de uma nova empresa, desculpe.

— Sem problemas, entendo o seu trabalho.

— Que ótimo, terei que desligar agora, minha reunião vai começar, se

cuida.

— Tudo bem, vai lá. Você também. — E desligo o telefone, não esperava uma ligação dele tão cedo.

— Quem era? — Jullia indaga curiosa.

— Diego. — Sorrio.

— Ok, tenho todas as informações que preciso, bora. — Ela sai me arrastando. — Aquele senhor ali de preto, que pegou nossas malas é André. Caso aqui não tenha o teste, pedimos a ele para comprar.

— Não! E se ele falar algo?

— Ai, Diana, pelo amor de Deus, que chatice. A gente diz que... que... vai puxar o pé dele enquanto tiver dormindo, aposto que vai ficar com medo. — Ela revira os olhos. — Bora logo, vamos procurar nos banheiros.

Ficamos uns 30 minutos, indo de banheiro em banheiro, procurando.

— Pra que uma casa com tanto banheiro se só achamos um teste de gravidez? Vamos ter que pedir para o André comprar mais, um nunca é confiável. Melhor comprar logo uns dois e você faz. — Assinto.

— Vamos, Maycon deve estar nos procurando... — digo nervosa.

Passamos no quarto de Jullia e guardamos o teste. Descemos e encontro Maycon sentado, bebendo e conversando com algumas pessoas. Mas ele estava inquieto, seus olhos pousam sobre mim e percebi quem ele procurava. Ele pede licença ao pessoal com quem falava, se levanta e caminha até nós.

— Onde estavam? Procurei vocês por aqui e não achei.

— Estávamos no quarto. — Sorrio.

— Ah, sim. Venha, quero te apresentar uns amigos — fala pegando em minha mão.

Depois que Maycon me apresentou a todos, ficamos conversando de tudo um pouco e a pessoa que eu mais temia ver, estava ali. *Mas que porra. Essa mulher está afim de atazanar a minha vida.* Respiro fundo diversas vezes para manter a calma.

— Ju — chamo ela, que está entretida conversando com um rapaz.

— Oi, você não me deixa fisgar um cara, né? — Ela olha minha expressão e para. — O que foi?

Aponto para a alma penada da Natacha passando a nossa frente, ela estava procurando alguém.

— O que tem ela? Bem bonita. Gostei da roupa.

— É ela, Natacha.

— Tá. Ok. Ela nem é bonita assim, e a roupa dela tem um furinho ali, ó — ela aponta — Tá vendo?

— Dá para parar?

— Ai, foi mal, eu não sabia, o que ela está fazendo aqui?

— Não sei, mas o Bernardo disse que não gosta dela. Então, não estou entendendo.

— Vamos perguntar a ele, ué. — Ela se levanta. Maycon está entretido na conversa com o pessoal e nem percebe. Sigo Ju rápido, até encontrarmos ele perto da piscina conversando com umas meninas. Ele nos vê e faço sinal que quero falar com ele, que vem até nós.

— Bernardo, não é querendo me meter em sua festa não, mas, só uma

pergunta. Você convidou Natacha para cá? — Pergunto meio sem jeito.

— An!? Claro que não, cunha. Como te disse, nem dela eu gosto, ela fez o Maycon sofrer muito, aquela...

— Ok, entendo. Então porque eu acabei de vê-la passando lá dentro neste exato momento?

— Como que é!? Como ela veio parar aqui? — pergunta irritado.

— Essa é uma boa pergunta, mas coisa boa não deve ser. — Começo a ficar nervosa.

— Não mesmo, nunca nos demos bem. Para ela ter vindo até aqui, ela só veio atrás de uma pessoa.

— Maycon — nós três falamos em uníssono.

Quando termino de falar com Bernardo, ele disse que iria tirar Natacha da casa, afinal, ela não foi convidada. Ju e eu vamos em busca de Maycon. Chegando na sala avisto ele de longe, está puxando Natacha com ele. Tento alcançá-lo, mas perco-os de vista. Rodamos a casa inteira e não encontramos, e ela também sumiu. Uma vontade enorme de chorar me atinge, respiro fundo para que as lágrimas não caiam. *Para onde será que ele foi, e com ela?*

— Calma, Di, relaxa. Vamos fazer uma coisa, pensa em você agora. — Concordo com a cabeça, ela continua...

— Vamos pedir ao André que nos leve a cidade, nós compramos os testes. Precisamos saber se você está grávida ou não, e depois, passamos o dia lá, fora dessa barulheira toda. Quando a gente voltar, você conversa com ele.

— Tudo bem.

Fomos atrás de André e o encontramos parado no mesmo local que

estava antes. Falamos com ele, que no mesmo instante se disponibilizou, disse que Bernardo já tinha avisado para atender a qualquer pedido meu, o que é modéstia da parte dele.

Entramos na lancha rápida e colocamos o colete.

— Esse povo rico tem sempre que passar na cara que é rico mesmo, né?
— Jullia admira ao redor da lancha.

— É... parece que sim.

— Bora lá, tio André, liga esse trem aí e pisa fundo que eu quero ver voar. — André começa a rir. Em questão de 20 minutos, chegamos a uma cidadezinha, era bem aconchegante. O dia estava bonito, ensolarado, e a muito tempo eu não saía assim com minha amiga. Deixei ela de lado e fui viver só Maycon. *Hoje, quero me desligar de tudo.* André nos dá seu número e pede que ligue para ele assim que terminarmos aqui. Vamos a um restaurante, eu estava morrendo de fome. Peço um peru ao molho de foie gras e um suco de limão, Jullia pede o mesmo, porém, com um vinho para acompanhar.

Ficamos jogando conversa fora enquanto a comida não chegava, tinha algumas coisas que eu queria fazer depois que saíssemos dali. A comida chega e começamos a comer.

— Você já parou para pensar no que vai fazer se estiver grávida?

— Não, mas foi algo que ele quis, então não me preocupo tanto com isso. — Dou de ombros.

— Ok, mas e se o filho que aquela vadia estiver esperando for dele?

— Ele vai cuidar da criança e arcar com as responsabilidades de pai. — Agora foi a vez dela dar de ombros.

Continuamos comendo e pedimos uma sobremesa, um mousse de

maracujá. Estava uma delícia, comeria uns vinte se pudesse. Termino e peço mais um, como tudo como se não houvesse amanhã. Jullia apenas me observa.

— Vamos recapitular uma coisa... — ela começa.

— Pode falar.

— Você odeia maracujá, e está comendo isso com o maior gosto. Está bem claro que é gravidez. — Ela abre um sorriso largo nos lábios.

— Ou é só questão de o gosto ter mudado e eu nem me lembrava que não gostava de maracujá, já nem quero. — Largo o mousse de lado. — Vamos. — Me levanto, pago a conta e saio do estabelecimento.

— Vamos na farmácia, não quero correr o risco de esquecer de comprar o teste, fechar, cair uma bomba em cima, sei lá, e você não fazer. — Jullia sai me arrastando. Chegamos na farmácia e pedimos dois testes de gravidez e remédio para enjoo, pago tudo e vamos embora.

Passamos em algumas lojas e compramos algumas roupas. Vejo um vestido branco, ombro a ombro, com uma fenda na perna na vitrine.

— Bora entrar aqui, gostei desse. — Aponto para o manequim.

Entramos na loja e logo fomos atendidas, pego um vestido do meu tamanho e saltos vermelhos, entro no provador e começo a me vestir. Ponho os saltos e me namoro no espelho. Tenho que admitir que o vestido ficou perfeito. Ouço ao longe alguém discutir com quem presumo ser a vendedora, sempre tem esses clientes chatos.

— Ficou ridículo, olha só essa barriga — a pessoa fala.

— Senhora, o vestido ficou lindo em você.

— Esse papo de vendedor eu já conheço, meu amor — retruca.

— Olha, o vestido ficou muito bonito, e valorizou bastante seu corpo, quer que eu pegue um preto desse?

— O problema não é meu corpo, é essa barriga, olha só que coisa ridícula. Você só me traz problemas. — Saio no mesmo instante e vejo Natacha conversando com sua barriga. *Só podia ser ela. E que perseguição é essa? Tudo que é lugar essa mulher está.* Vejo o vestido que ela está é o mesmo que o meu, ela está linda nele, e sua barriga já estava começando a aparecer. Não tinha nada de feio nela, caminho até o espelho maior próximo a ela e me olho, faço de conta que não a vejo. Passo a mão no meu corpo, assentando o vestido em minhas curvas, vejo Jullia ao longe mexendo nas araras de roupas.

— Ju, coloquei o vestido, vem ver.

— Estou indo.

Continuo me olhando no espelho e Jullia caminha até mim. Ela olha para o lado e vê Natacha.

— Que merda essa mulher está fazendo aqui?

— Boa pergunta. — Ela nos vê e viramos o rosto para o espelho.

— Ficou bem bonito, leva esse, Maycon vai amar. — Jullia desconversa.

— Vou levar, ficou bom em mim.

— Olha só quem está por aqui... — Natacha fala com tom de deboche. Olho para ela, que está fazendo ceninha, passando a mão na barriga.

— Não sei porque insiste em falar comigo, me poupe de sua falsidade.

— Aí, querida, você é sempre amargurada assim?

— Amargurada? Logo eu? Amargurada é você, que diz que uma criança que nem veio ao mundo ainda lhe traz problemas, que por escolhas suas está no seu ventre, e vem para cá, dá uma de boa samaritana. Eu tenho pena de você e ainda mais dessa criança, que não tem culpa de nada e ainda tem uma mãe que nem você.

— Você se acha tão superior, né, queridinha, mas...



Capítulo 20

Maycon Corppin

E hoje, pela segunda vez, Diana e Jullia somem. Olho para os lados e não as vejo, peço licença a Miller e Carlos, e levanto para procurá-las. Me bato em uma pessoa de cintura fina, seguro-a para que não caia. Seu perfume é bem familiar, separo-me dela e olho em seus olhos.

— O que está fazendo aqui, Natacha?

— O resultado do exame saiu. — fala com um sorriso que a anos atrás até me tiraria o fôlego, mas hoje eu só sentia repulsa.

— Não era daqui a 8 dias?

— Sim, mas consegui adiantar e não podia deixar de te contar logo. Estou com o envelope na bolsa, vem ver. — Ela segura minha mão e me puxa, mas logo tiro minha mão dela.

— Não podia ter me avisado por telefone? Ou esperado até segunda?

— Estou ansiosa, ainda não vi o resultado, vamos agora, ou faço um escândalo no meio de todo mundo.

— Pois então faça. — Viro as costas e saio andando, ela segura meu braço, me parando.

— Aposto que Diana ainda não sabe sobre o que você e papai conversavam no escritório no dia do jantar. O que será que acontece se eu for lá falar para ela neste exato momento? — Vejo Diana se aproximar, mas ela não nos viu ainda. Pego Natacha e saio dali o mais rápido possível.

— Onde está a porra da tua bolsa? — digo apertando seu braço.

— Aí, está me machucando!

— Você não me respondeu, Natacha, não testa minha paciência que te largo aqui e foda-se o resto.

— Minha bolsa está no quarto. — Solto o braço dela e ela caminha em minha frente. Chegando lá, ela revira sua bolsa e retira um envelope prateado, me entregando logo em seguida. *Eu queria saber realmente se esse filho é meu. A partir do momento em que eu soubesse minha vida mudaria. Eu teria que me casar, será que Diana ainda iria querer ficar comigo? Tudo mudaria.* Mas teria uma possibilidade dessa criança não ser minha e isso enche meu peito de alegria, não pela falta de responsabilidade, mas pelo fato de poder

ser livre para Diana. Abro o envelope e leio com atenção, meus olhos percorrem o papel e o resultado final sentencia a minha vida.

Conclusão: O suposto pai tem no mínimo 99% de ser o pai biológico do filho.

DNA: Compatível.

Diana Williams

— Você se acha tão superior, não é queridinha, mas... dentro de alguns meses, Maycon será exclusivamente meu, iremos nos casar, ele não te falou? Claro que não, mas é assim que ele faz com uma puta de esquina igual a você. Usa, abusa, e depois joga fora. Eu sabia que ele iria voltar para mim. — Se olha no espelho, arrumando o vestido no corpo. — O exame de DNA já saiu e ele sabe que estou esperando um filho nosso. Você não sabe a tamanha felicidade dele, até me deu esse anel aqui. — Olho para o dedo dela e vejo o meu anel de noivado. *Mas como ela está com ele?*

— Eu vou te matar, sua piranha — Jullia fala. — Você vai se arrepender de ter nascido. Vou arrancar até o último fio de cabelo dessa tua cabeça, vamos ver se vai continuar bonitinha assim. Vou te moer na porrada. — Jullia tira os sapatos e joga no chão, seguro o braço dela, para impedi-la.

— Ju, calma, ela está grávida, esqueceu?

— Olha só, não vou te quebrar no pau por causa dessa criança, sua azeda.

— Nossa, que medo. — Ela treme as mãos, zombando.

— Mas isso eu posso te dar! — Largo uma bela de uma bofetada em seu rosto, isso não faria mal ao bebê. *Só sei que bati.*

— E isso aqui... — pego a mão dela e tiro o anel — me pertence. É meu, se ele quiser te dar algo, que compre outro.

Entro no trocador e ponho minha roupa, vou ao caixa, pago tudo e saio da loja com Jullia. Precisava tirar essa história a limpo com Maycon.



Capítulo 21

◆◆ *Lembre-se de tudo que queríamos. Agora, todas as lembranças estão assombradas, nós fomos feitos para dizer adeus... Isso nunca teria funcionado do jeito certo... Não importa onde nós tomamos está estrada, mas alguém tem que ir e eu quero que você saiba, você não poderia ter me amado melhor, mas eu quero que você siga em frente, então eu já fui. A perfeição não pôde manter este amor vivo saiba que te amo tanto. Eu te amo o suficiente para te deixar ir.* ◆◆ - Sleeping at Last - Already Gone.

Depois que ligamos para André, esperamos ele por longos 20 minutos, parecia uma eternidade, eu precisava chegar logo. A ansiedade estava me matando, meu estômago embrulhava só

na hipótese deles dois ficarem juntos. Eu precisava saber dele, ouvir da boca dele sobre isso. *Não podia ser verdade, não podia.* Entramos na lancha, e depois de alguns minutos chegamos na casa, desço em disparada, mas Bernardo me para.

— Problema resolvido, foi até fácil tirar ela daqui. Quero te apresentar Sofia. — Ele aponta para uma moça sorridente ao seu lado.

— Olá, sou Diana — digo estendendo a mão, dando um sorriso amarelo.

— Sofia é nossa irmã, na verdade, é prima, porém, fomos criados juntos desde pequenos, consideramos uma irmã mais nova. — Ele sorri.

— Então quer dizer que você conseguiu o coração do maninho? — Ela diz sorrindo.

— Perdão, mas eu preciso muito conversar com o irmão de vocês, sobre aquele assunto — digo olhando para Bernardo. — Desculpe, Sofia, prometo que volto para conversarmos. Licença.

Saio antes de ouvir uma resposta, procuro pelos lugares óbvios e não o encontro. Vou para o quarto, ele está sentado na cadeira do canto, com um copo de Whisky, bebendo. Ele se levanta ao me ver e respira aliviado.

— Onde estava? Você sumiu. Fiquei preocupado, boneca. — Ele passava a mão nos cabelos e vem em minha direção para segurar meu braço, mas me afasto. — O que houve? Por que está se afastando de mim?

— Não me chame de boneca, e não me toca! — Tento manter a calma.

— Dá para explicar o que está acontecendo?

— Para de ser cínico, você me pergunta onde eu estava, mais e você, onde estava quando eu te procurei? Eu te vi saindo puxando Natacha!

— Ela veio me falar sobre o resultado do exame. — Ele parecia meio perdido.

— Disso eu já sei, Maycon, eu quero saber das coisas que você esconde de mim e sobre isso. — Tiro de dentro da bolsa o anel que ele me deu. — Por que isso estava no dedo de Natacha?

— Eu não sei, porque deveria saber? — Vejo confusão em seus olhos.

— Ou você me fala tudo agora ou eu vou embora, e não me procure mais.

— Diana, por favor, não faz isso. Não complica mais as coisas. — Ele chega perto de mim.

— Então me explica, agora. — Mantenho minha voz para não gritar com ele.

— Eu não posso, não posso te explicar nada, no momento, apenas confie em mim, por favor — pede me olhando nos olhos.

— Como posso confiar em você, se você não confia em mim? — Acabo deixando uma lágrima escapar, jogo o anel para ele, me viro e saio do quarto.

— Diana, o que isso significa? Por favor. Não faça isso comigo, não faz isso com a gente! — Ouço ele gritar atrás de mim.

Não lhe dou uma resposta, vou para o quarto de Jullia em prantos. Bato na porta rápido, já vejo Maycon vindo no final do corredor. Jullia abre a porta, eu apenas entro e a tranco. Me escoro na porta e deixo com que as lágrimas banhem meu rosto.

— O que aconteceu? Calma. — Ela me abraça, ouvimos as batidas estrondosas na porta.

— Diana, por favor. Sai daí, vamos conversar.

— Agora você quer conversar? Vai embora Maycon. Me deixa em paz.

— Não é nada do que você está pensando, abre essa porta. — Ele continua batendo na porta.

— É verdade? Que você vai se casar com ela? — As batidas na porta param e por um momento achei que ele tinha ido embora. Minhas lágrimas descem ainda mais.

— Eu queria te contar antes, me perdoa, eu não sabia se essa criança era minha ou não. Eu ainda tinha esperanças, eu quero ficar contigo, mas eu não posso.

— Então me deixa em paz! — Grito por detrás da porta. — Você só me usou, eu fui apenas uma diversão para você, não é isso? Enquanto você já sabia que ia casar, seu cretino. Fala, fala, por favor, que é mentira minha, que é equívoco meu. Que eu não fui apenas mais uma *pra* você, como ela me disse. — Sento no chão sobre meus pés e me afundo em choro, Jullia me abraça apertado.

— Desculpa, mas não posso dizer que é mentira. Você foi só mais um caso, tudo o que eu queria com você era apenas sexo, até pensei que rolaria algo a mais, mas eu te usei para esquecer Natacha, foi ela quem eu sempre amei. Eu sei que você não merece ouvir isso, e não queria te dizer, mas creio que vai ser menos doloroso se eu acabar com isso de uma vez por todas. — Seu tom era o do Sr. Corppin, frio e autoritário. Escuto ele se afastando da porta e seus passos ficando cada vez mais distantes.

Meu mundo nesse instante parou, ele iria se casar, não era mentira. *E todas as vezes que ele dizia que me amava, como pôde? Como pôde me iludir assim?* Ele parecia ser tão sincero como suas palavras foram agora. Jullia me levanta e me deita na cama com cuidado, choro até não poder mais. Não acreditava no que acabara de acontecer comigo, mas era bom demais para ser real.

— Ju, você pode ir lá no quarto dele buscar minhas coisas? Quero tomar um banho.

— Posso sim. — Ela se levanta e sai do quarto.

Me levanto também e vou para o banheiro, me olho no espelho e meu reflexo me diz a quão acabada estou. Os olhos estão inchados de tanto chorar, olho para o lado e vejo os testes de gravidez, se eu estiver grávida, a última pessoa na face da terra que saberá da existência dessa criança será ele. Passo a mão na barriga imaginando a hipótese. Pego o primeiro teste, leio a bula e faço tudo como manda, aguardo, sem muito interesse, o resultado. Alguns minutos depois, aparece apenas um traço, faço o segundo e o mesmo resultado é exposto.

Um certo desespero me bate, porque se eu não estava grávida, estava doente. Faço o último teste que, como previsto, também dá negativo. *O que será que está acontecendo comigo?* Um grande medo me atinge, me encolho no chão do banheiro e choro, um choro de desespero e dor. *O que eu tinha feito para merecer tudo isso? Porque logo eu?* Ouço batidas de leve na porta.

— Amiga? Está tudo bem? Já trouxe suas coisas, está bem?! — Limpo a garganta.

— Estou sim, vou tomar banho e já saio.

— Certo, trouxe comida.

Entro no box e ligo o chuveiro, deixo a água quente lavar meu corpo. De banho tomado, saio do banheiro, visto um pijama preto e penteio os cabelos.

— Ele falou que, quando quisermos ir, o iate dele está à disposição da gente, que André pode nos levar.

— Só isso?

— Só — diz com o olhar triste.

— Deram negativo, todos. — Deixo um soluço escapar.

— O que deu negativo?

— Os testes, deram negativos, eu não estou grávida.

— Ai, amiga, vem cá. Segunda iremos no médico. — Ela abre os braços, vou até ela, que me abraça com ternura.

Depois que como um pouco, Jullia e eu ficamos deitada assistindo filme. Quando acaba, percebo que ela já havia dormido a muito tempo. Desligo a TV e nos enrolo num cobertor. *O que eu faria agora?* E é com essa pergunta no pensamento que adormeço.



Capítulo 22

◆◆ Você me vê de pé, mas eu estou morrendo no chão, fria como pedra, fria como pedra, talvez se eu não chorar, eu não sentirei mais. Eu aguentarei a dor, me dê a verdade. Meu coração e eu, nós vamos conseguir superar. Se a felicidade é ela, eu estou feliz por você. ◆◆ Stone Cold - Demi Lovato

A cordo com uma baita dor de cabeça, mal consigo abrir os olhos, olho para o lado e Ju não está, ouço a água do chuveiro caindo. Me levanto e pego um remédio na gaveta do quarto e uma água no

frigobar, tomo como se dependesse disso para viver. Olho pela janela e o dia está bem bonito.

— Bom dia. — Jullia fala, ela está com uma toalha enrolada nos cabelos e uma em volta do corpo.

— Bom dia, amiga. — Sorrio para ela.

— Vai tomar banho, para tomarmos um café. — Ela tira a toalha ficando nua em minha frente, nada do que eu já não tivesse visto antes. Ela pega uma calcinha e veste. Jullia era uma irmã para mim, nos conhecíamos a tanto tempo que eu até me perdia nas contas. Vou para o banheiro e tomo um longo banho, visto uma calça jeans clara; uma blusa regata branca, com uns detalhes laranjas; uma sapatilha; faço um coque frouxo no cabelo e uma maquiagem leve, para tirar a cara de acabada da noite passada. Saio do quarto e Jullia apenas me aguardava.

Desço as escadas devagar, estava com medo de me deparar com Maycon lá em baixo. Passo pela sala de estar, pelo grande salão e finalmente chego na cozinha, suspiro aliviada por ele não está ali. Cumprimento a todos com bom dia e sento-me ao lado de Sofia, precisava pedir desculpas a ela pelo meu comportamento de ontem.

— Oi — digo meio tímida.

— Oi, bom dia. — Ela sorri.

— É... queria te pedir desculpas por ontem, não fui muito educada com você.

— Ah, não tem problema, aposto que Maycon aprontou algo. Esses meninos sempre me tiravam do sério, mamãe quem o diga. Bernardo sempre foi o pior, mas Maycon, quando aprontava, era a do ano, merecia Oscar. — Ela ri.

— Até imagino, viu, devia ser uma graça vocês três juntos.

— Era sim, e então, me fala um pouco sobre você. Como conheceu Maycon? Soube que trabalha com ele. Vocês formam um casal tão lindo, prefiro você que Natacha, nunca fui com a cara dela — diz com cara de nojo e me forço a sorrir, lembrando da nossa realidade no momento.

— Não quero falar sobre ele, nós... terminamos, e afinal, acho que é bom você começar a gostar dela... porque seu irmão vai se casar e ainda vão ter um filho juntos, que já está a caminho. — Seu queixo cai na hora.

— Que história é essa? Casar com Natacha? Ele a odeia!

— Não foi isso o que ele me disse ontem — digo olhando para minhas mãos.

— Ei, não fica assim, ele é meu irmão, mas é um idiota. Mais tarde, irei tirar essa história a limpo. Come um pouco, vai te fazer bem.

Coloco algumas frutas no meu prato e como, apesar de estar triste, eu estava com fome, o que era estranho, porque a maioria das vezes eu deixava para lá e não comia nada.

Fico conversando com Sofia e Ju, ela era uma ótima pessoa e nesse pouco tempo, parecíamos amigas de longa data, nos damos super bem. Até tinha me esquecido do acaso de ontem, quando meus os olhos se encontram com os dele. Ele tinha acabado de chegar na cozinha, seu rosto estava cansado. Talvez a consciência pesou, seus olhos vacilam por um minuto, mas ele mantém a postura.

Volto a olhar para as meninas e tento ao máximo me entreter com a conversa delas, mas eu queria olhá-lo. Olho rápido e ele está sentado ao lado da garota que estava na piscina no dia em que eu cheguei. Ela deve estar gostando disso agora, ele olha para ela e sorri, ela dá um beijo no canto de sua boca, o que me deixa com ainda mais raiva. Me levanto rápido da mesa, assustando Jullia e Sofia. — Vamos embora ago... — e antes que eu termine de falar, apenas sinto o chão frio em meu rosto, e tudo a minha volta escurecer.



Sinto o cheiro de algo forte em meu nariz, luto para abrir os olhos, até que consigo, estou deitada no sofá da sala. Ouço alguém mandar buscar água, me sento, ainda tonta, com a ajuda de Jullia.

— Quer me matar do coração? Está se sentindo bem? — Ela pergunta.

— Estou sim, creio que a pressão baixou e eu me levantei muito rápido da cadeira, não foi nada. — Tento amenizar o clima.

Vejo olhos azuis me fitando, quando olho para ele, ele olha para outro lugar e sai da sala. *O que aconteceu com a pessoa que gostei nessas últimas semanas?* Ele parece não se importar com nada mais relacionado a mim, a única coisa que eu queria era sumir.

— Ju, por favor, vamos embora. Não quero ficar aqui nem um minuto a mais, essa indiferença está me matando. — Minha voz vacila.

— Vamos subir e arrumar as coisas. Vou falar com André que iremos daqui a 30 minutos, ok?

— Certo. — Vejo Bernardo se aproximar com um copo de água.

— Está melhor? Que susto que você nos deu, não faz mas isso.

— Estou bem, foi só a pressão que deve ter caído. — Pego o copo de sua mão e bebo em pequenos goles.

— Entendo, mas repouse.

— Irei sim, obrigada pela preocupação. — Dou um sorriso sincero. *Pelo menos ele ligava para mim.* Depois de um tempinho, subo com Jullia e arrumo as malas, já estava me sentindo bem melhor.

— Vou descer para avisar a André que estamos prontas, e vou aproveitar para fazer uma ligação, mas é coisa rápida — fala.

— Certo, vou olhar o quarto e ver se não estamos esquecendo de mais nada. — Ela assente e sai do quarto. Olho em volta e encontro uma blusa de Jullia e o celular dela. Ouço bater na porta. *A cara dela esquecer as coisas.*

Vou até a porta e a abro.

— Como você vai fazer uma ligação sem seu celular? — Gelo no momento em que o vejo na porta. — O que faz aqui?

— Vim saber se você está bem — diz frio. Com a expressão séria e postura ereta, parecia que ia fechar algum negócio, que precisava mostrar o quão poderoso é.

— Estou muito bem, obrigada.

— Ótimo. — Ele dá as costas e sai.

Fico por alguns segundos, talvez minutos, ali, parada, sem entender o que acabou de acontecer. As lágrimas brotam em meus olhos sem querer.

— Sabia que eu iria voltar? — Jullia aparece em meu campo de visão. Disfarço e limpo meus olhos.

— Você esqueceu o celular.

— É, percebi quando estava colocando isso na orelha... — Ela me mostra a escova de cabelo. Começo a dar risada, só ela mesmo. — André já

está vindo pegar as coisas. — Ela sorri e sai novamente.



Capítulo 23

Eu já estava na casa de Jullia, passaria um tempo ali com ela. André nos deixou na Marina do Porto e voltou. Pegamos um táxi e passei na casa de Maycon para pegar minhas coisas, Mariah ficou sem entender nada.

— Minha menina, por favor não vá embora, eu não sei o que aconteceu para Maycon ter feito isso, mas deve haver algum motivo maior. Ele te ama demais, a muito tempo não o via feliz como ele estava com você — ela diz segurando minhas mãos.

— Mariah, ele me disse que tudo o que vivemos foi uma

mentira, disse que amava Natacha e que só estava comigo para esquecer ela. — Respiro fundo. — E é por isso que vai se casar com ela, eles vão construir uma família, vai ser bom. Agora, me ajuda aqui com essas coisas, vai.

Ela me ajuda com tudo e depois nos despedimos.

— Espero um dia te ver aqui de novo nessa casa, nos trazendo alegria. De todas, você foi a melhor! A que eu mais gostei. — Ela me abraça forte.

A tarde passou correndo, Ju e eu não saímos, almoçamos em casa e depois fomos assistir TV. Ficaria ali até os últimos retoques do meu apartamento terminar, depois, voltaria para minha vida novamente, mas agora, tudo seria diferente. Antes, eu era uma mulher que me mostrava ser independente, desapegada, tudo era tão simples, mas agora, as coisas estão tão difíceis. E amanhã terei que vê-lo e fingir simplesmente que nada aconteceu. Eu ainda preciso do meu emprego, foi algo que eu batalhei muito para conseguir e não daria esse gostinho a ele. Aguentarei tudo, serei forte o suficiente. Já era noite quando pedimos comida japonesa. Tenho que lembrar de falar com Cheila para ela tentar marcar uma consulta amanhã, para mim. Ela sempre resolvia essas coisas, passo uma mensagem rápida a ela que me responde no mesmo instante:

Boa noite, marquei para amanhã 12:20. Beijos e até amanhã.

Cheila

Fico menos preocupada, amanhã saberia a razão dos meus problemas de saúde. A noite está um pouco gelada, tomo um banho quente e visto um pijama quentinho, a comida chega e logo vamos comer. Conversamos mais um pouco e decidi ir para o quarto ler um pouco, me jogo na cama e me perco enquanto leio. Meu celular toca, olho, número desconhecido, atendo a ligação meio receosa.

— Alô...? — A ligação fica em um silêncio. — Alô? Tem alguém aí? Vou desligar. — Ouço uma respiração pesada e a ligação cai. *Que estranho?* Volto a ler meu livro, queria distrair minha mente, amanhã seria um grande dia para mim. Ele me reservava grandes coisas, e ler me relaxava. Relaxei tanto que acabei dormindo.

Acordo antes do despertador tocar, ainda tento dormir, mas é apenas em vão, meus olhos não fecham em momento algum. Me levanto e tomo um bom banho, visto um terninho cinza e uma saia, que ficava justa em meu corpo e tinha uma fenda na perna esquerda; coloco uma blusa rendada na cor vermelha, o que dava um destaque na roupa e salto alto. Faço uma maquiagem leve, mas não esqueço do meu batom vermelho. Seco os cabelos e os deixo soltos, passo na cozinha e tomo um café rápido.

— Bom dia, Margarida, me dá uma carona até o trabalho? — Jullia fala. Claiton trouxe ontem meu amado Suv, estava com saudades de dirigir meu bebezinho.

— Bom dia, levo sim, é caminho. — Ela trabalhava num escritório de Advocacia.

— Ok, só vou tomar um café e vamos.



Saio da garagem, deixo Jullia no escritório e vou para a empresa. O nervosismo começa a me dominar, espero chegar primeiro que ele. Entro no estacionamento da empresa, vou para minha vaga e o carro de Maycon não está. O que não significa nada, porque ele poderia muito bem ter vindo com Claiton. Entro no elevador e ouço os passos de alguém próximo.

— Segura o elevador para mim por favor. — *Não, não, não, não! Não podia ser ele! Porque?* Aperto o botão do último andar, mas já é tarde demais. Quando as portas estão para se fechar, ele põe a mão do meio fazendo-as se abrirem novamente.

— Qual é o seu problema? Não me ouviu dizer para esperar? — Quando ele vê que sou eu, seu semblante muda. — Só podia ser você, não é mesmo? Porque não me obedece nunca? Posso lhe pôr no olho da rua. — *Que grosseiro...*

— Me desculpe Sr. Corppin, mas não te ouvi. — Olho e ainda estávamos passando pelo 5º andar, aperto o 6º. As portas do elevador se abrem.

— Se me der licença, prefiro ir pelas escadas.

— Não acha que é muito longe para ir pelas escadas? — fala frio, como sempre.

— E é da sua conta? — Saio do elevador rápido, precisava respirar direito, o cheiro do perfume dele estava me matando. As lembranças estavam rodando em minha mente e meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu não vou chorar. *Eu não vou.*

Vou andando pelas escadas, quando não aguento mais, chamo o elevador de novo, ele já está lá em cima mesmo, subo o restante dos andares de elevador e meus pés agradecem quando chego no meu andar. Cheila já estava em seu lugar.

— Bom dia, segunda chefe. — Ela ri.

— Para de me chamar assim, bom dia. — Reviro os olhos e sorrio.

— Sr. Corppin chegou meio atacado hoje.

— Quando é que ele não chega? A agenda dele está pronta? Vou fazer o café dele para levar na sala, deixa separado aí que já pego. Quando voltar, vamos acertar as coisas da reunião de mais tarde. — Entro na copa e ponho o café para fazer na máquina, eu tinha um tempinho ainda, mas estava nervosa. O café fica pronto, pego e passo na minha mesa. Em cima, estão as agendas que pedi a Cheila, pego e vou em direção a sala dele. Respiro fundo antes de entrar, bato na porta e ouço um “entre”. Ponho a melhor postura, um sorriso largo no rosto e, com o tom irônico, falo:

— Bom dia, Sr. Corppin.

— Você está atrasada.

— Já estava aqui na empresa, como o senhor já sabe, porém, estava fazendo seu café. — Ponho na mesa.

— Sei sim, porque veio pelas escadas? — Ele me olha com uma sobrancelha levantada.

— Precisava me exercitar, nada melhor que uma escada.

— Hum, está precisando mesmo, está meia gordinha. — *Mas como que é? Eu não estou gorda coisa nenhuma.*

— Quem come não está reclamando. — Ele estava tomando seu café e

cospe quase tudo na mesa.

— O que foi? O café está ruim?

— Está sem açúcar. — *Ah, tinha me esquecido, uma pena.*

— Ah, me desculpe, trago outro daqui a pouco. Vim passar sua agenda, posso me sentar? — Aponto para a cadeira.

— Por favor.

— Então, hoje, as 09:00 horas teremos uma reunião com um novo acionista. As 11:30, você terá um almoço com uma nova marca que quer ser lançada e quer fazer um plano de marketing com sua empresa, e pela tarde, mais uma reunião.

— Ok, no final do dia, iremos refazer minha agenda pessoal.

— Certo, algo a mais, Sr. Corppin?

— Não, saia.

Me levanto como um cachorro mandado e saio da sala, estava odiando esse Maycon rabugento. Respiro fundo e sento na minha mesa, vejo tudo com Cheila sobre a reunião, e vamos arrumar a sala. Depois de tudo pronto, a reunião começa, foi superchata. Às vezes, pegava Maycon me olhando estranho, mas apenas desviava o olhar. A reunião acaba e o acionista ficou de nos dar uma resposta até o final do dia. Levo alguns contratos no Rh e volto. Fico sentada conversando com Cheila enquanto as horas não passam. Ouço o bip do elevador, saltos ecoam pelo corredor e vejo Natacha aparecer. *Era só o que me faltava.*

— Olá, querida. — Ela dá seu sorriso falso.

— Oi, Natacha — digo em descontentamento.

— Para você, a partir de hoje, é Srta. Green, e mais breve, Sra. Corppin. Gostaria de falar com meu homem. — *Mas que merda.* Maycon aparece na porta da sala assim que ela termina de falar.

— Meu amor! — Ela fala toda saltitante, indo até ele.

— Oi, Natacha. — Ele sorri amarelo, passa a mão em sua cintura e o que eu menos esperava aconteceu: ele beijou ela na minha frente. Fecho os olhos e me viro de costas, eu precisava sair dali. Vou para o banheiro e me tranco lá, a vontade de fazer vômito é inevitável, me abaixo e ponho tudo para fora, talvez isso aliviaria o que eu estou sentindo. Paro de vomitar, me sento no chão e me desfaço em lágrimas, jurei a mim mesma que não iria chorar, mas está difícil. Ouço batidas na porta.

— Diana? Está tudo bem aí? Sr. Corppin já saiu com a Srta. Green. Foram para o almoço.

— Oi, estou sim, já... já saio. — Tento manter a voz firme.

Me levanto, passo uma água no rosto, dou descarga e saio.

— Cheila vou sair para almoçar e de lá vou a minha consulta. Se não tiver mais nada para fazer, pode sair também e almoçar.

— Obrigada — diz batendo palminhas.



Vou a um restaurante próximo a empresa, como uma salada e filé de salmão defumado para acompanhar, não estava com muita fome. A hora da minha consulta se aproxima, pego o carro e vou até a clínica. Faço minha ficha na recepção e ela me diz onde haverá o atendimento, subo pelo elevador até o 2º andar e fico aguardando sentada. Alguns minutos depois, uma mulher me chama. Entro meio acanhada na sala e sento.

— Boa tarde, Srta. Williams. Sou a Dra. Margaret, diga-me o que te traz aqui... — Explico toda a situação a ela, enquanto digita.

— Talvez você esteja grávida, teve relação sexual a pouco tempo?

— Não estou. Fiz 3 testes e todos deram negativos. E... sim. Tive relação à pouco tempo.

— Olha, quando uma gravidez está no começo, até o próprio exame de sangue pode dar negativo mesmo a pessoa estando grávida. Isso ocorre porque o Beta HCG está baixo. Vou passar um exame de sangue para tirar nossas conclusões. E o sangramento do nariz também acontece em uma gravidez, não são com todas que acontece, mas é normal. Como o fluxo de sangue aumenta muito, as veias delicadas do nariz ficam sobrecarregadas, essas mudanças levam veias a romper com maior facilidade, provocando o sangramento. E em questão da tontura pode ser alteração da pressão arterial provocada pelos hormônios. — Começo a ficar apavorada. *Será que eu estou grávida? Não podia estar. Não que eu preferisse uma doença a um filho, claro que preferia a um filho, mas não nessas circunstâncias. Eu não quero nada.* Começo a tremer de nervoso.

— Se acalme Diana, uma criança não é problema, vou passar um exame para você fazer agora, os resultados saem em poucos minutos. Aí você já aguarda e retorna aqui.

Ela prescreve o exame e me entrega, agradeço a ela e saio da sala. Uma senhora me guia para a parte de laboratório e colhe meu sangue. Eu não consigo nem pensar, ou raciocinar, me sento no sofá anestesiada e aguardo pelo resultado do exame.

Maycon Corppin

Saio com Natacha da empresa, iria levá-la comigo para o almoço, espero não me arrepender, e depois resolveríamos coisas sobre o casamento. Seria mês que vem, não vai ser nada luxuoso ou com um vestido exuberante, se era isso o que ela queria. Seria algo simples, se possível em casa mesmo, nada de casa cheia de convidados e gente que só quer saber da vida dos outros. Seria apenas a família, nada de festa para comemorar e não iríamos viajar para uma possível lua de mel. Passaríamos aqui mesmo, tenho diversas coisas para resolver na empresa e esse não é o momento certo para me ausentar.

Tenho aquele almoço extremamente chato, não era porque gostava de negócios que gostava de reuniões ou algo do tipo, eu só gostava de fechar negócios. Esse era o bom, reuniões eram apenas sacrifícios. Natacha hora ou outra dava um palpite, o que estava me incomodando demais, pois ela não entendia do assunto e queria dar uma de inteligente. Assim que acaba o almoço, vamos resolver os impasses do casamento, Natacha não gostou nada sobre minha decisão, mas, se eu iria casar forçado, seria do meu jeito e não do dela. Faria dos seus dias os piores, ela estragou a minha vida.

Perdi muito tempo com essas baboseiras, olho o relógio e faltavam 20 minutos para a reunião.

— Preciso ir.

— Mas agora, amor? — Respiro fundo.

— Tenho uma reunião agora e não posso me atrasar.

— Você nunca pode largar essa empresa 1 minuto sequer? — Viro as costas e saio andando. — Ei, como vou para casa?

— Pega um táxi, ou liga para Claiton.

Entro no carro e dou partida, indo para a empresa. Subo até meu andar, vejo Diana e Cheila sentadas, Diana não parece estar nada bem. *O que será que aconteceu?* Olho para ela que abaixa os olhos e digita algo no computador.

— Minha sala, já. — Olho para ela e entro.

Ponho minha pasta em cima da mesa e me sento na cadeira arrumando o terno, abro minha caixa de e-mail e ouço batidas na porta.

— Entra.

Diana entra toda acanhada, tem algo de errado acontecendo.

— Srta. Williams, levou os contratos que pedi a contabilidade?

— Sim, Senhor.

— Está acontecendo algo? Não que eu me importe muito, mas sua cara não está das melhores.

— Não, está tudo bem. O pessoal da reunião já chegou, estão apenas te aguardando. — Ela muda de assunto, fico a olhando por alguns segundos e decidi não perguntar novamente.

— Certo, já estou indo, pode sair, e vê se melhora essa cara.

Ela se vira e sai. Olho aquela bunda perfeita, queria dar umas palmadas nela. Expulso esse pensamento e me levanto, indo para sala de reuniões.

Diana Williams

Não sei o que dizer e nem pensar sobre minha consulta hoje com a médica. Agora dentro da sala de reunião, tento me ocupar o máximo, dou palpite sobre o que entendo e muitos gostam. Maycon apenas fica me observando. Mas não estou com muita cabeça para ficar em joguinhos com ele. Assim que a reunião acaba, cumprimento a todos que estão saindo e arrumo a sala, terminou mais tarde que o previsto. Já são 16:36 mais alguns minutinhos e eu já estaria livre daqui.

Retorno a minha mesa e o telefone toca.

— Diana, venha na minha sala, por favor.

— Estou indo.

Desligo e vou na sua sala.

— Deseja algo, Sr. Corppin?

— Vamos organizar minha agenda pessoal. — Ele me estende uma agenda preta. Me sento em frente à sua mesa, ele levanta e se encosta na mesa a minha frente, cruzando as pernas.

— Mês que vem, no dia 16, farei a prova do meu terno. — Anoto em sua agenda. — Dia 18, Almoço em família. Dia 19, avaliar buffet com Natacha. Quero que peça flores para mim no dia 20, flores brancas e vermelhas. Dia 29, despedida de solteiro, e 30, meu casamento. Por enquanto, é só. — *Ele vai se casar mês que vem?* Anoto tudo e fecho sua agenda. Ele estava fazendo isso para me ferir. Olho dentro de seus olhos, ele sustenta o olhar, mas não vejo nada nele além de frieza, não vejo o amor que via antes, e isso só me machuca ainda mais.

— Já que acabou, se me der licença, irei me retirar. — Me levanto e ponho sua agenda na mesa, passando meu corpo próximo ao dele. Ele segura meu braço e sinto sua respiração em meus cabelos.

— Diana... — sua voz soa fraca, olho para ele e por um momento vi o

homem com quem estive pouco tempo atrás. Ele solta meu braço e arruma sua postura.

— Quero que fique com isto. — sua voz agora estava normal, fria. Ele mexe em seu bolso e tira o anel de noivado que ele havia me dado antes, olho para ele e uma vontade enorme de chorar me atinge, meus olhos enchem de água, mas respiro fundo. Eu não irei chorar em sua frente.

— Não posso aceitar, Sr. Corppin.

— Por favor, aceite, isto é seu. Não pense muito, apenas aceite. — Ele toca em minha mão, a levanta com delicadeza e põe o anel em meu dedo.

— Tudo bem. — Olhando o anel, me viro e saio da sala, não sei o que pensar em relação a isso. Hoje, tudo na minha vida se resume a uma vontade enorme de chorar, estou tentando ser forte, mas está difícil. *Pelo visto, ele está conseguindo prosseguir sua vida e está se dando muito bem com Natacha. E sabe o que é pior? Eu fico feliz por ele.* Olho o relógio e está no meu horário, ligo para sala dele.

— Sr. Corppin, ainda vai precisar de mim? Estou indo embora.

— Não, pode ir. Também já estou saindo, quer carona?

— Não, senhor. Obrigada, estou de carro.

— Ok. — Ele desliga.

Ele tentou ser gentil? Ou é impressão minha? Arrumo minhas coisas e libero Cheila. Dou uma carona a ela até em casa e sigo para minha casa temporária, na semana que vem, voltaria para o meu apartamento. Chego lá e encontro uma Jullia ansiosa.

— Vai, conta tudo, como foi a consulta?

— Oi, Jullia, tudo bem?

— Aí, sem papo furado, fala logo. — Meus olhos se enchem de lágrimas, me sento ao lado dela e apoio minha cabeça em seu ombro.

— Ah, Ju, eu não sei o que fazer... — Uma lágrima escapa dos meus olhos.

— Me fala o que está acontecendo. Independentemente do que for, eu vou te ajudar. — Começo a chorar.

— Eu estou grávida, Ju. Grávida! E eu não sei o que fazer agora, ele vai se casar mês que vem! Logo, logo, minha barriga vai aparecer e ele vai ver que eu estou grávida. Mas eu não quero que ele saiba disso, não sabendo que ele vai casar e que eles vão ter um filho juntos também.

— Aí, meu Deus, esse é o menor dos problemas. Tá que as coisas vão ficar um pouco mais complicadas, mas vou amar cuidar de uma criança. — Ela sorri. — E você não precisa dizer nada a ele, não agora. Se caso você quiser falar, você fala quando estiver pronta. Daremos um jeito.

— Obrigada. — A abraço por um longo tempo.

Termino de conversar com Jullia e vou tomar um banho, visto uma camisola branca com laços vermelhos e vou na cozinha pegar algo para comer. Como uma fruta e fico na sala batendo papo com Jullia e assistindo umas besteiras na TV. Lembro das vitaminas que a medica passou para que eu tomasse por enquanto, me levanto e tomo uma. Amanhã, iria ao médico novamente, marcar meu pré-natal e essas outras coisas de grávida que eu sinceramente não sei. Minha ficha ainda não caiu, eu não acredito que tem alguém aqui dentro de mim. Passo a mão em minha barriga. Olho para a sala e Jullia estava sentada, me avaliando e sorrindo.

— Qual a sensação?

— É estranho, mas é um estranho bom. — Ela sorri.

A noite chegou rápido, Jullia e eu ficamos deitadas no sofá, assistindo,

o que fez com que a noite passasse extremamente rápida. Me despeço dela e vou para minha cama, deito e me enrolo, pensando no que faria da minha vida, até que durmo.



Acordo com meu celular tocando, olho as horas e eram 3:06. *Quem será a essa hora?*

— Alô?

— Oi, desculpa incomodar nesse horário. Falo com Diana Williams?

— Sim, aconteceu algo?

— Eu trabalho numa boate no centro da cidade e o Sr. Corppin está aqui, ele não está em condições nenhuma para dirigir, está até dormindo no chão. E o seu número está na discagem de emergência.

— Senhor... Me passa o endereço daí que vou buscá-lo.

O rapaz cujo o nome é Marcus me passa o endereço. onho um sobretudo, arrumo os cabelos, pego a chave do carro e saio. *E se for mentira? Alguém tramando algo?* Expulso o pensamento e vou até o local, vejo o carro de Maycon na frente, ele realmente está ali. Entro meio desconfiada, mas logo o vejo jogado no chão.

— Oi, Sou Diana. Obrigada por terem me avisado — falo com um dos rapazes que estavam presente.

— Sou Marcus, o cara que falou com você. Ele estava bebendo sem parar, falando que estava triste, e que a mulher dele tinha largado ele e o quanto ela era linda. E, para falar a verdade ela é linda mesmo. — Ele me analisa.

— Entendi, mas eu não sou a mulher dele, a conta está paga?

— Ele falava de Diana Williams, quis deixar claro para todos aqui, e não, não está pago. Deixamos para você resolver.

Pego meu cartão e entrego ao rapaz, ele passa a máquina, que apita e o papel logo sai. Com tudo pago, peço ajuda para por ele dentro do meu carro, pediria a Claiton para buscar o dele amanhã. Entro no carro e dou partida, vejo ele se mexer e olho em sua direção, seus olhos azuis estão em mim.

— Olá, gracinha... — fala meio embolado.

— Estou te levando para casa, descansa.

— Você é linda, sabia? — ele fala e pisca meio desajeitado, em outro momento até daria risada, mas não agora. — Eu sinto tanto sua falta Di, do jeito que você me beijava, dos seus carinhos, de tudo... — fala com a voz embargada.

Olho para ele por alguns instantes e volto a olhar para a estrada. *Ele não podia estar falando sério.*

— Para de falar besteira, você vai se casar mês que vem, e eu espero que seja muito feliz. — Sorrio fraco.

— Eu... eu te amo, será que você não percebe isso?

— Cala a boca, Maycon, você está bêbado. Não ama a si mesmo, quem dirá outra pessoa, tudo o que você faz é me humilhar, me fazer sofrer. Você nunca se importou com meus sentimentos. — Deixo uma lágrima escapar. — Vê se fica quieto.

Vamos o trajeto todo em silêncio, olho para ele, que está dormindo. Nesse momento admirava o silêncio, não queria ouvir as mentiras dele. Chego no prédio e fico me perguntando como levaria ele lá para cima. Balanço ele, até que acorda...

— Vem, vamos. — Puxo ele pelo braço, ele se levanta e apoia em mim. Ele é bastante pesado, caminho com dificuldade até o elevador, aperto o último andar e logo as portas se fecham. *Ok. Como eu entraria lá?* Chego perto dele e olho em seus bolsos, acho a chave no bolso do terno.

Me levanto e ele me agarra pela nuca, me puxando para ele, nossos lábios se tocam, enviando uma energia diferente ao meu corpo. Ele me beija, no começo não deixo me levar, mas depois me permito. O gosto de Whisky em sua boca era presente, mas não me incomodava, nossas línguas brincavam dentro da boca um do outro, mas não sei se isso era o certo a fazer, não agora. Me afasto dele e tento recuperar meu fôlego.

As portas do elevador se abrem e eu o ajudo a sair, abro a porta da casa e entro, olhando ao redor. *Que falta esse lugar me faz.* Fecho a porta e caminho para a escada, agora que seria o problema, levo mais do que o necessário para subir. Já lá em cima, vou para o quarto dele, ele se senta na cama, começo a tirar sua gravata e abrir os botões de sua camisa. Ele me olhava atento, dá um sorriso sacana, reviro os olhos.

— Não é o que você está pensando, vamos, levanta e já para o banheiro.

— Você fala igual a minha mãe, será ótima mãe para meus filhos. — Me espanto com a última parte.

— Tá, já chega, vamos.

Ajudo ele a se levantar, ligo o chuveiro e tiro sua calça.

— Entra. — Aponto para o box.

Ele entra calado e começa a tomar o que eu não poderia chamar de banho, começo a rir com a situação. Pego o sabão e passo em seu corpo, olho com atenção cada parte. Como sentia falta dele. Desligo o chuveiro e passo uma toalha para ele, vou na sua gaveta e pego uma cueca.

— Toma, se troca. — Entrego a ele e saio.

Um tempinho depois, ele sai do banheiro. Deito ele na cama.

— Dorme comigo?

— Não posso, tenho que ir para casa.

— Mas aqui é sua casa.

— Não, não é.

— Então fica até eu pegar no sono?

— Até você dormir — digo por fim.

Me deito ao seu lado, ele se aconchega perto dos meus cabelos e fica ali, ele pega minha mão e põe em sua cabeça.

— Faz um carinho...

Mexo os dedos, passando em seu couro cabeludo, Fico alguns minutos desse jeito até que ele dorme. Me levanto devagar, vou ao banheiro e pego um comprimido para dor de cabeça. Amanhã a ressaca vai ser grande. Desço na cozinha, pego um copo e uma jarra de água, subo e deixo do lado de sua cama. Pego o bloquinho de notas, uma caneta e escrevo um bilhete:

Espero que isso faça sua dor de cabeça passar.

Deixando o remédio ao lado, caminho até a porta e olho mais uma vez para ele, fecho a porta do quarto e vou embora.



O despertador toca, sou forçada a me levantar da cama. Hoje eu estava extremamente cansada, dormi pouquíssimo. Vou ao banheiro e tomo um banho, ponho um vestido um pouco justo marrom, com um decote em V; saltos *nude*. Arrumo o cabelo e faço uma maquiagem leve, vou na cozinha e encontro Jullia comendo.

— Bom dia, Ju.

— Bom dia, como vocês estão? — Ela diz e olha para minha barriga. Tinha me esquecido desse detalhe.

— Creio que bem. — Dou um sorriso amarelo.

Pego um suco de laranja e tomo, como algumas torradas e me sinto cheia, quando termino tudo, sinto à vontade que tenho tido todas as manhãs, vomitar. Corro para o banheiro e jogo tudo no sanitário. Depois de me aliviar, me levanto, escovo os dentes e dou descarga.

— Você não está tomando seu remédio direito, né? — Jullia aparece na porta de cara amarrada.

— Me esqueci de tomar agora pela manhã. — Dou de ombros. Depois que tomo meu remédio para enjoo, olho o relógio e vejo que já está na minha hora.

Deixo Jullia no trabalho e vou para o meu. Estaciono e subo, Maycon ainda não havia chegado. *E hoje teríamos uma visita em uma das filiais...* Arrumo uma papelada enquanto converso com Cheila. O vejo entrar.

— Bom dia.

— Bom dia, Sr. Corppin — Cheila e eu o cumprimentamos.

— Em 2 minutos, na minha sala.

— Sim, senhor.

Pego seu café, que já estava pronto, suas agendas e entro na sala.

— Sente-se. — Ele fala assim que entro, ponho seu café na mesa e sento.

— Posso passar a agenda?

— Pode sim, mas antes, queria te agradecer por ontem. — Fico vermelha. *Ele se lembra?*

— Então você se lembra?

— Não, na verdade, mal soube como cheguei em casa. Vi o bilhete em cima da cama e achei a letra parecida com a sua, fui olhar as câmeras e só confirmei o que imaginava.

— Não foi nada. — Sorrio de lado. *Será que ele viu o nosso beijo também?* — E então... hoje temos aquela visita na filial.

— Eu te falei algo que não devia ontem?

— Não, acho que não. Poderíamos voltar a falar sobre o trabalho?

— Sim, desculpe. — Hoje ele estava muito estranho.

— Além da visita, teremos uma reunião no final do dia, apenas.

— Já está pronta para ir? Você vai comigo no carro.

— Irei no meu, tenho um compromisso na hora do almoço.

— Posso te levar.

— Não, não dá. — Começo a ficar nervosa. Terei médico no meu horário de almoço e ele não pode nem desconfiar dessa gravidez.

— Tudo bem, creio que já podemos ir, então. — Ele dá um gole em seu café e se levanta, pega sua pasta e vai em direção a porta, eu o acompanho.



Capítulo 24

A visita tinha nos mostrado o quanto estávamos lucrando com a filial, foi bem interessante, Maycon hoje estava bem tranquilo, até demais, na verdade. Não estava arrogante, o que estava me deixando intrigada, mas não falei nada. O horário da minha consulta com a médica já estava próximo, então me despeço dele e vou para a clínica. Chegando lá, falo com a recepcionista e vou para a sala de espera. Iria fazer meu ultrassom. A médica chama meu nome e entro na sala, ela me explica todo o procedimento e logo estou vendo aquele pontinho dentro de mim. Meus olhos se enchem de lágrima, existia sim uma vida dentro de mim. *Ah, como eu queria Maycon aqui ao meu lado nesse momento.* Eu seria mãe, um

sentimento de emoção me invade e começo a sorrir feito boba.

— Então, mamãe, você está de 3 semanas, está tudo bem com seu bebê. Olha, não pode consumir muito sal, beba bastante água e todos os remédios que vou lhe prescrever. São apenas vitaminas e alguns para abaixar a pressão. Vamos marcar seu pré-natal e você vem aqui uma vez ao mês até chegar às 34 semanas, aí vamos nos ver com mais frequência.

Ela me explicou mais algumas coisas, me despeço, passo já na recepção e marco minha próxima consulta. Até que eu estava gostando dessa história de ser mãe. Sorrio e passo a minha mão na barriga, saio e dou de cara com Maycon. *Meu Deus! O que ele está fazendo aqui?* Ele olha para minha mão na barriga e vem até mim.

— Diana!? Você está grávida!? — Ele fala com um mix de sentimentos nos olhos.

— O que? Eu não, está maluco?

— Então porque essa mão na barriga e sorriso no rosto?

— Estava com dor no estômago muito forte e graças a Deus passou, não posso ficar feliz? — *Espero que cole.*

— Ok... — Ele me olha desconfiado.

— E você, o que está fazendo aqui? Me seguindo? — tento desconversar.

— Você se acha muito, não? Natacha veio para o médico fazer esses exames de grávida aí. Apenas estou acompanhando, afinal, é meu filho, não é mesmo?

— Ah, claro. Mais que certo, vou indo. Nos vemos na empresa. — Passo por ele, não deixando me dar uma resposta. *IDIOTA.* Às vezes tenho vontade de matá-lo, essas variações de humor estão me matando.

Entro no carro e vou num restaurante próximo, estava faminta. Peço um PF e como tudo, faltou só lamber o prato, mas me mantive firme, porém, se eu estivesse em casa, era óbvio que eu passaria a língua.

Pago tudo e volto para a empresa, tínhamos uma reunião em 30 minutos, então arrumo toda a sala e aguardo Maycon chegar. Todo o pessoal chega e vai se acomodando em seus lugares. Faltando poucos minutos para reunião começar ele chega. A reunião começa e até que essa foi bem interessante, conversamos sobre o plano de economia e um modo de chamar mais clientes de uma forma diferente, que capture o interesse do público-alvo, já que o nosso estilo de marketing era a digital.

Depois que a reunião acaba, rola um coffee break, olho para o queijo e um biscoito de chocolate e uma vontade enorme me consome para comê-los juntos. Olho um doce de leite e seria a combinação perfeita, junto tudo e ponho na boca. *Que delícia!* Comería aquilo para o resto da vida, até que vejo Maycon me olhar estranho, mas continua conversando com um rapaz. *Que foi? Nunca viu uma grávida comendo coisas estranhas? ...Merda!* Deve ser por isso que ele está me olhando estranho, penso em jogar a comida no lixo, mas seria muita judiação, ponho tudo na boca e faço a egípcia.

Assim que todos vão embora, limpo toda a sala e volto para minha mesa. Maycon já estava dentro de sua sala. Pela primeira vez, eu não tinha nada o que fazer além de bater papo com Cheila. Já o fazia sempre, não é novidade. Olho o anel que Maycon havia me dado, sim, ainda estava em meu dedo. *Porque? Eu não sei.* Tiro ele do meu dedo e vejo algo escrito na parte de dentro que antes não estava ali.

Estarei sempre contigo, acredite.

Seu M.

Meu coração se acelera, levanto da cadeira, assustando Cheila e vou para a sala de Maycon entrando sem bater.

— Não tem mais educação?

— O que isso significa? — Ponho o anel em sua mesa.

— O anel? Nada demais, por quê?

— Não, Maycon, eu quero saber disso que está escrito dentro do anel. Não estava antes.

— Estava sim, você que não viu.

— Maycon... por favor. Me explica isso, eu sei que não estava aqui antes, para de fazer joguinhos comigo, pelo bem do nosso... — eu iria falar filho, tento pensar rápido. — ...convívio aqui dentro da empresa. Me diz o que está acontecendo, por que mudou comigo? Por que está me tratando assim? — Sinto as lágrimas inundarem meus olhos. — Eu estou tentando ser forte, mas não dá, te ver feliz, alegre, como se nada tivesse acontecido entre nós dois... Ontem você disse que me amava quando estava bêbado, que sentia falta de mim, por que isso? Por que se casar? Se nós dois poderíamos ser felizes juntos? Me diz, Maycon. — Começo a chorar, eu precisava desabafar. Necessitava tirar esse peso das minhas costas.

— Eu não sei porque falei que te amava, mas me desculpe, eu não te amo. — Isso me parte o coração.

— Então porque ontem, quando me beijou, mostrou ao contrário do que está me dizendo agora? — Ele fica em silêncio por um momento.

— Diana, eu não me lembro de nada, eu não posso dizer o que não sei, mas te asseguro: eu não te amo...

— Você é um otário, sabia? Juro que estou tentando te entender, mas não dá. EU TE ODEIO, e eu vou fazer você sofrer o tanto que está me fazendo agora.

— Não sofro por mulheres, já pedi desculpas, não posso fazer nada. — Ele se levanta e fica de costas para mim, olhando à vista. Ele passa a mão nos cabelos.

— Você não vai sofrer por mim, pode ter certeza, sabe pelo que você vai sofrer?

— Não, pelo quê?

— Pelo filho que estou esperando e você não vai ter a honra de estar ao lado dele, nem hoje, nem nunca. — Ele vira rapidamente me olhando.

— Você... você está grávida? Ah, meu Deus, Diana! Por que não me falou nada?

— Por que eu deveria falar? Não quero você perto de mim ou do meu filho. — Ponho as mãos em minha barriga, protegendo-a. — Vê se me esquece, esquece que um dia eu estive em sua vida, esquece que um dia eu te amei, esquece que você tem esse filho. E a partir de hoje, não trabalho mais com você, estou indo embora.

— Diana, calma, vamos conversar, essa criança... nosso... nosso filho não pode pagar por uma burrada minha! Por favor, não faz isso.

— Agora você quer conversar? Não, obrigada, agora quem não quer sou eu.

Me viro e saio andando. Queria sair dali o mais rápido possível, eu não queria mais passar por essa humilhação. Ele vem correndo até mim e me para, segurando meu braço.

— Di, por favor — ele olha dentro dos meus olhos —, não faz isso

comigo, com nosso filho. Me deixa acompanhar tudo, eu quero está por perto, quero estar presente, você sabe que eu almejei ter essa criança com você. — Ele passa a mão em minha barriga.

— Isso foi a semanas atrás, Maycon, e esse não é mais você.

— Não, Diana, sempre fui eu, Maycon. Eu estou aqui dentro ainda. — Ele pega minha mão e põe sobre seu coração acelerado.

— Eu não acredito em você, você para mim é um desconhecido agora. — Tiro minha mão do seu peito.

— Não diz isso. — Vejo sua voz estremecer, ele se ajoelha em minha frente e abraça minhas pernas. — Isso é demais para mim, não sei se vou suportar. — Sinto minha perna molhar. *Ele estava chorando?* — Faça o que quiser, mas não tire essa criança de mim, eu tenho esse direito, Diana. — Ele se senta sobre os pés e abaixa a cabeça. Aquilo me doeu o coração, mas eu teria que ser forte.

— Já está decidido. — Me viro e chego perto da porta, ele já estava de pé, me segurando novamente. Ele me dá um abraço forte, sinto seu corpo próximo, colado em mim, e seus lábios alcançam os meus. Sua língua invade minha boca e eu estava até gostando do beijo, mas não seria assim que as coisas se resolveriam. Começo a me debater em seus braços, consigo me soltar e olho em seus olhos, que agora estão vermelhos.

— Não faça mais isso. — Dou um tapa em seu rosto e saio da sala.

Ele não me veria nunca mais, se depender de mim. Pego minhas coisas, esperava que ele viesse atrás de mim, mas ele não o fez, e era melhor assim. Pego o elevador e desço para a garagem. *Como eu faria agora sem um trabalho? E um bebê que está vindo pela frente?* Choro mais ainda. Chego na garagem e entro no meu carro. A única coisa que eu queria agora é ir para casa, tomar um banho, ficar deitada e chorar livremente.

Alguns minutos depois, chego no apartamento, achei que quando eu

chegasse aqui, o alívio me atingiria, mas não foi bem isso. Tiro os sapatos e jogo no canto, Jullia ainda não estava em casa, como era previsto. Deito no sofá e ponho para fora todo o choro que até então estava aqui na garganta, entalado. Fico ali até o choro acabar e o cansaço me pegar. Levanto, vou ao banheiro e tomo um banho rápido. Visto um pijama de flanela e deito. Em poucos minutos, consigo dormir.



Acordo com batidas leves na porta do quarto.

— Posso entrar? — Jullia fala.

— Pode sim, entra. — Me ajeito na cama.

— O que aconteceu? Porque essa carinha? — Ela me dá um abraço apertado.

— Maycon e eu brigamos, contei a ele sobre a gravidez.

— Ele brigou contigo porque estava grávida!?

— Não, brigamos porque eu vi isso escrito no anel. — Entrego o anel a ela que olha atenta ao que estava escrito. — A questão é que, antes, não tinha nada, eu sei que não tinha. Ele jogou na minha cara dizendo que não me amava, que não sabe porque falou isso ontem. — Respiro fundo.

— Você já parou para pensar que talvez ele esteja sendo forçado a algo? Porque isso faz bem o tipo de Natacha. E a meu ver, ele te ama. Tudo o que ele diz é da boca para fora e as atitudes dele parece ser para te afastar

dele, sabe?

— Mas se ele está sendo forçado, ele deveria me falar. Não é assim que um relacionamento funciona? Já chega desse papo, não quero mais saber de Maycon.

— Tudo bem então, vou fazer algo pra comermos, o que acha de uma lasanha, hein? E depois, maratona de *Gossip Girl*?

— Maravilha, vai ficar melhor se rolar sorvete de caramelo com chocolate. — Uma imensa alegria me atinge.

— Claro, não pode faltar, vamos. — Me levanto e saio do quarto.

Maycon Corppin

Eu sabia o que tinha acontecido ontem. Me lembro de quase tudo, lembro do nosso beijo no elevador e das coisas que eu disse no carro. Isso não era para acontecer. Disse que não lembrava, pois seria menos doloroso para mim e para ela. Ela não sabe o quanto eu a amo... se eu pudesse explicar tudo o que estou passando. E que isso é por nós dois, seria tão mais fácil. Quando ela me disse que está grávida, meu mundo vira de cabeça para baixo, era a criança que eu queria, meu filho. Não que o que Natacha estava esperando eu não gostasse, era meu filho do mesmo jeito, mas com Diana... era tudo diferente. Eu adoraria vê-la com a barriga grande, ela vai ficar mais linda do que já é. Me parte o coração saber que ela não me quer por perto, que me odeia.

Meu amor... suporte tudo, por nós três. — Eu sempre vou ser seu, inteiramente seu. — Sussurro ao vento, torcendo para que ele levasse a ela as

minhas palavras.

Eu tinha escrito aquilo no anel na intenção de que ela percebesse que eu sempre vou estar com ela, mas esse não era o momento para que ela descobrisse aquilo. Eu precisava pôr um fim nisso logo, estava sendo forte demais, eu queria tê-la em meus braços, ela e meu filho. *Nunca senti nada igual por alguém como agora, eu morreria e mataria por vocês dois.* E é por isso que precisava fazer algo, e para já. Pego meu celular e ligo para James, um dos melhores detetives de Chicago. No segundo toque, ele atende.

— James falando.

— Sou eu, Maycon, conseguiu algo?

— Sim, estava te passando um e-mail neste exato momento. Natacha teve uma conversa com uma amiga, dizendo que tem os documentos que podem te incriminar, mas pelo visto ela é ameaçada por Juan. Ele sabe algo dela! E ele não fala o que é, pois também é ameaçado, pode ser sobre as fraudes e os contratos assinados. Então estou investigando mais, só essa semana, ela esteve com ele quatro vezes. Isso não está me cheirando nada bem.

— Ok, quero que continue de olho nela, e preciso resolver isso rápido, estou ficando sem tempo. Hoje é dia 2 e me caso no dia 30 deste mês, com esses documentos e eu conseguindo provar minha inocência, vou estar livre deles. Soube algo do vídeo?

— Ainda não, mas farei o possível, pode deixar. — Desligo.

Já estava cansado disso tudo, minha cabeça está explodindo, meu terno está amarrotado e meus cabelos desgrehados. Olho para a tela do computador e, para falar a verdade, não estou nem um pouco a fim de trabalhar.

Aposto que meus olhos estão extremamente vermelhos por conta do choro, não irei desistir de Diana. Penso em algo que poderia dar certo, e se eu

adiantasse o casamento? Eu estando perto dela, poderia monitorá-la, isso partiria o coração de Diana, mas era necessário. Sem falar no vídeo, que eu ainda tenho que descobrir onde Natacha esconde, um vídeo meu e da Diana transando aqui em minha sala. Como eu pude esquecer que ela tinha acesso a essas câmeras? Um ódio me consome, jogo tudo que estava em cima de minha mesa no chão. *MALDITA*. Eu vou fazer dos dias dela os piores. Não vejo a hora desse momento chegar.

Diana Williams

Hoje é mais um dia como qualquer outro, e eu, sinceramente, achei que seria diferente, mas não. O aperto no coração continuava o mesmo, a vontade de chorar e só ficar na cama não passava, meu enjoo matinal foi terrível, o que me dava uma aparência pior do que já estava. Não fiz nada a manhã inteira, além de ficar em meu quarto deitada, assistindo série e comendo besteira. Ju foi trabalhar e fiquei sozinha durante a tarde. Ouço a campainha tocar. Vou até a porta e tomo um susto.

— Diego? O que faz aqui? — Dou um meio sorriso.

— Pensei que ficaria feliz em me ver.

— É claro que estou, mas fiquei surpresa, você disse que estava na Espanha. — Dou espaço para ele entrar e me lembro da aparência horripilante com que eu estava. *Senhor...* Com meu pijama lindo, *só que não*, os cabelos provavelmente estão lá em cima, faço um coque frouxo e tento arrumar ao máximo dos fios. Ele senta no sofá e sorri.

— Tive que voltar porque preciso resolver algumas coisas aqui, em Chicago.

— Entendi. Como soube que eu estou aqui?

— É uma longa história. — Ele dá risada. — Me diz, como você está? Como estão as coisas por aqui?

— Ah, eu estou bem, tudo aqui continua na mesma, você sabe como é. A única coisa que aconteceu de diferente foi que eu me demiti, não estou trabalhando mais. — Respiro fundo.

— Porque se demitiu? Você amava aquele trabalho.

— É uma longa história... — falo igual a ele, começo a rir e ele também.

— Então, tem um amigo meu que está contratando na empresa dele e creio que você vai amar trabalhar lá, e vai se identificar bastante. — Ele me olhou dando um sorriso largo. Ele é bastante bonito, a um ano atrás, eu estaria babando com esse sorriso. Ele é gentil, encantador, educado, transa muito bem..., mas não como Maycon. *Porque sempre ele para estragar as coisas?*

— Me diz sobre a empresa? E porque eu vou gostar tanto...

— Então, a empresa é de Arquitetura, sei que você é arquiteta e ama esse mundo. Posso falar com ele, sei que está procurando alguém.

— Sério que faria isso por mim? Você não sabe o sonho que eu tenho em trabalhar com isso. — Sei que neste exato momento meus olhos estão brilhando. *Pelo menos vou fazer algo de interessante, não é mesmo?*

— Claro que faria, você merece, e muito. — Ele pisca para mim, fico meio sem graça. — E então, está com alguém?

— É... não. Estava com uma pessoa, mas não vem ao caso.

— Está gostando dele?

— Aceita um café? Uma água? Vinho? Suco? — digo desconversando.

— Entendi, quero um vinho, se não for incomodo.

Vou na cozinha e pego uma taça, por sorte, têm vinho e um dos que ele mais gosta. Levo para a sala, volto, pego um copo de suco para mim e me sento no sofá.

— Não vai beber o vinho comigo?

— Hum, não. Não posso.

— Porque não? — *Falo ou não?*

— Estou... grávida — falo a última parte em um sussurro, ele para a garrafa próximo a a taça e me olha.

— Você está grávida? Nossa, nem sei o que falar, meus parabéns. — Vejo confusão em seus olhos. Ele sorri sem graça.

— É, obrigada. — Sorrio de canto.

— É da tal pessoa que você estava? — Ele pergunta desconfiado, como se já soubesse quem era.

— Sim, é.

— Ele sabe da criança?

— Sabe sim, mas não queria que ele soubesse — admito.

— E porque não? Ele é casado? — Pergunta com a sobrancelha arqueada.

— O que? Não, aliás, agora, sim. Mas quando nos envolvemos, ele era solteiro, não queria falar porque quero ele o mais longe possível de mim.

— Entendo, o que acha de sairmos para comer? Aquela sua comida favorita? — Faço careta. — O que foi?

— É que não gosto mais da comida, chega a me dar ânsia de vômito.

— Ah, sei, coisas de grávida, né?

— Exato. — Sorrio.

— Vamos comer algo que você goste, então.

— Certo, só vou me arrumar. — Me levanto, deixo o copo no centrinho e vou para o quarto. Tomo um banho rápido, visto uma calça jeans e uma camiseta branca com uma flor na frente. Calço uma sapatilha, penteio os cabelos e faço uma trança para trás, uma maquiagem leve e um batom rosado. Estava um pouco apresentável. Vou para a sala.

— Demorei?

— Ah, não, foi bem rápida. E por sinal, está linda. Vamos?

— Obrigada, vamos. — Pego minha bolsa e as chaves. Descemos e fico estática olhando o seu carro. Era um Corvette Stingray C7, lindo demais, na cor branca, com os bancos de couro vermelho.

— Gostou? Brinquedo novo. — Olho mais uma vez para o carro, ele abre a porta para mim e eu entro, passa o cinto em minha cintura, ficando bem próximo a mim. Ele olha bem em meus olhos e sorri se afastando, fecha a porta do carro e dá a volta, assumindo seu lugar. Ele liga o carro e logo estávamos na estrada, o ronco do motor era música para os meus ouvidos. O final da tarde estava lindo.

— O que vamos comer? — Ele pergunta.

— Não sei, um hambúrguer, talvez? — Dou de ombros.

— Opa, um hambúrguer para já. — Seguimos por mais alguns minutos até que paramos em um restaurante que vendia hambúrgueres artesanais.

Saio do carro e caminhamos para dentro do restaurante, pelo visto ele conhecia o dono, o que já era de se esperar. Sento em uma mesa, fazemos nossos pedidos e aguardamos.

— O que faz na cidade?

— Vim fechar um negócio, vou vir para cá com mais frequência, se tudo der certo, como eu havia lhe dito. Amo essa cidade, se eu pudesse moraria aqui, mas fazer o que, né?! Ao menos já tenho uma casa aqui.

— Entendi, que bom. Espero que tudo ocorra bem.

— Está de quantos meses? — Demoro um pouco pensando no que ele estava falando. Ainda estou me acostumando com a existência desse serzinho aqui dentro de mim. Sorrio.

— Estou de 4 semanas e meia. — Eu já estava quase de um mês, sorrio ainda mais.

— Dá para perceber que está feliz com a gravidez.

— No começo, foi meio estranho, não acreditava, sabe? E ainda estou me acostumando com tudo isso, mas, sim. Estou super feliz com isso.

— Imaginava você grávida e admito que ficou mais bonita do que imaginei. Mas esperava que ficasse grávida de um filho meu, e casada comigo, mas você não quis esperar muito, não é mesmo? — O clima começa a ficar estranho.

— Não tem nada a ver, você é de todo mundo, Diego. No dia de São Nunca eu estaria casada contigo e esperando um filho seu.

— Porque? A hipótese é tão ruim assim?

— Não estou falando que seria ruim, mas que, se dependesse de você, isso não aconteceria nunca.

— Então se eu te pedisse em casamento, você aceitaria?

— Talvez... a um ano atrás, sim.

— E hoje, se eu te pedisse? — *Mas que conversa é essa?*

— Diego... por favor.

— Ok, ok. Tudo bem, é só que eu poderia cuidar de você e do seu bebê, sabe? Você é uma ótima mulher, Diana. Eu não sei o que o cara com quem você estava fez, mas te afirmo que ele é um otário por deixar uma mulher tão maravilhosa como você ir embora da vida dele, ainda mais grávida. — Mal sabia ele que era o idiota do Maycon.

— Obrigada Diego, mas você já fez muito por mim e ainda vai conseguir um emprego para mim que eu sempre quis, dentro da área que eu sou formada e gosto. — Sorrio e aperto sua mão que estava em cima da mesa.

Nossos hambúrgueres chegam e logo começamos a comer, isso era uma delícia. Quando estou na metade, vejo Maycon entrar com Natacha e se sentar numa mesa próxima, ele ainda não me viu. Começo a ficar nervosa, as mãos começam a suar, eu queria sair dali agora. Tinha dias que não nos víamos e meu coração apertava por vê-lo ali, tão próximo de mim com outra.

— Diana, está tudo bem?

— Podemos ir embora? Para outro local, sei lá, mas vamos sair daqui? Por favor. — Olho quase chorando para ele.

— Calma, Diana. Certo, vamos sair daqui. Só vou pagar a conta. — Ele se levanta e sai enquanto analiso eles dois ali na mesa. Ele sorria para ela, que passa a mão em seu ombro. Ela beija seus lábios e ele retribui o beijo. Viro meu rosto imediatamente, não podia ser real. Olho novamente e sim, era real. Meus olhos começam a marejar, ele pega a mão dela e deixa um beijo entre seus dedos. Podia ver um pouquinho de sua barriga, não estava grande, mas, quem sabia que ela estava grávida, com toda certeza perceberia a

protuberância.

— Vamos? Já paguei a conta.

Me levanto e pego minha bolsa, Diego segura minha mão, ele percebia o quanto estava nervosa. Quando vou passando próximo, os olhos de Maycon bateram em mim, vejo-os mudarem para um tom azul mais escuro.

— Olá, Diana... — ele fala todo sério, sua voz parecia um iceberg. Ele olha para Diego por alguns segundos e depois seu olhar desce rapidamente para minha barriga. Diego segura em minha cintura e cola meu corpo no seu.

— Boy novo, querida? Cansou de correr atrás do meu marido? — Natacha fala. *Desgraçada.*

— Se fosse... não seria da sua conta, e que eu saiba, ele está casado com você agora. Se toca, garota, tenham uma boa noite. — Dou um sorriso falso e saio puxando Diego.

— Então, é o otário do seu chefe? — Balanço a cabeça afirmando.

— Ok. — Ele abre a porta do carro para mim e vai para o seu lado. — Vamos a um lugar legal.

Um bom tempo depois, chegamos numa orla de praia. Saio do carro e sinto a brisa boa em meu corpo.

Diego e eu sentamos na areia da praia, o silêncio se quebra depois que ele fala:

— Sabia que seu chefe era um babaca, mas não tanto.

— Ex-chefe. — Ele balançou a cabeça em concordância. — Amava ver o pôr do sol quando era mais nova, saia escondido da casa de minha tia e ia para a praia, era a minha salvação, minha paz.

— É uma pena que me falte tempo muitas das vezes para poder ter essas horinhas de lazer.

— É bem complicado essa coisa de ser empresário — digo rindo.

— Com toda certeza. — Suspira cansado.

Ficamos sentado na areia vendo o mar e o pôr do sol, era tudo tão lindo, tão perfeito que parecia não ser real. Encosto minha cabeça no ombro de Diego e fico ali, vendo o espetáculo que a praia me proporcionava. Hora ou outra, Diego e eu conversávamos de coisas diversas. Já era noite e continuávamos ali, me peguei dormindo algumas vezes e eu queria realmente uma cama.

— Acho que tem alguém cansada aqui. — Ele sorri.

— Desculpa, é que, ultimamente, eu tenho sentido muito sono.

— Vamos, você precisa descansar, grávidas sentem bastante sono mesmo. — Sorrio de canto, ele se levanta e em seguida me ajuda a levantar. Sacudi a areia da roupa e caminho com ele até o carro.

A volta foi bem tranquila, viemos ouvindo música e jogando conversa fora. Já parado na porta do meu prédio, me despeço dele, ficamos de nos ver antes dele voltar para a Espanha. Mas antes dele sair, se aproxima de mim e me dá um selinho rápido, fico sem reação, apenas aceno para ele e entro. Quando entro no apartamento, vejo uma Jullia curiosa.

— Estava com quem, mocinha? — Ela indaga com a sobrancelha arqueada.

— Saí com um velho amigo.

— E esse velho amigo tem nome e sobrenome, não é? Diego Salvatore.

— É, ele mesmo.

— Você não perde tempo, hein?! — Ela fala dando risada.

— Ei, tá doida, não rolou nada entre nós, e... não rolou nada. — Cruzo os braços emburrada.

— Ei calma, não está mais aqui quem falou. — Ela levanta as mãos em rendimento e sai rindo.

Maycon Corppin

Marquei de sair com Natacha para conversar com ela sobre adiantar nosso casamento, ligo para ela e marco de passar em sua casa. Arrumo alguns contratos, e peço a Cheila para mandar ao Rh, ainda não arrumei uma nova secretária, estava tudo uma loucura sem Diana aqui para me ajudar. Já tinha dias que não sabia como ela estava, nem muito menos a vi.

Pego minhas coisas e saio, já estava quase no final da tarde, paro na porta da casa de Natacha e buzino. Vejo ela saindo e entra em meu carro.

— Oi amor. — Ela vem para me beijar, mas desvio.

— O que foi?

— Ponha o cinto.

Arranco o carro com tudo, vago pelo centro. Não quero nada sofisticado, vejo o Alegary, que vende os melhores hambúrgueres artesanais. E o melhor é que Natacha odeia hambúrguer, vai ser ali mesmo. Estaciono o carro na vaga, saio do carro e vou andando para a entrada do estabelecimento.

— Ei, não vai abrir a porta do carro para mim?

— Você tem mãos, anda que não tenho tempo para baboseiras.

Ela sai do carro batendo à porta com força, olho para trás com uma vontade enorme de matá-la, ela abaixa o olhar e caminha até mim. Entro no Alegary e me sento.

— Ah, Kinho, porque você está assim comigo?

— Para de me chamar assim, e estou te tratando normal.

— Ok, e então, o que queria falar comigo?

— Vamos fazer nossos pedidos primeiro, depois conversamos.

Chamo o garçom e peço um hambúrguer, Natacha já não gostou e pediu apenas um suco, problema o dela. Depois que os pedidos são feitos, eu decido falar:

— Então, estava pensando em adiantar nosso casamento para uma data mais próxima.

— Sério, amor?! — Ela abre um grande sorriso. — Mais aí eu preciso resolver várias coisas. Ver a data na igreja, o vestido que eu já estava vendo, o buffet, mas não me importo, só quero me casar com você logo. — Ela acaricia o meu braço e vem me beijar, dessa eu não teria como correr. Beijo ela sem emoção, era tão sem graça, sem gosto, não era como beijar Diana. Me afasto e limpo minha boca discretamente. Ela era sim bonita, tinha um corpo que enlouqueceria qualquer um, mas não a mim. Não mais, meu corpo repugnava ela. Vejo de relance alguém conhecido, volto os olhos e me deparo com Diana e Diego. *Mas que porra ela está fazendo com ele?* Uma grande raiva surge, mas me contenho, minha vontade era de socar a cara dele.

— Olá, Diana. — Falo o mais sério e frio que consigo, olho para Diego ao seu lado e depois olho para barriga de Diana, não dava para ver por conta da blusa, mas ela está tão linda. O que mais me chama atenção era a mão dele em sua cintura. Por um momento, penso em apenas tirar a mão dele dali, mas

me contendo.

— Boy novo, querida? Cansou de correr atrás do meu marido? — Natacha, com sua voz irritante, fala.

— Se fosse... não seria da sua conta, e que eu saiba, ele está casado com você agora, se toca, garota. Tenham uma boa noite, casalzão. — Ela sorri e sai puxando aquele otário. Respiro fundo, tentando controlar minha raiva. *Mas o que ela está fazendo com ele?*

— Aí está vendo, sua queridinha já está com outro. Fica achando que ela te amava, quem te ama sou eu.

— Cala a porra da boca, Natacha.

— A verdade dói, não é mesmo?

— Sabe o que vai doer? O casamento vai acontecer na minha casa, não vai ter luxo algum, seu vestido vai ser o mais simples possível, a cerimônia vai ser rápida e com poucas pessoas, o mais reservado possível. Não vai haver festa, não vai haver lua de mel. Prefiro comer as da rua em vez de você. — Me levanto furioso.

— Você não pode fazer isso Maycon, eu não aceito!

— Se vou me casar com você forçado, então vai ser do meu jeito. MEU JEITO! E se você não quiser ficar aí, acho bom se levantar e andar. — Tiro algumas notas de dentro da carteira e deixo sobre a mesa. Caminho até o carro, entro, e ela junto.

Vou o mais rápido que posso pelas ruas, cortando os carros. Vejo Natacha se espremer no banco do carro. *Ah tá com medo?* Acelero ainda mais. Paro com tudo na porta de sua casa.

— Seu louco!

— Você ainda não viu nada. — Sorrio para ela. — Agora, saia do carro, não quero perder nem mais um minuto com você. — Ela sai furiosa do carro e eu vou para casa, com mil coisas no pensamento.

Diana Williams

Acordo com o celular tocando, olho as horas e já são 8:37 da manhã. Pego o celular e olho a tela. Era Diego e atendo.

— Bom dia, Anjo — ele fala.

— Bom dia? Ainda é madrugada. — Ouço ele rir.

— Larga de exagero, tenho uma boa notícia. Consegui o emprego para você. — Dou um pulo da cama.

— Serioooo?!

— Sim. Ele quer te ver hoje à tarde, o Sr. Arthur.

— Diego, não sei nem como te agradecer!

— Mas eu sei. Amanhã à noite vai ter um baile beneficente e eu gostaria que você fosse minha acompanhante.

— Não estou com muita vontade de sair...

— Ah, mas você vai, está me devendo uma. Mando seu vestido agora à noite, Beijos. — Desliga, e começo a rir.

Vou ao banheiro e tomo um banho, faço minhas higiênes e ponho uma roupa leve, vou na cozinha e como uma torrada e iogurte. Meu enjoo estava bem melhor, graças a Deus. Decido limpar a casa e fazer o almoço. Depois de tudo pronto, me jogo no sofá, estava morta de cansaço. Olho o relógio e já estava na hora de me arrumar. Tomei outro banho e coloquei um terninho cinza e uma blusa azul, e o salto preto. Penteio os cabelos e faço uma maquiagem leve, me lembro de quando me arrumava para ir trabalhar com Maycon. Eu sentia saudades de lá.



Capítulo 25

Estou em frente ao prédio do *DP Architects*. Um prédio lindo por sinal, entro e sou recebida por uma moça alta, bem-vestida e de sorriso bonito.

— Boa tarde, em que posso ajudá-la?

— Boa tarde, tenho uma entrevista agora à tarde com o Sr. Arthur Argolo.

— Qual o nome da senhorita?

— Diana Williams.

— Ah, ele já está te aguardando. 15º andar. Vou informar a secretária dele.

— Ok, obrigada.

Pego o elevador e subo. Chegando ao andar, saio e falo com a secretária dele, ela logo me anuncia e entro na sala. Vejo um homem por volta de seus 45 anos, bem conservado.

— Olá, Sr. Argolo, boa tarde. — Me aproximo e o cumprimento com um aperto de mão.

— Srta. Williams, sente-se, por favor. — Sento em uma cadeira de frente à mesa.

— E então, vejo aqui em seu currículo que é formada em arquitetura, mas nunca exerceu. Por quê?

— Nunca tive oportunidade, trabalhei na *Marketing Corporation* por anos, e gostava bastante de lá, não pensava em sair.

— Mais saiu, por quê?

— Motivos pessoais, mas amo aquela empresa, trabalharia lá novamente — falo a verdade.

— Entendo, olha, estou montando uma equipe de arquitetos, para desenhar os projetos. Preciso que trabalhe nisso.

— Sou ótima em desenhar projetos, era uma das melhores na faculdade. — Sorrio orgulhosa.

— Então vou te colocar junto a eles. A Srta. Bruna irá te auxiliar, ela é da equipe e pode te ajudar nas suas dúvidas. Quanto ganhava no seu outro emprego?

— Em torno de 2 mil.

— Aqui, o salário é de 5, inicialmente.

— Está ótimo.

— Ok, a partir de amanhã você começa, tem a opção de trabalhar aqui ou levar os projetos para casa, contanto que estejam prontos dentro do prazo. Uma equipe vai fazer a instalação de alguns equipamentos em sua casa, para que facilite o seu trabalho. Hoje você vai conhecer a empresa e o pessoal com quem vai trabalhar junto. Seja bem-vinda a empresa.

— Muito obrigada, Sr. Argolo. — Levanto, aperto sua mão e saio de sua sala, estou vivendo um sonho. Miriam, a secretária do Sr. Argolo, me mostra toda a empresa e minha equipe de trabalho, todos são bem simpáticos. Conversei um pouco com a Bruna e ela me explicou algumas coisas que tinha dúvida. Logo depois, fui embora. Chego em casa e ligo para um restaurante, peço comida para mim e Jullia, vamos comemorar enchendo a barriga de comida. Tomo um banho, pego meu creme de pele e passo. Acaricio minha barriga e sorrio, já dava para ver um pouco, estava inchadinha.

— Oi meu amor, sei que ultimamente não tenho falado com você, mas saiba que eu te amo muito e não vejo a hora de ver o seu rostinho, de te ter em meus braços... — Acaricio minha barriga mais um pouco e ponho minha roupa de dormir. A campainha toca e vou atender.

— Ei! O que você está fazendo aqui?

— Queria te ver.

— Eu falei para você não me procurar mais, Maycon — falo ficando irritada.

— Mas eu preciso saber como você e o nosso filho estão.

— Estamos bem, obrigada. Agora, me dê licença. — Vou para fechar a

porta, mas ele impede.

— Para com isso, eu quero realmente saber como vocês estão.

— Estou falando a verdade.

— Me deixa ser presente, por favor, pelo menos isso. Deixe-me ir às consultas com você, quero ver meu filho, eu mereço também, você sabe que eu quis essa criança.

— Pensasse isso antes de fazer tudo o que está fazendo agora.

— Diana, eu só estou te pedindo o que é por direito meu, você sabe disso. Se eu fosse para justiça, você seria obrigada a me ver lá em todas as consultas. Mas não quero isso, eu quero que você me deixe estar presente. — Ele olha para minha barriga. — Pensa no nosso filho, ele não merece isso. Por infantilidade e orgulho de nós dois, o único que sofrerá de verdade é ele, que não tem nada a ver com nossos problemas. — *Ele tem toda a razão, e o odeio por isso.* Respiro fundo.

— Tudo bem, mas não faça eu me arrepender disso...

— Obrigado. — Ele dá um sorriso lindo, de tirar o fôlego. Com um ato inesperado, ele se ajoelha, levanta minha blusa e beija minha barriga. Logo em seguida, a acaricia. Sinto um grande arrepio no corpo, ele percebe e olha para cima alcançando meus olhos. Depois, se volta para minha barriga e diz:

— O Papai te ama muito, não tenha dúvidas. — Dá mais um beijo e se levanta, ficando próximo a mim. Ele levanta sua mão, põe uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e acaricia meu rosto. Chega mais perto de mim, deixando minha respiração irregular. Ele se aproxima dos meus lábios para me beijar, quando está bem próximo, ouvimos uma batidinha na porta.

— Entrega!

Me afasto rápido dele, sinto meu rosto queimar. Pego o dinheiro e pago

ao rapaz, que vai embora. Maycon continua parado próximo a porta com as mãos nos bolsos, me olhando.

— Te aviso quando tiver a próxima consulta.

— Obrigado. — Ele sorri de lado, caminha até mim e deposita um beijo na minha testa, se abaixa, beija minha barriga e se despede do nosso filho com a promessa de que irá voltar. E sai, me deixando com um grande vazio no peito, mas com um enorme sorriso no rosto.

Entro, ponho a comida no balcão e vejo a porta sendo aberta.

— Oi Ju — falo enquanto ponho os pratos.

— Boa noite amiga, estou exausta. — Ela larga a bolsa no sofá.

— Imagino, vai tomar banho para gente comer, tenho uma novidade para te contar.

— Novidade? Conta logo! — Ela começa a bater palmas.

— Doida. — Dou risada. — Consegui um trabalho na *Dp Architects*.

— Meu Deus, Diana, sério?!

— Sim, começo amanhã. Ah, e eu vou me mudar daqui a dois dias para o meu apartamento. — Ela desanima.

— Ah, por favor não faz isso, fica aqui.

— Sabe que não posso.

— Claro que pode. — Ela retruca.

— Porque não fazemos assim, você se muda para lá comigo? Não vai precisar pagar aluguel, será menos uma despesa e ficaremos juntas. — Dou de ombro.

— Vou arrumar minhas coisas a-go-ra — Ela vem e me abraça. Começo a rir. — Obrigada, Di.

— Pelo que? Vai logo tomar banho, que estou com fome.

Ela vai para o quarto dela e a campainha toca. *Aqui está bem badalado hoje.* Caminho até a porta e encontro um rapaz com duas sacolas, uma grande e outra menor.

— Entrega para Srta. Williams.

— Sou eu.

— Assina aqui, por favor. — Ele me entrega um papel e eu assino, pego as sacolas de papelão e entro.

Abro a menor e tem um vestido vermelho lindo, decotado com uma fenda na perna, acompanhado de um cinto de pedras que marca a cintura. Abro a outra sacola e tem uma menor e uma caixa dentro. Tiro da caixa um par de salto alto preto. Dentro da sacolinha tem um par de brilhantes de pedras, do mesmo tipo que o cinto do vestido. *Com toda certeza, eu chamaria bastante atenção com aquela roupa.*

— Hummm... presentinho, é? — Jullia chega na sala, reviro os olhos.

— Tenho um baile beneficente para ir amanhã.

— Com Diego, né?

— Sim, com Diego.

— Isso ainda vai virar romance.

— Ju, você sabe que, esse tempo todo, ele e eu sempre ficamos e nunca virou romance, porque agora viraria? E você sabe que, querendo ou não, eu gosto do Maycon.

— Isso é verdade.

— ...Ele esteve aqui hoje.

— Esteve? — Ela senta no sofá.

— Me implorou para que deixasse participar das coisas do bebê. —
Dou de ombros.

— E você deixou?

— Sim, fiz mal? — pergunto receosa.

— Claro que não, afinal, a criança não tem nada a ver com o problema de vocês dois.

— Foi o que ele me disse, mas eu queria que ele me pagasse pelas coisas que me fez passar, sabe?

— Usando uma criança que não tem nada a ver com essa palhaçada toda?

— Verdade, fui bem infantil.

— E não rolou nada entre vocês?

— O que!? Não. Vamos comer, a comida já deve estar um gelo.



Depois que comemos, ficamos batendo papo no sofá e assistindo a um reality show. Quando acaba a programação, Jullia já está no quinto sono. Acordo ela e vou para a cama, passo uma mensagem para Diego, agradecendo pela roupa e, logo depois, ponho o despertador para tocar e me deito. Quando estou prestes a pegar no sono, meu celular toca. *Número desconhecido novamente...* Atendo.

— Alô. — Ninguém fala nada, ouço apenas a respiração calma de alguém.

— Quem é? — Continua em total silêncio. Quando vou desligar, ouço alguém no fundo falar.

— Kinho, me ajuda aqui. — A ligação encerra.

Quem é Kinho? E a voz me pareceu conhecida, porém, estava muito distante. Me deito novamente e o sono me embala.



Acordo com o despertador tocando, levanto, tomo um bom banho e lavo meus cabelos. Ponho um terninho preto com uma blusa branca e salto preto, faço uma maquiagem e um batom *nude* rosado. *Estou pronta.* Vou a

cozinha e como um pouco de cereal, depois saio.

Maycon Corppin

Estou rumo a empresa, Claiton vai no volante e eu vou perdido em meus pensamentos no banco de trás do carro. Minha felicidade é enorme por Diana ter deixado eu me aproximar dela e do meu filho. Faria de tudo para não pisar na bola com ela. Claiton para o carro em frente ao prédio da minha empresa, passo pelo hall de entrada e todos me cumprimentam com um bom dia. Entro no elevador e Adrya também, ela era uma das secretárias do financeiro.

— Bom dia, chefinho. — Ela vem toda atirada em mim, passando sua mão em meu ombro.

— Bom dia — respondo seco, tiro a mão dela do meu ombro. — Sabe, apesar de tudo, eu não te dei toda essa liberdade, o pouco que lhe dei... Eu só podia estar louco. — Aperto o botão do elevador do próximo andar e quando chega, às portas se abrem. — Pode se retirar. — Aponto para fora — E trate de não me tocar mais, e é Sr. Corppin.

— Sim, Sr. Corppin me perdoe. — Ela sai rápido do elevador. *Ótimo, prefiro o silêncio.* Chego ao meu andar de trabalho e Cheila já me aguardava, como de costume, ela me passa a agenda do dia enquanto tomo meu café. Óbvio que preferia Diana, sem falar que ela sabia lidar com tudo aqui dentro. Agora eu resolvo todas as coisas, Cheila não sabe de necessariamente tudo, mas está me ajudando no que pode. Refaço alguns contratos que voltaram da contabilidade, por erros de cálculos, fecho o faturamento e mando para o financeiro. Pego a papelada da reunião e vou para a sala ao lado.



A reunião tostou todos os meus neurônios, muito longa e cansativa. Fiz alguns investimentos em novas ações, e agora, é torcer para não ter jogado meu dinheiro fora. Olho o relógio e já passava das 14:23. Mando Cheila pedir minha comida, estava faminto, e algum remédio para dor de cabeça. Não iria tirar meu horário de almoço, tenho que adiantar o máximo possível, pois sairia mais cedo hoje.

Diana Williams

Nunca me senti tão realizada em uma coisa como estou agora com o meu novo trabalho. Recebi um projeto grande para poder fazer com a equipe, ainda estou meio perdida, mas a Bruna está me ajudando com tudo. O pessoal é bem legal, a equipe tem 5 pessoas contando comigo, uma outra equipe foi fazer a metragem do terreno e nos trouxe. Começamos a fazer tudo conforme as medidas do local.

17:46

Saio da empresa cheia de papéis dos projetos que faltavam terminar ainda. Tudo foi conversado sobre isso, teríamos uma reunião no final da semana com os donos da casa, ou melhor, mansão, para saber qual projeto seria feito e as adaptações necessárias à fazer. Desço para a garagem e ponho tudo no banco de trás do carro, descido ir ao shopping, precisava de um *up* para hoje à noite. Sigo para o shopping, estaciono e vou para o mesmo salão de sempre. Faço o cabelo, as unhas, sobrancelha e depilação. *Acho que dá para o gasto.* Vou para casa correndo, Diego iria me buscar às 20:00 e já eram 19:13.

Chego em casa, tomo um banho, passo meu hidratante corporal, ponho um conjunto preto de lingerie. Parecia que, a cada vez que eu olhava para minha barriga, ela estava maior, mas era apenas coisa da minha cabeça.

Fico boba as vezes, só de lembrar que carrego alguém dentro de mim, apesar de que, no começo, eu achava que estava doente e era só o meu bebê aqui dentro. Acaricio minha barriga, começava a conversar com ele a todo momento, o que era legal e me mantém tão conectada a ele que parecia estarmos juntos a tanto tempo... Pego meu vestido e visto, ponho os saltos pretos e coloco os brincos. O vestido ficou deslumbrante, ele tinha um decote traspassado, o cinto o deixava ainda mais elegante, a fenda era alta, pegava do começo da minha coxa até o pé. Tem um caimento perfeito.

Faço uma maquiagem mais carregada e o batom vermelho não podia faltar, prendo o cabelo em um coque e deixo alguns fios soltos. Vejo uma mensagem de Diego no celular avisando que já me esperava lá embaixo, pego minha bolsa de mão e desço. Ele estava lindo num smoking preto e gravata borboleta, parado ao lado do R8. Caminho até ele, que me analisa de cima a baixo.

— Uau, está linda!

— Você não fica atrás. — Sorrio. Ele pega minha mão e leva até os lábios, deixando um beijo casto entre os dedos. Coro no mesmo instante.

— Alguém já lhe disse que a cor vermelha combina perfeitamente com você?

— Hum... não. — *Sim, como já me disse e em momento perdidamente prazerosos...*



Acordo do meu devaneio quando Diego passa a mão na frente do meu rosto, tentando chamar minha atenção.

— Desculpa, estava pensando em algumas coisas do trabalho.

— Mais já? — Ele abre a porta do carro para mim e eu entro, ele dá a volta e entra também.

— Sim, estou amando. Já até peguei um projeto com a equipe.

— Bem legal, sabia que iam gostar de você.



Um tempinho depois, chegamos a uma grande mansão, a entrada era perfeita, tudo exalava luxo. Entro e pulseiras iguais são dadas a nós dois, a moça da recepção nos guia até a nossa mesa, onde já tem algumas pessoas sentadas. Conheço algumas delas da época em que Diego e eu saímos para eventos em que sua empresa tinha que participar, aqui, em Chicago. Comprimento a todos junto com ele e me sento, um garçom vem me atender e peço um coquetel de frutas sem álcool.

Vejo o movimento, várias pessoas conversam no salão, outras pessoas estão em seus grupinhos. Fico olhando tudo, quando menos espero, vejo Maycon e Natacha entrarem. Ele estava lindo como sempre, Natacha vestia um vestido longo estilo sereia, azul com branco. Ela estava bem bonita. Eles estavam de mãos dadas, e ela se exibia como sempre, mas ele não parecia estar muito alegre com tudo aquilo, parecia cansado, triste, aparentava não estar dormindo bem ou era apenas coisa da minha cabeça. Porém, uma coisa eu não podia deixar de admitir: ele continuava desejável, como sempre, e meus hormônios gritavam por um pouco de Maycon.

Ele para e fala com um pessoal que está próximo a entrada, sorri, mas não é o sorriso que eu gostava de ver. Ele continua andando e falando com todos, Natacha para, para falar com um grupo de mulheres, e ele segue sem olhar para trás. Pelo visto, eles dois não estão se dando tão bem assim. Dou mais um gole no meu coquetel, vejo Diego ao longe conversar com uma moça e parece bem entretido com ela. *Que bom que está se divertindo.* Volto o olhar para Maycon e o meu mundo parece andar devagar quando ele me vê. *É algo incrível, seu sorriso é encantador.* Ele caminha até mim.

— Não esperava te ver aqui. — Ele sorri.

— E nem eu esperava estar aqui. — Dou um sorriso fraco.

— Como está você?

— Estou bem, Obrigada.

— E o nosso bebê? — ele pergunta com um sorriso largo nos lábios.

— Bem também.

— Melhor ainda, essa bebida aí não tem álcool não, né?

— Sério isso? Claro que não. Não seria tão irresponsável assim, Maycon, ou melhor Sr. Corppin — falo com ironia.

— Calma, não se irrite, isso não faz bem para nosso filho. Qual o problema?

— É só que você existe, isso as vezes me irrita, sabe?! Mas está tudo bem. — Reviro os olhos e ele começa a rir.

— Você está linda com esse vestido vermelho e fica mais bonita quando está irritada. — Ele dá um sorriso malicioso, provavelmente se lembrou da mesma coisa que eu me lembrei mais cedo. Sinto minhas bochechas queimarem. — Ainda mais quando a cor é em seu corpo... — Ele pisca para mim e para o polegar em minha bochecha, depois se afasta.

— Deveria estar com sua noiva ao invés de estar tomando frente com as mulheres do baile.

— Não estou vendo isso. — Ele olha para os lados, fazendo graça. — Está com quem?

— Com o Diego. — Ele para e me olha, passa as mãos pelos cabelos.

— Não quero você com ele...

— É uma pena que querer não é poder. Olha, não é por nada não, mas acho que sua noiva está tomando champanhe escondida ali no canto. — Aponto para onde Natacha estava, Maycon olha furioso.

— Licença...

Ele sai pisando duro e vai até ela como um furacão, ela tenta se explicar, mas, pelo visto, o champanhe era com álcool, pois a cara de Maycon ficou pior ainda quando provou. Vejo Diego se aproximar.

— Oi, está tudo bem? — Ele pergunta.

— Porque não estaria?

— Vi você conversando com o cara lá, não quis interromper.

— Hum, não iria interromper nada. E você estava muito bem conversando com a moça lá, e creio que ela gostou bastante, olha. — A mulher estava conversando com outra e toda hora olhava para Diego. Não me importava com isso, ele era bonito, rico e solteiro. O baile logo começa, a programação segue normalmente com alguns leilões e compras de danças, mas não como da outra vez. Nesse, as pessoas deixavam um envelope na mesa das damas com o nome dos investidores, cada um tinha direito a uma dança. Aguardo com calma enquanto bebia meu terceiro coquetel, vou ao banheiro rapidinho e quando volto, já estava tudo pronto. As pessoas me olhavam por conta do vestido, eu era a única de vermelho naquele lugar. Pego meu envelope e quando a anunciante diz que todos podem abrir, eu abro, encontro cinco papéis. Olho o primeiro, e tinha o nome de Diego. O segundo, Maycon, isso para mim não é surpresa alguma, já até esperava. Olho o terceiro, Maycon, os outros dois e também estavam o nome de Maycon. *Tá, por essa eu não esperava, eu teria quatro danças com ele?*

— Vamos? — Diego aparece ao meu lado, estendendo a mão.

Andamos até a pista de dança e começa a tocar uma música que não conheço, mas a batida é bem envolvente. Começo a me mexer, a música começa a entrar na minha mente, mexo o corpo de forma sensual, porém, sem ser vulgar. Vi Maycon me olhar, ele estava sentado próximo ao bar com seu copo de Whisky na mão.

Passo as mãos pela lateral do meu corpo enquanto a batida da música ainda me envolvia, Diego dançava ao meu lado todo animado, ele segura

minha mão e me faz rodar, depois me puxa para si novamente. Estava me divertindo bastante, quando penso que a brincadeira estava apenas começando, a música acaba. Agora era a vez de Maycon dançar comigo. Diego beija o topo da minha cabeça, sorri e se afasta. Vejo Maycon se levantar e caminhar lentamente até mim. Olho para os lados, tentando achar Natacha. *Cadê ela nessas horas? Não veio atazanar minha vida ainda, bem estranho.*

— Nossa vez. — Ele sorri com ternura.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que está fazendo isso comigo?

— Eu não estou fazendo nada, apenas quereodançar contigo e, afinal, nossa música já começou a tocar.

Na primeira nota da música, eu já soube identificar qual era, *Brian McKnight Back at one*, a mesma música que dançamos quando ele me pediu em namoro.

— Essa música... — sussurro.

— Sim, vem cá. — Ele segura minhas mãos e põe em seu ombro, depois põe as suas em minha cintura, se aproxima mais de mim e começa a me embalar no seu ritmo. Ele olha em meus olhos e sorri de lado.

— Escolhi essa música porque queria que lembrasse dos nossos melhores momentos juntos, nada de mágoas, nada de ressentimentos. Vamos focar apenas no nosso filho. — Ele passa o polegar na minha barriga, apenas assinto.

Ele começa a cantar baixinho do mesmo jeito que fez a outra vez...

— É inegável que nós devemos ficar juntos, é inacreditável como eu dizia que jamais me apaixonaria... — Ele olha para mim e eu desvio o olhar, percebo que tem algumas pessoas olhando, vejo Natacha ao longe se engraçar com um velho. *Nojenta*. Ele pega minha mão e põe em seu peito, estremeço um pouco. Demos dois passos lentos para um lado e mais dois para o outro, nos afastamos um pouco e ele me roda, me trazendo de novo para perto de seu corpo, o que eu diria que estava colado ao meu, e ele continua no refrão.

— Um: você é como um sonho verdadeiro.

Dois: só quero estar com você.

Três: pois é evidente que você é a única para mim.

Quatro: repita os passos de um a três.

Cinco: e você se apaixonará por mim. — Ele acaricia o lado do meu rosto.

— Você chegou e trouxe uma vida nova para este coração solitário, você me salvou bem na hora exata — canto o final da música e ele abre um sorriso lindo para mim. Natacha aparece e acaba com o momento.

— Kinho, é sério que você me largou para ficar aqui, dando showzinho com essa piranha na frente de todo mundo!?

— Me poupe de suas idiotices — ele diz, irritado.

— Espera aí, repete...— Analiso o que ela falou.

— É isso mesmo, piranha.

— Não, você chamou ele de Kinho?

— Sim, por quê? — Ela revira os olhos. Ele a sai puxando pelo braço. *Foi ele quem estava me ligando todo esse tempo.*

Vejo ele se afastar com ela, e Diego vir até mim.

— Acho que ele não vai terminar suas danças com você, é uma pena, uma grande pena. Aceita dançar comigo, Srta. Williams? — Dou risada e começamos a dançar.



Estou exausta e com os pés doendo, Diego é incansável. Vejo Maycon subir as escadas e decido ir atrás, precisava perguntar a ele a razão das ligações. Subo as escadas e o vejo no final do corredor, entrando numa porta, caminho mais rápido e vou até lá. Mas não o encontro, olho no outro cômodo e também não está, volto para sala principal e vejo Maycon parado, de braços cruzados me fitando.

— Porque está me seguindo, Srta. Williams?

— Preciso te perguntar algo e achei que agora seria o melhor momento.
— Ele vem até mim, me analisando dos pés à cabeça, seus olhos ficaram em um tom azul escuro. Ele chega perto de mim e me puxa, fazendo nossos corpos se colarem. Sua mão vai para minha nuca e acaricia devagar, ele me puxa para seus lábios e me beija. Um beijo envolvente. *O seu gosto era tão bom!* No começo, resisti, mas depois, o agarro e beijo também. Puxo de leve os seus cabelos, ouço gemer baixinho.

— Estava com tanta saudade de você — ele fala próximo a minha orelha, dá uma mordida de leve e depois chupa.

— Não podemos fazer isso, Maycon — falo entre beijos.

— Claro que podemos... — sussurra em meu ouvido.

Ele começa a beijar meu pescoço, me causando arrepios. Que se dane tudo, tiro seu blazer e começo a desabotoar sua camisa enquanto ele beijava acima dos meus seios. Eu já estava louca de desejo, ele vai me empurrando até nos encostarmos em uma mesa. Ele me vira, fico de costas para ele, sua mão vai até o zíper do vestido e desce, sua mão passeia em minha pele, que está a mostra e tira as alças do vestido, fazendo-as cair ao redor de meus pés.

— Perfeita, do mesmo jeito que eu guardei na memória. Eu te amo tanto, que você nem sabe.

— Como vou saber, se você mente para mim? — Ele me agarra novamente e me beija com um fervor incrível, suas mãos passeiam pelo meu corpo. Eu termino de tirar sua blusa e tiro sua calça. Ele massageia meus seios por cima do sutiã, desce suas mãos até minha bunda e aperta com força, me levantando.

Sento na mesa e ele logo retira minha calcinha. Ele levanta os olhos e sorri com maldade, abro mais minhas pernas e ele cai de boca em mim. Fecho meus olhos com força, sentindo o prazer que ele estava me proporcionando. Ele passa a língua por toda a minha feminilidade e para no meu clitóris, fazendo movimentos circulares. Solto gemidos que não consigo guardar só para mim.

— Geme mais... Deixa as coisas fluírem.

Começo a gemer mais alto quando ele me penetra com sua língua...

— Isso, geme para mim.

Ele sobe beijando minha barriga, tira meu sutiã com agilidade e põe meu seio na boca, sugando com vontade e dando leves mordiscadas. Arfo de desejo, jogando a cabeça para trás, sentindo todo o prazer que ele me proporcionava. Ele tira sua cueca, vejo seu membro extremamente duro, ele se aproxima da minha entrada e me penetra.

— Sempre pronta para mim, tão apertada.

Ele começa a se movimentar, enlaço minhas pernas em sua cintura e arranho suas costas com minhas unhas, enquanto ele beija o meu pescoço, dando alguns chupões. Eu estava ali, na sua frente, toda entregue para ele e não tem jeito, Maycon, eu sempre vou ser sua.

Ele investe com força em mim, seu dedo está em meu clitóris, fazendo movimentos circulares. Sinto os tremores familiares surgirem.

— Ainda não — ele fala em meu ouvido.

Ele sai de mim e me vira de costas, deitando-me na mesa e me penetra de novo, movimentando com rapidez. Rebolo em seu pau enquanto ele estoca com força em mim. Causando uma explosão, gozo, e ele junto.



Acordo do meu devaneio e percebo que tudo não passou apenas da minha imaginação. Maycon me olha com uma sobrancelha arqueada, me incentivando a continuar a falar.

— Por que você estava me ligando?

— Eu, te ligando?

— Sim, você. Está me ligando de um número desconhecido a um tempo, e ontem me ligou, só que, antes de desligar, alguém falou “Kinho, me ajuda aqui”. Como eu não percebi que esse tempo todo era você? Por que estava me ligando? E não adianta me dizer que não era você.

— Sim, fui eu, apenas ligava para confirmar se você estava bem.

— E por que eu não estaria?

— Eu não sei, só queria saber, você não me deixava estar perto e como não queria saber de mim, eu apenas ligava. Sabia que estava bem pela sua voz.

— Era só isso? — *Esperava algo a mais.*

— Sim, era só isso. Esperava mais alguma coisa?

Ouvimos um baque da porta se abrindo e Natacha passa pela porta feito um furacão.

— Aaah, está explicado, você some só podia estar com essa puta.

— Puta é você, me respeite, que não sou do seu tipo.

— Resolveu se defender? — Ela fala com um sorriso no rosto.

— Acho que você está querendo que eu te relembre das vezes que me defendi, não é mesmo?

— Me poupe, garota.

— Me poupe você dos seus joguinhos. Se me derem licença, estou saindo. — Vou passando pela porta e ela me puxa pelo braço com força. — Da para me largar sua louca? — Sinto uma raiva enorme crescendo em mim.

— Natacha, larga ela! — Ele olha para ela furioso.

— Ah, está protegendo sua cadela? — Aperto com força sua mão, fazendo-a me soltar.

— Você não se cansa, né, Natacha? A única cadela que eu vejo aqui, é você. Você só consegue se sentir melhor pisando nas pessoas, sendo melhores que ela, isso tudo é o que? Insegurança, por saber que ele me ama? Por que eu sei que ele me ama, dá pra ver em seus olhos, não pense que me engana. — Aponto para ele, mas continuo olhando nos olhos de Natacha. — Mas saiba que eu fui a primeira a apoiá-lo para cuidar de você e dessa criança que você espera, sem medo, sem me importar com as incertezas do futuro. Você não deveria se preocupar comigo, deveria se preocupar com o que você mesma está fazendo no relacionamento de vocês dois, se é que pode ser chamado assim. — Maycon fica me olhando até que seu celular toca e ele atende. Natacha está me olhando com puro ódio. Saio da sala e ela vem atrás, me dizendo coisas, mas não paro. *Já chega dessa palhaçada.*

— Eu nunca deixaria você e Maycon serem felizes juntos!

— Pois eu espero que, ao menos você, o faça feliz, porque eu sei que você vai pagar por tudo isso.

— Está me ameaçando?

— Eu, ameaçando? — Paro já perto da escada. — Você está achando que eu te ameacei? Me desculpe, vou reformular minha frase. Vou fazer você pagar por tudo isso.

Ouvimos passos no corredor, Natacha se apressa e crava suas unhas no meu ombro.

— Não, Diana, por favor, não faz isso! — ela grita.

Seguro em seus braços e a sacudo.

— Está ficando louca!? Para com isso, está me machucando, aí... me solta! — Gemo de dor com suas unhas cravadas em meu ombro. Ela troca de lugar rapidamente, eu ficando atrás e ela na minha frente, perto da escada, e ela se joga a baixo. Vejo Natacha rolar degrau por degrau. *Meu Deus, o que ela fez?* Olho para o lado e lá está Maycon me olhando desacreditado com o que acabou de acontecer.

— Não, não, não fui eu... — digo desesperada.

Ele desce as escadas correndo e eu desço também, tomando cuidado para não tropeçar. Uma multidão já se aglomera em volta de Natacha, que está com a mão na barriga gemendo baixinho.

— Meu filho.... meu filho.

Maycon Corppin

Vejo Natacha no chão gemendo de dor, chamando pelo nosso filho. Por favor, Deus, que ela não perca o bebê. Me lembro das consultas em que fomos, do som do coração batendo e a angústia só aumenta, eu ainda queria ver meu filho mais vezes no ultrassom, por mais que eu tivesse que ter a companhia desagradável de Natacha.

— Chamem uma ambulância, agora!

— Já foi chamada, senhor.

Olho para cima e vejo Diana chorando ao lado de Diego. Uma senhora vem e tenta virar Natacha, mais Diana a intervém.

— Não mexe, deixa ela parada até a ambulância chegar. — A senhora concorda com ela e se afasta.

— Natacha? Tem alguma parte do seu corpo que está doendo mais que a outra?

— Meu... meu braço dói demais... — Natacha fala em um sussurro.

Diana analisa o braço dela com cuidado e todos a olham atenta.

— Seu braço está fraturado, alguém pode arranjar algumas tiras de papelão ou algo duro? Corda, durex ou atadura? — Um garçom sai correndo para tentar encontrar.

— O que você vai tentar fazer? Você não é nenhuma médica — pergunto.

— Vou imobilizar o braço dela, para a dor diminuir e eu sei que não sou médica, mas só estou tentando ajudar. Não a joguei da escada, ela mesma se jogou. — Eu não sei se acredito nela, sei que nunca faria mal a ninguém, mas o que os meus olhos viram é que me mata. O garçom volta com as tiras de papelão e um rolo de atadura.

— Aqui, senhorita. — Ela pega e, com agilidade, põe as tiras de papelão uma em cima da outra, fazendo uma tala improvisada. Põe debaixo do braço de Natacha, que choraminga um pouco, mas aos poucos se acalma. Ela passa a atadura por todo o braço, imobilizando. Logo depois, se afasta e fica encolhida nos braços daquele otário. Respiro fundo, não era a hora de arranjar briga. Ouço a sirene chegando, e logo depois vem os socorristas correndo. Demos espaço e eles, que a transferem para a maca, tudo muito rápido. Faz uma breve avaliação.

— Quem fez isso no braço dela? — o socorrista pergunta.

— Eu. — Diana levanta o dedo meio sem graça.

— Meus parabéns, isso foi de grande ajuda. — Ele olha para ela e sorri. Eles entram na ambulância e eu acompanho.

— Maycon, eu quero ir junto, preciso ir... — Ela me olha nervosa.

— Está em condições de dirigir?

— Sim.

— Toma. — Jogo a chave do meu carro para ela. — Vai no meu carro, te encontro lá no hospital.

— Ok.

As portas da ambulância se fecham e vamos a caminho do hospital.

— Vai ficar tudo bem, Natacha — digo para ela que está agora sedada.

Diana Williams

Converso com Diego e ele apenas diz para que eu vá. Ele era uma ótima pessoa, dou um abraço demorado nele e vou correndo para o carro de Maycon. Bato o alarme e saio procurando qual é, acho um Audi A8 preto. *Meu Deus que potência. Ok, Foco.* Entro no carro e sigo para o hospital, chego rapidamente. Entro correndo e peço informação a recepcionista, que me olha estranho pelo fato de estar vestida daquele jeito no hospital, mas me

informa o lugar que devo ir, saio em disparada. Quando chego na sala de espera, encontro Maycon sentado com as mãos na cabeça, ele me olha e estava com os olhos vermelhos.

— O que aconteceu? — A vontade de chorar me atinge.

— Ela perdeu o bebê.

— Não, Maycon, não pode ser. Por favor, acredita em mim, eu não a empurrei, eu nunca faria isso... — Começo a chorar.

— Ei, Ei calma, vem cá. Eu confio em você... — Ele me abraça, mas me afasto.

— Eu sei que não confia, Maycon, o jeito que você me olhou já disse tudo — falo ainda chorando. Sentia uma angústia terrível, por mais jararaca que ela fosse, não merecia perder seu filho.

— Eu só não tinha certeza do que aconteceu, a culpa não foi sua. O médico disse que ela não perdeu o bebê por causa da queda, ela já tinha perdido antes, o bebê já está se desfazendo, e o corpo dela já está expelindo o feto. Vão fazer alguns procedimentos com ela lá dentro. Por favor, cuida do nosso filho. Não deixe que nada aconteça com ele, não sei se aguentaria perdê-lo também.

— Nem eu sei se aguentaria... — Vejo os olhos dele marejarem, não aguento e abraço ele, que me abraça de volta e acaricia minhas costas.

— Ai... — Gemo de dor quando sua mão passa em meu ombro.

— O que foi?

— Nada demais, só estou com dor.

— Deixa eu fazer uma massagem.

Antes que eu fale não, ele aperta. Foi um aperto suave que, em outrora, eu iria gostar mas não agora, me estremeço por inteira.

— Diana, isso não é nada!? Deixe-me ver isso! — Ele me vira de costas e eu apenas fico quieta. Por um momento, eu tive pena de Natacha e das consequências que viriam para ela, apesar dela ter tentado colocar a culpa em mim de ter perdido o seu filho. *Porque não vejo outra razão lógica....* Quando ele afasta a alça do meu vestido, se assusta. Pelo visto, deve estar bem feio.

— O que foi isso!? — esbraveja, apenas olho para ele. — Diana, o que foi isso!? Não me faça perder a paciência com você!

— Natacha, cravou as unhas dela no meu ombro, eu não tinha entendido o que ela queria, mas eu segurei seus braços para que ela me soltasse. Quando ouvimos os passos no corredor, ela trocou de lugar comigo e se jogou da escada, fazendo parecer com que eu tivesse empurrado ela.

— Eu vou matar essa desgraçada, ela não tem escrúpulos.

— Maycon, acho que esse não é o momento. Querendo ou não, ela acabou de perder o filho, por pior mãe que ela fosse, eu sei que ela deve estar muito mal agora. — *Pelo menos era isso o que eu achava.*

— Tudo bem, deve estar cansada, vou te levar para casa. — Assinto e saímos do hospital. Entrego as chaves de seu carro, ele abre a porta para mim e eu entro. Ele dá a volta e senta em seu lugar, me olha por alguns instantes e sorri.

— O que foi?

— Me lembrei da última festa beneficente que fomos, você com aquele vestido preto tão linda, ao meu lado, estávamos tão felizes.

— Sim, estávamos, pena que era tudo uma mentira...

Encosto minha cabeça na janela e fecho os meus olhos. Sinto o carro movimentando.



Capítulo 26

esperto com Maycon me chamando, olho e não estou na frente de casa.

D — Onde estamos? — pergunto enquanto ele me ajuda a sair do carro.

— Vem, quero te mostrar uma coisa.

Quando ele me vira para trás, meus olhos brilham com a visão, dava para ver toda a cidade. O céu estava tão lindo e aparentava estar tão próximo da gente...

— Que magnífico. — Olho para ele, que está parado com as mãos nos

bolsos.

— Gosto de vir aqui para pensar. Daqui de cima, da para ver a cidade inteira.

— Deve ser ótimo pensar um pouco tendo essa visão. — Olho a vista, aqui as coisas são tão calmas que eu com toda certeza moraria aqui.

Sinto um pouco de frio, vejo Maycon tirar o seu blazer e colocar por cima dos meus ombros, me deixando quente.

— Obrigada. — Sorrio. O cheiro do seu perfume invade minhas narinas, me trazendo um grande conforto. Aperto mais o blazer em mim e ele sorri.

Ele vai até o carro e fico sem entender, uma música suave começa a tocar e ele volta.

— Achou que eu não iria querer minhas danças? Muito enganada. — Ele faz sinal com a cabeça, me chamando para perto dele. Tiro os sapatos, ficando com os pés na grama e caminho até ele. Ele põe as mãos em minhas costas e eu em seus ombros. *Por que ele ainda mexia tanto comigo? Parecia que ele fazia essas coisas comigo para me dizer que sempre vai estar presente na minha vida.* Mas seu casamento está chegando e eu sinceramente não sei como vou ficar. Ele acaricia meu rosto e me aconchego em seu peito.

— Não há nenhum lugar para que eu possa ir, minha mente está confusa e meu coração está pesado... — ele canta enquanto acaricia os meus cabelos. — Dá para perceber? Eu perco a trilha que me perde...

Continuamos com os passos lentos e calmos, a melodia era perfeita. Eu queria saber quem está cantando, mas não ousaria acabar com esse momento.

— Não estou pedindo uma segunda chance, eu estou gritando com toda a minha voz, me dê a razão, mas não me dê escolha. — Sua voz era suave, a música saía de sua boca com tanta facilidade. Olho para cima e ele me fitava.

Sorri e continua acariciando os meus cabelos. A música acaba, mas logo começa outra, e essa eu conheço. Ficamos curtindo a música e a companhia um do outro.

— Querida... Você é tudo que eu quero e quando você está deitada em meus braços, quase não consigo acreditar que estamos no paraíso e amor é tudo o que eu preciso encontrei em seu coração... — ele canta baixinho.

— Não é tão difícil de ver que estamos no paraíso — canto junto e ele se surpreende.

— Conhece a música? — Ele sorri.

— Conheço, gosto de músicas assim.

— Bom gosto.

Ele se aproxima mais de mim, cheira e acaricia os meus cabelos enquanto nos embalamos. Ficamos assim por um tempinho, até que ele se afasta um pouco e ficamos testa com testa. Ele sorri e fica um momento me olhando, se aproxima devagar e me beija, um beijo calmo. Eu não o impeço, devolvo o beijo, nossas línguas entram em uma dança sensual dentro de nossas bocas, enviando sensações maravilhosas para o meu corpo. Eu tinha tanta saudade dele, do seu gosto. Ele dá leves mordidas no meu lábio inferior e vai parando o beijo com selinhos.

Maycon Corppin

Eu não aguentava mais segurar a vontade de beijá-la, quando paramos, eu decido que é a melhor hora para contar a ela o porquê de tudo o que estou

fazendo, não quero mais ficar longe dela.

— Preciso de contar algo, muito importante.

— Pode falar. — Ela me olha encabulada. Quando ia começar a falar, meu celular toca, mas não dou ouvidos.

— Não vai atender? Pode ser do hospital. — Respiro fundo, pego o celular e atendo. Realmente, era do hospital.

— Pode falar.

— Oi, Sr. Corppin, estamos ligando para informar que sua noiva acordou e pede sua presença aqui. O médico precisa de algumas autorizações para procedimento da cirurgia do braço.

— Sim, já estou indo. — Diana apenas me analisa, vejo que seu semblante mudou, para triste, talvez. Desligo a ligação e me volto para Diana.

— Vamos ter que ir, Natacha acordou e vou precisar ir para o hospital.

— Certo. — Ela dá de ombros.

Abro a porta do carro para ela e vou para o meu lado, fomos o trajeto inteiro em silêncio. Quando paro na porta de sua casa, ela olha para mim por alguns segundos, abre a porta do carro e sai, sem dizer nada. Saio do carro correndo e pego em seu braço, parando-a.

— O que é, Maycon?

— Por favor, não faz isso, não me ignora.

— Eu só não te entendo.

— Eu prometo que te contarei, tem um motivo para tudo isso, só confia em mim. Logo, logo, eu estarei com vocês, juntos, só nos três. — Acaricio

seu rosto e a trago para mim. Ela me abraça forte, beijo sua testa e ela entra.



Chego no hospital e vou direto para o quarto onde Natacha estava, entro com tudo e ela me olha assustada.

— Oi, amor — ela fala com voz de choro, nessa eu não caio. — Perdemos nosso bebê, aquela mocreia invejosa, tirou ele de mim... Eu implorei a ela que não me jogasse escada a baixo. Pelo nosso filho, mas ela disse que, já que nunca conseguiu ficar grávida de você, para dar o golpe do baú, que iria tirar o meu filho para que fôssemos infelizes. — *Pelo amor de Deus, que cena ridícula.*

— Não tinha uma história melhor para contar? Você é tão cínica, quer dizer que Diana foi a culpada do bebê ter morrido? Como pode ter tanta certeza?

— Eu sou cínica? É claro que foi ela, eu fiz um ultrassom ontem, queria ver nosso filho de novo, é tão viciante, eu ouvi seu coração.

— Engraçado, o médico disse que o aborto é bem provável que tenha acontecido a uns dois ou três dias. Vou amar ver, ou melhor, ir no médico em que você foi! — falo o mais seco possível. — Seja lá o que você tenha feito, matou o meu filho. Você é uma irresponsável, e ainda teve a coragem de fazer aquela ceninha se jogando da escada? Para pôr a culpa nela? Eu não seria tão burro a tal ponto.

— Ela me jogou da escada, Maycon, eu não iria fazer uma coisa dessas

sabendo que poderia acontecer algo grave comigo!

— Ah, mas é claro que você fez, olhei as câmeras do lugar e vi tudo o que aconteceu. — Jogo verde e ela empalidece, o monitor cardíaco começa a aumentar. — Pelo visto, alguém foi pego na mentira aqui. Pois bem, seu braço está fraturado, vai ser feito uma cirurgia e eu espero, do fundo do meu coração, que fique uma cicatriz enorme nele, para você nunca mais se esquecer do que fez.

Diana Williams

Depois do que ele me fala, entro em casa em total conflito. *O que será que ele quis dizer com isso? Tem um motivo?* Entro em casa, não vejo Jullia, ela já deve estar dormindo. Vou para o banheiro, precisava de um banho. Tiro o vestido e entro no chuveiro, a água quente bate em meu ombro machucado, fazendo arder um pouco. Termino meu banho, passo meu óleo corporal, visto uma camisola branca de renda e me deito. Meu celular começa a tocar, olho o visor e o nome de Maycon se estampa nele. *Atendo ou não?* Depois de muito tocar, decido atender.

— Oi — digo.

— Oi, tudo bem por aí?

— Está sim, e aí?

— Você sabe como ela é, né, inventou várias coisas querendo pôr a culpa em você, o que já era de se esperar.

— Natacha é louca.

— Não tenho dúvidas. Nosso bebê, como está? Você está precisando de algo?

— Estamos bem, Maycon, pode ficar tranquilo.

— Sabe, eu queria tanto estar vivendo esse momento contigo, a sensação de ser pai é tão incrível, e ainda mais sendo o pai de um filho seu.

— E por que não está vivendo isso?

— Porque é mais complicado do que parece, eu estou sendo chantageado por algo que não fiz. Mas ainda não tenho como provar. A Natacha é a chave para tudo isso ter um fim, e logo, logo, vai acabar. Eu tenho que me casar com ela, preciso ficar próximo e eu sei que isso vai te machucar muito, quero deixar bem claro que não é, e nem nunca será, minha intenção magoá-la. — É inevitável o choro, deixo algumas lágrimas escaparem, mas fico em silêncio. — Diana, vai ser necessário, me entenda, por favor, eu vou ter que fazer esse sacrifício. Você sabe que meu coração estará sempre com você, e quando tudo isso acabar, será apenas nós três, juntos. Nós dois casados, construindo nosso futuro juntos, cheio de filhos. Se você quiser, é claro.

— O que me levaria a acreditar que você está falando a verdade?

— Porque eu te amo, isso não vale? — Fico um momento em silêncio.

— Sabe, nesse meio tempo, você me machucou demais, eu sofri tanto, e eu não sei distinguir mais o que é verdade ou mentira quando você fala. Eu passei por tanta coisa, sofri calada vendo vocês dois juntos por egoísmo seu de não me contar nada, Maycon. Eu não sou um brinquedo para você brincar comigo. Não basta dizer que me ama que vou te aceitar de braços abertos. — Desligo a ligação, segundos depois, o celular começa a tocar sem parar.

Desligo o telefone, me encolho na cama e desabo em choro, eu estava muito magoada, ele acabou comigo. A forma como me tratou, o jeito que falava comigo, dos beijos que dava em Natacha na minha frente. *Já que me*

amava, porque fez tudo isso? Fico um bom tempo me lamentando na cama, até que o sono vem chegando, sinto a cama ao meu lado afundar e o cheiro do perfume dele invadir minhas narinas, me viro assustada, ele apenas me abraça por longos minutos.

— Me desculpa por tudo, você não merece nada disso, eu só não quero te envolver nesses problemas que eu sei que posso resolver, eu te amo tanto Diana e não quero vê-la desse jeito, deixa eu cuidar de você? — Aperto mais o abraço e ele beija minha testa. Se deita ao meu lado e eu fico com a cabeça em seu peito. Uma mão está em minha cintura, e a outra, em meus cabelos, fazendo carinho.

— Dorme — ele sussurra.

— Você vai embora?

— Vou quando você dormir.

— Por favor, fica. Eu sinto tanto sua falta...

— Tudo bem, agora dorme.

Me aconchego mais nele e caio no sono.

2:40

Acordo meio sonolenta e com um desejo enorme. Maycon dormia ao meu lado tranquilo, ele realmente tinha ficado. Observo ele dormindo, era tão lindo, seu rosto sereno. Balanço ele devagar, chamando-o. Ele murmura algo sem nexo, balanço ele de novo. Ele coça os olhos e vai abrindo devagar, me pego sorrindo. Ele se levanta e fica sentado na cama.

— Algum problema? Eu sei que o bebê ainda não vai nascer, só daqui a alguns meses... — Ele coça os olhos e dando risada.

— Não, mais estou com muita vontade de comer amora. — Dou de ombros.

— Amora? Uma hora dessas? E onde vamos encontrar isso? — Ele olha para mim, confuso.

— Não sei, em um mercado?

— Não pode ser depois? — Ele coça a cabeça.

— Não, Maycon, *tô* com muita vontade mesmo, você não sabe o que é desejo?

— Sei sim, e como sei. — Ele sorri maliciosamente. Reviro os olhos. — *Tá*, vamos no mercado 24hrs.

Levanto feliz da vida e ponho um sobretudo. Ele fica me analisando enquanto põe a camisa. Que abdome, minha vontade era passar os dedos em cada gomo daquele.

— Gostou? — Ele sorri.

— Já vi melhores — o desafio.

— Duvido.

— Você nem é convencido, hein?!

— Claro que sou.

— Sim... vamos que nossas amoras nos esperam. — Passo a mão na barriga e ele dá um sorriso largo.



Vamos em direção ao mercado, contava os minutos para chegar. Assim que chegamos saio do carro e Maycon vem junto. Ele estava com os cabelos meio bagunçados, estava bem engraçado, mas continuava lindo e sexy. Entramos no mercado e fomos direto para a parte de frutas, olho e não encontro.

— Não tem. — Olho para Maycon, triste.

— Ah não, de novo não. Pelo amor de Deus, não faz essa cara, da outra vez foi o croissant, você quase chorou por causa daquilo.

— Eu quero minhas amoras...

— Essas aqui? — Ele tira uma caixinha de trás das costas com as amoras dentro.

— Onde encontrou!? — Meus olhos brilham.

— Por muita sorte, só tem essas.

Vou pegar em sua mão mais ele levanta, deixando no alto, olho para ele com uma vontade de socar seu nariz. Começo a pular para tentar pegar, mas não alcanço.

— Maycooon, por favor. Será que você pode me dar?

— Fica tão linda irritada.

— O que vai ficar lindo vai ser seu nariz sendo arrebitado.

Ele dá uma gargalhada majestosa e me entrega as amoras, saio andando em busca de um pote de sorvete. Pego um de baunilha com limão.

— Ei, isso não estava em sua lista de desejo.

— Cala a boca, Maycon. — Reviro os olhos. Vamos para o caixa com ele dando risada de mim, ninguém merece. Pagamos e fomos direto para casa.

— Perdi o sono... — ele diz ao chegarmos, sentado, me olhando procurar uma tigela e colher na cozinha. Lavo algumas amoras e como com gosto, estavam uma delícia.

— A gente pode assistir um filme, se quiser — falo ainda de boca cheia.

— Pode ser, mas só se for de terror.

— Depois fica aí, tendo pesadelos.

— Quem, eu? — Ele ri. — Você está com medo e fica inventando desculpas.

— Não tenho medo, gosto de assistir filmes de terror, são meus preferido. — Dou risada.

— Então tá, vamos assistir.

— Vou fazer pipoca.

— Beleza, eu vou procurar um filme para vermos. — Ele vai para a sala.

Espero que eu não acorde Jullia. Vou em seu quarto na ponta do pé e abro a porta devagar, olho para a cama e não tem ninguém. *Como assim, cadê ela?* Mando uma mensagem rápida para ela, perguntando onde ela está, mas

não me responde. Já devia estar dormindo.

Volto para a cozinha e faço pipocas, vou para a sala com um balde delas e uma tigela de sorvete com as amoras. Como um pouco e isso deveria estar na lista das sete maravilhas do mundo. Pego um lençol, estava um pouco frio, sento no sofá, ponho a pipoca entre ele eu.

— Pronta?

— Sim.

Ele dá play no filme, claro que tenho medo, mas nunca que iria admitir a ele.

Depois de um tempo de filme e minha tigela de amora com sorvete acaba, um momento tenso faz com que nós dois tomemos um grande susto, e a pipoca voa para tudo que é lado.

— Não tenho medo — ele zomba.

— Olha quem fala, tomou susto também!

— Será que isso não faz mal ao bebê? Você ficar tomando susto? — ele desconversa. Mas tem algo a ver, ouvia minha tia dizer que mulher grávida não pode tomar susto.

— Não sei, acho que susto não faz bem. — Falo, eu também estava com medo, então juntava o útil com o agradável.

— Melhor pararmos então. — Ele ri.

Ele desliga a TV, ponho as coisas em cima do centrinho da sala e levanto. Maycon levanta, para em minha frente e antes que eu perceba, ele me beija, um beijo gostoso, envolvente, me fazendo sentar no sofá novamente. Esse seria um caminho sem volta ao prazer.

O nosso beijo estava ficando mais quente e envolvente, um tesão enorme se instala no ar. Ele desce para meu pescoço, deixando uma trilha de beijos nele, me arrancando gemidos baixos. Passa as mãos devagar nas minhas pernas, subindo minha camisola, seus olhos estão nos meus, estamos em uma conexão incrível. Ele retira minha camisola e fico apenas de calcinha em sua frente.

Tiro sua camisa, deixando-o apenas de calça. *Que visão era aquela!* Suas mãos vão direto para meus seios, acariciando-os. Ele põe meu seio na boca, chupando com força, passa a língua no bico e depois torna a sugar. Eu estava fraca demais para essas brincadeiras, já sinto o formigamento entre as pernas. Ele dá algumas mordiscadas em meus seios, me dando mais prazer ainda.

Ele tira minha calcinha, e eu, sua calça junto com a cueca, não queria ficar em desvantagem. Seu membro já estava rígido, minha boca salivou, jogo ele no sofá e me ajoelho em sua frente. Aliso seu membro todo, massageando a cabeça e depois descendo por sua extremidade, me aproximo e passo a língua por todo ele, parando e chupando só a cabeça. Vejo seus olhos fecharem e sua respiração ficar irregular. Ele segura meu cabelo e eu tomo todo o seu pau com minha boca, ou até onde eu conseguia. Faço meu trabalho com maestria, chupando com gosto.

— Vem cá, quero te sentir. — Sua voz soa tão rouca que me causa arrepios.

Me levanto e ele me põe de quatro no sofá, quando estou posicionada, introduz um dedo seu em mim, me fazendo arfar de desejo. Eu estava completamente úmida e entregue ao prazer.

— Sempre pronta para mim...

Ele me penetra, e seus movimentos começam devagar.

— Estava morrendo de saudades de você dentro de mim — falo entre gemidos.

— Ah, Diana, tão apertada.

— Mais forte, por favor!

Ele começa a estocar com força, me levando ao delírio, gemo coisas incoerentes. O prazer estava muito intenso, meu corpo todo estremece. Ele me fode com mais força ainda, acertando o ponto exato dentro de mim, me fazendo gozar. Minhas pernas ficam trêmulas, ele percebe o quão mole eu já estava.

— Não acabamos ainda, meu amor, quero matar a saudade de você.

Ele me deita no sofá, se aproxima da minha entrada e, novamente, estoca em mim com vontade. Gemo alto, com toda certeza, acordaria todos os vizinhos. Ele me beija dando algumas mordidas em meu lábio inferior, massageia meu clitóris, fazendo com que meu corpo tenha grandes espasmos. Estava prestes a gozar novamente. Começo a gemer mais alto ainda, tudo estava muito intenso e meu gozo já estava bem próximo, ele tapou minha boca e diminui o ritmo, me torturando a cada penetrada. Ele abraça o meu corpo e me levanta junto com ele, enrolo minhas pernas em sua cintura.

Ele caminha até a cama e me põe deitada, seus olhos me dizem o quanto em chamas ele está. Abre mais minhas pernas e cai de boca em mim, passando sua língua por toda a minha feminilidade. Ele me penetra com sua língua e depois me chupa com vontade, me levando ao delírio.

Depois de muito me deliciar com sua boca me fazendo um oral, ele se deita junto a mim na cama e me põe de lado, fazendo com que seu pau se encaixe perfeitamente em mim. Maycon me fode de um jeito inexplicável, como nunca havíamos feito antes, ficamos testa a testa, sentindo a respiração um do outro, aproveitando o momento enquanto ele ainda me pegava de jeito. Não demora muito, ele e eu gozamos juntos. Ele abre seus olhos e me fita por alguns segundos.

— Você me faz tanta falta, eu te amo muito, Diana, para te deixar partir assim, tão fácil. — Ele acaricia meu rosto, meus olhos vão ficando pesados, o

sono vem chegando e eu apenas me deixo levar por ele. Sinto ele beijar minha testa, e logo depois minha barriga, mas eu já estava sonolenta demais para poder falar algo.

Acordo de manhã com o sol batendo em meu rosto, o calor estava terrível, e com meu celular tocando. Olho para o lado e Maycon não está. Atendo a ligação.

— Oi — digo.

— Oi boneca, bom dia. — A voz de Maycon soa pelo telefone.

— Bom dia, foi embora que horas?

— Hoje de manhã, precisei sair cedo, recebi uma ligação importante. Se tudo der certo, estaremos juntos logo, tenho uma grande chance de provar minha inocência.

— O que está acontecendo? Eu quero saber, já chega de segredos, Maycon.

— A um tempo atrás, eu tinha um sócio e amigo: Juan Possidôni.

— O mesmo amigo com quem Natacha te traiu? E me encurralou no restaurante?

— Sim, esse mesmo. Eu confiava muito nele, a ponto de assinar documentos que ele apresentava sem nem olhar o que tinha escrito, porém, eram documentos que liberavam transições de altas quantias de dinheiro para empresas fantasmas, uma lavagem de dinheiro. Foi um grande desfalque, do qual eu só vim a perceber quando era tarde demais, e como eu assinei todos os documentos, eu fui o real prejudicado, enquanto aquele filho da puta estava curtindo o meu dinheiro.

— Meu Deus, se a *Receita Federal* souber disso...

— Eu vou estar ferrado, vou ser preso por algo que não fiz. Natacha tem provas de que eu sou inocente, mas ela chantageia Juan para não falar o que sabe sobre ela, mas eu preciso descobrir. Mas, hoje de manhã, recebi a ligação do detetive que está me ajudando nisso tudo, talvez ele tenha achado o arquivo que possa me ajudar e então, serei livre para estar contigo. Me desculpa por tudo, eu sei que errei em bastante coisa, mas eu só te peço mais uma chance, para te fazer feliz do jeito que você merece, mostrar que eu te amo muito, e casarmos. — Fico em silêncio por alguns segundos.

— Veremos quando tudo isso acabar, Maycon, você já está prestes a se casar com aquela mulher. Se tudo ocorrer bem, sentamos e conversamos, mas não posso dizer que aceitarei o seu pedido de casamento.

— Tudo bem.

— Preciso desligar — digo por fim.

— Te amo — ele sussurra. Desligo a ligação em seguida, com o coração apertado. *Eu também te amo, mas não vou te dizer, não agora.* Me levanto, vou para o banheiro e tomo um longo banho. Hoje é feriado, não precisaria ir trabalhar, ponho um short e uma blusinha rosa, vou para cozinha e vejo Jullia.

— Olá, mocinha, não dormiu em casa, posso saber onde estava?

— Oi, Di. — Ela ri. Estreito os olhos para ela. — Estava na casa de um amigo.

— Amigo, é?? — Me sento.

— Quer comer? — Ela desconversa.

— Quero sim, mas fala aí, que amigo é esse?

— Promete que não vai pirar?

— Não vou prometer nada, fala.

— Bernardo.

— Você e o irmão de Maycon estão transando!? — Ela balança a cabeça confirmando, meio envergonhada.



Depois daquela confirmação bombástica, Jullia me contou tudo o que aconteceu. Eles já se falavam desde o dia em que se conheceram, e já estavam saindo a alguns dias. *Pirei? Nenhum um pouco, apenas dei alguns berros, nada demais.* Agora, estou jogada no sofá comendo meu sorvete de baunilha com limão. Minha barriga está começando a ficar mais redondinha, talvez sejam as besteiras que eu estou comendo mesmo.

Não tenho muito o que fazer hoje, apenas fico apreciando meu sorvete e dando boas gargalhadas, assistindo a um seriado de comédia que passa na TV, quando ouço a campainha tocar. Sinceramente? Não queria me levantar dali, mas me levanto e vou arrastando os pés até a porta.

Quando abro, um rapaz está com um enorme buquê de rosas vermelhas, são tão lindas.

— Bom dia, entrega para Diana Williams.

— Bom dia, sou eu.

Por um momento, ficamos estudando como passaríamos as rosas pela porta. Passa meio de lado, mas entra. Ponho em cima do balcão e vou à procura de um cartão. Encontrando um, abro rápido, pois a curiosidade me consome.

“Receba as flores que lhe dou, e, de cada rosa, um beijo meu.”

Seu Maycon

Olho para todas aquelas rosas. *É... seriam muitos beijos.* Cheiro as rosas, que por sua vez, estão com um cheiro maravilhoso. Arranjo um grande vaso, ponho água e coloco as minhas belas rosas dentro. Um sorriso bobo se apodera de meus lábios.

Maycon Corppin

Era tão bom estar ao lado de Diana, sentir seu cheiro, sentir os lábios dela nos meus. Eu sentia tanto sua falta, sentia falta de fazê-la minha, somente minha. Aproveito o máximo daquele momento com ela, dormindo de conchinha depois de um sexo intenso, e bota intenso nisso. Levanto de manhã na intenção de preparar algo para que ela coma, mas meu telefone começa a tocar. Corro para atender, não queria que ela acordasse, até porque passamos quase a madrugada toda acordados. Olho no visor e o nome de James está estampado lá, espero que seja alguma coisa muito boa.

— Maycon? — Ele fala por detrás do telefone.

— Alguma informação importante? — pergunto logo de cara.

— Então, soube que Natacha está internada no hospital.

— Sério, James? Achei que fosse algo a ver com a investigação.

— E é. Essa é a nossa chance, cara.

— Do que está falando?

— Podemos invadir a casa dela, ou melhor, entrar na casa dela e vasculhar para ver se achamos algum documento que possa ajudar na sua inocência.

— E como vamos entrar lá?

— Você vai ao hospital e vai pedir para olhar os pertences dela, que eles provavelmente deixaram guardados, e então vai pegar a chave da casa dela para que a gente possa entrar lá.

— Ok, já estou indo para o hospital. — Desligo.

Era agora ou nunca, precisava aproveitar essa oportunidade. Visto minha blusa rápido e jogo o terno por cima. Olho Diana ainda dormindo, ela fica linda de qualquer jeito, essa mulher é minha perdição. Hoje percebo que o que eu sentia por Natacha não era nada comparado ao que eu sinto por Diana, simplesmente não era amor. Me aproximo dela e deixo um beijo suave em sua testa.

— Em breve, estarei com vocês, meu amor...

Saio do apartamento e vou para minha casa, chegando lá, vou direto para o banheiro e tomo um bom banho. Saio do banheiro e escolho um terno preto com uma blusa branca, passo meu perfume e arrumo os cabelos, pego

as chaves de casa, do carro e saio.



Chego no hospital, avisto uma moça na recepção e vou até ela.

— Bom dia, onde posso ver os pertences de Natacha Green?

— Bom dia, senhor, fica logo depois deste corredor, há um rapaz que cuida dos pertences dos pacientes.

— Obrigado.

Se tudo der certo, ele deve estar com a bolsa dela guardada. Vou a passos rápidos até onde ela me falou e encontro um rapaz jovem.

— Oi, sou o noivo de Natacha Green. Gostaria de pegar os pertences dela.

— Ah, sim, só um momento.

Ele some por alguns minutos e volta com um cestinho em mãos, junto com a bolsa que Natacha usou no baile. Pego ela e agradeço ao rapaz, olho dentro e acho uma chave com o chaveiro de uma bailarina. *Sério? Tão infantil.* Ligo para James, que atende no segundo toque.

— Conseguiu?

— Achei uma chave na bolsa dela, creio que seja essa.

— Ok, nos encontramos lá, me passa o endereço por mensagem, vou reunir a equipe.

— Ok.

Passo uma mensagem para ele, mandando o endereço da casa de Natacha. Vou para meu carro e sigo a estrada para a casa dela. Chegando lá, fico na porta, esperando. Resolvi ligar para Diana, um tempo depois, ela me atende.

— Oi — ela diz com a voz suave.

— Oi, boneca, bom dia.

— Bom dia, foi embora que horas?

— Hoje de manhã, precisei sair cedo, recebi uma ligação importante. Se tudo der certo, estaremos juntos logo, tenho uma grande chance de provar minha inocência.

— O que está acontecendo? Eu quero saber, já chega de segredos, Maycon.



Decido explicar tudo a ela o que está acontecendo, já não aguentava mais guardar esse segredo dela. Quando terminamos de nos falar e desligo o telefone, percebo que Diana não era mais a mesma mulher que eu havia

deixado para trás quando terminei com ela, ela estava diferente, mudada. Ela está bastante magoada e não tiro a razão dela de estar assim. Ligo para floricultura e peço um grande buquê de flores para ela, sei que ela vai gostar. Peço para que ponham um cartão com a frase que se encaixaria perfeitamente. Digo a ela e confirmo a compra, depois desligo.

Vejo um carro preto parar próximo a mim e James sair dele. Saio do carro e vou na sua direção.

— Senhor Corppin. — Ele pega em minha mão.

— James. — Devolvo o aperto. — E então, como faremos?

— Você vai entrar na casa e ver se tem empregados ou algo do tipo. Caso tenha, você vai tentar despistar eles, não podemos correr o risco dela saber que entramos na casa.

— Entendi.

— Iremos instalar câmeras nos pontos principais, para ficarmos de olho nela e em tudo o que faz. Vai ser melhor para gente.

— E estaremos um passo à frente dela.

— Exatamente, vamos estar dentro do carro, aguardando seu sinal. — Ele tira um aparelho pequeno de dentro do bolso. — Você aperta esse botão, aí saberemos que a casa está vazia e que podemos entrar.

— Tranquilo. — Bato em seu ombro e saio em direção a porta de entrada.

Torço mentalmente para que essa realmente seja a chave, ponho na porta e se encaixa perfeitamente. Viro a chave e a porta se abre. Comemoro internamente. Agora, chegou a hora de saber se eu estaria livre ou não de tudo isso. Depois que a porta se abre, vou andando devagar pela casa, sondando para não ter o risco de ser pego. Passo no hall de entrada, sala de

jantar, na sala de TV. Pelo visto, não tem ninguém. Vou na cozinha e dou de cara com Vitória, a cozinheira de Natacha, ela se vira, tomando um grande susto.

— Sr. Corppin! Quase me mata do coração... — Ela leva as mãos no peito.

— Oi, Vitória. — Mantenho minha postura de sério.

— Precisa de algo?

— Vim pegar algumas roupas para Natacha, você está dispensada. Natacha está no hospital.

— O que houve? E o bebê?

— Sabemos que ela já havia perdido o bebê a um bom tempo — diz como se soubesse de algo a mais.

— Ela estava sentindo dores a alguns dias atrás, mas o que aconteceu?

— Ela se jogou escada a baixo para incriminar outra pessoa da perda do bebê, mas, enfim, pode se retirar — digo ríspido.

— Ah, sim, só vou pegar minha bolsa.

Ela some por alguns segundos e logo volta com sua bolsa em mãos.

— Há mais alguém na casa? Irei dispensar todos hoje.

— Não, só eu mesma, mas já estou indo, até logo, Sr. Corppin.

— Ok.

Vejo-a saindo pela porta fechando-a, primeira parte concluída. Aperto o aparelho que James me entregou e, algum tempo depois, a equipe entra na casa.

— Vamos começar, Sr. Corppin.

Eles tinham um aparelho com uma certa tecnologia que conseguiam detectar coisas escondidas, como pendrives ou cartões de memória. Uma parte da equipe começa a vasculhar a casa a procura dos arquivos, e a outra fazia a instalação das câmeras. *São bem eficientes, tenho que admitir.* Começo a olhar canto por canto também, no intuito de encontrar algo, mas não acho absolutamente nada.

— Senhor? — um rapaz chama James. — Consegui os arquivos que incriminam o Sr. Corppin.

— Ok, veja se não tem outras cópias e destrua o arquivo — ele diz para o rapaz, que concorda e vai fazer o que ele pede.

Procuro por toda a casa, por todos os lugares possíveis, não acho nada, absolutamente nada que possa me ajudar. *Onde ela deve ter escondido?*

— O vídeo também foi achando, tem duas cópias e uma estava pronta para ser enviada ao conselho da empresa. — Um rapaz alto de cabelos escuros anuncia. *Vagabunda, ia mandar o vídeo para os conselheiros, isso iria acabar com a minha imagem e a imagem de Diana.*

— Delete todos e veja possíveis cópias além desta, apague tudo — James fala.

Tudo bem, agora, eu só preciso achar mais uma coisa: a prova da minha inocência.

Depois de horas olhando a casa inteira junto com o pessoal da equipe eu me sento no sofá e o pessoal diz que não achou mais nada.

— Vamos manter a calma e continuar a observá-la, as câmeras já estão instaladas. Vamos ficar de olho nela. — Respiro fundo para poder responder. O ódio estava me dominando, eu ainda estaria nas garras dela, eu não acredito.

— Tudo bem — tento soar o mais calmo possível.

Saio da casa dela em nervos, pego meu carro e vou para o lugar onde me trazia calma na maioria das vezes. Estaciono o carro perto da praia e vou caminhando pela areia, quando já estou próximo a água, me sento. Tudo ultimamente está dando tão errado. Já não aguento mais, eu irei dar um ponto final nisso agora mesmo. Levanto revoltado e entro no carro, saio cantando pneus, indo em direção ao hospital. Chego lá e já vou em direção ao quarto de Natacha, entrando.

— Oi, amor.

— Oi, cínica.

— Para, Maycon, de falar assim comigo, senti sua falta.

Chego próximo a ela e agarro sua garganta, apertando.

— Já estou cheio de você, eu quero saber onde estão as provas da minha inocência.

— Você acha mesmo que eu te entregaria...? — Ela fala com certa dificuldade.

— Ou você não tem? Entrei na sua casa, vasculhei tudo e não achei absolutamente nada.

— Você o que? Como entrou lá?

Tiro a sua chave de dentro do bolso do meu terno e ela arregala os olhos.

— Me devolve já essa chave! — Ela tenta pegar de minhas mãos

— Não, isso tem valor para você?

— Minha mãe que me deu. — Ela tentou novamente pegar a chave. Aperto mais minha mão em seu pescoço.

— Sabe o que eu faço com sua porcaria?

Jogo longe, fazendo com que a pequena bailarina bata na janela de vidro, e se espatife no chão. Olho aquilo caído e percebo que não era uma simples bailarina, e sim, um pendrive. *Será? Será que é o que eu tanto procuro?*

— Olha só, mas o que é aquilo? — Começo a rir.

Ela, por sua vez, começa a se debater, tentando sair de meu aperto. Ela crava aquelas garras dela em minha mão, fazendo com que eu a solte. Ela tenta se levantar, mas os fios dos aparelhos fazem com que volte para a cama. Ela tira com força a agulha que está em seu braço, e só então percebo que ela está tentando se levantar para pegar o pendrive. *Então realmente os arquivos estão nele, todo tempo estive comigo e eu não percebi.*

Saio correndo para pegá-lo quando estou com ele em mãos a louca voa em meu pescoço tentando pegar o pendrive, rodo com ela em minhas costas e bato na parede. Vou andando até perto da cama e aperto um botão, chamando os enfermeiros. Em minutos, eles chegam. Natacha ainda tentava pegar o pendrive de minha mão, quando um enfermeiro aplica nela um sedativo, que faz efeito quase na mesma hora. Ajeito meu terno e passo as mãos no cabelo.

— O que houve aqui? — o enfermeiro pergunta.

— Ela não lidou bem com nosso término de noivado. — Sorrio e saio da sala.



Estou indo neste exato momento ao encontro de James, paro em frente ao prédio de seu escritório e vou ao 8º andar. Chego lá e entrego o pendrive em suas mãos.

— Vamos torcer para que dê tudo certo — ele fala sentando em frente ao MacBook. Ficamos um tempo em silêncio, ele olhando os arquivos e eu esperando sua resposta. De repente, uma gravação começa a sair do MacBook.

Gravação:

— Amor? — Ouço a voz de Natacha.

— Oi — reconheço a voz de Juan.

— Como você enganou o otário do Maycon? Você era tão amigo dele... Simplesmente pegou sua mulher e ainda o roubou da forma mais genial possível, usando a própria assinatura dele para aprovar as transferências para empresas fantasmas.

— Nunca gostei dele, sempre quis o que ele queria. Ele era tão bobinho e cego. Não enxergava quem eu realmente era, eu só queria acabar com a raça dele e achei as melhores opções possíveis. Se a *Receita* baixar, vai levar ele preso, pois, as assinaturas são dele. — Ele gargalha. — E ainda consegui você, partindo o coração do pobre coitado, é um otário mesmo.

E então a gravação se encerra.

— Quero que ele seja denunciado e essa vai ser nossa prova contra ele, quero *pra* já, não podemos correr riscos.

— Certo.

James faz algumas ligações e fala com algumas pessoas.

— Tudo feito, já foi emitido um alerta a *Receita Federal* neste exato momento, não dou a ele nem 30 minutos para que esteja enjaulado.

— Ótimo. — Sorrio contente.

— É, Sr. Corppin. Creio que nosso caso está mais que encerrado.

— Está sim, James, obrigado pelos seus serviços. Estarei fazendo seu pagamento amanhã, pela manhã. — Aperto sua mão e vou para onde eu tanto queria, a casa de minha mulher, se ela me aceitasse novamente.

Diana Williams

Passei o dia inteiro assistindo TV, como nunca tinha feito. Chorei com um comercial de uma margarina, dei risada do que não devia e, por fim, estou

aqui, jogada. Jullia saiu, provavelmente foi se encontrar com o Bê. *Sim... ela chama ele desse jeito, fico imaginado como foi a cena...*

Me levanto e vou para o banheiro, tomo banho e visto um vestidinho solto. Vou na cozinha e preparo panquecas, estava com um desejo enorme de comer com aquele mel por cima. *Que delícia.* Faço rapidinho, junto com um café, sento para comer, e reparo que todo o apartamento está cheirando a flores e não seria pra menos. Me recordo de não ter agradecido a Maycon por elas, pego meu telefone e disco seu número, em poucos segundos ele atende.

— Maycon?

— Oi, Diana — ele fala com a voz suave, que me trazia tanta calma, tanta paz.

— Acabei me esquecendo de ligar para agradecer pelas flores.

— Hum... *tá bom.* — Ele desliga, indiferente.

Não entendi. Ouço a campainha tocar, vou até lá e me deparo com Maycon.

— Pode me agradecer pessoalmente. — Ele abre um lindo sorriso. Sorrio de canto.

— Obrigada pelas flores, eu amei.

— Gostaria de ouvir que me ama também.

— Quer entrar? — desconverso.

— Diana? Precisamos conversar sobre isso, o que está acontecendo? Você não me ama mais? — Ele olha em meus olhos.

— Não é isso, eu só não posso me permitir, Maycon, eu não quero sofrer mais do que eu já sofri com você. Ontem, o que aconteceu com a gente

foi um erro, não podíamos ter transado.

— Então, *pra* você, foi um erro?

— Sim — falo triste. — Você vai se casar, esse é o problema.

— Mesmo você sabendo de tudo o que estava acontecendo, você não me entende?

— Te entendo, sim, mais as coisas continuam do mesmo jeito, e até que você resolva, o seu ponto final só te leva a um lugar: altar com Natacha. Eu não posso me sujeitar a isso, eu te tinha por inteiro, não quero agora ser rebaixada a amante.

— Concordo com tudo o que falou. E eu vou me casar sim, mas vou me casar por amor, eu amo a mulher com quem eu vou casar e vamos ter vários filhos, uma casa grande para que eles possam correr livremente. Eu vou para o altar, mas lá vai ser meu ponto de partida para uma vida feliz, de paz e muito amor, eu vou ter o privilégio de ter a melhor mulher do mundo em casa, me esperando todos os dias quando eu chegar do trabalho. De acordar ao lado da mulher que amo. Viver momentos felizes com ela e ficarmos velhinhos juntos.

— E você de novo querendo jogar em minha cara o quanto ama Natacha? Você é tão sem escrúpulos, eu não te entendo, Maycon. Simplesmente não te entendo.

— E não deveria entender, pois, a partir do dia em que eu me casar, você entenderá. Sabe aquela frase que está no anel de noivado que lhe dei? Eu jurei a mim mesmo que sempre estaria contigo, mas eu só vou poder se você quiser. Diana, a única mulher que realmente me importo é você, não só me importo como amo. Tudo o que falei agora eu quero ter, sim, mas só quero se for com você. Eu nunca ameí Natacha e hoje eu percebo isso, a única coisa que eu quero é subir contigo num altar e declarar a todos presentes, e a Deus, de que você é minha. Eu consegui o arquivo que precisava para me libertar de Natacha, consegui provar minha inocência, e

ainda denunciar o desgraçado do Juan. Nada mais me impede de estar ao seu lado. — Ele sorri todo meigo. — Então, só diz que me aceita de volta, quero cuidar de você, do nosso filho. Deixa eu te recompensar pelo tempo que perdemos, por favor?

Fico em silêncio digerindo tudo o que ele me falou. *Estamos livres para vivermos do jeito que quisermos? É isso? Sem Natacha para atrapalhar? Sem ninguém? Só nos três?* Sorrio com a hipótese, me jogo nos braços dele sorrindo feito boba. Ele me abraça apertado enquanto choro baixinho em seu ombro.

— Isso é um sim?

— Hum-rum. — Afirmo balançando a cabeça.

Ele se afasta um pouco de mim e limpa minhas lágrimas, depois me beija, seus lábios macios tocam os meus, um beijo de paixão misturado com saudade é dado. Ele me pega no colo e fecha a porta atrás de nós. Ele caminha até meu quarto, sentando na cama, eu me ajeito ficando por cima dele. Volto a beijá-lo, chupo seu lábio inferior junto às leves mordidas enquanto rebolo de leve em cima de seu membro. Ele suspira e leva suas mãos até a barra do meu vestido, levantando-o.

Com minha bunda exposta, começo a beijar ele com mais fervor e a rebolar mais em seu colo. Ele me dá um aperto gostoso na bunda, fazendo com que um gemido involuntário saia dos meus lábios, ele tira meu vestido, e eu, toda a sua roupa, deixando-o nu. Seu membro está extremamente rígido, me deixando ainda mais com vontade de tê-lo dentro de mim. Empurro ele na cama, fazendo com que caia deitado, fico de quatro na cama e vou até ele engatinhando. Paro em cima dele e me abaixo para lhe dar mais um beijo, eu estava com tanta saudade dele. Mas agora era diferente, ele era meu, apenas meu. Ele acaricia meu clitóris de leve, me deixando inteiramente molhada. Ele me lança na cama, ficando por cima de mim, beija e chupa meu pescoço, fazendo com que eu me contorça debaixo dele.

— Quieta, mocinha — ele sussurra em meu ouvido.

— Impossível, Maycon... — sussurro de volta. Ele passa seu polegar nos meus lábios e diz:

— Chupe como se fosse meu pau em sua boca.

E é o que eu faço, envolvo seu dedo com meus lábios e chupo com toda delicadeza. Logo em seguida, ele tira seu dedo molhado de minha boca e massageia meu clitóris com ele, me fazendo arfar. Ele toma os meus lábios maliciosamente. Ele desce para o meu seio e chupa com vontade, passa a língua pelo bico e depois suga. Eu estava cada vez mais molhada, gemo alto chamando seu nome. Ele termina sua tortura com uma leve mordida, fazendo todo o meu corpo receber um leve choque.

— Fica de quatro *pra* mim e empina bem essa bunda.

Faço o que ele pede.

— Amo quando fica assim, molhada. — Ele passa a ponta do dedo na minha entrada e leva aos seus lábios, provando.

— Tão doce... — Ele sorri malicioso, volta seu dedo para minha entrada e me penetra.

— Me aperta. — Ele mexe o dedo dentro de mim, contraio minha vagina em seu dedo.

— Aah, Diana — ele geme baixinho.

Ele põe mais um dedo dentro de mim, e começa a me estocar em um ritmo sufocante.

— Oh céus, Ma... Maycon, vou gozar.

— Ainda não.

Ele me vira de frente para ele, me deitando na cama.

— Segure suas pernas, quero todo o seu gozo para mim. — Ele passa a língua em minha feminilidade, seguro minhas pernas e ele começa com mais outra tortura, chupa meu clitóris e desce, me penetrando com sua língua fundo. Ele chupa os lábios e volta a brincar com meu clitóris, não aguento mais segurar o gozo e deixo acontecer, ele suga tudo sem deixar uma gota sequer escapar. Quando meus tremores passam, ele para e vem para cima de mim, me penetrando. Ele se movimenta devagar, fazendo com que o desejo cresça mais em mim. Ele beija meu pescoço enquanto estoca em mim.

— Mais rápido, por favor... — digo entre gemidos.

— Você quer mais, safada?

— Sim, quero.

— Então pede, pede para te foder com força.

— Me fode com força, Maycon!

— Maycon? Eu quero que fale comigo do jeito que eu gosto. — Ele continua com aquele ritmo torturador.

— Senhor Corppin, me foda com força, por favor!

Ele sorri para mim e aumenta as investidas. Meu corpo está pedindo arrego novamente, a vontade de gozar me atinge com tudo, gozo intensamente. Logo depois ele também, porém não para de me foder, ele inverte a posição, agora eu ficando por cima.

— Faz o que você sabe, cavalga gostoso em cima de mim, sua puta gostosa do caralho. — As palavras dele me deixam ainda mais excitada.

Começo a me mover em cima de seu pau, descendo e subindo nele, sua boca está entreaberta, ele geme baixo enquanto rebolo em seu pau. Ele me dá um tapa forte, me deixando ainda mais molhada. Ele era tudo o que eu precisava para este momento.

Arranho seu peitoral, enquanto ele massageia meus seios com as pontas de seus dedos. Ele dá leves beliscões, fazendo com que me contorça em cima dele. Meu corpo já não estava mais aguentando.

— Vou gozar... — anuncio.

— Então goza para mim. — Ele me puxa para me dar um beijo enquanto movia seu quadril. Ele me beija, sua língua brinca com a minha e então explodo em gozo junto com ele.



Capítulo 27

3 semanas depois...

05:46

Acordo num sobressalto na cama, tive um pesadelo terrível, minha roupa está encharcada de suor. Respiro fundo, tentando controlar minha respiração e aliso minha barriga, agora, de dois meses. Dava para perceber um pouco minha bolinha. Olho ao redor tentando me situar, estou em meu apartamento, me mudei a alguns dias, Maycon

queria que eu fosse morar com ele, mas preferi voltar para meu lar.

Me levanto e vou para o banheiro tomar um banho, estava com um aperto no peito, tento ao máximo me lembrar do sonho, mas nada me vem na mente. Entro no chuveiro e deixo a água me lavar, fico por um longo tempo debaixo dela, lavo meus cabelos, e passo meu óleo corporal. Saio do banheiro secando meus cabelos, ponho uma calça jeans e uma blusa azul, nos pés, uma sapatilha preta. Arrumo os cabelos fazendo um rabo de cavalo, depois de pronta, vou na cozinha preparar um café, faço algumas torradas para comer com geleia. Sento e começo a comer, vejo a porta da sala se abrindo aos poucos.

— Maycon? — chamo, mas ninguém responde. — Maycon? — Chamo novamente já me levantando. Vejo um homem todo de preto e máscara no rosto passar pela porta, meu coração acelera quando ele olha para mim. Saio correndo para o quarto e tento fechar a porta, mas ele me impede, ficamos em uma guerra: eu tentando fechar a porta e ele querendo abrir. Largo a porta e vou correndo em direção ao meu celular, que está em cima da cama, mas o homem me segura pelo rabo de cavalo, fazendo com que eu volte com tudo para trás.

— Não, me solta!! — grito já com lágrimas nos olhos.

— Cala boca, vadia. — Ele puxa mais meu cabelo para trás e dá um tapa forte no rosto. Minha face queima e o gosto metálico do sangue fica forte em minha boca, me debato contra ele. *Meu Deus, isso não pode estar acontecendo!*

Abraço minha barriga, pensando apenas no meu filho. Dou uma cotovelada em seu estômago e corro enquanto ele se curva sentindo dor. Vou em direção a porta enquanto digito uma mensagem de socorro para Maycon. Tropeço no tapete, caindo no chão e o celular voa longe. Rastejo no chão até o celular enquanto o cara de máscaras caminha até mim. Tento pegar o celular, mas ele foi mais rápido que eu e chuta com força na minha costela. Sinto uma dor forte e o ar me faltar.

— Por... favor.... Para.... — Tento falar sentindo seus chutes em meu corpo, um desses acerta a boca do meu estômago, me fazendo rolar para longe. Ele me pega pelos cabelos e me arrasta pelo chão para fora do apartamento.

— Agora, você vai se levantar e vai ficar quietinha, vamos pegar o elevador e se alguém aparecer aja naturalmente, não me faça te matar antes da hora. — Ele aperta mais meu cabelo em suas mãos.

— Está me ouvindo, vadia? — Confirmo com a cabeça. — Então estamos conversados.

Entramos no elevador, ele passa andar por andar e eu apenas oro para que uma pessoa entre para que eu pedisse ajuda, eu precisava sair dali. Pelo bem do meu filho, passo as mãos pelo cabelo tentando arrumá-los, respiro com dificuldade por causa das dores que estou sentindo em minha costela. Passo a mão de leve na barriga. *Filho, aguenta aí, não me deixa sozinha.* As lágrimas banham meu rosto, mas seco-as rapidamente, o elevador parou num andar. Quando as portas se abrem o homem mascarado saca uma arma e atira na cabeça de uma menina, que estava de cabeça baixa mexendo no celular.

— Nãaaaaaaao!! — Choro descontroladamente. A menina cai no chão, morta. Me encolho no chão do elevador.

— Sem riscos de alguém me ver — ele fala.

O elevador nos leva até a garagem, ele sai me arrastando pelos cabelos e me joga em uma van verde.

— O QUE VOCÊ QUER COMIGO!? SE FOR DINHEIRO EU NÃO TENHO! VOCÊ PEGOU A PESSOA ERRADA! — Grito e me arrependo amargamente, pois ele fecha o punho e acerta meu rosto em cheio. Sinto meu corpo bater no chão frio e tudo escurecer.

Maycon Corppin

Tive que fazer uma viagem rápida, para resolver umas coisas em uma cidade vizinha, mas estou retornando para Chicago. Essas três semanas foram bem turbulentas, Juan está foragido da polícia, parece que ele conseguiu saber antes e fugiu. Natacha continua com as loucuras dela, veio me procurar dizendo que me amava e mais um monte de baboseiras, mas tudo o que eu quero é estar com Diana e nada mais importa.

Estamos chegando perto da área particular de pouso do aeroporto. A comissária anuncia o pouso, aperto o meu cinto e vejo o jatinho descer. Claiton me aguarda ao lado do carro, falo com ele, que nos leva para minha casa. Quero tomar um banho e depois ir para a empresa, afinal ainda é 07:43. Meu telefone toca, vejo no visor que é James.

— Oi, alguma novidade? — Torço para que ele tenha.

— Parece que Juan está na cidade, agora é saber porque, já que todos em Chicago estão procurando por ele.

— Procure por mais informações, tente descobrir se ele veio resolver algo aqui, quero saber de tudo.

— Sim, Sr. Corppin. — Ele desliga.

Pego o celular e digito o número de Diana, porém, está caindo na caixa postal, ela já deve estar no trabalho. Ligo mais algumas vezes, mas ela não me atende, como sempre, cai na caixa.

Chego em casa, tomo um banho e ponho um novo terno, me perfumo e

arrumo os cabelos. Vou na cozinha comer, pego um pouco de suco de laranja enquanto Mariah fritava ovos com bacon para mim.

Depois que como, vou para o carro, Claiton assume seu lugar e eu o meu no banco de trás.

— Claiton, antes de irmos para a empresa, passa na *DP Architects*, quero ver Diana. — Sorrio.

— Certo, senhor.



Chego na frente do enorme prédio da *DP Architects* e me direciono a recepção.

— Bom dia, Senhor, em que posso ajudá-lo? — diz a recepcionista, meio atirada. *Mulheres...* Reviro os olhos.

— Gostaria de falar com minha noiva, Diana Williams.

— Ah. — Ela fica desanimada. — Vou olhar no sistema em que andar ela trabalha.

— Ok.

Ela mexe em seu computador e, alguns minutos depois, me dá uma resposta.

— A Srta. Williams trabalha no 12º andar. Porém, aqui não está

mostrando sua entrada na empresa. Todos que entram, passam seu cartão de acesso na roleta ao lado. — Ela aponta.

— Então, ela não está aqui?

— Não, Senhor.

— Tudo bem.

Saio de lá ligando para ela, mas, como antes, chama, chama e cai na caixa postal. Ligo para James, que atende na segunda chamada.

— James, quero que rastreie celular de Diana para mim e me fale sua localização.

— Certo, fique na linha.

Aguardo mais um pouco...

— Ela está em casa.

— Ok, obrigado.



Chego onde Diana mora, há uma movimentação diferente ali. *Será que aconteceu algo com ela?* Corro para a entrada do prédio, vejo alguns policiais e um corpo é passado na maca. *Que não seja ela, Deus, por favor!* Chamo um policial e pergunto o que está acontecendo.

— Uma moça foi encontrada morta no corredor do 6º andar com uma bala na cabeça — ele diz, meu coração acelera na hora.

— Qual o nome dela?

— Scarlet Winne, você a conhece? — Suspiro aliviado.

— Não, não conheço.

Dou as costas e pego o elevador, chegando vejo que a porta de seu apartamento está aberta, entro devagar e vasculho tudo. Tem algumas coisas jogadas no chão, mas nada de Diana. Um certo desespero me bate, ligo para ela novamente, ouço o toque do seu celular. Começo a procurar pela casa, o som fica mais alto quando chego na sala e vejo o celular no chão. Desligo a chamada e, na tela, vejo uma mensagem que seria enviado a mim.

“ Maycon sos tem um hom ”

Leio a mensagem incompleta e o desespero me bate, disco o número de James.

— Oi, Sr. Corppin.

— James, Diana sumiu — falo rápido —, vim na casa dela e encontrei tudo aberto, e uma mensagem que ela tentou enviar para mim, pedindo socorro.

— Vamos manter a calma, te encontro na sua casa daqui a 30 minutos, iremos esperar alguém entrar em contato com a gente.

— Esperar? Está louco? É minha mulher e meu filho que esta sabe-se lá onde, correndo perigo.

— Maycon, vamos checar as câmeras de segurança do prédio e das ruas, olharemos câmera por câmera, eu te prometo que tudo vai ficar bem. Só confie em mim.

— Tudo bem, te encontro na minha casa.

Diana Williams

Acordo meio desnorteada, com uma grande dor no rosto e no corpo por causa das agressões. Estou deitada em um colchão sujo no chão, o lugar é meio escuro, há apenas uma fresta de luz de uma pequena janela, o lugar cheira a mofo, tudo era muito úmido. Há duas toras de madeira fincadas no chão, distantes uma da outra. Me levanto com certa dificuldade por causa das dores e vou até a janelinha, mas não tem muito o que eu ver, pois uma parte dela está forrada pelo lado de fora.

Passo a mão em minha barriga e mentalmente digo que tudo vai ficar bem. Vou até a porta de ferro enferrujada e bato com toda minha força na tentativa de que alguém me tire dali. Ouço passos pesados do outro lado, me afasto da porta com receio do que poderia me acontecer nesse momento. A porta é aberta com brutalidade, e logo um rosto familiar aparece.

— Oi gracinha, lembrada de mim?

— Juan?! — Me afasto ainda mais dele. — O que quer?

— Vejo que se lembra... O que eu quero? Aaah, eu quero muitas coisas. Hoje, você e Maycon vão pagar por tudo. Você, por se desfazer de mim naquele restaurante, por ter me humilhado.

— Para de ser louco, eu nunca te humilhei, você que me agarrou. Queria que eu fizesse o que?

— Simplesmente aceitasse.

— Você é um doente!

Ele vem em minha direção e vou dando passos para trás, tentando manter distância dele, mas logo sinto a parede em minhas costas, fazendo com que eu tome um grande susto.

— Por favor, me deixe ir — imploro.

— Por que eu te deixaria ir? — Ele se aproxima e passa os dedos no meu rosto. Meu corpo estremece.

— Porque seu problema não é comigo.

— Como não? Você já me causou muitos problemas, mais do que imagina. — Ele dá um murro na parede, bem próximo a minha cabeça. Fecho os olhos com força. — Ah, garotinha, não tenha medo de mim. — Ele sorri sarcástico, aproxima sua boca para me beijar, mas viro o rosto. As lágrimas já começam a molhar a minha face.

— NÃO VIRE O ROSTO PARA MIM, VADIA! — Ele grita e me dá um tapa forte, senti meu rosto inteiro doer e queimar. Ele me segura com força e me dá um beijo forçado. Travo o maxilar para ele não por sua língua dentro da minha boca, quando ele tenta, mordo sua língua com toda a força que tenho acompanhado de uma joelhada nas suas partes.

Ele se curva choramingando de dor, aproveito que a porta está aberta e saio correndo. Corro por um corredor, outra porta estava aberta, era a da saída, olho para o lado e vejo um homem mal-encarado lustrando sua arma. Há um grande matagal mais a frente, quando ele me vê, a única coisa que faço é correr bem rápido, o mais rápido que minhas pernas podiam aguentar. Quando estou chegando perto do matagal, ouço apenas o barulho do tiro sendo disparado e a dor me invade, sinto minha perna doer. Olho para ela e o sangue começa a descer, tento continuar correndo, mas não consigo. Ando arrastando a perna o mais rápido que posso, mas o homem me agarra pelos cabelos e me joga no chão.

Choro desesperada esperando o pior por vir, ele enrosca sua mão em meu cabelo e sai me arrastando. Meu corpo estremece de dor, minha cabeça já doía, e minha perna insistia em arder. Tento fazer com que ele me solte, mas não consigo, ele me arrasta de volta, entrando por onde eu tinha acabado de sair. Choro feito uma criança.

— SOCORRO, ALGUÉM ME AJUDA! — grito o mais alto que consigo, minha garganta arde.

— Cala a boca, sua vadia do caralho. Antes que eu meta uma bala em sua cabeça. Choro ainda mais. *Por que, meu Deus? Logo comigo! Que esteja tudo bem com meu filho, que esteja tudo bem...* Ele me joga no canto daquela sala imunda onde eu estava e vejo Juan andando de um lado para o outro.

— Lhe darei um bom corretivo por isso, para você nunca mais se esquecer de mim. — Ele vem até mim. — Castro, pegue uma cadeira e algumas cordas. — O cara assente e sai.

— O que vai fazer comigo?

— O que eu já deveria ter feito a muito tempo. — Ele dá um sorriso debochado.

— Por favor, eu te imploro, não faça nada comigo. — Creio que não sabiam da existência do meu filho, e temia por isso.

— Não adianta implorar, meu bem, já está decidido.

Logo o homem aparece com uma cadeira e as cordas. Juan pega a cadeira da mão dele e põe entre as toras de madeira.

— Traga ela — Juan diz.

— Não, não, não! — Tento lutar contra o homem, mas é impossível. Ele me agarra e me põe sentada na cadeira

— Amarre as mãos dela, e amarre a corda nesse ferro acima.

E assim ele faz. Tento me soltar a todo custo, mas parece que tudo o que faço é em vão, pois ele é bem mais forte que eu. Depois que ele amarra as minhas mãos e prende no ferro acima da cabeça, fico com os braços para cima. Tento puxar para me soltar, mas não consigo.

— Agora, a melhor parte... — ele fala com certa malícia nos olhos.

Ele vem para tirar minha calça. *Não!* Começo a dar chutes nele, acertando um em sua perna. Não me importo com a dor que estou sentindo agora.

— Sua desgraçada, acho bom você ficar quieta. Castro, aponte sua arma para a cabeça dela, se ela fizer algo que eu não goste, pedirei para atirar. — E assim ele faz.

Ele tira minha calça, ensanguentada pelo ferimento da minha perna, me deixando apenas de calcinha. Fico imóvel, aquela arma em minha cabeça me deixa em pânico.

— Não faz isso, por favor. Olha... — Respiro fundo, tomando uma decisão. — Eu... eu estou grávida, não faz isso — falo o mais calmamente possível. — Pode levantar minha blusa, você vai ver.

— Hum, grávida? Sabe, Natacha também estava, e aquele filho não era do Maycon, ele era meu. Mas, por obra do acaso, ela perdeu esse bebê. Eu até estava feliz por ser pai. Estava mesmo, mas aí tudo foi por água abaixo. Eu não vou ter a felicidade de ser pai, e Maycon também não. — Ele dá um largo sorriso.

Ele pega uma tira de pano velho e me amordaça. O choro lava o meu rosto, eu já previa o que iria acontecer. *Maycon, me tira logo daqui!*

Ele prende meu pé esquerdo na tora que tem ao meu lado esquerdo e o pé direito do lado direito, fazendo com que eu fique toda aberta para ele. Meu

choro de desespero não o comove nem um pouco. As coisas parecem acontecer em câmera lenta, ele arranca minha calcinha, rasgando-a. Tento mover a minha perna, mas tudo o que consigo é apenas sentir dor. *Por favor, Deus, não deixa ele fazer isso!* Ele analisa minhas partes enquanto passa a língua nos lábios, vejo seu membro crescer dentro da calça.

— Agora, você vai me sentir, querida.

Ele começou a desafivelar o cinto, tento falar, mas não consigo pronunciar nada com aquele pano em minha boca. Fecho meus olhos, tentando expulsar aquela visão de minha mente.

— Abre os olhos, cachorra. Quero que veja tudo.

Sinto o cano da arma cutucar minha cabeça. Abro os olhos devagar, quase não vejo nada, pois as lágrimas embaçam minha vista. Ele abaixa o zíper de sua calça, que desce por suas pernas revelando sua cueca. Choro o mais alto que posso, puxo as amarras na tentativa que elas afrouxassem, mas de nada adianta. Ele tira a cueca e seu membro pula para fora.

Não, não, não, não, mil vezes não. Ele se aproxima de mim e sinto seu membro me rasgando por dentro, não tinha lubrificação, o que fazia minha dor aumentar a cada estocada. Não sabia mais o que fazer, ele se deliciava em mim, o nojo me consome, a vontade de vomitar embrulhou meu estômago. Ele tira seu membro de dentro de mim, vejo sangue nele. *Meu filho!!* Meu coração acelera mais do que já estava se é que era possível.

— Agora, quero que você me chupe bem gostoso. Aí de você que me morda, está me ouvindo? Caso contrário, estouro sua cabeça.

Ele tira a mordaca da minha boca.

— Por... favor, não faz isso. Já... chega... — peço entre choro.

— Cala a boca, e faça o que te mandei.

— Não, por favor, eu te imploro!

— Você está brincando demais comigo, anda logo, garota.

Ele pega minha cabeça com grosseria e põe seu pau imundo em minha boca.

— Agora chupa. — O homem engatilha a arma, já estava pronto para atirar...

Maycon Corppin

Estou em casa, junto com James e sua equipe. Eles hackearam e analisaram as câmeras, vimos tudo o que aconteceu dentro do elevador. Vejo ela chorando e o cara ao lado dela todo de preto com uma terrível máscara da morte no rosto. Quando as portas do elevador se abrem, ele atira sem dó nem piedade na cabeça da jovem menina, que nem percebeu o que estava acontecendo, pois estava olhando pro celular. Diana se encolhe no chão, as câmeras captam a hora exata em que Diana está no estacionamento falando algo com ele, e ele dá um soco em seu rosto. Ela cai no chão desacordada.

— DESGRAÇADO! — Esmurro a mesa. — Eu vou te matar!

— Calma, Maycon.

Por fim, vemos imagens das câmeras da rua, a van verde se perde numa parte deserta. Por lá, não tem mais câmeras.

— Quero que a outra equipe vá para essa área e estude o local. Eles podem estar em qualquer lugar daqui. — Ele aponta para uma área no mapa.

— Ou podem estar em outro lugar. Investiguem, perguntem as pessoas se viram a van por perto. Aqui está uma foto da van. — Ele entrega para o líder da equipe. — Tomem cuidado e me atualizem de tudo.

O cara assente e sai com outros cinco homens. Meu celular no mesmo instante toca, vejo e o número é desconhecido.

— Acho que são eles — aviso a James.

— Atenda, irei tentar localizar de onde está vindo a ligação. Tente obter o máximo de informações que conseguir. Não se exalte e mantenha a calma. É a vida dela que está em jogo do outro lado.

Atendo:

— Olá, Grande Sr. Corppin. — Aquela voz faz com que a raiva cresça em mim.

— O que quer, Juan? — Tento manter a calma. — É você, não é? Por trás de tudo isso?

— Hehehe... Eu? Apenas destruir a sua vida. — Ele dá uma grande gargalhada.

— Já não basta tudo o que me fez, seu cretino?

— Ah, não, ainda é pouco. Muito pouco.

— Você já tem a Natacha, tem o dinheiro que me roubou. Tem tudo o que quer. Me deixa em paz, a mim e a Diana.

— Tenho sim, e agora, a sua mulherzinha também. Cara, deixa eu te falar, ela é tão apertada. Chega a sufocar o meu pau.

— O QUE!? SEU FILHO DA PUTA, SE VOCÊ TOCOU NELA, VOCÊ É UM HOMEM MORTO! EU TE MATO, JUAN, EU TE MATO!!

— Larga de teatro rapaz, você não vai fazer nada. Sabemos disso. Se eu toquei? Já toquei. Ah, e por sinal, ela faz um oral muito bom.

— *Maycon, me tira daqui, por favor.* — Ouço a voz de Diana ao fundo me chamando.

— Amor, eu vou te tirar daí, eu prometo. — Sinto um aperto no peito.

— Ai, quanta ladainha, quero 2 milhões daqui a duas horas. Vou mandar uma localização para que você deixe as bolsas lá. Nada de polícia. Sem gracinhas ou sua amada morre. — Ele desliga.



Ando de um lado para o outro na tentativa de me acalmar. *Ele falou aquilo só para me deixar irritado ou realmente o fez?* Aquilo fica martelando em minha cabeça. Prefiro acreditar que não é verdade.

— A ligação estava bloqueada para rastreio. Vamos separar a quantia que ele quer, colocaremos um localizador dentro da bolsa — James fala.

— Não, colocaremos dois localizadores. Ele não é tão burro assim, sabe que colocaríamos. Vamos colocar um mais acima, para que ele ache, e outro mais escondido no fundo. Quando ele encontrar o primeiro, não vai pensar que tem um segundo.

— Ótimo, melhor ainda. Mas não quero que as notas sejam verdadeiras. Todas vão ser notas falsas. Tenho cópias fiéis das verdadeiras que podemos usar.

— Ok. Tanto faz, só não quero que ponha a vida dela e do meu filho em risco. — Fico pensando nela e no meu filho. Espero que esteja tudo bem com eles. Meu celular apita, pego-o rápido e olho a mensagem, era da localização que deveria ser entregue o dinheiro.

Juan quando eu por minhas mãos em você, você será um homem morto.



Fizemos tudo conforme o pedido de Juan. Mais cedo, passei no banco e fingi estar tirando o dinheiro, para caso alguém estivesse me vigiando.

Agora, estou no carro indo até o local em que ele marcou para que eu deixasse o dinheiro, não era muito longe da cidade. Chegando lá, há uma van branca parada. Com muito custo ponho as bolsas de dinheiro na van e saio. Pego a estrada de volta e paro num posto onde a equipe de James se encontrava, disfarçados. Entro e peço um café. Estava nervoso e ansioso. Oro mentalmente para que tudo desse certo.

— Está se movendo, vamos dar um tempo até chegarem, quando pararem, entraremos em ação — James fala.

— Ok...

Passou-se alguns minutos e eles pararam.

— Eles pararam, Vamos.

Diana Williams

Depois de todo o sofrimento, estou jogada no chão sujo, apenas com minha blusa, que dá para tapar um pouco da minha bunda e minha feminilidade. Meu corpo inteiro dói, aquele imundo fez o que bem quis comigo e me deixou aqui, como se eu fosse um copo usado que é jogado no lixo e é assim que estou me sentindo, um lixo. Tenho nojo de mim, tenho nojo de tudo em mim.

Minhas pernas estão sujas de sangue, não sei dizer mais do que é e de onde sai. *Meu filho...* Eu tenho quase a certeza de que não está mais aqui em minha barriga. Já chorei tanto e por fim, as lágrimas secaram. Não tenho mais o que chorar, agora é apenas a dor em meu peito e corpo que me acompanha. Não tenho forças para levantar, tudo em mim foi sugado. Ouvi mais cedo uma conversa de Juan com Maycon. A voz dele, que ecoava pelo viva voz, me deu um certo alívio e calma. Por saber que ele iria me tirar daqui, fico quieta no chão, de olhos fechados. Estava com sede, mas ninguém neste lugar me daria água. Ouço a porta se abrir, mas não faço esforço para abrir os olhos.

— Olá, querida Diana. — Ouço a voz de Juan, mas continuo de olhos fechados. — Sabe... agora, eu estou mais rico do que já era. Olha quantas notas seu noivo me deu. Dois milhões de dólares... — Ele dá risada. Abro os olhos e ele está cheio de dinheiro nas mãos.

— Maycon? — sussurro.

— Sim, Maycon. Ele foi bem rápido para me dar o dinheiro, porém, burro. Mas não é novidade. — Ele revira os olhos. — Colocou um rastreador na bolsa para vir salvar a donzela, mas não sou idiota.

Começo a chorar as lágrimas que eu nem sabia que ainda tinha...

— Maaas... agora não tenho porque te deixar viva, não é mesmo? Você não tem mais tanta utilidade, porém, para não dizer que sou ruim, trouxe uma amiga sua para te ver. — Ele sorri. — Vem cá, amor.

Natacha entra com um sorriso enorme no rosto. O barulho de seu salto ecoa pelo lugar, ela está com uma tipoia no braço, mas sua elegância continuava a mesma, e sua arrogância também.

— Oi, vadiazinha. — Ela se aproxima de mim. — Estava louca para te ver assim, acabada, uma maltrapilha. Fiquei sabendo que está, ou melhor, estava grávida. — Ela se prepara e, com toda força, me dá um chute na barriga. Solto um grito de dor e desespero, ela se abaixa e agarra os meus cabelos.

— Implora, cachorra, pela sua vida. Porque quem vai te matar sou eu. — Ela aperta ainda mais meus cabelos. — Antes de te matar, eu quero que sofra mais um pouco. Quero que se sinta o lixo que você é. Amor? — Ela fala com Juan.

— Oi, meu pequeno demônio.

— Está a fim de comer uma puta? Vai me dar tanto tesão. — Ela se aproxima dele e o beija.

— Mas é claro. — Ele me olha, seus olhos estão brilhando.

— Fique à vontade, presentinho.

— SUA LOUCA, NOJENTA, VOCÊ É DOENTE!! — grito, tentando me levantar.

— CALA A BOCA, VADIA! — ela grita de volta. Juan vem ao meu encontro.

— Não, não, de novo não. Por favor...

— Ah, para, garota, você amou me ter. — Ele morde seus lábios.

Ele vem até mim e me agarra, me debato em seus braços.

— Me solta, pelo amor de Deus. Não faz isso, seu desgraçado!

De repente, ouço um grande estrondo na porta.

— Larga ela, seu desgraçado.

— MAYCOON! — Ele finalmente aparece, está com sua roupa amarrotada, de terno cinza, seus cabelos estão meio bagunçados. Aposto que passou a mão diversas vezes pelo nervosismo. Ele olha para mim como um pedido de desculpas, posso ver seus olhos se encherem de água. Em sua mão, está uma arma e ele a segura com toda a força. Vejo um homem logo atrás com outros rapazes, todos seguram uma arma. Natacha fica em choque.

— Amorzinho.... — ela fala com Maycon, indo em sua direção, mas ele vira a arma para ela, fazendo-a parar.

— Vem cá — ele diz e ela vai até ele sorrindo. *Ela é doente.*

Quando ela chega perto dele, a pega pelo pescoço e a faz de refém, do mesmo jeito em que Juan estava fazendo comigo.

— Larga ela! — Juan fala.

— Não irei largar até você deixar a Diana.

Juan tira sua arma da cintura e aponta para minha cabeça. Fecho meus olhos com força, numa tentativa vã de que eu sumisse dali.

— Solta ela ou mato Diana. — Ele me aperta ainda mais nele.

— Então veremos quem vai matar quem. — Ele faz o mesmo, mirando

sua arma na cabeça de Natacha.

— Kinho, por favor não faz isso — ela choraminga.

— CALA A PORRA DA BOCA!

— Não vai soltar ela? — Juan pergunta.

— Já disse, desgraçado! — Maycon rebate.

— Então tá. — Ele tira a arma de minha cabeça e, como se Natacha fosse nada, atira no peito dela. Ela leva as mãos no peito e o olha, horrorizada.

— Desgraçado. — Ela cai de joelhos, logo em seguida seu corpo vai ao chão.

Meu choro é desesperador. *O que seria de mim agora?*

— E então, Maycon, o que vai fazer?

Ele estava atordoado com tudo o que estava acontecendo.

— Abaixem as armas ou explodo os miolos dela — Juan fala numa autoridade incrível.

— Vamos abaixar as armas — um homem atrás fala, todos abaixam. Maycon demora, mas logo faz o mesmo.

— O que quer, Juan? Você já tem o dinheiro, só larga ela e vai embora.

— Eu já falei que quero destruir a sua vida e eu vou matá-la. — Olho para Maycon, eu já tinha decidido o que faria. Gravo toda as feições de seu rosto para caso não desse certo. Respiro fundo, na tentativa de me acalmar. Quando estou pronta, dou uma cotovelada na barriga de Juan e piso em seu pé o mais forte que consigo. Agarro sua mão com toda a força e começamos

uma guerra para tentar ficar com arma. Ouço um disparo feito pela sua arma, mordo seu braço, fazendo-o soltá-la. Aponto a arma para ele com as mãos trêmulas e, devagar, vou me afastando. Todos os homens já estavam com suas armas apontadas para ele.

— Seu filho da puta, eu vou te matar! — Maycon vai para cima de Juan, me encolho no chão e abraço minhas pernas. Um homem, que aparenta ser o líder da equipe, impede que o restante do seu pessoal avance para tirar Maycon de cima de Juan.

— Deixem, ele precisa disso — ele fala num tom baixo.

Maycon dá um soco no rosto dele, que cambaleia para trás.

— Seu cretino, eu falei para não tocar no que é meu! — Juan apenas dá risada, achando graça de tudo aquilo.

Maycon pega ele pela gola da camisa e o empurra sobre a tora de madeira. Juan se levanta meio desengonçado e tenta acertá-lo, mas ele se desvia com facilidade. Maycon o pega e dá várias joelhadas em seu estômago.

— Eu vou te matar, eu quero que você dê risada no inferno agora, seu infeliz! — Maycon saca a arma de sua cintura.

— Não! — grito e ele me olha estranho. Mas eu não estava temendo pela vida daquele homem, ele não era nada para mim. Eu temia pelo que Maycon seria quando tudo isso acabasse. — Não, por favor, você não é como ele. — Me levando com muita dificuldade e caminho até lá. — Quero que ele pague por tudo o que fez, é injusto sua morte. A morte é o seu descanso e ele não merece isso. Ele merece sofrer por tudo que me fez e te fez passar. Vai ser melhor ele vivo e pagando por tudo. — Olho para ele em uma súplica. — Não suje suas mãos com este sangue imundo, você é melhor que isso.

Ele fica indeciso, suas mãos tremem. Ele olha para mim e para Juan, então, respira fundo e dá um soco em seu nariz, jogando-o longe.

— James, pode levá-lo — Maycon diz ao outro homem. — Me desculpa, amor. — Ele olha para mim. A única coisa que eu queria era o seu abraço, me jogo nele e deixo com que toda a minha angústia, medo e pavor fossem embora. Choro tudo o que ainda existia em mim para chorar em seus braços, sentindo o cheiro tão familiar do seu perfume perto de mim.

— Já passou, agora tudo vai ficar bem. Eu te prometo. — Ele beija o topo da minha cabeça e afaga os meus cabelos. Ele se afasta um pouco de mim e tira seu paletó, me fazendo vesti-lo. Me pega em seus braços com cuidado, me ajeito em seu colo e me aninhando nele. Sinto o seu perfume e tenho a certeza de que agora eu estou livre. Ele caminha comigo até o carro, faz menção de me pôr no banco de trás, mas me agarro ainda mais a ele.

— Pequena, eu sei que não quer sair de perto de mim, nem eu quero sair de perto de você. Mas eu preciso te levar ao hospital. — Ele respira fundo.

— Por favor, fica comigo.

— Eu estou com você, meu amor, eu já disse, nada mais vai te acontecer, eu prometo.

— Não quero ficar longe de você, por favor, Maycon. — Escondo meu rosto em seu peito e tento não chorar.

— Ok... não vou. — Ele demora um pouco e fala um pouco mais alto. — James, poderia disponibilizar uns dos seus rapazes para dirigir para mim?

— Claro, sem problemas, Sr. Corppin.

Logo já estávamos dentro do carro, Maycon está sentado atrás, comigo em seu colo ainda. Eu me sentia tão segura. Ele acariciava meus cabelos e me embalava num ritmo gostoso. Meus olhos pesam e a escuridão me consome.

Maycon Corppin

Vendo-a assim, tão frágil em meus braços, meu coração deu um nó. Mas o alívio me domina por ter a minha mulher aqui, comigo, e eu estava pronto para o que der e vier. Estarei ao lado dela nessa nova fase. Não sei bem o que aconteceu e se o que Juan falou é verdade, fecho meus olhos com força pensando na possibilidade. Olho para ela, seus cabelos estão bagunçados, o rosto marcado de sangue e sujeira, seu corpo encolhido em mim aumenta mais o aperto no meu coração.

Não queria ter feito ela passar por isso. Suas pernas estão cheias de sangue e noto que tem uma ferida na perna direita. Olho o seu rosto, que está meio escondido e ela dorme tranquilamente, levo minha mão para sua barriga e a acaricio de leve. *Será que o meu filho ainda está aqui? Deus... que aquele desgraçado não tenha me tirado o que eu tenho de melhor.* Meus olhos queimam pela vontade insistente de chorar. Respiro fundo, tentando assumir o controle. Acaricio os seus cabelos e sussurro diversas vezes que agora tudo vai ficar bem. Eu farei de tudo para que ela seja a mulher mais feliz, realizada e mais amada desse mundo.



Um tempo depois, estávamos em frente ao hospital, saio do carro com

cuidado para não acordá-la. Logo, dois enfermeiros com uma maca aparecem. Poderia ser egoísmo meu, mas preferi levá-la até onde me era permitido ir, em meus braços mesmo. Antes de depositá-la na maca, beijo sua testa e então deixo que o pessoal a levem. O sentimento de vazio me atinge, fico sentado, inquieto, agora era questão de esperar. Havia várias pessoas ali naquela sala de espera. Me levanto da cadeira e vou a cafeteria do hospital, peço um café bem forte, me sento para beber e meu celular toca. *James...*

— O que houve? — pergunto já preocupado.

— Calma, apenas uma notícia *pra* te dar, muito boa, por sinal.

— Pensei que... — fico sem voz.

— Ele tinha escapado? Sr. Corppin, ele nunca conseguirá fazer isso.

— O que tem a dizer?

— Então... quando Juan deu entrada na delegacia para fazer todo encaminhamento para o presídio, toda a CIA foi bater lá.

— A CIA? O que a CIA quer com ele?

— Ele era procurado por eles a muito tempo, não sei o que ele fez, mas conseguiu se manter escondido. Mas agora está bem encrencado, foi levado na mesma hora.

— Sabe o que ele fez para eles o levarem?

— Não, senhor, a CIA mantém sigilo em relação a isso. Mas ele deve ter aprontado feio e só lamento por ele, pois eles pegam pesado.

— Nada que ele não mereça.... Tenho que desligar. — Me levanto e caminho para sala de espera.

— Ok, senhor. — Ele desliga.

Fico sentando, esperando por alguma informação de Diana. Toda hora entravam e saíam pessoas do local em que ela tinha entrado, mas nada de alguém para me dizer algo. Levanto decidido a pedir informações, já não aguentava mais. Um médico sai, vestido com um uniforme verde, e fala.

— Família da Srta. Williams.

— Eu aqui. — Vou até ele.

— O que o senhor é dela?

— Sou noivo.

— Ok, o que tenho para falar é bem delicado... ela perdeu o bebê. Foi apresentado violência sexual. Ela está com duas costelas quebradas, o tiro que levou na perna não causou dano algum. Já fizemos a remoção e costuramos, ela vai ter que ficar internada aqui para podermos fazer o acompanhamento de perto. Daqui a pouco, ela vai estar no quarto e o senhor poderá vê-la. — Ele me dá um tapinha de leve no ombro e sai. Fico parado tentando assimilar tudo o que ele me falou, e as lágrimas dos meus olhos caem sem que eu possa evitar.



Fito Diana deitada sobre a cama do hospital, ela ainda dormia. Caminho até ela com as mãos nos bolsos, não tinha superado tudo o que havia ouvido. Já estava aqui a mais de uma hora e não conseguia tirar os

olhos dela, tenho medo de que simplesmente suma. Ela se mexe na cama, e logo depois faz uma carinha de dor. Chego mais próximo, seus olhos agora estão abertos e em mim. Sorrio para ela.

— Oi, boneca, está se sentindo bem?

— Oi... estou com dor de cabeça e meu corpo está todo moído.

— Vou chamar o médico. — Me afasto da cama.

— Não, fica aqui. — Ela alcança meus os dedos.

— Eu não vou a lugar algum, vou apenas apertar aquele botão do outro lado da cama. — Aponto para um botão preto na parede, ela sorri envergonhada. Olho para ela anestesiado, ela era linda, ainda mais sorrindo.

— Está envergonhada? — Dou risada, caminho até o botão e aperto, depois me sento na cama próximo a ela.

— Não.

— Mas foi o que pareceu. — Sorrio.

— Eu perdi, não foi?

— Perdeu? O que?

— O bebê... eu perdi? — Ela olha para seus dedos. Respiro fundo e afirmo com a cabeça. Ela fecha os olhos por um tempo e então, vejo uma lágrima caindo. Acaricio os seus cabelos e seco sua lágrima.

— Amor... Eu sinto muito, muito mesmo... Teremos um monte de filhos, eu te farei a mulher mais realizada de todo o mundo, construiremos nossa família assim que você estiver pronta... Eu vou te esperar o tempo que for, Di, porque eu te amo, e quando eu te perguntei se você queria ser meu Sol, eu falei pra valer, meu mundo gira em torno de você, meu amor... Eu

dependo de você, Diana. Sou doido por você, e iremos ter muitos filhos dos quais daremos muito amor e carinho. — Ela se inclina e me abraça. Acaricio suas bochechas levemente rosadas, e a abraço com cuidado para não machucar.

— Obrigada, eu não sei do que seria de mim sem você. Eu te amo muito — ela fala num sussurro.

— Eu sei, meu amor, eu sei.... Agora, tenta descansar.

Arrumo o travesseiro e ela se deita.

Diana Williams

Depois que o médico sai do quarto, posso ficar menos tensa. Terei que ficar aqui por uns três dias. A notícia de que perdi o meu bebê me abalou, mas não tanto como imaginava. Creio que uma parte de mim já esperava por isso quando recebia aquelas agressões. Só de lembrar, minhas costelas doem.

— Tenho uma surpresa para você — ele diz e seus olhos brilhavam por um motivo inexistente, mas, que de qualquer modo, me contagiava.

— O que é?

— Você vai ver. — Ele olha para a porta e um homem entra com um lindo buquê de rosas brancas, põe na mesinha que antes estava vazio.

— São lindas, obrigada. — O perfume das flores invade meu nariz, me trazendo calma, como se eu estivesse em algum jardim, num dia ensolarado, apenas curtindo a natureza.

— Calma, ainda não acabou.

— Não? — Digo confusa.

— Podem entrar — ele fala se divertindo.

Entram diversos buquês de rosas, cada um de uma cor: vermelhas, amarelas, azuis, rosas-champanhe, rosa-claro, rosa-escuro, laranja, coral, lilás e roxa. A cada buquê que entrava, meu sorriso aumentava mais, tinham cores ali que eu nem sabia que existiam em flores. Eram tão lindas, tão perfeitas. Maycon fica me olhando sorrindo, ele move os lábios falando, sorrio ainda mais ao perceber o que era.... *Te amo, minha pequena.*

Quando os entregadores se retiram ele diz:

— Sabe... quando eu pedi essas flores e decidi a cor, não foi por qualquer coisa, ou porque são bonitas. Cada uma delas tem um significado que remete tudo o que sinto por você. — Ele segura minhas mãos e sorri.

— As vermelhas, o amor e respeito; amarelas, a nossa felicidade; brancas, a nossa paz, a pureza do nosso amor; azuis... amor verdadeiro e eterno, um amor forte; champanhe, simpatia e a fidelidade entre nós apesar de tudo. — Ele dá de ombros. — A Rosa-escuro, gratidão por tudo o que já fez por mim; rosa-claro, admiração pela mulher que você é; laranja, o quão deslumbrante e encantadora você é; coral... o desejo insano que tenho por você, desejo em todos os sentidos, desejo de estar perto, de ter seu carinho, como o desejo de amá-la também todas as noites. — Ele dá um sorriso de lado, meu coração estava a mil. — Lilás, amor à primeira vista. Desde o dia em que te olhei, sentada na sua mesa no escritório eu senti algo por você, algo inexplicável, do qual eu não sabia dizer o que era. Era como se nossas almas se encontrassem novamente. Hoje, eu vejo isso tudo melhor, não poderia ficar longe de você; e por último, mas não menos importante, a roxa... amor de mãe, você será uma ótima mãe para os nossos filhos, meu amor, e acho bom se preparar, pois teremos vários.

Não consigo conter minhas lágrimas e começo a chorar e sorrir ao

mesmo tempo.

— Obrigada, amor, por tudo, tudo mesmo. Eu nem sei o que falar. — Fico nervosa. Ele me abraça e ficamos assim por alguns minutos, até que o barulho de minha barriga roncando nos interrompe.

— É, nem precisa dizer. — Ele ri e eu acompanho. — Vou pedir sua comida, o que quer comer?

— Quero apenas uma sopa, já está tarde, não quero nada muito pesado. Pode ser daqui do hospital mesmo.

— Claro que não, ninguém merece essas sopas de hospital. — Ele faz cara de nojo e eu dou risada, minhas costelas doem um pouco. — O que foi?

— Nada, apenas minhas costelas que doem.

— Não sei porque o médico ainda não veio, deve estar em alguma emergência. Mas vou pedir para algum enfermeiro vir, e irei ligar para o restaurante. Amor, vou precisar sair para chamar o enfermeiro, mas prometo que não demorarei. Você nem sentirá minha falta.

— Tudo bem — digo olhando para as flores que estão no quarto.

Ele sorri e sai, não queria ficar sozinha para não pensar no que não devia, mas uma coisa eu tinha que admitir, apesar de tudo... neste exato momento, eu estava, digamos que, feliz. Maycon sabia exatamente o que fazer para me deixar tão bem e logo, logo, eu estarei pronta para viver novamente. E com ele ao meu lado, porque é isso o que eu mais quero nessa vida, viver em paz com quem amo.



Capítulo 28

1 mês depois...

Depois de sair do hospital fomos para casa. Toda a família de Maycon foi me visitar, me senti abraçada por eles. Pelo visto, Bernardo e Jullia estão se dando muito bem, estão até pensando em casamento. Maycon, no segundo dia que eu estava lá, me fez o pedido de casamento novamente, mas esse com data marcada, sem demora para nós tornamos marido e mulher... e eu simplesmente aceitei.

Foi a melhor escolha, não queria pensar nas coisas que já tinham se passado. Me dói muito quando lembro, mas estava fazendo acompanhamento

psicológico, que ele faz questão de me forçar a ir. Eu, sinceramente, não queria, mas está me ajudando em partes e eu me empenhei em tudo no casamento... eu, Kelly, Sofia e Jullia.

Hoje era o grande dia e eu não aguentava mais de ansiedade para que estivesse logo com ele no altar, sendo chamada de Sra. Corppin. Me levanto da cama e tomo um banho, passaria o dia com as meninas e Maycon passaria com Bernardo, Sr. Fellipe e Taylor, um amigo dele de Milão que veio para o nosso casamento.

Visto um vestidinho preto solto e faço um coque no cabelo. Iríamos fazer o ritual de beleza, como chama a Sra. Kelly no spa. Ouço algumas batidas na porta.

— Entra.

Um noivo ansioso passa pela porta. Ele estava com uma cara de quem não dormiu muito.

— Também não dormiu direito, né? — digo.

— Não, isso é uma palhaçada que elas inventaram para não dormirmos juntos. Quase fugi do outro quarto e vim para cá, mas o Bernardo ficou de guarda, ficou se divertindo com minha miséria. — Ele revira os olhos, dou risada.

— Calma, também não consegui dormir direito, ficou faltando algo aqui comigo.

— Senti saudades.

Ele caminha até mim, põe a mão em minha nuca e me puxa para si com delicadeza. Nossos lábios se tocam, um beijo calmo é dado. O ritmo vai aumentando e as coisas vão esquentando, ele desce a mão pela minha cintura e me aperta contra ele. Paro o beijo e me afasto dele rápido, fecho meus olhos e regulo minha respiração.

— Desculpa, não queria ir rápido — ele fala.

Eu não tinha medo dele, mas eu tinha receios dos quais eu não estava sabendo lidar. Não tínhamos tido relações nesse período de tempo e eu sei que ele está sendo compreensivo.

— Não me deve desculpas, é só que eu ainda não estou pronta.

— Eu sei, me perdoa, não quis apressar as coisas.

A porta é aberta Ju e Sofia entram.

— Epa, o que você está fazendo aqui? — Sofia pergunta.

— Ah, será que não posso ver minha mulher mais?

— Claro que não, agora, só na hora em que estiverem no casamento. Sai fora, Maycon — Ju diz.

— Que garota levada ela, hein?! — Ele aponta para Jullia que revira os olhos.

— Até mais tarde — digo.

— Até, amor. — Ele sai do quarto.

— Vamos, cunha? Nosso dia será longo.

— Vamos.

De braços dados, saímos do quarto, Ju de um lado e Sofia do outro. Estavam todos hospedados na casa de Maycon desde uns dois dias atrás. Estava amando isso. Chego na sala e Kelly já nos aguardava.

— Vamos? — Ela estava toda empolgada.

— Eu quero comer primeiro. — Dou de ombros.

— Que nada, no Spa vamos fazer tudo isso. — Ela ri. — Tchau, Felliipe, Tchau, meninos, nada de aprontarem. Estamos indo!

Sáímos e descemos pelo elevador. Claiton está a nossa disposição hoje. *Tadinho iria tomar um chá de cadeira.*

Vamos batendo papo até chegar no spa, entramos e tudo tinha um tom que me fazia relaxar. O ambiente, nas cores creme com rosa bem claro, deixa tudo mais relaxante, era um lugar lindo e harmonioso. O cheiro de incenso invade meu nariz, um cheiro bom que, com toda certeza, me acalma. Kelly vai na recepção, organiza nossas entradas e nossa programação daquele dia. Eu já estava amando.

Vamos para um salão onde é servido o café da manhã, pego algumas frutas, torrada e um pouco de café. Sento na mesa, começo a comer e as outras fazem o mesmo.

— Cunha, desculpa estar perguntando isso, sei que é delicado. Mas como você está depois do que aconteceu?

— Sofia! — Kelly a repreende.

— Não tem problema... Eu estou tentando levar da melhor forma possível. As vezes tenho pesadelos, não me vejo mais como a mesma mulher, apesar de Maycon estar sempre me jogando para cima, sem falar que... que eu ainda não conseguir ter nada depois de tudo. Ele está sendo bem paciente comigo, mas eu não sei até quando ele vai ser e esse é o meu medo, dele não poder me esperar. Todo homem tem suas necessidades.

— Sim, todo homem tem sua necessidade, mas o amor, meu bem, supera tudo e meu filho te ama demais, ele vai te esperar o tempo que for — Kelly fala.

— Como vão suas consultas com o psicólogo? — Ju pergunta.

— Pra falar a verdade, são bem chatas. — Todas nós demos risada. —

Ele só quer saber da minha vida, bater papo, mas, de qualquer forma, está me ajudando bastante, pois meus pesadelos pararam. Porém, eu não suporto a ideia de ser “tocada”, me entendem?

— Entendemos sim, mas deixa as coisas fluírem, deixa as coisas irem no seu tempo, fica tranquila — Sofia diz. Apenas concordo.

Depois que comemos, seguimos para nossa programação. Fomos todas fazer massagem, eu preferi fazer a das pedras quentes, o que era uma delícia. Enquanto a pedra estava em minhas costas, a moça fazia uma ótima massagem em meus pés. Meu corpo estava devidamente relaxado, a música calma ao fundo me trazia uma paz enorme.

— Srta. Diana? — uma moça fala. — Onde posso deixar isso aqui?

Levanto a cabeça para olhar e vejo que ela está com uma caixa em mãos.

— Deixa em cima dessa mesa para mim, por favor, logo abrirei. Quem mandou?

— Seu noivo. — Ela sorri e eu ainda mais.

— Certo, obrigada.

Depois que a massagem termina, vou até a caixa e a abro, tinha um champanhe dentro, uma caixa de chocolate e uma de morango. Sorrio vendo aquilo, vejo um bilhete e pego-o:

"Sra. Corppin, peço minhas sinceras desculpas por mais cedo, e como forma de redenção, te envio um dos muitos presentes que irá receber ao longo do dia. Espero que tenha sido perdoado e que você tenha um ótimo dia. Te encontro no altar. Te amo."

Seu Sr. Corppin



Meu dia foi inesquecível, recebi diversos presentes de Maycon, o último foi um colar com um pingente em degradê azul com verde, a pedra era linda. No cartão, ele diz que era a cor dos seus olhos com a dos meus. É tão lindo e algo que significava ainda mais, usaria hoje, no nosso casamento. Fiz cabelo, unha, maquiagem, depilação, o que me deixou com um certo incômodo, mas fui praticamente arrastada até lá. Depois de tudo feito, fomos embora e aqui estou eu, em frente ao espelho enquanto a ajudante me ajuda com o vestido. Eu estou completamente nervosa, minhas mãos estão geladas e o frio na barriga é inevitável. Depois de vestida, Hanna me ajuda a pôr a coroa na cabeça, me olho no espelho e eu nem me reconheço, eu não queria aqueles vestidos padrões, que são brancos. E assim fiz... Usava um em tom bege bem clarinho, o corpete do vestido é curto e o vestido tem várias camadas de tule rendado, deixando-o alto e cheio. A calda do vestido era grande.

Já estava pronta, só faltavam os sapatos, ela me ajuda a pôr, pois o vestido era enorme.

— Está pronta para ir se casar? — Hanna pergunta.

— Sim, estou. — Respiro fundo e sorrio.

— Então vamos, o Sr. Fellipe está te aguardando lá em baixo.

Como não tenho pai, ele entraria na igreja comigo. Estava numa casa a

alguns quarteirões da igreja. Maycon achou que assim eu não me atrasaria muito. Engano dele, já estou atrasada quase 40 minutos, ele deve estar louco. Hanna me ajuda a descer as escadas, na sala, já estão me esperando o Sr. Fellipe e Jullia.

— AI MEU DEUS, VOCÊ ESTÁ LINDA! — Jullia grita e vem até mim.

— Obrigada — digo envergonhada enquanto ela me abraça.

— Ai! Devo ter te amassado toda! — Ela passa as mãos em meu vestido tentando arrumar. Começo a rir dela, e o Sr. Fellipe vem até mim.

— Minha filha, você está magnífica. — Ele sorri e dá um beijo na minha testa.

— Obrigada, Senhor, saiba que tenho uma grande admiração por você e te considero como um pai.

— Ah, menina, e eu te considero como uma filha, e estou muito feliz pela união de Maycon e você. — Ele sorri. — Agora vamos, antes que ele morra do coração.

Pego em sua mão e vamos para o carro. Era uma limusine, até porque eu não caberia dentro de outro carro com um vestido desse tamanho. Junto vem Jullia e Hanna.

— Está nervosa? — Ju pergunta.

— Sim, muito. Em breve, será você. — Sorrio de lado.

— Fica calma, vai dar tudo certo. Creio que, na minha vez, vamos ter que pedir uma ambulância para mim, porque eu cairia dura no chão.

Todos no carro começam a rir dela.

— Só você mesmo, Ju.



O carro para em frente à igreja, as meninas saem e o Sr. Fellipe junto. Elas me ajudam a sair, Hanna arruma meu vestido e passa uma mensagem para a cerimonialista avisando da minha chegada. Alguns segundos depois, ela avisa para que eu fique postada em frente à porta da igreja, que se encontra fechada. Hanna me entrega o buquê de flores. Pedi que preparasse com cada rosa de cor diferente, das mesmas cores das que Maycon me deu, sorrio olhando para elas e lembrando do significado de cada uma.

Ouçõ a marcha nupcial, o Sr. Fellipe fica ao meu lado e sorri para mim. A porta é aberta, meus olhos percorrem a igreja cheia e os grandes sorrisos dados, retribuo a todos. Olho para frente da igreja e lá está Maycon, posso ver que seus olhos estão marejados; Ele sorri para mim com ternura. A marcha nupcial acaba e a música “A Thousand Years” é tocada suavemente no violino, o que era uma grande surpresa para mim.

Sorrio de volta para ele e as lágrimas escorrem em meu rosto. Ele estava tão lindo em um terno todo cinza com a gravata preta, e me olhava de um jeito extraordinário. Quando chegamos ao altar ele aperta a mão de seu pai e dá um longo abraço nele. Eles se afastam e Maycon se aproxima de mim, pega a minha mão, me ajudando a subir os três degraus. Ele olha para o buquê em minha mão e sorri.

— Você está perfeita — ele sussurra e beija minha testa.

— Você também está.

O pastor começa a cerimonia, eu não queria algo muito longo e cansativo, queria algo mais dinâmico e fácil... Um tempo depois, ele fala suas palavras finais:

— Não é fácil a vida a dois, mas quando se existe amor, tudo é possível. Viver com outra pessoa é lidar com seus defeitos e com suas qualidades. É errar e aprender ao longo do tempo, e ter sabedoria para fazer as escolhas certas. É ter com quem contar, pois hoje, Diana e Maycon, vocês se tornam um só. É não ter segredos, não ter mentiras e ter fidelidade um pelo outro. É amar incondicionalmente, é ter cuidado e zelo. É aprender a conquistar a mesma pessoa todos os dias e com isso, eu encerro minhas palavras. Creio que vocês prepararam seus votos.

— Sim — falamos juntos.

Ficamos de frente um para o outro, Maycon pega em minhas mãos e acaricia. Meus olhos se enchem ainda mais de lágrimas, estava me segurando para não chorar mais.

— É... — ele começa. — Eu não escrevi nada, quis deixar apenas meu coração falar agora, pois assim, eu sei que não foi nada muito pensado e sim dito realmente com o coração. Sabe, desde a primeira vez que te vi eu, já te quis, independentemente de qualquer coisa. Eu passaria por cima de tudo para estar ao seu lado, e hoje, vejo o quanto valeu a pena... olha onde estamos. — Ele olha para os lados e dá um sorriso largo. — Estamos aqui, na igreja, nos casando e estaremos juntos até a eternidade. Você me conquistou apenas com um sorriso. O seu jeito só me mostrou que a mulher que eu quero para minha vida é você, e mais nenhuma outra. Você me encanta com seu olhar, todas as vezes que eu te olho ainda parece a primeira vez, porque meu coração palpita, minhas mãos suam, minhas pernas simplesmente não me obedecem quando te vejo. Você é tudo para mim, Di. Então... Eu, Maycon Donavan Corppin, recebo a ti, Diana, como minha legítima esposa. Prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias das nossas vidas. — Ele beija minha mão e acaricia meu rosto. É possível ouvir as pessoas fazendo o coral de “Ooh” na igreja. Choro e sorrio ao mesmo tempo. Respiro fundo para me

controlar e começo a falar:

— Eu nunca imaginei que hoje eu estaria me casando contigo. Sério, não imaginava, você foi alguém que apareceu de repente na minha vida, mas que a mudou completamente, deixou tudo de cabeça para baixo e bagunçado. Mas, pra falar a verdade, eu amo essa bagunça, eu amo você, amo tudo, absolutamente tudo em você. Até os seus defeitos, o seu jeito mandão, quando não liga para o que digo. Mas, se não fosse assim, não seria você, não seria a pessoa que eu sou completamente apaixonada e estou pronta para ter uma família juntos. Muitas coisas aconteceram, mas isso só me mostrou o quanto te quero a cada dia, meu amor... Eu Diana Williams Carter, recebo a ti, Maycon, como meu legítimo marido. Prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias das nossas vidas.

— Alguém tem algo contra este casamento? — O pastor pergunta. Olhamos para os convidados por um tempo e o silêncio permaneceu.

— Pelo poder investido a mim, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Maycon se aproxima de mim sorrindo, põe uma mão em minha cintura e a outra em minha nuca, e me beija com calma. Brincacom meus lábios dando uma pequena mordida e termina o beijo com um selinho. As pessoas começam a aplaudir e gritar.

— Agora, você é somente minha, Sra. Corppin.



Antes de irmos para a festa, troco de vestido, um estilo noiva também, porém sereia, mais justo no corpo e solto do joelho para baixo. Hanna me ajuda a retocar a maquiagem e arrumar meu cabelo, que estava cheio de arroz, puxando para trás em um coque e põe outro adereço na minha cabeça. Saio da sala em que estava me trocando e vou para fora da igreja. Maycon conversa alegremente com Claiton que nos aguardava para levar à festa. Quando ele me vê, seu sorriso se abre ainda mais. Chego próximo a ele com a ajuda de Hanna.

— Uau, me casei com a mulher mais linda do mundo. — Ele me analisa e pisca para mim.

— Não é para tanto. — Sorrio.

— Claro que é, agora vamos, que todos já nos aguardam.

Ele me ajuda a entrar na limusine. Vamos conversando até o destino. Uns 30 minutos depois, chegamos em frente a uma casa. A fachada é de cor branca com detalhes em preto, com várias palmeiras na frente, olho estranho. Não tinha festa alguma acontecendo.

— Não íamos para a festa? — Pergunto, afinal, Kelly e Sofia organizaram uma.

— Sim, e já chegamos, é lá dentro.

Claiton abre a porta, Maycon sai e me ajuda. Hanna vem logo atrás de nós. Olho a casa a minha frente. Casa, não, mansão. E admito: é muito linda. Ao invés de passarmos pela porta principal, vamos a uma porta na lateral da casa e me deparo com um enorme jardim com uma piscina incrível. Do lado direito, em um espaço afastado da casa, vejo pessoas sentadas em mesas, conversando e sorrindo. Olho de longe a arrumação e estava tudo tão lindo, em tons de dourado e branco. Um longo caminho de madeira passando por cima de uma parte da piscina... era incrível.

— Uau, elas arrasaram na escolha do local e no planejamento da festa.

O lugar é lindo e a decoração é de tirar o folego — digo olhando tudo ao redor. Observo as mesas cheias de flores, também brancas, os sofás de canto são em tons dourados, a mesa do bolo está bem decorada, uma cortina de luz enfeita a parede atrás da mesa.

— Que bom que gostou, pois essa é nossa casa. — Olho para ele espantada.

— Nossa casa!?

— Sim, comprei ela essa semana, mais um presente. — Ele sorri de lado.

— Presente, Maycon? Isso aqui tudo é um exagero de grande, mas eu amei. — Pulo em seu pescoço e o abraço com força. — Obrigada.

— Não me agradeça, isso ainda é tão pouco com tudo que posso lhe proporcionar.

— Então tá, Sr. Riquíssimo.

— Não se esqueça que agora somos casados... — Ele dá risada.

— Nem dinheiro eu tenho. — Dou de ombros.

— Mas claro que tem, tudo que é meu, é seu.

— Não quero seu dinheiro, apenas seu amor e carinho me basta.

— Mas aqui é o pacote completo, minha querida. — Acho graça da forma como ele fala, dou um tapa de leve em seu ombro e caminhamos para perto das pessoas. Quando estamos chegando perto, ele me pega no colo, me assustando. Todos começam a assobiar e bater palmas. Começo a rir com a situação. Vejo Kelly e o Sr. Fellipe sorrindo como nunca, batendo palmas. No meio do salão ele me dá um selinho demorado e me põe no chão com cuidado. Algumas pessoas vêm falar comigo para nos parabenizar pelo

casamento, outros vão até a mesa. Recebo diversos presentes, o que achei meio desnecessário.

— Olá, Sra. Corppin, posso te ajudar com os presentes? Me chamo Hellen, sou uma das empregadas da casa. — Sorrio pelo jeito que ela me chamou.

— Oi, Hellen. Por favor, só me chame de Diana. Seria ótimo uma ajudinha. — Dou risada.

— Certo, Sra. Diana. — Ela pega as coisas que estão em minha mão e entrega para um rapaz logo atrás, e pega as outras sacolas restantes.

— Obrigada. — Pisco para ela, que cora no mesmo instante. Pego uma taça de champanhe e dou alguns pequenos goles e vejo Maycon conversando com alguns rapazes. Decido falar com Kelly e Sofia para agradecer a elas pela festa, está tudo maravilhoso.

— Olá, noiva mais linda. Menina, chorei tanto que precisei fazer um reboco na cara para tirar o inchaço — Ju fala.

— Para de drama que não é para tanto. — Reviro os olhos e logo em seguida dou risada.

— Você sabe que sou sensível, e vocês estavam tão lindos lá na frente, os votos de vocês mexeram com toda a igreja. Até Bernardo chorou, acredita? Mas não fala nada a ele — ela sussurra a última.

— Você não tem jeito. — Caio na gargalhada.

— Tenho que concordar, foi emocionante, lembrei de quando eu me casei com Fellipe. — Kelly fala e percebo que seus olhos brilham ao falar dele.

— Quero agradecer a vocês por terem feito uma festa tão maravilhosa. — Dou um gole em meu champanhe. — Não teria conseguido sem vocês.

— Não tem que agradecer, você merece, cunha — Sofia diz.

— Mesmo assim... obrigada — digo por fim. Bernardo se aproxima de nós.

— Deveria ser proibido tanta beleza em um só lugar. — Ele olha para nós.

— Desculpa se estamos te incomodando. — Sofia fala.

— Tadinha, né?! Nem se acha, estou falando de mim. Claro que minha cunhada é linda, e esse vestido está magnífico em você. Se quiser largar meu irmão e vir comigo, estarei bem ali no canto... — Jullia dá uma cotovelada em sua barriga, ele faz cara de dor e logo depois começa a rir, e eu junto.

— Vai, doido — digo.

— Sra. Corppin, me concede uma dança? — Maycon surge atrás de mim, sua mão está estendida, esperando a minha.

— Mas é claro, Sr. Corppin, se me derem licença... — Ponho minha mão na sua e seguimos para o meio do salão, logo, uma música suave atinge os meus ouvidos.

Ele junta os nossos corpos, suas mãos vão em minha cintura e as minhas em seu pescoço. Ponho minha cabeça no seu peito e ele me conduz suavemente para um lado e para o outro. Canta algumas partes em meu ouvido e sorri. Vejo outras pessoas virem dançar no meio do salão.

— Eu não poderia ter escolhido outra pessoa para me casar, a não ser você. Eu te amo tanto, pequena, e hoje, com toda certeza, é o melhor dia da minha vida.

— É o melhor dia das nossas vidas. — Ele me aperta mais contra ele, me dá um beijo na testa e descanso minha cabeça novamente em seu peito. Era ótimo sentir o seu cheiro, estar em seus braços. Me sentia segura. Ele

começa a cantar baixinho, sua voz é suave e a cada frase dita daquela música parecia que foi escrita para nós.

— *Só Deus sabe onde você esteve, mas eu realmente não preciso saber, eu sei onde você está indo. No meu coração, onde você está descansando sua cabeça, e você está tão bonita, como se você fosse um anjo.*

— Ele sorri. — *Posso parar o fluxo do tempo? Posso nadar em sua divindade? Porque eu não acho que deveria deixar este lugar. Embaixo dos céus pesados de chuva você está dançando com seus pés descalços, como se estivéssemos em um filme, pegue minha mão e perseguiremos a chuva. Eu pego você olhando de novo para mim... E eu gostaria de dar-lhe tudo, baby. Você pode sentir essa energia levá-la? Você pode ter o melhor de mim, baby. E eu lhe daria qualquer coisa, você pode sentir essa energia. Pegue-a* — ele termina de cantar. — Vamos. — Ele se separa de mim.

— Vamos? Para onde? Ainda preciso jogar meu buquê.

— Não precisa, todas as mulheres irão receber um. — Ele sorri. — E eu tenho mais uma surpresa... Hellen? — Ele chama a moça que estava no canto do salão. Ela logo vem. — Pega as nossas malas, por favor, e leva para o heliporto. A Sra. Corppin e eu já estamos indo.

— Sim, senhor. — Ela some entre as pessoas.

— Onde vamos?

— Já disse, surpresa. — Ele sorri.

Vejo uma movimentação no salão, as pessoas caminhavam para a entrada. Kelly vem até mim e me dá um abraço apertado, ficamos conversando um pouco e, por fim, nos despedimos.

Maycon sorri e pega em minha mão para sairmos, olho para fora e todos estão lá, uma parte do lado esquerdo e outra do lado direito, fazendo um estilo de túnel com Sparkles na mão acesos.

A coisa mais linda de se ver, olho para Maycon encantada. Andamos de mãos dadas entre as pessoas que sorriam e gritavam o que elas desejavam a nós. Alguns diziam amor, outros paz, felicidades, muitos filhos, prosperidade, entre várias outras coisas. Meu sorriso vai de orelha a orelha, eu não podia medir a felicidade que estava sentindo. Dou mais alguns passos e vejo uma chuva de pétalas vermelhas caindo do céu.

— Meu Deus... você é louco! — Ponho a mão na boca, sorrindo.

— Sim, sou extremamente louco... por você. — Ele para ao meu lado e me dá um abraço apertado, as pétalas caem a nossa volta.

— Agora, a melhor parte, olhe para o céu. — E olho para o céu, ouço vários estouros e fogos de artifícios enfeitam lá em cima, fazendo uma festa de luzes, novamente me surpreendendo. *Este homem é incrível!* — Darei o meu melhor a você.

— Você já está dando. — Sorrio e ficamos abraçados vendo os fogos.

— Não estou não, eu quero poder amar cada pedacinho de você, quero tirar sua dor, quero te fazer feliz, te fazer minha. Leve o tempo que for, eu sei que quando esse tempo chegar, vai ser a melhor coisa da minha vida. O amor que sinto por você não cabe apenas em meu peito e, sinceramente, não sei como suportá-lo. É grande demais o que sinto e eu juro que te amarei todos os dias do jeito que você merece. Agora, vamos, temos uma viagem a fazer. — Ele beija minha testa e praticamente corremos até uma escada na lateral da nossa casa, que nem tive tempo de conhecer. Subimos as escadas e logo chegamos na parte de cima, onde é o heliporto. Maycon me ajuda a subir no helicóptero e prende meu cinto. Ele assume seu lugar e fala com a torre, pedindo autorização para subir. Então mexe no painel, acionando alguns botões. A torre responde autorizando, sinto o helicóptero subindo aos poucos.

— Você sabe mesmo pilotar isso, né? — Pergunto pelos fones.

— Mas é claro que sei.

— Quanto tempo será de viagem?

— Umas 3 horas, descansa um pouco.

— Não vai me falar onde estamos indo?

— Não, ainda é segredo.

— Assim não vale. — Reviro os olhos e sorrio. Viro o rosto para o lado e decido dormir um pouco.

Maycon Corppin

Hoje o dia foi perfeito e cheio de surpresas que fiz a Diana, eu podia ver o brilho em seus olhos a cada segundo. Estava pousando o helicóptero em nosso destino, tenho certeza de que ela amaria passar nossa lua de mel ali. Até pensei em não termos uma lua de mel, não quero parecer estar pressionando ela, mas isso seria bom pra gente, viajar, mostrar a ela o lugar maravilhoso que é aqui. Precisávamos curtir, aproveitar o máximo de tudo. Terminei de pousar no Heliporto, olho para o lado e Diana ainda dormia tranquilamente. Ela estava bem cansada pois, não acordou neste período de tempo. Acaricio seus cabelos com cuidado.

— Meu amor... chegamos. — Ela se mexe um pouco, mas continua dormindo. — Acorda, pequena.

Ela abre os olhos devagar e os coça com a mão, me fazendo rir.

— Oi — ela diz toda manhosa.

— Oi, chegamos. — Ela se ajeita no banco e olha para os lados.

— Onde estamos?

— Agora? No heliporto.

— Isso eu percebi. — Ela dá risada.

— Ok, então, espertinha. Bem-vinda à Cancún.

— Estamos em Cancún!? — Ela pergunta com uma certa empolgação, e afirmo com a cabeça. — Agora vou poder pegar um bronzado! — Ela ri. — Sempre tive vontade de conhecer aqui, mesmo sendo relativamente "perto" de Chicago.

— Passaremos duas semanas aqui, acho que dá para conhecermos muita coisa. — Tirando meu cinto de segurança e os fones, desço do helicóptero e vou ao lado dela. Abro a porta, e faço o mesmo com ela. Ajudo-a a descer e pego nossas malas. Um rapaz chega com o carro que pedi, um Porsche Cayman S 718 vermelho. Pedi para Claiton trazer enquanto as meninas estavam no *spa*.

— Quando saímos pela primeira vez, você estava com esse carro — Diana diz com um sorriso magnífico no rosto.

— Sim, estava. Gosto bastante dele.

— Mas quase não te vejo usando, você tem quantos carros?

— Verdade, gosto de mantê-lo na garagem. Não sei quantos tenho, nunca parei para contar, mas são vários. Quando vou a algum lançamento de carros, sempre compro dois ou três, sou um colecionador.

— Pessoas normais colecionam selos, moedas, tampas de garrafa ou coisa do tipo. Você? Coleciona carros que devem ser absurdos de caros, vai entender. — Ela dá de ombros e eu começo a dar risada.

— Tenho dinheiro, posso comprar todos, não tem problema algum.

Falo por alguns instantes com o rapaz, ele põe as nossas malas no fundo, abro a porta para Diana, que se acomoda no banco, entro no carro e vamos em direção ao hotel. Escolhi um de frente para a praia, sabia que Diana iria gostar. Ela liga o rádio e começa a tocar uma música boa. Ouço sua voz doce e suave cantarolar a música baixinho, eu não podia acreditar de que eu tinha essa mulher apenas para mim, que enfim estávamos casados e que ela era a tão sonhada Sra. Corppin. Fico ouvindo ela e aproveito o máximo, pois eram raras as vezes em que a ouvia cantar.

— Quem é o cantor? — Me refiro ao que cantava a melodia na rádio.

— SoMo — ela diz.

— Nunca ouvi falar.

— Deveria ouvir as músicas dele, são ótimas.

— Vou sim. Gostei da voz dele, porém, não mais que a sua, deveria cantar mais vezes.

— Só se eu quisesse deixar alguém surdo. — Ela ri e eu acompanho. O restante do caminho ficamos em silêncio curtindo o momento. Chegamos em frente ao grande hotel, a brisa da praia vem de encontro a nós dois. A praia era logo do outro lado, Diana olha tudo atenta, saio do carro junto com ela e o manobrista o leva, enquanto um ajudante pega nossas malas. Vamos para a recepção dar a entrada no hotel.

Depois de tudo pronto, vamos para a cobertura, passo o cartão magnético na porta e ela se abre, revelando um grande apartamento, nada muito diferente do que eu já não tenha visto, porém, é bem bonito. O piso é de porcelanato, tem três pequenos degraus na entrada da porta, que desce para a ampla sala, que tem um grande sofá branco com algumas almofadas vermelhas, um tapete também vermelho e um centro ao meio. Havia uma TV embutida na parede e alguns quadros espalhados.

Logo à frente, há uma grande parede de vidro, do chão ao teto, que

dava *pra* ver a praia e sua imensidão. Do lado esquerdo há uma escada pequena que leva a cozinha, junto com a sala de jantar; do lado direito tinha uma grande escada, com corrimão branco, que dá acesso ao 2º andar. Ainda em baixo, próximo a escada, tem uma grande varanda, com um jardim, e no meio dele tem uma grande cama com cortinas brancas ao redor dela. Seria ótimo para dias de céu estrelado.

— Uau, aqui é incrível! — diz Diana, ainda observando tudo.

Capítulo 29

Já estamos no 3º dia da nossa viagem, tomamos muito banho de mar, estou até mais corado. Visitamos diversos lugares e nos divertimos bastante. Fico observando Diana deitada na cama ainda dormindo, seus cabelos loiros espalhados davam cor ao lençol branco. Levanto com cuidado para não acordá-la, tomo um banho e faço minhas higiênes, ponho uma bermuda e uma camiseta branca. Desço as escadas e interfono pedindo nosso café da manhã, sento no sofá, ligo a TV e ponho numa partida de futebol americano. Nunca fui de gostar muito de futebol, mas agora parecia uma boa assistir. Ouço a campainha tocar, me levanto e atendo.

— Bom dia, senhor — uma senhora com o carrinho de comida fala.

— Bom dia. Pode entrar, põe lá em cima na parte de fora, por favor.

— Sim, senhor.

Subo para acordar Diana, chego ao quarto e ela não está, ouço o barulho do chuveiro sendo desligado e me sento na cama. Ela sai do banheiro com uma toalha enrolada ao corpo e outra nos cabelos. Ela não me vê, então apenas fico a assistindo. Ela canta alguma música enquanto balança os quadris de um jeito engraçado. Desenrolou a toalha do corpo, eu poderia ficar ali olhando o que iria acontecer, mas preferi falar algo, não sei se ela ficaria confortável com a situação.

Limpo a garganta, fazendo barulho para que ela pudesse me ouvir, ela vira assustada arrumando a toalha ao corpo.

— Credo, Maycon, me deu um susto! A quanto tempo está aí? — Ela

fica sem jeito.

— Tempo o suficiente para te ver saindo dançando do banheiro. — Começo a dar risada, ela revira os olhos.

— Você viu isso, foi?

— Sim, e estava uma graça.

— Palhaço, porque não me acordou?

— Quis deixar você dormir mais um pouco. Põe uma roupa para gente comer, depois vamos tomar um banho na piscina do hotel, o que acha?

— Temos a piscina aqui, porque não tomamos banho nela? — Ela indaga.

— Porque precisamos sair um pouco, não acha? Depois, vamos na praia e em algum outro lugar que você queira.

— Certo, vou me trocar.

Vou para o lado de fora, onde foi posto o nosso café da manhã, era bem bonito e amplo, com uma piscina e espreguiçadeiras. Enquanto espero Diana, resolvo ler o jornal que está sobre a mesa, olho as notícias sobre as ações, e mais algumas coisas que acontecem em Cancún. O perfume de Diana invade todo o lugar, olho para a frente e a vejo chegando perto da mesa. Ela sorri para mim e senta na minha frente.

— Hum, parece que está ótimo. — Ela olha para uma torta na mesa.

— Está com fome?

— Estou sim, faminta. Poderia comer você de tanta fome.

— Que isso? Eu deixo minha comida para você também. — Dou

risada.

— Acho bom. — Ela ri.

Ela pega um pedaço da torta, servindo também um pouco de suco de abacaxi com hortelã. Me sirvo com uma salada de frutas e ficamos batendo papo sobre os planos do dia.

Diana Williams

Depois que nós terminamos de comer, fomos para a piscina do hotel, aqui as coisas eram muito bonitas e a área externa do lugar é de tirar o fôlego.

Estou deitada na espreguiçadeira de biquíni, tomando um sol e lendo uma revista. Maycon está na piscina, parado na borda olhando para a paisagem à frente. Ele olha para mim, me pegando no flagra o admirando. Ele sai da piscina, apenas de sunga. Sua barriga cheia de gominhos, toda torneada, era de dar água na boca. As mulheres em volta ficam o admirando, ele passa a mão no cabelo, arrumando, chega perto de mim e me dá um selinho, me molhando com as gotas d'água que caíam de seu corpo.

— Estava me admirando?

— Quem? Eu? Tenho coisas melhores para olhar.

— Com toda certeza, não.

— Claro que tenho.

— Ok, então irei ali ver se alguma daquelas moças não estão a fim de admirar este lindo corpo. — Ele se vira para sair.

— Maycon Donavan Corppin! Nem se atreva a isso!

— Eu, hein, o que foi que eu fiz? Apenas vou me deitar aqui, bem do seu ladinho. — Ele dá um sorriso sacana.

— Cínico. — Reviro os olhos.

— Seu cínico. Que tal irmos na praia? Quero dar um mergulho.

— Vamos.

Me levanto e ponho meu vestido, Maycon põe sua bermuda e coloca a blusa no ombro, pega minha bolsa e me dá a mão. Saímos do hotel e vamos para a praia do outro lado da rua. Sinto a areia fofa com meus pés e o cheiro do mar invadir minhas narinas, aqui me traz uma grande paz. Vamos até a beirada da praia e fico molhando meus pés.

— Vou dar um mergulho, dizem que aqui tem uns peixes bem legais, nas piscinas de água natural. Quer vir? — Maycon pergunta.

— Quero sim. — Sorrio.

Vamos andando até uma cabana de mergulho, eles nos entregam as máscaras, Maycon, pelo visto, gostou bastante da ideia.

Maycon Corppin

Eu poderia dizer que hoje foi um dos melhores dias que tivemos aqui em Cancún. Fizemos o mergulho, e posso dizer que foi ótimo. Depois fomos para alguns passeios turísticos, conhecendo as ilhas, até fizemos amizade com um casal que fazia o passeio. Quando terminou, fomos para o hotel nos arrumar para jantar na beira da praia. A equipe do hotel fez uma programação para os casais, estava tendo um tipo de luau. Foi bem interessante, bebidas tropicais, muita música e pessoas felizes. Agora, são por volta de 01:23 e estávamos entrando no apartamento, Diana estava com muito sono. Entro com ela no colo me dizendo que não era necessário. *Mas é claro que eu levaria minha mulher nos braços.* Subo as escadas e vou para o quarto, a deito com cuidado na cama. Tiro seus sapatos e a cubro com um lençol. Vou para o meu lado da cama e me deito, ela se aninha ao meu peito. Dou um beijo em sua testa e acaricio os seus cabelos, até que ela dorme. Não estava com sono, fico um pouco na cama, mas o sono não vem. Saio com cuidado da cama, vejo a cadeira que tem no quarto e sento, pego o notebook e abro na mesa. Sei que não deveria, mas vou aproveitar para trabalhar um pouco e ver como está a empresa.

Abro os e-mails e checo tudo; faço algumas planilhas; reviso os contratos e envio para o e-mail da contabilidade; mando um e-mail para Cheila perguntando se estava tudo bem por lá; assino alguns contratos virtualmente, só os que eram para serem resolvidos logo. Fiz tudo em uma hora, até que foi rápido, geralmente levo mais tempo para resolver tudo. Vejo Diana se mexer e gritar “não” várias vezes, estava tendo mais um de seus pesadelos. Corro até ela, e a abraço, afagando seus cabelos.

— Ei, acorda. — Digo num tom suave.

Ela ainda se debate na cama, a balanço para que acorde.

— Diana?

Ela se senta assustada na cama, seu rosto está suado e seus olhos dizem o quanto ela está com medo e assustada. Ela olha para mim e começa a

chorar.

— Ei, já passou, eu estou aqui, tudo vai ficar bem. — A abraço.

— Porque? Porque isso insiste em me rondar? — ela fala entre soluços. Sempre tinha os mesmos pesadelos, daquele infeliz dia do sequestro.

— Calma, respira. Eu estou aqui com você.

— Por favor, tira essa dor de mim, eu não quero mais senti-la, me ame essa noite. Tira de mim as lembranças que me cercam.

— Não acho uma boa ideia... — digo cabisbaixo.

— Por favor, eu quero. Só você pode me tirar essa dor que está marcada em meu peito, me faça sua... como das outras vezes.

A olho por um tempo, vejo o tamanho da tristeza que ela sente. Não penso mais em nada, apenas a beijo. Um beijo com calma e cuidadoso. Ela passa suas mãos pelos meus braços enquanto envolvo sua cintura e mordisco seus lábios devagar. Passo minha mão em seu quadril e subo devagar, levantando sua blusa. Me afasto para olhá-la, ela levanta os braços dando passagem para a blusa sair. Me aproximo dela e dou leves beijos em seu pescoço, sentindo o seu cheiro. Desço mais, beijando entre seus seios, olhando em seus olhos, beijo sua barriga e vou descendo mais um pouco, deixando um rastro de beijos. Desço sua calça devagar, vejo sua calcinha e beijo logo acima no seu quadril.

Sento na beira da cama e tiro por completo a sua calça. Ela põe as pernas uma de cada lado das minhas, senta em cima do meu membro, sorri de lado e me beija novamente. Mexe em meus cabelos e depois arranha minhas costas, me trazendo um grande arrepio. Ponho minhas mãos na sua bunda e subo devagar, sentindo o calor de sua pele em minhas mãos. Viro deixando-a debaixo de mim.

Analiso todo o seu corpo perfeito, suas curvas me chamavam atenção,

seus seios fartos pediam para ser sugados. Gentilmente puxo seu sutiã, deixando seu seio esquerdo à mostra. Olho para ela e me aproximo, começo a sugar devagar, passo minha língua no bico e depois ponho em minha boca novamente, chupando-o. Mordisco, fazendo-a estremecer enquanto ela olha atentamente tudo o que faço.

Subo beijando o seu pescoço e paro em sua boca, dou um beijo calmo, depois encho-a de mordidas. Paro o beijo, tiro minha blusa e logo em seguida minha calça, deixando cair em algum lugar do quarto. Ela olha para meu corpo envergonhada e sorrio para ela, que ficava tão linda de bochechas coradas.

Engancho meus dedos na sua calcinha e começo a tirá-la, sua feminilidade rosada aparece, me deixando ainda mais duro. Ela fecha as pernas tentando se esconder, seus olhos estão tão fechados que poderiam ser espremidos pelas pálpebras.

— Ei? Abra os olhos. — Seguro sua mão. — Sou eu que estou aqui, seu Maycon, seu marido... sinta. — Pego a mão dela e passo entre meu peito. Ela abre os olhos. — Eu estou aqui, minha pequena, e nada, nem ninguém, te fará algum mal. — Ela assente.

— Quero te sentir, acaba com minha angústia... — Os olhos dela estavam lacrimejando.

Abro suas pernas devagar e fico no meio delas. Deito sobre seu corpo, apoiando meu peso sobre meus braços, me aproximo de seus lábios e digo:

— Você é a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Ela sorri de lado, então a beijo, de um jeito calmo e lento, saboreando o gosto. Ponho meu peso em um braço e acaricio os seus cabelos enquanto ela passa a mão em meu rosto, acariciando. Desço minha mão pela lateral no seu corpo, passando pela bunda e perna. Ela põe sua perna em cima de mim e vira, deixando-me embaixo dela, ela puxa a única peça que me restava no corpo e, sem avisos prévios, ela senta em meu membro. Minha boca forma

um grande ‘O’. Minha respiração fica pesada, ela é tão apertada que chega a me sufocar, estava úmida e excitada.

Ela me beija e cavalga em mim lentamente. A ajuda nos movimentos, parecia que eu estava uma eternidade sem senti-la. Ela é muito gostosa, mas aguentaria o tempo necessário por ela. É tanta vontade envolvida que poderia ficar a noite inteira fazendo amor com ela. Diana geme baixinho enquanto eu a sinto subir e descer em mim, ela rebola o quadril, deixando-me ainda mais louco. Seguro sua bunda e estoco com um pouco de força. Ela joga a cabeça para trás e aperta os seios, gemendo. Era assim que eu gostava, minha Diana está de volta. Acaricio suas pernas, e subo apertando sua bunda.

Massageio seu clitóris suavemente, a deixando ainda mais doida. Agarro seu corpo e a viro na cama ainda dentro dela, e começo a estocar na mesma intensidade de antes. Beijo seu pescoço enquanto ela aperta o meu cabelo. Me afasto e observo seu rosto, seus lindos olhos castanho-claros. Acaricio seu rosto e começo a me mexer dentro dela, queria que durasse a eternidade se possível. Agarro ela e ainda dentro, caminho para fora do quarto, passando pelo corredor.

— Para onde estamos indo? — pergunta.

— Quero fazer amor contigo lá embaixo. — Sorrio.

Desço as escadas, antes de chegar no lugar que eu queria, a encosto na parede e me movimento, entrando rápido e saindo o mais devagar possível. Beijo seu pescoço enquanto ela arranha minhas costas. Subo para sua orelha chupando e mordendo suavemente.

— Obrigada — sussurra em meu ouvido. Sorrio com ternura para ela vendo uma lágrima escorrer de seus olhos. Beijo sua lágrima e distribuo beijos suaves em seu rosto.

— Eu te amo — sussurro de volta. Fazendo-a sorrir.

Caminho com ela até a parte de fora, onde está a cama no jardim. Era

ali que eu a queria e a imaginava desde o dia em que chegamos. Ponho-a deitada na cama e vislumbro o seu corpo nu a minha frente, passo os dedos sobre suas pernas, alcançando a altura de seus joelhos, separando-os. Me apoio sobre a cama chegando próximo a ela, beijo a parte interna de sua coxa, fazendo uma trilha até seu sexo. Seu corpo inteiro se arrepia.

Olho para ela, em um pedido de permissão silencioso, ela balança a cabeça devagar. Me aproximo de sua feminilidade e passo a língua na sua entrada, subo novamente para seu clitóris, chupando e passando a língua. Desço e, desta vez, a penetro com minha língua, o mais fundo que consigo. Ela segura meus cabelos e urra baixo. Faço movimentos de vai e vem e sinto o seu gosto doce, era divino de se apreciar. Faço movimentos circulares em seu clitóris e passo a língua por toda a sua entrada, chupo seu clitóris com força e ela goza. A ponho de quatro e me posiciono atrás dela, a penetrando. Meus movimentos são lentos, mas ritmados. É torturante até para mim mesmo.

— Você é tão perfeita — falo de olhos fechados, apenas sentindo-a. — Eu quero te amar todos os dias, toda hora.

— Eu sou sua. — Ouço-a sussurrar.

Com estocadas mais fortes e gemidos alto, ela goza novamente e eu a acompanho. Espero os espasmos passarem e me deito ao seu lado, e ela se aconchega no meu peito. Ficamos um tempo em silêncio, apreciando as estrelas. Um sorriso bobo fica estampado em meu rosto.

— Obrigada por fazer eu me sentir tão amada.

— Essa é uma das minhas obrigações, foi o que eu te jurei, todos os dias te amar. — Beijo sua testa, levanto, a pego no colo, levando-a para nosso quarto.

Diana Williams

Acordo com a claridade do Sol, olho para Maycon ao meu lado e ele ainda dorme. Eu sentia uma felicidade imensa, parece que as coisas estão voltando ao normal. Passamos a madrugada toda tendo um ao outro, diversas e diversas vezes. Meu corpo está dolorido, mas eu estou super feliz. Levanto com cuidado e vou ao banheiro, tomo uma ducha quente para relaxar os músculos, saio e tomo um remédio para dor. Visto um short jeans e uma blusinha, deixando a barriga à mostra. Desço as escadas, pego o interfone e ligo para a recepção, olho as horas e já eram 12:33. *Não é para menos com nossa madrugada agitada.* Peço nosso almoço e ponho uma música baixa no sistema de som da sala para tocar. Vou ao lado de fora, o sol está radiante, sinto a grama nos meus pés. Vejo a cama ao lado e sorrio, lembrando de tudo, foi muito importante para mim. A campainha toca e vou atender.

— Bom dia, Sra. — As duas mulheres respondem em uníssono.

— Bom dia, meninas, entrem por favor. — Dou espaço a elas para entrar, elas colocam nossa refeição na mesa. Tão rápido quanto entraram, elas saem. Subo as escadas e entro no quarto, Maycon continua dormindo. Me aproximo dele e lhe dou um selinho. Ele se mexe na cama e abre os olhos devagar, seus dentes logo aparecem, mostrando um enorme sorriso.

— Bom dia, boneca. — Ele passa a mão em meus cabelos.

— Bom dia, amor, dormiu bem?

— Melhor impossível, e você?

— Dormi muito bem, acordei com umas dores no corpo, mas já tomei um analgésico. — Sorrio.

— Ontem tiramos todo o atraso do tempo em que ficamos sem sexo. — Ele ri.

— É... parece que sim. Vamos, nossa comida já está lá embaixo.

— Vou tomar um banho e a gente desce.

— Então anda, que estou faminta.

— Novidade. — Ele revira os olhos.

— Está me chamando de comilona?

— Não, jamais. Estou chamando de esfomeada mesmo.

— Credo, Maycon! — Bato de leve em seu ombro, ele me agarra e me dá um beijo, se levanta e vai para o banheiro. Fico deitada na cama sorrindo, me perguntando se poderia melhorar ainda mais. Depois de uns minutos, Maycon sai do banheiro já vestido.

— Vamos, monstrinho?

— Mas é claro. — Levanto num pulo e o arrasto para fora do quarto.

O cheiro da comida exalava por toda cozinha, stroganoff de camarão, arroz, farofa de batata-palha e purê. Ponho no meu prato e me sento. Maycon olhava para mim dando risada.

— O que foi? Estou com fome.

— Estou vendo. — Ele ri ainda mais.

E eu realmente estava, depois da energia perdida, eu apenas queria comer. O celular de Maycon toca e ele atende, se afastando um pouco da mesa. Continuo comendo enquanto ele discute no celular. Ele desliga e vem até mim.

— Vamos ter que voltar, a empresa está um caos, muita coisa acumulada — ele fala passando as mãos no cabelo.

— Não tem problema, vamos voltar e eu te ajudo a pôr tudo em ordem, afinal, só trabalho na semana que vem.

— Você faria isso?

— Mas é claro, e eu também estou bem curiosa, para falar a verdade, em conhecer nossa casa.

— Você vai gostar bastante, não tenho dúvidas. Vou pedir para nosso motorista nos pegar daqui a uma hora, pode ser?

— Pode sim, vou arrumar nossas coisas. — Ele pega seu celular para ligar, e eu arrumo a mesa e subo.

Depois de tudo arrumado, fomos para o heliporto.



chegamos em Chicago, Claiton foi nos buscar, iríamos direto para a empresa resolver os problemas. Coloquei um terninho com saia, na cor vermelha, vesti uma blusa branca e sapatos pretos. Maycon estava com seu terno preto maculado, que se ajustava perfeitamente ao seu corpo. Seus cabelos bem penteados, como sempre, e seu cheiro predominante exalava pelo carro.

Logo chegamos em frente ao enorme prédio, Maycon sai e me dá sua mão para me ajudar a sair. Ele fala com Claiton para levar as nossas malas para casa. Ele me dá sua mão e entramos na empresa, todos nos olhavam e nos cumprimentavam. Entro no elevador e olho para Maycon que sorria.

— Vivemos muitas coisas boas aqui na empresa, não é mesmo? — Ele me pergunta.

— Vivemos sim, como também os piores.

Depois do que eu falei, ele não disse mais nada e nem eu tentei dizer algo, as portas do elevador se abrem e saímos em silêncio. Vejo Cheila sentada em sua mesa, que saudade que eu tinha dela. Quando ela me vê, logo se levanta e me dá um grande abraço. Ela percebe seu ato e me solta com vergonha.

— Desculpe, Sra. Corppin. — Ela abaixa a cabeça. — Sr. Corppin. — Ele sorri.

— Que nada, Cheila, venha cá, me dá um abraço, continuo sendo Diana, sem o senhora. Me sinto uma velha. — Dou risada e ela também, me dando um abraço apertado.

— Você está mais linda do que já era.

— Obrigada, são seus olhos. — Pisco para ela.

— Bem... vou para minha sala — Maycon fala.

— Certo, vou ver o que está fora de ordem aqui, e depois entro para lhe ajudar.

— Ok. — Ele beija minha testa e entra.



Fico conversando com Cheila e trabalhando ao mesmo tempo, arrumo a agenda de Maycon, pondo as reuniões importantes que foram adiadas por conta do casamento para semana que vem. Edito alguns contratos que estavam com erros nas cláusulas e mando para a contabilidade. Entro no e-mail, imprimo diversos contratos que o Rh e a contabilidade haviam enviado e deixo reservados para Maycon assinar. Faço mais algumas coisas e, depois que termino, entro na sala.

— Trouxe esses contratos para você assinar. — Arrumo as folhas e as coloco as em cima de sua mesa.

— Porque não volta a trabalhar comigo? Já que insiste tanto em continuar a trabalhar. — Ele sorri.

— Porque já tenho meu trabalho, e gosto dele. — Reviro os olhos.

— E você não gostava daqui?

— Gostava, mas você sabe que sempre quis trabalhar na área em que me formei.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Larga de coisa e assina logo os contratos.

— Srta. Williams, olha só como fala com seu chefe.

— Aaah, me desculpe, Sr. Corppin.

— Você está merecendo levar umas palmadas, isso sim.

— Isso poderia ser considerado assédio, senhor.

— Não me importo, vem cá. — Ele me chama com o dedo.

— Não.

— Está de charminho? Isso é uma ordem, Williams.

Reviro os olhos e vou até ele. Ele me pega pela cintura e me põe sentada em seu colo, se aproxima de mim e me dá um beijo casto nos lábios, com direito a mordidas e chupadas. O clima da sala havia mudado completamente, o tesão era palpável. A porta é aberta sem avisos, olho e Adrya está em pé na porta. Cheila dá de ombros, se desculpando.

— O que faz aqui? — Maycon pergunta. Vou para me levantar do colo dele e ele não deixa.

— Vim entregar esse documento do financeiro.

— Deixasse com Cheila — digo.

— Não mesmo. — Ela retruca.

— Adrya, saia da minha sala e deixe o documento com Cheila. Quando tiver algum documento para ser entregue a mim, peça para algum de seus colegas de trabalho trazer, não pise mais os pés no meu andar, caso contrário, está despedida.

— Sim, senhor.

— Vou contar até 5, se não tiver sumido da minha frente, nem queira saber o que vai acontecer contigo. — Ele diz sério. — 1, 2... — Ela saiu correndo da sala dele, caio na gargalhada junto com Maycon e Cheila. Quando ele olha para ela, ela para imediatamente e também sai.

— Ei! — Dou um tapa nele. — Que feio.

— Feio nada. — Ele revira os olhos e continua rindo.

Nossa tarde foi bem corrida, mas conseguimos adiantar muita coisa. Maycon pega sua pasta e eu minha bolsa, e fomos para a frente do prédio. Claiton já nos aguardava, ele abre a porta e eu entro seguida por Maycon.

Fomos o caminho inteiro jogando conversa fora, logo chegamos, os portões da garagem se abrem e nós entramos. Aquela casa era esplêndida, me trazia uma grande tranquilidade olhar para a área verde, os coqueiros e flores.

Desço do carro e Maycon me guia até o hall de entrada. Tinha um piano a esquerda e uma mesa central; uma escada deslumbrante que levava ao 2º andar podia ser vista quando entrava; grandes janelas de vidro que davam para ver o outro lado com a piscina. Maycon me mostrou toda a casa e a cada cômodo eu ficava ainda mais encantada. Havia sete suítes, três banheiros, sala de cinema, sala de jogos, sauna, biblioteca, dentre outros cômodos. Fora a parte de fora, que era bem bonita também. Os empregados da casa foram apresentados a mim e tratei todos com gentileza, Maycon sobe para tomar banho e eu continuo anestesiada no meio da sala, admirando tudo.

— Senhora, já que voltou de viagem, gostaria de saber como vão ser os cardápios da semana, também precisamos fazer as compras no mercado, pois o Sr. Corppin ainda não teve tempo desde o casamento.

— Nossa... — Fico exasperada. — Eu não sei nada disso, se importa de ficar encarregada dessa função? Até eu me acostumar?

— Claro. — Ela me lança um sorriso doce, saindo logo em seguida. Subo as escadas e vou para o nosso quarto, Maycon tinha acabado de sair do banho.

— Quando Mariah vem para cá? — pergunto.

— Não sei, creio que semana que vem.

— Ótimo, vou precisar muito da ajuda dela. — Pego uma toalha e vou para o banho.



Capítulo 30

2 anos depois...

As vezes, a vida nos prega cada peça, só para ver se iremos reclamar ou pestanejar. Mas do que adianta fazer isso se a lei natural da vida é essa? Cheia de altos e baixos, como uma roda gigante? Muitas pessoas reclamam por tão pouco, sem necessidade alguma, e outras não reclamam de nada e deveriam, mas apenas agradecem. Sabe qual é o engraçado disso tudo? É que podem vir coisas ruins, mas no final tudo fica certo. É nessas horas em que as vitórias chegam pelas lutas passadas.



Hoje é um dia muito especial. São exatamente 11:40 e aqui em casa está uma correria, empregados passando para lá e para cá, pondo as coisas em ordem. Mariah é a governanta da casa, então eu não tive tanto trabalho assim para organizar uma festa. Hoje é o aniversário de Maycon e estamos todos empolgados com isso. Seria agora pela tarde, ele está na empresa por conta de uma reunião. Jullia também está me ajudando e acreditem, ela está casada com Bernardo e com um bebê lindo de 3 meses, a Isabella. Todas as vezes que a olho, sinto uma vontade de chorar por lembrar que eu poderia estar com meu filho aqui, correndo pela casa inteira e me deixando de cabelos em pé. Mas tudo na vida tem um propósito, não é mesmo? E eu apenas aguardo o meu propósito chegar.

A alguns meses atrás, contratei um detetive para tentar achar a mãe do Maycon, queria saber do porquê dela o ter abandonado junto com o Sr. Fellipe. Óbvio que falei com a Kelly e ela super me apoiou. Hoje de manhã, recebi o relatório completo e o guardei para entregar nas mãos de Maycon. Ele decidiria o que fazer, eu não. Não tinha direito algum disso. Bernardo entra balançando a Isa nos braços, era tão lindo de se ver.

— Jullia? — Ele estava procurando por ela. — A Isa golfou em mim, me ajuda aqui. — Ele fala procurando ela. Começo a rir dele.

— Está rindo de que? Sua hora vai chegar — ele fala rindo.

— Eu não estou rindo de nada. — Levanto as mãos.

— Sei, senhorita, vou procurar a Ju — diz ele se afastando.

— Tá bom. — Vou ao lado de fora ver como estava a arrumação, e me

surpreendo, pois está muito bonito. Kelly tem um ótimo gosto.

— Está gostando? — Ela pergunta.

— Estou amando, está lindo. — Tinha um Pagani Huayra propositalmente posto no nosso jardim. O carro é lindo, na cor prata, bem rebaixado. Ele tem um estilo superesportivo. Seu pai fez questão de dá-lo de presente a Maycon. Aah, uma coisa que esqueci de falar, minha tia está aqui conosco, a um tempinho atrás consegui seu contato e liguei, ficamos conversando por horas, demos bastante risada, ao lembrar de nossas brigas, e choramos também ao lembrar de meus pais.

Às vezes me bate tantas saudades deles, imagino se as coisas não acontecessem do jeito que aconteceu. Eles estariam aqui comigo, felizes por eu estar bem e feliz. Mas sei que, de qualquer forma, eles olham por mim de lá de cima. Meus olhos se enchem de lágrima, mas respiro fundo. Tia Helena se aproxima e me abraça apertado.

— Já voltou? — Pergunto a ela.

— Sim, fui lá bem rapidinho, como havia dito. Não sabia o que comprar de presente, ele já deve ter de tudo.

— Também foi difícil para mim, comprar o presente para ele. — Dou risada. — Já comeu? Vou pedir a uma das meninas para preparar algo para senhora.

— Já comi sim, obrigada. — Sorri. Ela tinha uns traços da minha mãe, seus cabelos são lisos; os olhos azuis, como o delas; a covinha que minha mãe tinha ela também tem.

— Vou tomar um banho, daqui a pouco a festa já começa e não quero estar parecendo uma doida — ela diz.

— Daqui a pouco também irei, só estou esperando Maycon chegar.

— Ok, vou indo. — Ela me dá um beijo e sai. Creio que agora as coisas estavam começando a funcionar. Eu não tinha mais pesadelos, fazia acompanhamento psicológico uma vez no mês, porque o médico achava necessário. Eu tentava ao máximo esquecer tudo o que me aconteceu e isso só estava me fazendo bem. Sinto meu perfume favorito no ar.

— Maycon? — Me viro e o encontro parado atrás de mim.

— Como sabia que eu estava chegando? Nem fiz barulho. — Ele sorri e vem até mim.

— Posso sentir o cheiro do seu perfume de longe.

Ele me abraça e me beija. Kelly se aproxima da gente junto com Bernardo, Jullia e Isa.

— Olá, pessoal.

— Oi, filho — Kelly fala e dá um beijo em seu rosto.

— Oi, irmão. — Eles dão aquele abraço com tapas nas costas.

— Oi, titio — Jullia fala segurando a mão da Isa e dando tchau para ele.

Maycon se inclina e fala algo para ela que, toda manhosa, dá risada. Era incrível como ele tinha esse dom. Ela sempre dava risada para ele, e só tinha 3 meses. Sorrio vendo a cena.

— Estão todos bem? — Ele pergunta.

— Estamos — Bernardo responde ao lado de Jullia.

— Estou bem — Kelly fala.

— Também estamos. — Passo a mão na minha barriga redondinha

escondida pelo vestido folgado, já estou de 5 meses. Maycon sorri e se abaixa.

— Oi, meu amor. Está bem aí dentro? O papai chegou. — Ele começa a se mexer dentro da minha barriga, era sempre assim quando ele chegava. A primeira vez que ele ou ela mexeu, Maycon só faltou ter um ataque cardíaco de tanta felicidade.

O dia hoje estava bem mais tranquilo aqui na empresa. Depois da viagem para comemorar nosso segundo ano de casamento, quando voltei havia muita coisa acumulada na minha empresa, vários projetos para serem aprovados. Mesmo eu trabalhando de Cancún, tentando agilizar ao máximo, não adiantava, não era o mesmo estando aqui. Desde que Maycon me deu essa empresa, bem ousado da parte dele, por sinal, eu me empenho bastante, não quero jogar o dinheiro que ele investiu fora, isso jamais. Chamo Catharina na minha sala, queria lhe entregar os projetos aprovados pelos engenheiros e levar para as equipes.

— Oi, senhora.

— Cat, leva esses projetos para mim, por favor. — Sinto algo estranho na minha barriga e me encolho um pouco, tentando assimilar. Então sinto de novo.

— Diana, está tudo bem?

Começo a sorrir e ponho a mão na minha barriga.

— Está sim, o bebê mexeu. — Abro um sorriso enorme.

— Sério? — Ela fica toda alegre. — Posso sentir?

— Sim, vem.

Pego a mão dela e ponho na minha barriga, demora um pouco, mas o bebê mexe novamente.

— Ai, meu Deus! — Ela dá pulinhos.

— Preciso ligar para Maycon, ele precisa saber.

— Mas é claro. — Ela pega meu celular na mesa e me entrega.

Digito o número dele, mas dá na caixa postal. Deve estar em reunião. Ligo para a empresa e Cheila atende.

— Oi, Cher, é Diana. Como você está?

— Oi, estou bem, e com você e o bebê? Já descobriu o sexo?

— Estamos bem, obrigada. Ainda não, creio que no mês que vem conseguirei ver, mas decidi não saber, quero fazer o chá revelação.

— Aah, que legal.

— Sim, muito. Maycon está?

— Está sim, em reunião. Vou avisar a ele.

— Não, não precisa. Depois falo com ele.

— Ele pediu para avisar sobre qualquer ligação sua, independentemente se ele estivesse em reunião ou não. Sempre avisar — ela fala imitando ele. Começo a rir.

— Eu falo com ele em casa.

— Tarde demais, já avisei.

— Perdeu o medo de ser demitida, não? — Rio.

— Não mesmo, senhora. — Ela cai na gargalhada.

— Oi, amor — Aquela voz suave invade o telefone. — Houve algo com você? O bebê?

— Não, não houve nada. Fica tranquilo, eu liguei apenas para dizer uma besteira. Disse a Cheila para deixar para lá, mas ela ficou dizendo que iria te avisar e avisou.

— É, falei a ela que quando você ligasse podia me chamar, sempre. O que queria dizer? — Ele pergunta curioso.

— Vou ser breve, você está ocupado. O bebê mexeu, só queria compartilhar com você, é uma sensação tão boa e diferente.

— O que!? Ele mexeu!? Vou aí agora!

— O que!? Está doido? Não. Fica aí, você está em reunião!

— Diana? Ele saiu daqui correndo. — Cheila fala.

— Que louco! — Começo a rir. — Tá bom, Obrigada, Cher.

Desligo o telefone.

— Ele está vindo.

— Ah, que fofo — Catarina fala. Ela era uma romântica em série.

— É, sim.

Uns 20 minutos e depois lá estava ele, com a respiração irregular, os cabelos desgrehados.

— Ainda está mexendo? — Dou risada da situação.

— Não, parou.

— Poxa, queria poder sentir.

— Conversa com ele, ele pode ouvir sua voz.

Ele se aproxima meio receoso e se abaixa na minha frente, pondo as mãos na minha barriga.

— Oi... — ele começa e minha vontade de rir só aumentava, mas me contenho, está tão lindo essa cena.

— Sou eu, seu papai. Cheguei, eu vim correndo só para poder te ver mexendo, mexe para mim? — Ele pede mais nada acontece. — É, parece que ele não quer saber de mim... — Quando ele termina de dizer, o bebê se mexe, fazendo com que nós dois ficássemos rindo feito bobos.

E era assim todas as vezes em que nosso bebê se mexia.

— Ansiosa para saber o sexo? — Ele pergunta.

— Sim, muito, não vejo a hora.

— Eu também, faltam apenas 30 minutos para podermos começar a festa e saber o sexo. — Decidimos fazer a festa e o chá revelação junto, para sabermos qual era o sexo no dia do aniversário dele. Não deixei Maycon entrar em nenhuma das minhas consultas. Ele era muito curioso.

— Vamos entrar, quero tomar banho — digo.

— Também.

Ele pega em minha mão e entramos. Vamos para o quarto, Maycon vai ao banheiro e põe a banheira para encher.

— Como foi a reunião? — digo folgando o nó de sua gravata e em seguida tirando-a.

— Como sempre, bem chata. Porém, consegui fechar contrato com eles, semana que vem vamos conversar para ver o plano de marketing.

— Que bom, sabia que iria conseguir.

Desabotoo sua camisa e tiro seu blazer e a camisa. Viro de costas para ele, que desce o zíper do meu vestido. Tiro ele enquanto Maycon tira seus sapatos e a calça. Vamos para o banheiro, ele desliga a torneira e joga na água alguns sais, óleos e sabão. Depois de ver a temperatura, ele entra primeiro e me ajuda a entrar. Ele senta e eu fico entre suas pernas, também sentada, pega uma bucha e esfrega em meu corpo com delicadeza. Fecho os olhos sentindo a sensação da esponja no meu corpo. Ele beija a lateral do meu pescoço, me fazendo ficar arrepiada. Ele larga a bucha de lado e aperta os meus seios, roçando o polegar no bico, fazendo-os ficar extremamente rígidos. Eu já estava excitada, não era preciso muito, já que meus hormônios estavam à flor da pele. Ele continua beijando meu pescoço, suas mãos passam pela lateral do meu corpo, chegando em minhas pernas. Ele as afasta uma da outra e me penetra um dedo.

— É incrível como você é apertada — ele fala com sua voz rouca, cheia de desejo. Ele começa a movimentar seus dedos dentro de mim, fecho meus olhos saboreando aquele prazer que ele me proporciona. Ele começa a se movimentar mais rápido, me deixando louca de vontade dele.

— Quero te sentir — digo num sussurro.

— Eu sei que quer, mas não vai ser agora. Apenas goze.

Era como se suas palavras fossem uma ordem ao meu corpo, meu corpo começa a esquentar e um arrepio me percorre. Tento me controlar, pois não

queria gozar logo, mas já era tarde. Fecho os olhos e, pendendo minha cabeça para trás, deixo aquela explosão de desejo me atingir.

Depois que terminamos de tomar banho, ponho um salopete jeans claro com alguns rasgos na frente, e uma blusa branca por baixo, além de um casaco em tom pastel. Nos pés, um salto quase da mesma cor que meu casaco. Faço uma maquiagem leve e passo um batom nude nos lábios, arrumo os cabelos e estou pronta. Me olho no espelho, o salopete realçou ainda mais minha barriga redondinha. Maycon colocou uma calça jeans, camiseta polo branca e tênis.

A cada vez que eu o olhava, me apaixonava ainda mais. Era como se eu o visse sempre pela primeira vez. Descemos e fomos para a festa que já havia começado, eu estava feliz em saber que a minha tão sonhada hora tinha chegado, enfim, eu saberia o sexo. Caminhamos para o lado de fora, onde acontecia a festa. Converso com todos ou tento, pois tinha muita gente.

— Você veio! — digo abraçando ele.

— Se eu não viesse, creio que seria morto, então vim... — Diego responde. Fiz questão de convidá-lo. A princípio, Maycon não gostou muito, mas acabou concordando.

— Com toda certeza. Oi, Lara, como você está? — Dou um abraço em sua noiva.

— Estou bem, obrigada e vocês? A festa está linda.— A voz dela era tão meiga, desde a primeira vez que a vi, gostei dela e dei a maior força.

— Estamos muito bem, obrigada. Kelly que arrumou tudo, não seria para menos — digo olhando tudo.

— Sabia que iria ficar linda grávida — ele diz, me deixando envergonhada.

— Obrigada.



Passamos boa parte da tarde fazendo aquelas brincadeiras típicas de um chá revelação. Maycon e eu nos divertimos muito, eu estava toda pintada e ele também, agora era a hora tão esperada: saber o sexo. Tivemos a ideia de fazer um *burnout* com o carro que Maycon ganhou. Quando acelerar o carro, a fumaça revelará o sexo, não podia ser de outro estilo. Se aparecesse vermelho, seria menina, e azul, menino. A música para e os convidados ficam próximo para olhar. Claiton entra no carro e espera a contagem.

Maycon me abraça, ficando do meu lado com uma certa empolgação. Kelly vai à frente e explica ao pessoal como ia funcionar e a questão das cores. E então, começamos a contagem.

— Cinco... Quatro... Três... Dois... Um — todos gritam em uníssono.

Claiton acelera o carro e logo a cor é revelada, mas todos ficam sem entender. Eu simplesmente entendia tudo e choro de felicidade.

— Amor? É uma menina? — Maycon tenta decifrar, pois a cor tinha saído roxa.

— Amor... é uma menina e um menino — digo sorrindo. Desde a primeira ultrassom eu sabia que eram gêmeos e guardei segredo. As únicas pessoas que sabiam eram Kelly e Jullia, que me ajudaram a manter tudo escondido. Mas o sexo me surpreendeu, com certeza. *Vamos ter um casal!*

— Não acredito, sério!? — Ele me abraça apertado e esconde seu rosto na curva do meu pescoço. Se afasta e seus olhos estão molhados, seu sorriso

está enorme.

— Você sempre dá um jeito de me fazer sentir mais realizado do que já sou. Obrigado, por tudo. Sou um sortudo por ter vocês três na minha vida. — Ele se abaixa e beija minha barriga. Depois sobe e me dá um selinho demorado, todos nos parabenizam, e eu só tenho mais certeza de que minha vida daqui para frente só iria melhorar ainda mais.



Capítulo 31

Alguns meses depois...

Era inacreditável como minha fome me tirava o sono. Estava rolando na cama a horas tentando dormir e os bebês não paravam de mexer, Maycon até tentou fazer com que eles parassem. Sempre resolvia, ele pedia para que eles ficassem quietinhos e eles simplesmente ficavam. Mas hoje, estava uma agitação enorme. Maycon dormia ao meu lado, ainda é madrugada. Levanto com um pouco de dificuldade por conta do tamanho da minha barriga, eles estão bem pesadinhos.

Desço as escadas com cuidado e vou para a cozinha, pego um suco de

maçã, pão e pasta de amendoim, nada de coisa estranha para comer hoje. Enquanto como, me lembro de quando Maycon leu o relatório sobre sua mãe. Ela o abandonou porque estava doente, tinha meses de vida, pois estava com câncer terminal. O detetive descobriu que, um mês depois que ela tinha ido embora, foi encontrada morta em casa. Ela não queria ter que se despedir, não queria fazer ninguém sofrer e simplesmente sumiu, para poder morrer sozinha. Maycon ficou bem triste, mas a cada dia que passa ele superava...

Termino de comer e vou subindo as escadas novamente, até que sinto uma dor enorme... muito intensa.

Respiro fundo e mais outra pontada... *Estou entrando em trabalho de parto!* Optei por ter o normal, caso eu não consiga, eu faria a cesariana. Continuo subindo as escadas, chego na porta do quarto quando sinto algo escorrer por minhas pernas.

— A bolsa estourou... — digo num sussurro para mim mesma, sorrindo. — Maycon!

Ele se assusta com meu grito e acorda, se sentando na cama.

— Minha bolsa estourou. — Aponto para a poça d'água que está no chão.

— Vão nascer?! — Ele grita exasperado, se levantando da cama. Balanço a cabeça afirmando. — Ok, o que faremos? — Ele passa as mãos no cabelo e olha para os lados.

— Maycon? Respira, calma. Já repassamos o que deveria ser feito nessa hora.

— Ok, vou pegar suas coisas.

Ele sai em disparada, vou para o banheiro e tomo um banho rápido. Visto um vestido e saio. Maycon já me aguardava.

Maycon Corppin

Era inexplicável o que eu estava sentindo nesse momento. *Meus filhos vão nascer!* Diana já estava na sala de parto, decidi ficar e recepcionar as pessoas que chegavam para aguardar junto comigo. Estavam todos os nossos amigos e familiares, conversávamos alegremente. Eu estava ansioso, já tinham se passado horas quando o médico saiu.

— Nasceram — ele anuncia. Todos começam a gritar e me abraçar, agora eu era oficialmente pai.

— Posso vê-los? — Pergunto ao médico.

— Claro, me acompanhe.

Entro com ele em um corredor e no finalzinho estava o berçário.

— Eles estão aqui até a mãe ir para o quarto, quando ela for, eles vão juntos. Você pode entrar para ver, mas não esqueça de higienizar as mãos antes de pegá-los. Meus parabéns, eles são lindos.

— Ok, Obrigado — digo entrando. Vejo os meus pequenos no berço e meus olhos se enchem de lágrimas. Pego minha menininha nos braços, ela era linda como a mãe. — Oi, sou seu papai. — Ela simplesmente sorri de olhinhos fechados. — É... sou seu pai — digo bobo. Ponho-a no berço e pego meu menino. Ele também era parecido com Diana. Pego-o meio sem jeito, aninhando-o em meus braços.

— Olá, garotão, você é lindo como a mamãe e eu sou o seu pai sortudo, por ter vocês 3 na minha vida.

Ele faz carinha de choro e eu o nino para se acalmar. Quando ele está mais tranquilo, ponho no berço. Olho para eles, que agora estão de olhos abertos, e todos os dois têm olhos da mesa cor dos meus. Tão azuis quanto o céu, eles eram lindos. Fico ali até eles fecharem os olhinhos e voltarem a dormir. Não tinha nada melhor que isso e eu tenho a certeza de que nós seríamos a família mais feliz e realizada deste mundo.



Epílogo

Vejo uma movimentação no quarto e me levanto.

— Papai, papai? O Pedlo me bateu! — Ela passa sua mão pequena no rosto, tirando seus cabelos loiros. Depois cruza os bracinhos e faz a mesma cara que Diana quando está irritada.

— Eu não bati nada! — Pedro retruca.

— Shiiu, façam silêncio, a mãe de vocês está dormindo. Ela passou a

madruga inteira cuidando do irmão de vocês. — Saímos para fora do quarto e a deixo dormindo.

— Pedro? Você não pode bater na sua irmã, isso é feio. E não se pode bater numa mulher. — Ele abaixa a cabeça e fica balançando seus bracinhos.

— Dculpa papai.

— Você tem que pedir desculpas a Pietra, não a mim. — *Odiava quando eles ficavam brigando.*

— Dculpa Pi, não quelia te machucar — ele fala meio envergonhado.

— Agora, abraça sua irmã.

Eles se dão um abraço bem apertado, Pedro dá um beijo no rosto dela e se afasta.

— Não quero ver vocês brigando, ok? Agora, vamos descer para fazer o café da mamãe.

Me viro e vou andando pelo corredor com eles atrás de mim.

— Bobo — ouço ela dizer a Pedro.

— Pietra! — digo.

— Dculpa.

— Anda aprendendo isso com quem?

— Tio Benado — eles respondem.

— Só podia ser ele, venham.

Pego Pietra com um braço e Pedro com o outro. Desço as escadas e vou para a cozinha. Hoje era folga dos empregados, mas Mariah estava ali.

— O que faz aqui, Mariah? Deveria estar de folga — pergunto colocando-os no chão.

— Ah, menino, você sabe que não tenho nada para fazer e prefiro ficar aqui com vocês e meus menininhos. E Diana também está precisando de ajuda com o Lorenzo.

— Oi, tia Malia. — Pietra corre até ela e abraça suas pernas.

— Oi Pi, dormiu bem? — Mariah pergunta e ela responde que sim com a cabeça. — Que bom, e você, Pedrinho?

— Dormi sim, tia — ele responde todo meigo.

— Vamos comer? E depois vamos lá em cima levar o café da mamãe?

— Olia papai, um muquitão. — Ele aponta. Olho o que era e caio na gargalhada.

— Não é um mosquito, é uma borboleta.

— Aaaaaah! — Ele leva as mãos para cima.

Mariah põe nosso café da manhã na mesa. Ponho as crianças sentadas em suas cadeiras, ajudo Pi a comer, e Mariah, o Pedro. Pietra fazia uma dança da mastigação e eu só sabia rir. Minha vida era tão feliz e completa com eles, ainda mais com o Lorenzo, que veio para se encaixar na peça que faltava.

Esses últimos anos foram os melhores da minha vida, não que Diana e eu não tivéssemos brigado ou que não havíamos nos desentendido nesse meio tempo, claro que sim. Até porque um casamento é isso, mas sempre tudo dava certo, enfrentamos juntos todos os obstáculos. Quando terminamos de comer, Mariah preparou uma bandeja com o café da manhã de Diana, entrego a Pedro uma rosa e outra a Pietra, que não parava de pôr o nariz nela exageradamente e dizer que estava cheirosa. Pego a bandeja e subimos as escadas devagar.

Abro a porta do quarto com cuidado e ela ainda dormia, estava muito cansada. Até tentei ajudá-la, mas também estava cansado demais por conta da empresa e acabei pegando no sono com o Lorenzo no colo. Só me lembro dela pegar ele e pedir para que eu descansasse. Pedro corre até a mãe e com o maior carinho a chama, suas mãos pequenas a balança devagar. Ele passa suas mãozinhas nos cabelos dela.

— Mamãe, acoda. — Ela se mexe na cama, acordando.

— Oi, meu anjinho. — Ela dá um beijo nele.

— Olia o que eu touxe para você. — Ele mostra a Rosa.

— Nossa, que linda, obrigada. — Ela o abraça e novamente o beija.

— Mamãe, mamãe? Eu também tlouxe uma para você. — Pietra vem correndo e se atira nos braços dela.

— Oi, minha loirinha linda, você também me trouxe uma rosa? A sua também está linda e cheirosa.

— Tá vendo, papai? — ela fala comigo.

Diana me olha e o sorriso largo logo aparece em seu rosto.

— Bom dia, amor. Eu trouxe seu café da manhã.

— Amor... — Pedro repete e começa a rir. Olhamos para ele, que continuava dando sua risada gostosa.

— Oi, amor — ele fala com Pietra, que ri também.

— Eles estão caçoando de mim? — pergunto para Diana.

— Parece que sim, que meninos são esses, hein? — Ela dá risada. Ela se ajeita na cama e ponho a bandeja em cima de suas pernas.

— Obrigada.

— Não mereço um beijo?

— Merece sim. — Ela faz sinal, me chamando com a mão.

Me aproximo dela que me dá um selinho demorado.

— Eca — Pedro fala.

— Mamãe e papai se beijalam, mamãe e papai se beijalam — Pietra repete, nem parece que tem apenas 3 anos.

— Vocês estão demais hoje, vamos ver como o Lorenzo está?

Os meninos saem correndo na minha frente, dou uma piscadela para Diana e me aproximo dela.

— Como está?

— Cansada, mas bem. O Lorenzo passou a noite quase toda acordado e eu não queria deixá-lo com a babá.

— Imagino, desculpa por ter dormido ontem.

— Sei que estava cansado, não precisa se desculpar.

— Que tal irmos ao parque com as crianças hoje?

— Seria ótimo.

— Então vou pedir a Mariah para fazer uma cesta de comida. Quero fazer um piquenique.

— Eles vão adorar.

— Então se arruma, vou falar com a Marta para ajeitar as coisas do

bebê.

— Ok.

Dou um beijo calmo e demorado nela. Me levanto e vou para o quarto do Lorenzo, chego lá e os meninos estão tagarelando enquanto Marta cai na risada pelas coisas que eles estão falando.

— Marta, bom dia.

— Bom dia, senhor.

— Vamos ao parque hoje, poderia arrumar as coisas do Lorenzo? Por favor.

— Claro, vou arrumar agora.

— Obrigado.

— Papai, também vamos com o Lorenzo? — Pi pergunta.

— Sim, todos nós vamos.

— Imão, vamos nos diverti muitaaaao — Pedro fala.

Me aproximo do berço e o pego, ele estava acordado e com os olhos bem abertos. Ele era diferente da Pietra e Pedro, se parecia comigo e não com Diana. Dela, tinha apenas os olhos, que eram verdes, e alguns poucos traços do rosto dela. Fico ali com ele até que Pietra me pergunta:

— Papai?

— Oi.

— Como que tem bebê?

— An?! — Quase me engasgo com minha própria saliva.

— Como que tem um bebê?

— As pessoas vão num hospital e tem seus bebês — desconverso.

— Nãããoo, isso eu já sei bobinho, como ele parou na barriga da mamãe? — Ela aponta para o Lorenzo. Nunca fiquei tão vermelho como agora.

— Pergunta a sua mãe, ela vai saber responder.

— Tá bom. — Ela dá de ombros e sai correndo.

Pedro e eu vamos juntos, que menina era essa.

— Espero que você não seja assim também — falo com Lorenzo, que está em meu colo e ele sorri, manhoso.

Chegando no quando a ouço perguntando para Diana como o Lorenzo foi parar na barriga dela.

— É... Pergunta a seu pai — ela diz.

Me encosto no batente da porta e ela estava vermelha também.

— Aaah não, o papai mandou te pergunta. — Pietra me entrega. Ela olha para mim e estreita os olhos.

— Então... quando duas pessoas se amam muito e esse amor não cabe neles dois, vem um bebê.

— Então o amor de vocês foi beeeem gandão, hein? Puque veio eu e o Pledo aí dento. — Ela aponta para a barriga de Diana, seguro meu sorriso e continuo observando.

— Então pode acontece isso comigo e a Pi? — Pedro pergunta.

— O que!? Não. Não pode, só com pessoas igual a mim e seu pai.

— Assim como? — eles dois perguntam.

— É... Maycon poderia me dar uma mãozinha aqui?

E assim foram os 10 minutos seguintes, tentando explicá-los como era. Por fim, arrumamos eles e o Lorenzo, pegamos tudo o que precisaríamos e fomos para o Parque Central, junto com Mariah e a babá.

Foi uma verdadeira baderna, pois os meninos não paravam quietos. Chegando no parque, estendi a toalha no chão e todos nós nos sentamos. As crianças correm no parque brincando, Lorenzo estava deitado quieto ao lado.

— Você não podia ter me dado uma vida melhor — Diana fala olhando para nossos filhos correndo. — Obrigada.

Me aproximo dela, olhando em seus lindos olhos. Essa era a mulher com quem eu passaria minha vida inteira ao lado, eu é que tinha que agradecer por tudo o que ela estava me proporcionando. Me aproximo de seus lábios, quando eles se tocam só tenho mais uma confirmação das que tenho todos os dias: de que essa é a mulher da minha vida. Nos afastamos e, abraçados, ficamos olhando os nossos filhos correr.



Bônus

Hoje estava um tremendo alvoroço, aqui na sede. Fui chamado para ir a um lugar onde acontecia toda a magia.

Um amigo meu, me fez um pedido, para atender uma pessoa em especial que está lá. Pego meu carro e sigo para o lugar, ele era secreto e não podia ser descoberto por ninguém. As pessoas que eram levadas para lá eram encapuzadas, não via nada do trajeto e nem do ambiente. Só conhecia os locais de tortura. A CIA é muito reservada e tenta a todo custo manter tudo em total sigilo sobre o que acontece lá dentro. As pessoas que entram lá não saem vivas, só por algum milagre, mas é bem provável que não. Chego ao local e me identifico, logo liberam a minha entrada.

— Eae, Dante. Fiquei sabendo que não está dando conta do prisioneiro

— falo o zoando.

— Vai se ferrar, Scott. — Ele revira os olhos e logo em seguida me cumprimenta.

— Cadê o relatório do prisioneiro?

— Está na minha sala.

Vamos caminhando e conversando até sua sala, chegando lá, ele me passa o relatório. Sento e começo a ler, ele já tinha passado por diversas torturas e fico feliz por isso. Amava torturar esses caras, eles não valiam de nada. Levanto e vou para onde ele estava: no quarto escuro. Chamávamos assim porque a pessoa ficava isolado no escuro, sem roupa e molhada. Ficava lá por semanas, sem dormir e com um som alto e irritante. Ele ficava algemado de forma desconfortável no chão frio, as vezes até colocamos alguns bichos nas celas, para incrementar a tortura. Vou ao painel de controle do lado de fora do quarto, desligo a música e ligo as fortes luzes de lá. Logo em seguida, entro.

— Ora, ora, se não é o famoso Juan Possidôni. Como está sua estadia aqui? Gostando do tratamento VIP? — Pergunto o olhando da cabeça aos pés. Ele estava bem magro, seus olhos estavam fundos, os cabelos e barba enormes. Parecia assustado e bem provável que doido, pois mexíamos com o psicológico de todos que torturamos.

— Q... Quem é você?

Vou até ele e tiro suas algemas. Ele estava deitado de barriga para baixo no chão, com as mãos algemadas para trás e os pés amarrados a uma corrente. Ele cheirava bem mal e estava inteiramente molhado. A sala era bem úmida e me causava arrepios pela frieza do lugar. Tiro às correntes, o liberando.

— Você não me conhece, meu caro, mas eu te conheço muito bem. Vamos... de pé! — Chuto suas pernas, ele se levanta com dificuldade, se

escorando na parede e fazendo caretas de dor. Ele estava naquela mesma posição fazia duas semanas.

— Já, já, nossa sessão começa, vou apenas fazer uma ligação. Só um momento. — Pego meu celular do bolso.

Disco o número e logo chama. No segundo toque o telefone é atendido.

— Eae, Scott.

— Eae, cara, tudo tranquilo por aí? Vim fazer aquela visitinha que você tanto me pediu.

— Sim, e por aí? Nossa, que ótima notícia.

— Aqui o negócio está começando a ficar bom. — Abro um sorriso malicioso nos lábios.

— É uma pena não poder ver isso, mas passa o telefone.

— É *pra* já.

Me aproximo de Juan.

— Telefone *pra* você, otário.

Coloco o celular no viva voz e passo para ele, que com as mãos trêmulas, pega. Aviso que o celular já estava na mão de Juan e ele começa dizendo:

— A Cia está lhe tratando bem? Porque eu aposto que, se você não estivesse aí, eu faria bem pior contigo aqui fora. Mas Scott vai te dar uma atenção especial aí dentro, te garanto.

— Maycon? Seu filho da puta... — Sua voz sai trêmula e baixa.

— Você ainda tem forças para falar? Uma pena que daqui a pouco você

não vai ter mais. Queria te avisar que estou desfazendo todo o seu império, comprei todas as suas ações, empresas, carros, casas. Absolutamente tudo seu, como você sempre fez na minha vida e dando para quem precisa. Isso é para você aprender a não mexer mais comigo, com minha mulher, ou qualquer outra pessoa. Espero que sua vida seja bem, longa, pois a tortura vai ser. Bem-vindo ao seu hotel 7 estrelas. — Ele desliga o telefone logo em seguida.

— É, meu caro, acho que agora só sobrou nós dois. O que deseja, tratamento de choque? Afogamento? Produtos químicos? Quer que eu traga o cardápio?

Fim!

Conheça mais livros da editora em

www.editoraportal.com.br